



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**ANA CRISTINA CAMINHA VIANA LOPES**

***A RAINHA DO IGNOTO: HIPNOTISMO, ESPIRITISMO E O***  
***FANTÁSTICO PRISMÁTICO DE EMÍLIA FREITAS***

**FORTALEZA**

**2024**

ANA CRISTINA CAMINHA VIANA LOPES

*A RAINHA DO IGNOTO: HIPNOTISMO, ESPIRITISMO E O  
FANTÁSTICO PRISMÁTICO DE EMÍLIA FREITAS*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada

Orientador: Prof. Dr. Tito Lívio Cruz Romão.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- L85r      Lopes, Ana Cristina Caminha Viana.  
            A rainha do ignoto : hipnotismo, espiritismo e o fantástico prismático de Emília Freitas / Ana Cristina Caminha Viana Lopes. – 2024.  
            184 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2024.  
            Orientação: Prof. Dr. Tito Lívio Cruz Romão.
1. A Rainha do Ignoto. 2. Emília Freitas. 3. Hipnotismo. 4. Espiritismo. 5. Fantástico prismático. I.  
            Título.

CDD 400

---

ANA CRISTINA CAMINHA VIANA LOPES

*A RAINHA DO IGNOTO: HIPNOTISMO, ESPIRITISMO E O  
FANTÁSTICO PRISMÁTICO DE EMÍLIA FREITAS*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em: 28/06/2024.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Tito Lívio Cruz Romão (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profª Drª Ana Márcia Alves Siqueira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva  
Universidade Federal de Catalão (UFCAT)

---

Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profª Drª Régia Agostinho da Silva  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

A Deus.

Aos meus pais, Antônio e Sandra.

Ao meu esposo, Maximiliano.

Aos meus filhos, Lucas, Arthur e Ingrid.

Ao meu segundo pai, Carlos Célio, *in  
memoriam.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela oportunidade de crescimento.

A minha mãe, Sandra, que apoiou meu percurso na vida desde minha infância.

Ao meu esposo, Max, por todo apoio, incentivo e auxílio sempre.

Ao meu prezado orientador, Prof. Dr. Tito Lívio Cruz Romão, pela oportunidade de ser sua orientanda, pela excelente orientação, por todas as reuniões, sugestões e pelas palavras de amparo e encorajamento.

Aos professores participantes da banca examinadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Márcia Alves Siqueira, Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva, Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Régia Agostinho da Silva, pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC.

*“O feito de Joana D’Arc é um fato que passou para o domínio da história. Mas não nos parece ele uma lenda? Hoje com mais razão podemos nos apoderar do inverossímil; pois estamos na época do Espiritismo e das sugestões hipnóticas nas quais fundamentei meu romance.”*

*Emília Freitas*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o romance de Emília Freitas intitulado *A Rainha do Ignoto*. Escrita em 1899, esta obra tem sido estudada sob diversos aspectos em diferentes trabalhos acadêmicos. A proposta desta tese é abordar um viés ainda não explorado nos estudos anteriores, qual seja a influência do hipnotismo e da doutrina espírita na obra *A Rainha do Ignoto*, abordando nesse encaixe a presença do espiritismo e dos estudos relativos ao hipnotismo em narrativas fantásticas do século XIX. A intenção é demonstrar, de um lado, de que modo o par paracientífico hipnotismo/espiritismo está presente no romance e, de outro, que essa presença próxima ao cientificismo intensifica o caráter fantástico da obra, o qual também se relaciona às diferentes focalizações da narrativa. Apresenta-se, desse modo, a manifestação de um fantástico prismático na narrativa, isto é, a possibilidade de associar a obra de Freitas a diferentes vertentes do fantástico, levando-se em conta a questão da perspectiva interna ao texto narrativo. Realizamos pesquisas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e leitura exploratória de bibliografia relativa à Emília Freitas e sua obra, assim como aos temas do magnetismo animal, do hipnotismo e do espiritismo. Como fundamentação teórica deste trabalho, são utilizados, principalmente, os estudos de Mesmer (2007), Figueiredo (2007), Doyle (1995), Kardec (2013), Del Priore (2014), Freud (2020), Genette (2017), Todorov (1992) e Roas (2014). Concluímos que, em *A Rainha do Ignoto*, o espiritismo está presente tanto através de fenômenos mediúnicos, como através de aspectos morais e filosóficos da doutrina. Além disso, manifesta-se na narrativa um fantástico prismático, isto é, a manifestação simultânea de diferentes vertentes do fantástico conforme diferentes perspectivas.

**Palavras-chave:** *A Rainha do Ignoto*; Emília Freitas; magnetismo animal; hipnotismo; espiritismo; fantástico prismático.

## ABSTRACT

The object of this research is Emília Freitas' novel *A Rainha do Ignoto*. Written in 1899, this novel has been studied from various angles in different academic works. The purpose of this thesis is to address a point of view that has not yet been explored in previous studies, namely the influence of hypnotism and the spiritist doctrine in *A Rainha do Ignoto*, looking at the presence of spiritism and studies relating to hypnotism in 19th century fantastic narratives. The intention is to demonstrate, on the one hand, how the parascientific pair hypnotism/spiritism is present in the novel and, on the other hand, that this presence close to scientificism intensifies the fantastic character of the work, which is too related to the different focalizations of the narrative. Thus, the manifestation of a prismatic fantastic in the narrative is presented, that is, the possibility of associating Freitas' work with different strands of the fantastic, considering the question of perspective within the narrative text. We carried out research in the Newspaper and Journal Digital Archive of the Brazilian National Library and exploratory reading of bibliography related to Emília Freitas and her work, as well as the themes of animal magnetism, hypnotism and spiritualism. The theoretical basis for this work includes mainly the studies of Mesmer (2007), Figueiredo (2007), Doyle (1995), Kardec (2013), Del Priore (2014), Freud (2020), Genette (2017), Todorov (1992) e Roas (2014). We conclude that, in *A Rainha do Ignoto*, the spiritualism is present both through mediumistic phenomena and through moral and philosophical aspects of the doctrine. Furthermore, a prismatic fantastic appears in the narrative, that is, the simultaneous manifestation of different aspects of the fantastic according to different perspectives.

**Keywords:** *A Rainha do Ignoto*; Emília Freitas; animal magnetism; hypnotism; spiritism; prismatic fantastic.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Florina .....	14
Figura 2- Convocação .....	17
Figura 3 - Instrucção Publica .....	17
Figura 4 - <i>A Rainha do Ignoto</i> , 1ª Edição .....	19
Figura 5 - Folha de rosto da 1ª Edição .....	19
Figura 6 - Capítulo I – A Funesta .....	20
Figura 7 - Última página do romance .....	21
Figura 8 - Magnetismo animal (parte superior) .....	47
Figura 9 - Magnetismo animal (parte inferior) .....	47
Figura 10 - Mesa Girante .....	52
Figura 11 - Cesta de bico .....	54
Figura 12 - Prancheta .....	59
Figura 13 - Comunicado .....	60
Figura 14 - Ignotos .....	114

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>O SOBRENATURAL E O CIENTIFICISMO</b> .....	<b>32</b>
<b>2.1</b>	<b>A cosmovisão acerca do sobrenatural antes e depois do Século das Luzes.</b>	<b>32</b>
<b>2.2</b>	<b>A teoria do magnetismo animal e o hipnotismo</b> .....	<b>41</b>
<b>2.3</b>	<b>Allan Kardec e o espiritismo</b> .....	<b>51</b>
<b>3</b>	<b>MAGNETISMO, HIPNOTISMO E ESPIRITISMO NA LITERATURA FANTÁSTICA</b> .....	<b>63</b>
<b>3.1</b>	<b>Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant e Arthur Conan Doyle</b> .....	<b>69</b>
<b>3.2</b>	<b>Honoré de Balzac e Théophile Gautier</b> .....	<b>74</b>
<b>3.3</b>	<b>José de Alencar, Machado de Assis e Coelho Neto</b> .....	<b>78</b>
<b>4</b>	<b>HIPNOTISMO, ESPIRITISMO E O FANTÁSTICO PRISMÁTICO DE EMÍLIA FREITAS</b> .....	<b>89</b>
<b>4.1</b>	<b>O hipnotismo hiperbólico no romance de Emília Freitas</b> .....	<b>93</b>
<b>4.2</b>	<b>A influência da doutrina espírita em <i>A Rainha do Ignoto</i></b> .....	<b>96</b>
<b>4.3</b>	<b>Um fantástico prismático</b> .....	<b>107</b>
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>113</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>120</b>
	<b>ANEXO A</b> .....	<b>129</b>
	<b>ANEXO B</b> .....	<b>182</b>
	<b>ANEXO C</b> .....	<b>185</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*A Rainha do Ignoto*: com este título por si só já misterioso e, por isso, atraente, a escritora cearense Emília Freitas construiu uma obra pioneira no campo da literatura fantástica brasileira, numa época em que ainda não era reconhecido como tal. Os estudos teóricos acerca do fantástico ainda estavam em seus primórdios. Porém, sendo um romance de autoria feminina, publicado em região nacionalmente periférica<sup>1</sup>, na cidade de Fortaleza, em 1899, detendo estilo divergente das escolas então dominantes como Realismo e Parnasianismo, o romance *A Rainha do Ignoto* estava fadado ao descaso e, de fato, a obra ficou esquecida por tempo demasiado. Sobre a autora dessa obra singular, cabe-nos apresentar, logo de início, alguns esclarecimentos.

Emília Freitas<sup>2</sup> nasceu em 11 (ou 15)<sup>3</sup> de janeiro de 1855 no município de Aracati, província do Ceará. Em 1869, com a morte do pai, Freitas passa a morar em Fortaleza, onde prossegue seus estudos e depois cursa a Escola Normal. A partir de 1873 ela dá início a sua produção escrita em diferentes jornais e no ano de 1883 faz parte da fundação da Sociedade das Cearenses Libertadoras<sup>4</sup>. Em 1892, muda-se para Manaus com o irmão, passando a trabalhar como professora no Instituto Benjamin Constant. É por esse período em Manaus que Emília se torna espírita e começa a desenvolver atividades neste campo (BRAGA, 2017). Há, assim, uma comunhão de ideais muito grande entre aquilo que Emília Freitas já defendia enquanto educadora e abolicionista e o que pregava a doutrina espírita. Também é na cidade de Manaus que a escritora conhece o jornalista pernambucano Arthunio Vieira, com quem se casa. O casal

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que embora periférica em relação às cidades de Rio de Janeiro e São Paulo e até mesmo à Recife, Fortaleza destacou-se no meio literário tanto pelo surgimento da Academia Cearense de Letras em 15 de agosto de 1894, como pelo movimento ainda anterior da Padaria Espiritual, agremiação literária e cultural que surgiu em 30 de maio de 1892. A associação era composta por escritores, desenhistas, pintores e músicos. Entre seus participantes estavam Antônio Sales, Rodolfo Teófilo e Adolfo Caminha. Marcado pela irreverência, o movimento da Padaria Espiritual ficou notabilizado pela originalidade de trabalhar uma cultura popular. Seu famoso jornal “O Pão” era publicado semanalmente aos domingos. A sociedade era formada apenas por rapazes, com exceção da escritora Anna Nogueira Baptista (1870-1967). Emília Freitas não participou dessa agremiação mesmo porque morava em Manaus nesse período. Ressaltamos que a Padaria Espiritual nada tem a ver com espiritismo. O “pão espiritual” era para contrastar com o pão material. Claro que permanece uma proximidade semântica com o uso do termo espiritual.

<sup>2</sup> Só a título de curiosidade, existe uma rua em Fortaleza com o nome de Emília Freitas. A rua fica no bairro Padre Andrade. No site <https://www.dicionarioderuasfortaleza.com.br/> encontramos informações sobre a autora, assim como no blog “Fortaleza Nobre” <http://www.fortalezanobre.com.br/search/label/Rua%20Em%20C3%ADlia%20Freitas?m=0>. Acesso em 23 maio 2024.

<sup>3</sup> Em muitas de nossas pesquisas encontramos o dia 11 de janeiro como sendo a data de nascimento de Emília Freitas, como por exemplo no texto introdutório de Constância Lima Duarte da 3ª edição de *ARainhado Ignoto*. Contudo, encontramos também a data do dia 15 de janeiro, como em um texto sobre Emília Freitas da Revista da Academia Cearense de 1900. Daí as duas datas possíveis.

<sup>4</sup> A Sociedade das Cearenses Libertadoras realizava campanhas abolicionistas através de propagandas, palestras e notas em jornais. Procurava meios de comprar alforrias, promovia greves e até mesmo facilitava fugas de escravizados.

vai para o Ceará em 1900 e desempenha uma ampla atuação no movimento espírita. Fundam o *Grupo Espírita Verdade e Luz* em Maranguape e publicam, em 1901, o primeiro jornal espírita do Ceará, intitulado *Luz e Fé*.<sup>5</sup> Em 1902, conforme esclarece Alcilene Cavalcante, Emília e o esposo voltam ao estado do Amazonas e publicam “diferentes jornais, como *O Progresso*, *Luz e Fé*, entre outros, em cidades da região Norte, difundindo notícias e ideias espiritistas, republicanas, críticas político-sociais e relativas à produção cultural” (CAVALCANTE, 2007, p.1). Em 18.08.1908, Emília Freitas falece em Manaus. Sua produção literária encerra as seguintes obras: um livro de poemas *Canções do lar*, de 1891, os romances *O Renegado*<sup>6</sup>, de 1892, e *A Rainha do Ignoto*, de 1899, e a peça de teatro *Nossa Senhora da Penha*, de 1901.

Como se vê pelas datas, a produção da autora abrange um período em que pululavam correntes literárias no Brasil: realismo, naturalismo, parnasianismo e simbolismo. Emília não se inseria exatamente em nenhuma dessas correntes, sua obra, porém, apresenta traços comuns ao romantismo, como a questão do amor romântico, a idealização da mulher, principalmente envolvendo os personagens Diana, Edmundo e Carlotinha de *A Rainha do Ignoto*; ao realismo, através, por exemplo, de descrições de ambientes e situações; ao naturalismo, com a presença marcante de certo cientificismo e ao simbolismo, conforme constata Matangrano e Tavares ao afirmar que o romance de Freitas, sem ser de fato simbolista, aproxima-se da estética “por trazer a atmosfera mística, sugestiva, misteriosa e transcendentalista caras aos autores do movimento” (MATANGRANO; TAVARES, 2019, p. 48).

Podemos afirmar que Emília Freitas fazia parte de uma lista diminuta de mulheres que quebraram os paradigmas da época. Mulheres ativistas que além da leitura, praticavam a escrita. Entre estas destacamos Maria Firmina dos Reis (1822-1917) considerada a primeira romancista negra em nosso país. Publicou, em 1859, o romance *Úrsula*, tido como primeiro livro que tratava da questão abolicionista no Brasil. Ressaltamos igualmente Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), assim como Emília Freitas, Almeida defendia a abolição da escravatura, a república e a educação formal das mulheres; além disso, era a favor do direito ao divórcio. Entre suas principais obras, que foram muitas, ressaltamos o romance *A Falência* (1901) e o livro de contos *Ânsia Eterna* (1903), contendo alguns textos de temática insólita. Por fim, trazemos o nome de Francisca Clotilde (1862-1935), educadora e jornalista, que, tal como as escritoras já

<sup>5</sup> Indicamos como sugestão de leitura o interessante estudo historiográfico sobre a atuação de Emília Freitas no movimento espírita intitulado *Emília Freitas e Arthunio Vieira: a missão em comum na Amazônia*, realizado pelo pesquisador Roberio Braga, convidado pela Fundação Allan Kardec do Amazonas.

<sup>6</sup> Sobre este romance há apenas menção em notas de jornal, como na nota de falecimento de Emília Freitas publicada no Jornal do Comércio da cidade de Manaus em 1908. Até hoje nenhum exemplar do romance *O renegado* foi encontrado.

citadas, trabalhou em prol da causa abolicionista e da emancipação feminina. Seu único romance *A Divorciada* (1902), conforme indica o título, trouxe um tema tabu e bastante polêmico para a época. Podemos dizer que o livro foi um escândalo, o que repercutiu de modo negativo em sua recepção.

Sobre a obra de Emília Freitas, há também a atribuição de um conto chamado *Florina*; segundo esclarece Sérgio Barcellos Ximenes<sup>7</sup>, a descoberta do conto foi feita pela pesquisadora Constância Lima Duarte e a informação consta na cronologia relativa a Emília Freitas na terceira edição do romance de 2003. O conto foi publicado no periódico *Libertador*, de Fortaleza (CE), nos dias 8 e 9 de agosto de 1883, na seção Folhetim.

Figura 1: Florina

<p style="text-align: center;"><b>FOLHETIM</b></p> <p style="text-align: center;"><b>FLORINA.</b></p> <p style="text-align: center;">(CONTO MARAVILHOSO.)</p> <p>Havia uma crença popular que ninguém devia entrar na caverna da montanha, chamavão-na a <i>caverna mal-dita</i>; todos os pastores a avistavam de longe, mas não ousavam aproximarem-se della.</p> <p>Entretanto <i>Florina</i>, a formosa pastora, que, ha tres annos conduzia as vacas à pastagem, sentia um violento desejo de saber o que havia naquella caverna, e de dia à dia ella experimentava mais viva curiosidade. Mal completou seus dezesseis annos, disse ella consigo:—sou moça, não devo mais ter medo.</p> <p>Um dia, pois, ella deixou o rebanho sob a guarda de seu joven irmão, dizendo-lhe que ia colher morangas; mas ella concebera outro pensamento, e enfiada no bosque, dirigiu-se para a terrivel caverna.</p> <p>Penetrou na caverna sem hesitar, tanto sua curiosidade era viva, mas, apenas deu alguns passos, veiu-lhe o desejo de recuar.</p> <p>Infelizmente não era coisa possível; a caverna fechava o a medida que ella avançava, e, e que era mais maravilhoso, ella encerrava sufficientemente para caminhar. Por toda a parte um clarão, cujos raios nenhum foco projectava, e <i>Florina</i> obrigava ao longe outra abertura da montanha, que parecia convidar-a a animar-se e proseguir seu caminho.</p> <p>Ella acelerou o passo, porque temia que a caverna fechando-se por diante, fosse sepultada viva na montanha.</p> <p>Nada foi: <i>Florina</i>, depois de ter caminhado longo tempo, muito tempo,</p>	<p>sem cessar de vêr muito longe de si a abertura, que ella acreditava nunca attigir, chegou ao fim, e ficou bem surpreendida de descobrir um paiz maravilhoso, e mil cousas das quaes não tinha idéa alguma.</p> <p>O céu era roseo, a herva e as folhas azues, os passaros tinham quatro azas, as menores borboletas eram grandes como folhas de sycómoro, e agua jorrava aqui e acolá em inlhos de esguichos scintilantes, que exhalavam os mais suaves perfumes, os gamos, de pello branco, de cornos dourados, de olhos azues, que vinham beber à essas fontes enlalsamadas, dançavam ao redor da donzella, e fallavam-lhe um idioma desconhecido mas tão doce e tão sonoro, que ella sentia indissivel prazer em ouvi-lo, tão expressivo que, em poucos momentos ella advinhava quasi tudo; ó verdade que essas lindas creaturas occupavam-se sobretudo de sua belleza.</p> <p><i>Florina</i> marchava de surpresa em surpresa; todo esse paiz encantado parecia-lhe estar em festa. Ella ouviu por traz de muitas arvores, inteiramente novas para si, concerto de vozes humanas; para esse lado dirigiu-se ella.</p> <p>Na quebraça de uma avenida juncada de ouro, ella avistou, atravez de magnificas sombras, um palacio de prodigiosa belleza. A medida que ella se aproximava, ouvia maior ruido, eram cantos e risos, cuja expressão singular infundia-lhe mais terror do que alegria.</p> <p>No entanto ella não via apparecer pessoa alguma.</p> <p>Ella não ousou apresentar-se à grande entrada, e fazendo um desvio, acercou-se de uma janella baixa, d'onde sabia um odor da mais appetitosa cosinha do mundo.</p> <p>Ella bate timidamente à porta. Um grande cosinheiro appareceu, que fallou-lhe com voz aspera:</p> <p>—Que procuras aqui?</p> <p>—Proecto meu caminho, senhor, e</p>	<p>rogo-vos dizer-me por onde poderei voltar a minha casa.</p> <p>—Ah! sois a bella, que atravessastes a montanha! Sede bem vinda, <i>Florina!</i> não esperavamos senão a vo's!</p> <p>Dizendo estas palavras com riso sardonico, o grande cosinheiro ahiava sua faca n'um amolador de aço, e arremessava sobre a donzella olhares fulgentes.</p> <p>—Entraí, disse-lhe elle; mademoiselle entra, vosso caminho é por aqui.</p> <p><i>Florina</i>, depois de ter percorrido um longo corredor, achou-se no meio de uma vasta cosinha, onde vinte marmitões e outros tantos criados estavam occupados nos aprestos de um sumptuoso festim.</p> <p>Por toda a parte cosiam-se as viandas, trabalhava-se as avos. Ao mesmo tempo trinta marmitões estavam occupados; mas a pastora surpreendeu-se vendo a maior das marmitas aberta e vazia junto ao fogão, e mau grado, seu espanto, não poude conter-se, e disse a meia voz:</p> <p>—Senhor cosinheiro, porque esta marmita não está cheia como as outras?</p> <p>—Porque ella esperava a sua caça, <i>Florina</i>, e esta acaba de chegar neste momento. Ereis vo's a quem no's esperavamos para pôr dentro, e quando estiverdes prompta, começará o festim.</p> <p><i>Florina</i> desatou a chorar, e pediu ao cosinheiro que poupasse-lhe a vida.</p> <p>—So' ha um meio de salvação para vo's, retorquiu o terrivel chefe. Eis aqui uma chave de ouro; procuraí em todo o palacio a porta que ella poder abrir. Se achardes, no's não vos coremos, e escolheremos outra pessoa para o festim de Sua Magestade.</p> <p>—Em nome do rei, senhor cosinheiro, não ponhaes pessoa alguma em meu lugar neste momento! Não ha aqui viandas em abundancia para a refeição de Sua Magestade!</p>	<p>—<i>Florina</i>, pensai em vo's, so' e não pretendades introduzir entre no's novos costumes.</p> <p>Quanto à mim so' tenhó à dizer-vos: vede a fechadura que possa convir à esta chave, e estaes salva. Depois, podereis implorar uma graça, uma so', à nossa sagrada magestade.</p> <p>Immediatamente <i>Florina</i> poz mãos à obra: ella experimentou a chave em mais de trezentas portas.</p> <p>Para este trabalho ella so' tinha o resto do dia; o sol baixava, e ainda ella não tinha encontrado fechadura para a chave de ouro,</p> <p>A pobre moça tremia, como varas verdes; na sua precipitação, ella não tinha a precisa serenidade para fazer convenientemente suas experiencias. O chofe e quatro ajudantes armados de suas grandes facas, seguiam-na passo à passo, e alternadamente diziam à timida donzella:</p> <p>—Appressai-vos, <i>Florina</i>, o sol baixa—o sol baixa—appressai-vos, <i>Florina!</i></p> <p>Ella percorreu os grandes e pequenos aposentos; subira ao madeiramento e desceira, passava de corredor à corredor; não deixou uma so' fechadura sem experimental-a, mas a chave era sempre grande ou pequena, ou o palhetão mal torneado e feito de outro geito que não ajustava. Por fim o cosinheiro disse à pastora:</p> <p>—<i>Florina</i>, eis o derradeiro momento, o sol vai attigir a montanha.</p> <p>A pastora achava-se então em frente à um grande espelho pendurado à parede, e, como para alli lançasse os olhos, viu sua mãe e seu pai sentados em uma cabana; elles choravam, e sem duvida pranteavam sua filha que perderam, sem portanto pensar que ella achava-se em posição tão cruel.</p> <p>A' esta vista, a desgraçada fo'ra de si gritou:</p> <p>—Meus pobres pais ainda posso tornar a vêr-vos antes de morrer!</p> <p style="text-align: right;">(Continua.)</p>
--	---	---	--

<sup>7</sup> <https://medium.com/@sergiobximenes/lorina-um-conto-in%C3%A9dito-de-em%C3%ADlia-freitas-a-autora-de-a-rainha-do-ignoto-6ec62fe6d8cd>



Fonte: *Jornal Libertador* (CE), 8 e 9 de agosto de 1883

A grande questão é que o conto não está assinado. Após o término do conto tem-se apenas uma reticência "...". Sérgio Ximenes comenta então que há indícios da autoria de Emília Freitas. O primeiro seria o fato de a escritora publicar seus poemas no mesmo periódico. O segundo estaria relacionado às semelhanças que se pode apontar entre o conto e o romance *A Rainha do Ignoto*, conforme Ximenes seriam: "(1) a trama associada a uma caverna proibida e misteriosa que dá acesso a um mundo maravilhoso; (2) a jovem pastora que vive nas montanhas onde se situa a caverna; e (3) a tristeza da rainha desse mundo, apesar de todo o seu poder" (XIMENES, 2020, p. 1). Especialmente, esse terceiro ponto lembra um pouco a protagonista de *A Rainha do Ignoto*, pelo fato de serem ambas rainhas, mas não serem totalmente felizes em suas vidas. De qualquer forma não há nada conclusivo, até porque o conto maravilhoso poderia não ter semelhança alguma com o romance em questão e mesmo assim ser de Emília Freitas. Se o conto é ou não de autoria da escritora cearense não podemos ter certeza. De qualquer forma, o conto já foi até publicado no E-book *Mulheres Brasileiras – contos clássicos* (2020), como sendo escrito por Emília Freitas.

Em outro artigo publicado na internet<sup>8</sup>, o mesmo pesquisador Sérgio Barcellos Ximenes comenta a respeito do retrato falso de Emília Freitas que foi durante um tempo divulgado como pertencente à autora de *A Rainha do Ignoto*, mas que na verdade pertence a uma outra mulher homônima da escritora. Segundo esclarece Ximenes, o equívoco da foto proveio da Academia de Letras de Jaguaruana, antigo distrito de Aracati, cidade natal de Emília Freitas. A citada Academia publicou a foto como sendo da escritora. Quem primeiro esclareceu o equívoco foi a pesquisadora Alcilene Cavalcante de Oliveira em sua tese de doutorado *Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)*. Até o momento, portanto, não foi encontrado registro fotográfico da autora de *A Rainha do Ignoto*.

Em pesquisa realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, contemplando o período de 1880 a 1909, foi-nos possível encontrar informações gerais sobre Emília Freitas de modo a obtermos oito tópicos sobre a autora<sup>9</sup>. Primeiramente, dados biográficos contendo informações relativas aos parentes, à formação de Emília, o casamento com Arthunio Vieira e notas de falecimento da escritora. Em seguida, algumas participações de Emília Freitas em eventos culturais e/ou beneficentes, como a organização de um bazar beneficente à manutenção das Escolas Noturnas, noticiado no *Jornal Libertador* (CE), Fortaleza, ano 3, n. 207, p. 2, no dia 22 de setembro de 1883. O nome de Emília também aparece nas convocações da Sociedade Libertadora Cearense em seu trabalho como militante abolicionista, como na chamada “Anjos do quadro de luz”, no *Jornal Libertador* (CE), Fortaleza, ano 4, n. 58, p. 3, no dia 14 de março de 1884. Verificam-se ainda informações relativas a seu trabalho como professora, tanto na capital cearense, como no estado do Amazonas, como a designação de Emília Freitas como professora auxiliar para reger disciplina de Grupo Escolar, noticiado no *Jornal A Federação* (AM), Manaus, ano 4, n. 249, p. 2, no dia 11 de novembro de 1898. Prosseguindo, encontramos a publicação de alguns textos literários de Emília Freitas e, em seguida, algumas críticas (e/ou notas) sobre produções literárias. Há também uma nota que expõe relações da autora com o espiritismo. Por fim, encontramos um texto da Revista da Academia Cearense, do ano de 1900 que fala sobre mulheres intelectuais da segunda metade do século XIX.

Mediante as notícias encontradas em periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foi possível perceber que Emília Freitas era relativamente conhecida no meio intelectual dos estados do Ceará, Amazonas, Pará e Pernambuco. As notícias demonstram também o quanto Emília era engajada em diferentes áreas tais como escrita literária, educação,

<sup>8</sup> <https://medium.com/@sergiobximenes/o-retrato-falso-de-em%C3%ADlia-freitas-a-autora-do-romance-a-rainha-do-ignoto-6e89ac0f9627>

<sup>9</sup> Ver anexo A.

abolicionismo e espiritismo. Como se pode verificar nos exemplos abaixo:

Figura 2: Convocação

**GAZETILHA**

**Urgente** —São convidados todos os Directores e socios activos da *Libertadora Cearense* para reuniões extraordinarias todos os dias, no escriptorio d'esta folha, das 5 as 6 horas da tarde.

As reuniões começaram hontem e terminarão no grande dia 25 de Março.

**Anjos do quadro de luz.** —Na solemnisima sessão da libertação total da provincia vão representar o municipio de sua terra natal dignissimas Senhoras Cearenses.

Anjos do quadro de luz, encarnação brilhante do nosso patriotismo, alli estarão presentes pelo municipio da :

<p>1—FORTALEZA, D. Maria Padilha ;</p> <p>2—S. FRANCISCO, D. Maria da Assumpção Bastos ;</p> <p>3—PACATUBA, D. Raymunda Cabral Theophilo ;</p> <p>4—BATURITE', D. Francisca Clotildes Barbosa Lima ;</p> <p>5—LAVRAS, D. Raymunda Quintina Vieira ;</p> <p>6—QUIXERAMOBIM, D. Elvira</p>	<p>Pinto de Mendonça ;</p> <p>7—RUSSAS, D. Maria Magdalena Correia ;</p> <p>8—UNIÃO, D. <b>Emilia Freitas</b> ;</p> <p>9—VARZE-ALLEGRE, D. Francisca Barbosa Lima ;</p> <p>10—MECEJANA, D. Adelaide de Alencar Gurgel ;</p> <p>11—Icó, D. Vicencia Elvira de Oliveira Cabral ;</p> <p>12—SABOIEIRO, D. Senhorinha Baptista Vieira ;</p> <p>13—CANINDÉ', D. Maria Nunes Paçanha ;</p>
--	--

Fonte: *Jornal Libertador* (CE), 14 de março de 1884

Acima temos a convocação dos sócios da Sociedade Libertadora Cearense, da qual Emília Freitas fazia parte. Abaixo designação de Emília Freitas como professora auxiliar para reger disciplina de Grupo Escolar.

Figura 3: Instrução Publica

**Instrução Publica**

Por acto de hoje foi designada a professora auxiliar d. **Emilia Freitas**, para reger interinamente a 2ª cadeira do 2º grupo escolar, á rua José Paranaguá.

— Nomeado o cidadão Antonio de Lima Verde, para interinamente reger a cadeira do sexo masculino de S. Joaquim de Thomar.

— Por acto de 7 do corrente, foi exonerada a professora da escola mixta de «Nedras», d. Maria Fortunata Wenderley, sendo nomeada, na mesma data, para reger a referida cadeira d. Raymunda de Amorim Alvarenga.

— Para reger a cadeira do sexo feminino de Maués, foi nomeada interinamente d. Clara C. Monteiro de Lyra.

Fonte: *Jornal A Federação* (AM), 11 de novembro de 1898

Entretanto, não obstante algumas poucas críticas, a divulgação e o acolhimento de seu romance *A Rainha do Ignoto* foram muito modestos. O livro cai, assim, no esquecimento, para apenas muitos anos depois, em 1980, ser recuperado, em especial, graças ao trabalho de resgate de autores esquecidos feito pelo professor Otacílio Colares da Universidade Federal do Ceará. Atualmente, podemos asseverar que o romance em apreço já foi resgatado do obscurecimento, tanto no concernente às diferentes edições publicadas ao longo dos anos<sup>10</sup>, como no que diz respeito aos vários trabalhos acadêmicos entre artigos e dissertações já escritos acerca deste livro.

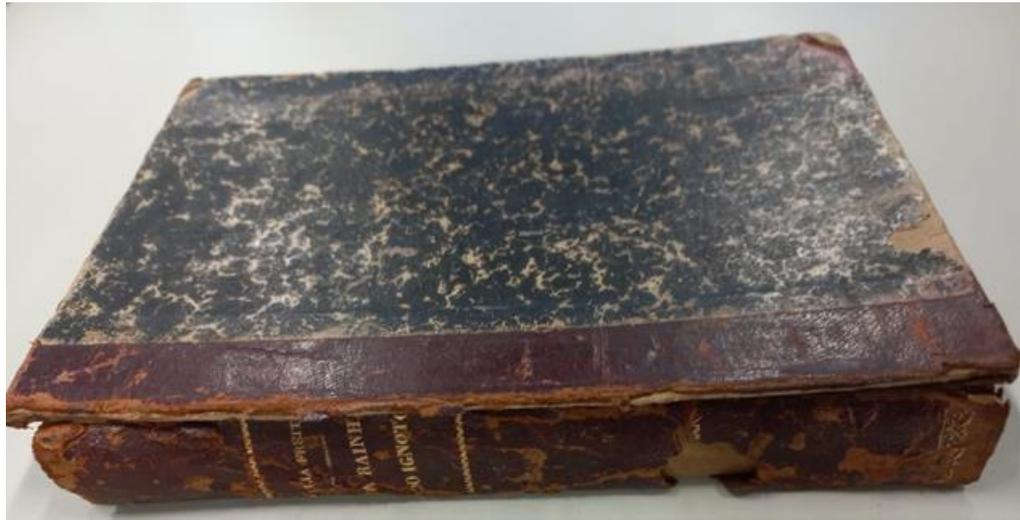
Sobre nosso acesso ao romance *A Rainha do Ignoto*, podemos dizer que se deveu primeiramente à Biblioteca do Centro de Humanidades da UFC, onde tivemos a oportunidade de tomar emprestado um exemplar da terceira edição e, tempo depois, um exemplar da segunda edição. Até 2019 não havia mais como adquirir o livro, pois a terceira edição estava esgotada. Porém, nesse mesmo ano, algumas editoras (conforme nota de rodapé abaixo) dispuseram -se a reeditar o romance de Emília Freitas, quando, finalmente, foi-nos possível adquirir um exemplar da Editora 106 e uma versão E-book da editora Wish. Ambas tiveram como base a terceira edição da Editora Mulheres, esta, por sua vez, realizou um confronto entre a segunda e um exemplar incompleto da primeira edição, único encontrado na época pelos responsáveis da terceira edição. Por sugestão de nosso orientador, procuramos a primeira edição de 1899 na Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE) e pudemos encontrá-la no setor de obras raras. A existência de um exemplar da primeira edição na BECE põe por terra a seguinte afirmação contida no trecho explicativo “Sobre a nova edição” que se lê na publicação de *A Rainha do Ignoto* feita pela editora 106 (FREITAS, 2019): “Também registra a existência de um só exemplar da primeira edição, guardado na Biblioteca Riograndense, em Rio Grande (RS), e mesmo assim, incompleto”.

O exemplar da Biblioteca encontra-se completo, com 456 páginas, porém em estado fragilizado pelo tempo, o que nos permitiu tirar apenas algumas fotos, conforme se pode observar abaixo:

---

<sup>10</sup> 1ª Ed. 1899 (Typographia Universal de Fortaleza), 2ª Ed. 1980 (Imprensa Oficial do Ceará), 3ª Ed. 2003 (Editora Mulheres – EDUNISC), quatro edições em 2019 (Editora 106, Editora Wish, Editora Minna e Editora Fora do Ar) e mais duas edições de 2023 (Editora Cartola e Editora Desconcertos).

**Figura 4:** *A Rainha do Ignoto*, 1ª edição



Fonte: Foto de autoria própria (2022)

**Figura 5:** Folha de rosto da 1ª Edição.



Fonte: Foto de autoria própria (2022)

Como se pode visualizar na figura 4 acima, logo após o título *A Rainha do Ignoto*, segue ainda que de modo não muito legível, a designação Romance Psicológico, o qual será abordado no capítulo quatro da presente tese. No *Jornal do Brasil* (RJ), publicado na cidade do Rio de Janeiro, no dia 26 de maio de 1900, a obra também é apresentada como “romance psicológico”.

Figura 6: Capítulo I – A Funesta

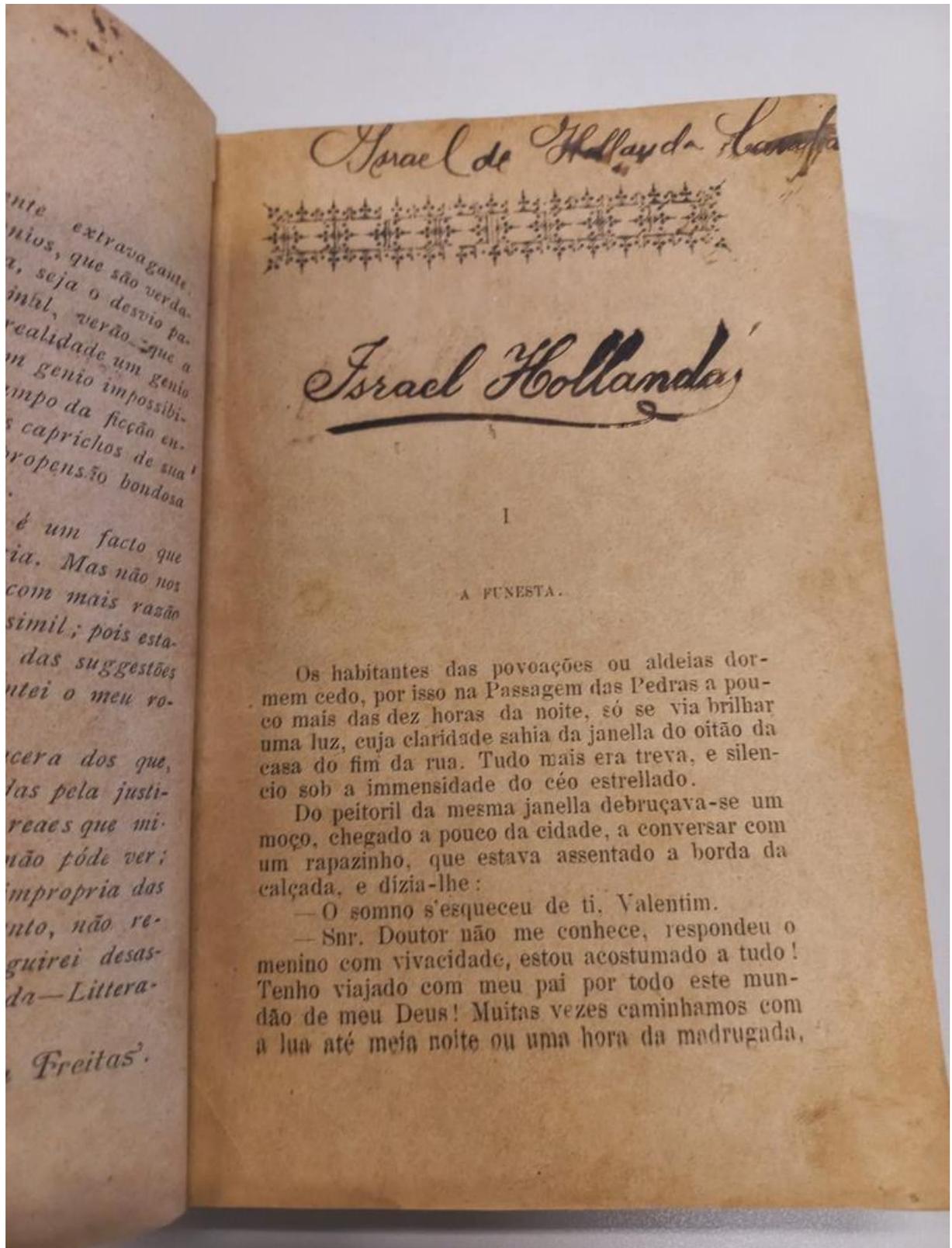
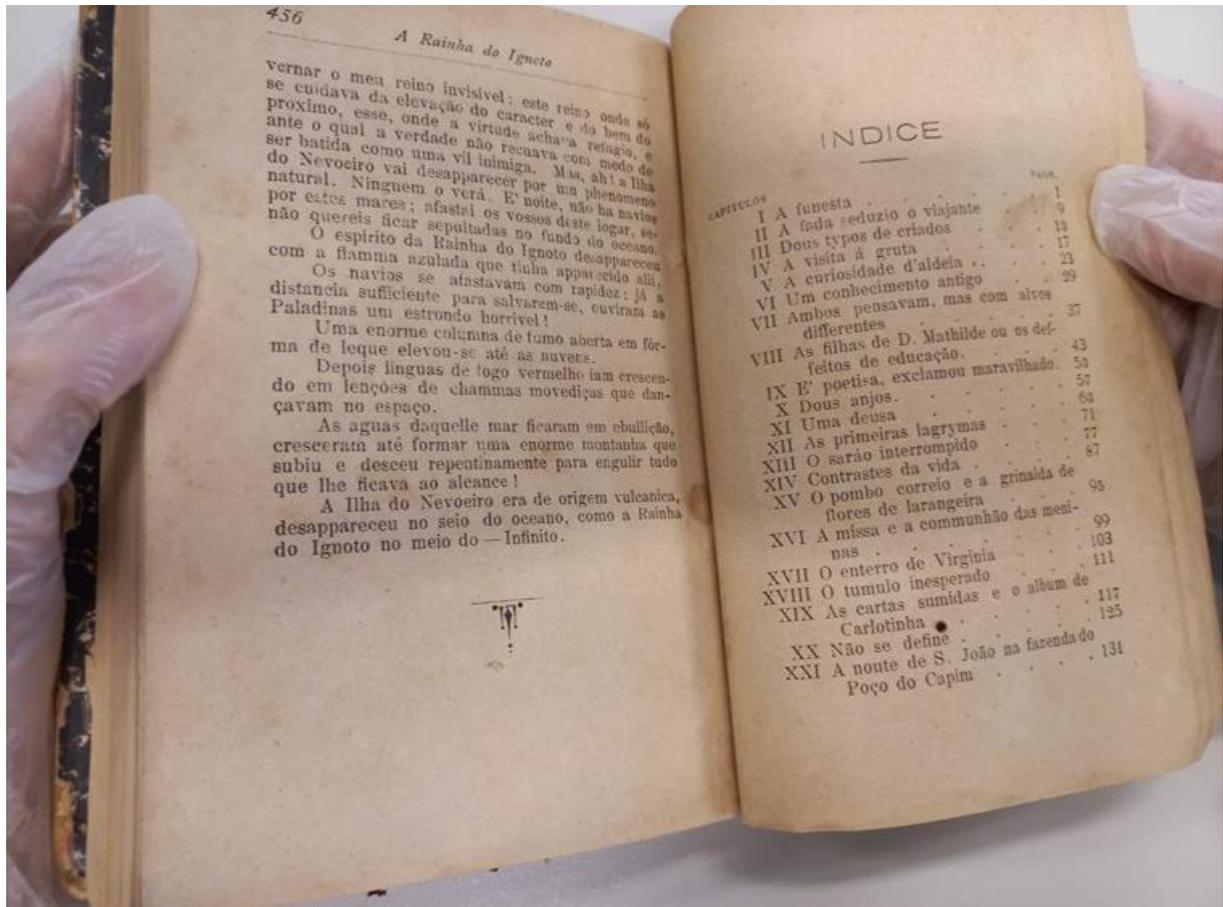


Figura 7: Última página do romance



Fonte: Foto de autoria própria (2022)

Em consulta ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, encontramos doze dissertações de mestrado que possuem como objeto de estudo a obra *A Rainha do Ignoto*. A dissertação *Resgatando Emília Freitas: As Questões Canônicas e os Aspectos Trágicos em “A Rainha do Ignoto”*, de Viviane Jesus da Silva (2007), conforme explicita o título, ao mesmo tempo em que toca na questão do cânone, identifica os traços trágicos presentes na obra. Por sua vez, a estudiosa Elenara Walter Quinhones (2015), elabora seu trabalho, *Entre o real e o imaginário: configurações de uma utopia feminina em “A Rainha do Ignoto”*, de Emília Freitas, procurando responder questionamentos referentes a uma possível utopia na obra de Freitas, feitos por Constância L. Duarte (2003) no texto introdutório da edição de 2003. Outra pesquisadora que aborda a presença do texto utópico no romance em pauta é Aline Maire de Oliveira Gomes (2016) cuja dissertação *Utopias de Gênero na Literatura Brasileira: “A Rainha do Ignoto”, de Emília Freitas, e “Viagem à Santa Vontade”, de Maria Godelivie* realiza um trabalho comparativo com outra produção literária.

Enfocando os diferentes perfis femininos presentes no romance em apreço, vamos encontrar o trabalho de Wanessa de Oliveira Coelho intitulado *A configuração das personagens femininas em A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas* (2021). As demais dissertações que trabalham com essa intenção de resgate da literatura feminina também confrontam o texto de Emília Freitas com outros textos literários. Ei-las: *A narrativa de autoria feminina do século XIX em resgate: uma leitura de “Lésbia” e “A Rainha do Ignoto”*, de Sônia Cristina Bernardino Ribeiro (2001); *Entre mulheres, história e literatura: um estudo do imaginário em Emília de Freitas e Francisca Clotilde*, de Régia Agostinho da Silva (2003); *A representação de duas heroínas marginais: uma leitura gendrada de “A Rainha do Ignoto”, de Emília Freitas, e de “Videiras de cristal”, de Luiz Antônio de Assis Brasil*, de Adriana Emerim Borges (2011); e *Particularidade do Universo Feminino de Emília Freitas e Jane Austen na Arte Literária do século XIX*, de Alesandra Vieira Mendonça César (2012).

De 2019, temos a dissertação de Adrianna Alberti denominada *A Rainha do Ignoto de Emília Freitas: A personagem feminina como elemento de transgressão da realidade na narrativa fantástica*, a qual trabalha com a presença de aspectos fantásticos na obra, especialmente com a figura da personagem Funesta como principal elemento fantástico que rompe com a realidade da obra. Do ano de 2022, temos a dissertação *A Rainha do Ignoto: a literatura utópica e fantástica de Emília Freitas como crítica à sociedade do século XIX*, de Guilherme Ramos Gonçalves. Esta retoma os aspectos feministas, utópicos e fantásticos da obra de Freitas, enfatizando críticas sociais à época. Há ainda uma dissertação de mestrado sobre *A Rainha do Ignoto*, no campo da linguística, trata-se do trabalho de Márcia Maria Fonteles Vasconcelos intitulado *A regionalidade presente em lexias simples, complexas e textuais na obra A Rainha do Ignoto de Emília Freitas* (2022), com especial destaque aos aspectos semânticos da linguagem popular cearense e à representação das lexias de cunho regional em campos lexicais preponderantes. Finalmente, temos a dissertação de Allan Jonhnatha Sampaio de Paula intitulada *“O fim dos amores comuns”: o romantismo e suas representações políticas no romance A Rainha do Ignoto de Emília Freitas* (2023), o qual procura analisar as representações políticas desenvolvidas sob uma base estético-política do romantismo. Segundo o autor, o romance de Freitas faz uso de personagens arquetípicos, representando a diversidade e combativa conjuntura de ideias do Brasil na virada do século XIX para o XX.

Entre os artigos publicados que abordam *A Rainha do Ignoto*, destacamos os seguintes trabalhos: *O estranho e a crítica ao patriarcado: resgatando o romance A rainha do Ignoto de Emília Freitas*, de Anselmo Peres Alós (2005); *A Rainha do Ignoto: um romance fantástico?*,

de Goretti Moreira (2006); *A representação feminina em A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas, de Alcilene Cavalcante (2007); *Sob o signo do gótico: o romance feminino no Brasil, século XIX*, de Zahidé Lupinacci Muzart (2008); *Emília Freitas e escrita de autora feminina no século XIX*, de Régia Agostinho da Silva (2010); *Fronteiras na História Literária: fantástico e utopia em A Rainha do Ignoto*, de Fani Miranda Tabak (2011); *A Rainha do Ignoto: feminismo, utopia tecnológica e os fantasmas da cearensidade*, de José Jackson Coelho Sampaio (2012); *A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas: do fantástico à utopia*, de Aline Sobreira de Oliveira (2014); *A escrita insólita da cearense Emília Freitas: revisando o cânone da literatura fantástica no Brasil*, de Ana Cristina Caminha Viana Lopes (2018); *A figuração fantástica em A Rainha do Ignoto (1899) de Emília Freitas*, de Ana Paula Araújo dos Santos (2020); *A violência contra a mulher na literatura utópica de Emília Freitas*, de Taís de Victa Rocha (2020); *A Rainha do Ignoto no Brasil do século XIX: um resgate da utopia feminista de Emília de Freitas*, de Anne Marielle Castro de Carvalho e Elton Dias Xavier (2022); *O fantástico e o gótico em A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas*, de Rochelle Sales Cruz e Laísa Marra (2022) e *A revitalização do romance A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas: contexto e perspectivas*, de Sarah Fontenelle Catrib, Allan Jonhnatha Sampaio de Paula e Yls Rabelo Câmara (2023).

Além desses artigos, há também um verbete, composto por 23 páginas, relativo à Emília Freitas no livro *Resquícios de Memórias – Dicionário biobibliográfico de escritoras e ilustres cearenses do século dezenove*, da estudiosa Carla Castro. O conteúdo deste verbete apresenta dados biográficos da escritora e notas de jornais da época com textos de Emília Freitas e outras notas com comentários críticos acerca da autora.

Por deter um rico manancial hermenêutico, o romance de Emília Freitas foi, assim, estudado sob vários ângulos. Entre os muitos aspectos tratados estão principalmente: a autoria feminina, a caracterização de um universo utópico, a questão da tragicidade, o gótico na obra e uma série de trabalhos envolvendo o recurso do fantástico. Nossa pesquisa pretende abordar um viés ainda não trabalhado nos estudos anteriores, qual seja a influência do hipnotismo e da doutrina espírita na obra *A Rainha do Ignoto*, abordando nesse encaixe a presença do espiritismo e dos estudos relativos ao hipnotismo em narrativas fantásticas do século XIX. O propósito é demonstrar, de um lado, de que modo o par paracientífico hipnotismo/espiritismo está presente no romance e, de outro, que essa presença próxima ao cientificismo intensifica o caráter fantástico da obra, o qual também se relaciona às diferentes focalizações da narrativa. Interessamos investigar, portanto, como se dá a manifestação de um fantástico prismático<sup>11</sup> na narrativa,

---

<sup>11</sup> Estamos trazendo para o presente trabalho a noção de fantástico prismático como algo associado à ideia de

isto é, se podemos associar essa obra de Emília Freitas a diferentes vertentes do fantástico, levando-se em conta a questão da perspectiva interna ao texto narrativo.

Sobre a conceituação de espiritismo, vamos encontrar no Dicionário Houaiss<sup>12</sup> a seguinte definição: “doutrina de cunho filosófico-religioso, de aperfeiçoamento moral do homem através de ensinamentos transmitidos por espíritos mais aprimorados de pessoas mortas, que se comunicam com os vivos especialmente através de médiuns”. Esse conceito condiz com outros apresentados por diferentes obras espíritas, como podemos observar no livro *O que é o espiritismo*, no qual Allan Kardec, considerado o codificador da doutrina espírita, afirma: “*O Espiritismo é simultaneamente uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que podem estabelecer-se com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais decorrentes dessas mesmas relações*” (KARDEC, 1976, p. 16). Ou ainda: “*O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos Espíritos e de suas relações com o mundo corpóreo.*” (KARDEC, 1976, p. 16). Em *O livro dos espíritos*, Kardec considera: “a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas*, ou, se quiserem, os *espiritistas*.” (KARDEC, 2013, p. 13). Já em *O evangelho segundo o espiritismo*, Kardec declara: “O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo.” (KARDEC, 2013, p. 44). Por sua vez, o estudioso Aécio Pereira Chagas, no livro *Introdução à Ciência Espírita*, traz a seguinte afirmação acerca da doutrina:

A doutrina espírita apresenta-se em um tríplice aspecto: ciência, filosofia e religião. Pode-se dizer que inicialmente é uma ciência que estuda alguns aspectos dos seres humanos (encarnados e desencarnados), chegando depois a conclusões filosóficas (inclusive mais amplas) e, destas, a conclusões religiosas e morais. (CHAGAS, 2004, p. 137)

O que se percebe em comum em todas as acepções acima expostas é que o espiritismo é, portanto, uma doutrina científica com consequências filosóficas e morais, baseada em ensinamentos dos espíritos e que trata justamente das relações entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual.

Tanto a literatura fantástica<sup>13</sup> quanto a doutrina espírita abordam, por um lado, o

---

prisma, mas especificamente à decomposição da luz branca através de um prisma. Esse assunto será retomado no capítulo quatro.

<sup>12</sup> Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-2/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-2/html/index.php#1). Acesso em: 27 mai 2024.

<sup>13</sup> Entendida como as narrativas nas quais o sobrenatural irrompe em meio a uma realidade diegética semelhante à nossa realidade. O fantástico tem sido definido de maneiras diferentes, entre elas destacamos a concepção de

entendimento do mundo tendo em consideração o olhar científico (para os espíritas ainda limitado) <sup>14</sup> acerca da realidade; por outro, trazem à tona temas relacionados ao que é considerado sobrenatural. Entretanto, a forma como essa relação apresenta-se em ambas é, sobretudo, distinta. Isso porque, enquanto o espiritismo tenta conciliar ciência e espiritualismo, a literatura fantástica do século XIX traz o choque entre essas duas instâncias. Ou seja, para a doutrina espírita, a vida espiritual é uma realidade sobre a qual a ciência deveria voltar-se. Já a ficção fantástica ressalta justamente o embate entre o mundo espiritual/sobrenatural e o mundo empírico/real. São, portanto, caminhos quase opostos. Conforme assevera Allan Kardec: “O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação” (KARDEC, 1990, p. 21). Por sua vez, sobre o fantástico, afirma David Roas: “A narrativa fantástica põe o leitor diante do sobrenatural [...] para interrogá-lo e fazê-lo perder a segurança diante do mundo real” (ROAS, 2014, p. 31). Dessa forma, enquanto a doutrina espírita procura o equilíbrio, a literatura fantástica provoca a inquietação.

Diante de tais colocações, podemos questionar se é possível uma obra literária ser considerada fantástica e simultaneamente apresentar temáticas espíritas.

Adiantamos que sim. Antes de tudo, como dito acima, a substância da narrativa é a mesma: a presença do chamado sobrenatural em nossa realidade. Além disso, o texto literário como criação livre que é tem, perfeitamente, a capacidade de abarcar não apenas elementos contraditórios, mas diferentes camadas de percepção. Em outras palavras, uma narrativa fantástica pode conter temática espírita (incluindo aqui a noção de busca pelo equilíbrio entre o empírico e o metaempírico) e, ao mesmo tempo, trazer a inquietude da incerteza, própria do fantástico.

---

fantástico enquanto gênero e enquanto modo. Essas duas acepções estão presentes no *Dicionário Digital do Insólito Ficcional* de Flávio García, sendo os verbetes escritos pela professora Marisa Martins Gama-Khalil. Quanto ao fantástico gênero, a estudiosa traz suas considerações tendo como base os estudos de Todorov, Vax, Furtado e Freud e apresenta uma definição em que o fantástico estaria presente em narrativas nas quais o sobrenatural ou metaempírico emerge de forma dubitativa, de modo a causar a hesitação/ambiguidade quanto à ocorrência do fenômeno, gerando, assim, um conflito entre realidade possível e a possibilidade da manifestação do sobrenatural. Já no concernente ao fantástico modo, Gama-Khalil baseia-se nos estudos de pesquisadores tais como: Bessière, Casares, Ceserano, Jackson e novamente Furtado. Conforme esclarece a estudiosa, “pode-se afirmar que o modo fantástico, que pode ser caracterizado como uma ficção do metaempírico, ao agregar diferentes modalidades e dispensar as divisões comuns em uma abordagem genológica, oferece possibilidades amplas ao pesquisador da área de articular novas possibilidades de leitura no campo dessa ficção” (GAMA-KHALIL, 2020, p. 1).

<sup>14</sup> Segundo os espíritas, por desconsiderar a realidade espiritual, a ciência ainda se apresenta limitada em seus estudos.

Uma vertente da literatura fantástica que casa os elementos ciência e mistério e que recepciona bem os textos fantásticos com temas espíritas é a chamada “ciência gótica”. Conforme esclarece Alexander Meireles da Silva (2008), tendo surgido no início do século XIX, a ciência gótica foi uma resposta “à hegemonia do racionalismo derivado da Revolução Industrial e das ideias e descobertas científicas da época” (SILVA, 2008, p. 61). Ainda sobre a ciência gótica, afirma Bráulio Tavares que essa vertente apresenta histórias com:

[...] um pé na ficção científica, utilizando muitos dos seus aparatos exteriores (cenários, personagens, artefatos) mas que se recusam a lidar com a lógica, a verossimilhança e a plausibilidade científica que os adeptos de ficção científica *hard* tanto valorizam. Na ciência gótica, a parafernália tecnológica e a pseudo-racionalização materialista estão a serviço de situações bizarras, grotescas, impressionantes. (TAVARES, 2003, p.15)

No caso das narrativas fantásticas ligadas ao espiritismo, vai ser justamente essa paraciência<sup>15</sup> que vai gerar o impressionante, devido a sua ligação com o chamado sobrenatural. As ficções da ciência gótica aproximam ciência e mistério na medida em que partem dos conhecimentos científicos ou paracientíficos da época para a recriação literária.

Escrita às margens do Rio Negro, na cidade de Manaus, a principal obra de Emília Freitas, *A Rainha do Ignoto*, apresenta uma narrativa singular e intrigante. A história inicia-se em um antigo distrito da atual cidade de Aracati, chamado Passagem das Pedras, em um período anterior à Abolição da Escravatura e à Proclamação da República. Aparece, na pacata povoação, um advogado da cidade grande, o Dr. Edmundo Lemos, o qual fica sabendo de uma lenda local sobre uma moça encantada conhecida por Funesta. Primeiramente, o acadêmico zomba do menino que lhe conta a lenda, até que ele próprio vê a dama bela e misteriosa, com mais duas criaturas horripilantes, deslizando em um bote no rio Jaguaribe. A partir daí, Edmundo procura descobrir e entender o que vira, “[...] procurava o fio da realidade perdido naquele labirinto de ideias extravagantes e fantásticas” (FREITAS, 2003, p. 33). Durante uma parte do romance, enquanto o jovem incrédulo – porém curioso e fascinado – fazia suas investigações, desenvolve-se toda uma história ambientada em Passagem das Pedras, ao longo da qual outros personagens são apresentados, entre eles Carlotinha, jovem que se apaixona por Edmundo, assim como os costumes da região. Aos poucos, alguns fenômenos insólitos e inexplicáveis imiscuem-se no relato: além das aparições da Funesta, há o surgimento de presentes misteriosos em pleno baile de aniversário, cartas de Edmundo que somem sem explicação, um pombo trazendo uma

---

<sup>15</sup> Utilizamos no presente trabalho o termo “paraciência” para nos referirmos ao espiritismo, assim como, ao hipnotismo; pois, de um lado, não são considerados como ciência, por outro lado, o termo “pseudocientífico” carrega consigo um sentido pejorativo de falso, o que não nos cabe atribuir nem ao espiritismo, nem ao hipnotismo.

grinalda para uma jovem morta, um túmulo inesperado que emerge no cemitério.

Em meio a suas buscas, Dr. Edmundo termina por conhecer um caçador de onças chamado Probo, cuja suposta filha Diana era a própria Funesta. Com muito tato, Edmundo consegue extrair muitas informações de Probo, que lhe conta toda sua história de como conheceu a Funesta, na verdade conhecida como Rainha do Ignoto, por possuir um reino desconhecido pela sociedade. Assim, o jovem advogado consegue adentrar, em parte, o mistério acerca da Fada do Arerê, outro dos vários nomes dados à Rainha. Desse momento em diante, todo um mundo – o Reino do Ignoto – é revelado ao advogado que, disfarçado de mulher, consegue chegar na Ilha do Nevoeiro, local escondido por brumas – resultado do poder hipnótico da Rainha e de sua sociedade secreta de mulheres, suas paladinas. Nesse ponto da narrativa, o protagonismo da história passa de vez para a Rainha do Ignoto. Edmundo configura-se como personagem observador<sup>16</sup>, funcionando como “os olhos e ouvidos” do leitor e assiste, maravilhado, os feitos impressionantes dessas amazonas que, por meio do hipnotismo, de fenômenos mediúnicos e de planos bem elaborados, interferem na vida de muitas pessoas desvalidas.

Para deslumbramento de Edmundo, o Reino do Ignoto apresentou-se-lhe como uma sociedade altamente organizada com uma infraestrutura completa, contendo desde escola e hospital até fábricas e estradas de ferro. Percebia-se o esmero com a beleza em toda parte, do palácio aos jardins, como se nota nos trechos abaixo:

As paredes do salão imitavam perfeitamente as tramas ou nevoeiros que cercam um navio no alto-mar. O mosaico do ladrilho representava o oceano doce e calmo, e no teto estava a imitação do céu levemente azulado e nebuloso, deixando ver a lua que derramava uma luz branda misturada de poesia e de saudade. (FREITAS, 2020, p. 149)

Os jardins eram uma surpreendente maravilha! Havia neles todas as flores de cujo desabrochar Lineu compôs um relógio, de forma que eram as pétalas recedentes desses mimos da natureza que ali marcavam as horas saindo do cálice, onde estiveram em botão. Tudo quanto a Botânica e a Zoologia possuem de belo, de raro e de precioso, os jardins do Ignoto ostentavam bem ordenado, e classificado por mão de mestre! (FREITAS, 2020, p. 155)

Paulatinamente, Edmundo vai percebendo que todos que estão ali no Reino do Ignoto são pessoas que foram, de uma forma ou de outra, ajudadas pela Rainha e que preferiram ficar em melhor situação vivendo ali no Ignoto. Enquanto conhece o local, Edmundo vai sabendo

---

<sup>16</sup> Vale ressaltar aqui que o Dr. Edmundo é apresentado como um personagem que representa a razão e o cientificismo; diferentemente dos moradores de Passagem das Pedras, Edmundo vem da cidade grande, é formado em Direito e não acredita em superstições. Aliás, essa é uma técnica comum nos textos de literatura fantástica, principalmente do século XIX, a de trazer um personagem que represente a razão justamente para confrontar a noção de real com o evento insólito.

também de todas as atividades desenvolvidas no Reino, inclusive das sessões espíritas <sup>17</sup>, nas quais médiuns eram hipnotizadas propiciando, assim, diferentes tipos de fenômenos envolvendo a comunicação com os espíritos. A propósito, é através dessas sessões que a Rainha fica sabendo de futuros desastros de diferentes pessoas em diversos lugares e a partir desse conhecimento a Rainha traça muitos planos sempre com o objetivo de ajudar o próximo. Dessa forma, no decorrer da narrativa a Rainha do Ignoto juntamente com suas paladinas viajam em seus navios por algumas cidades tais como: Belém, Manaus, Recife, Rio de Janeiro e Fortaleza. Em cada cidade, a Rainha assume uma personalidade diferente e ajuda um número considerável de pessoas em diversas situações.

Marcada pelo mistério, a Rainha do Ignoto é uma figura enigmática e complexa. Nunca mostra seu verdadeiro rosto às próprias paladinas, servindo-se de máscaras ou do uso impressionante da transfiguração.<sup>18</sup> Incansável, está sempre disposta ao trabalho no bem. Em dado momento, Probo fala a esse respeito, ainda que seu propósito seja desmascarar a Rainha, ao descrevê-la, embora sem intenção, acaba falando bem da soberana:

- Ora, doutor, cuida ainda lidar com uma dessas fidalgas enervadas pelos cômodos e mimos da vida? Engana-se, o título de rainha, segundo dizem, não lhe vem pelo gozo, vem pelo martírio. É um espírito de ferro inclinando, dobrando, movendo um corpo que fecha na mão como uma luva de seda! Para esta mulher não há dia nem noite, há somente a necessidade de momento! Ela deita-se sempre calçada, atacada, e pronta para seguir a qualquer ponto! Tem o sono tão leve que poderia despertar ao rumor sutil de uma pétala de rosa lançada na água. (FREITAS, 2020, p. 155 -156)

Apesar de todo o empenho em ajudar na busca da felicidade alheia, a Rainha do Ignoto não era feliz e nem buscava mais sua felicidade. No desenrolar da história, através das páginas de um diário que Edmundo consegue ler, temos acesso a algumas pistas sobre a vida da Rainha, tais como a perda dos pais e dos irmãos (semelhança biográfica com Emília Freitas), e o fato

<sup>17</sup> Em geral, conforme Del Priore (2014), as sessões espíritas estão relacionadas à comunicação com os espíritos. Segundo Allan Kardec (2012), no capítulo 29 de *Olivro dos médiuns*, as sessões espíritas ou reuniões mediúnicas possuem características muito distintas de acordo com o objetivo a que se propõem, podendo ser assim classificadas em frívolas, experimentais ou instrutivas. As *reuniões frívolas* “se compõem de pessoas que não veem senão o lado alegre das manifestações, que se divertem com os gracejos dos Espíritos levianos que gostam dessas espécies de reunião e onde têm toda a liberdade de ação” (KARDEC, 2012, p. 369). Já as *reuniões experimentais* “têm mais particularmente por objeto a produção de manifestações físicas. Para muitas pessoas, é um espetáculo mais curioso que instrutivo; [...] Não obstante isso, essas espécies de experimentações têm uma utilidade que ninguém poderia negar, porque foram elas que levaram a descobrir as leis que regem o mundo invisível, e, para muitas pessoas, elas são um poderoso motivo de convicção” (KARDEC, 2012, p. 370). As reuniões *instrutivas*, por seu turno, devem preencher a condição da seriedade. “É necessário se convencer de que os Espíritos aos quais se quer dirigir são de uma natureza toda especial; que o sublime não podendo se aliar ao trivial, nem ao bem ao mal, se quisermos obter boas coisas, é preciso se dirigir aos bons; é necessário, como condição expressa, estar nas condições propícias para que eles *queiram* vir; ou Espíritos superiores não virão mais em reuniões de homens levianos e superficiais, como não viriam em vida” (KARDEC, 2012, p. 371).

<sup>18</sup> O fenômeno da transfiguração será comentado no capítulo 3, ao falarmos sobre o romance *Encarnação* de José de Alencar.

de nunca ter a Rainha encontrado uma alma como a sua para compartilhar a existência. Assim, a perda de entes queridos e, principalmente, a ausência de um amor verdadeiro gerou um vazio inconsolável no coração da Rainha. Junte-se a isso o desgosto que a Rainha possuía pela sociedade interesseira e exploradora. Ela não se conformava com muitas injustiças que observava na sociedade, tais como: a escravidão, os castigos infligidos nas forças armadas, a inversão de valores e a condição de muitas mulheres abandonadas e usurpadas. Deste modo, apesar de suas inúmeras qualidades, revelando-se um verdadeiro modelo de virtude e liderança, internamente a Rainha era infeliz, o que a levou ao suicídio.

No final da narrativa, saciada a curiosidade de Edmundo, após três anos acompanhando as aventuras da Rainha e de suas paladinhas, o jovem advogado tem seus sentimentos transformados em relação à Rainha, o encantamento foi substituído pela admiração. Aquela mulher impenetrável não era para ele. Resolve, então, voltar à Passagem das Pedras e termina por se casar com a jovem apaixonada Carlotinha.

A Rainha do Ignoto, por seu turno, decide pôr termo à própria vida<sup>19</sup>. Após tomar providências quanto aos que dependiam de seu reino, a Rainha inicia uma espécie de ritual solitário antes de morrer. Assim, recolhida em contato com a natureza, ela inicia seu ato funesto:

Com menos agitação que da primeira vez, tirou de um pequeno estojo de veludo carmesim uma navalha de cabo de ouro com cravação de diamantes e abriu o corpete do vestido, cortou a pele sobre o coração. E entre esta e a víscera palpitante de seu peito, colocou o pedaço de cartão, o atestado de sua fraqueza, da fraqueza nativa de todas as mulheres do mundo, embora assinaladas pelo gênio ou pela religião dos claustros. Depois ela tirou de um frasquinho de ouro um líquido com que estancou o sangue que corria sobre a pele de carneiro que ela tinha estendida ao colo. Não haveria estóico com mais coragem. Tão sensíveis as dores morais, parecia não sentir a violência daquela dor física. (FREITAS, 2019, p. 307)

Mas a Rainha do Ignoto não morre sozinha, ela desencarna, como diriam os espíritas, em seu laranjal preferido cercada por suas paladinhas todas vestidas de cor-de-rosa com coroas de jasmim. A Rainha dá seus últimos suspiros após tocar sua harpa pela derradeira vez:

Fechou-se a noite, fez-se o silêncio: era a vida da Rainha do Ignoto que se apagava como a duna consumida pelo vento. [...] Morreu pranteada pelo desaparecer do sol, pelo despontar da lua, pelo orvalhada noite e pelo perfume das flores de laranjeira, que caíam sobre o seu corpo como uma chuva de bênçãos. (FREITAS, 2020, p. 330)

Dois acontecimentos insólitos marcam o último capítulo da narrativa intitulado “A Ilha do Nevoeiro”: a invocação e aparição da Rainha do Ignoto e o desaparecimento da ilha. Em sua comunicação, a Rainha do Ignoto fala sobre suas dores morais e sobre o mistério da Ilha do

<sup>19</sup> Sobre o suicídio, tema muito caro ao espiritismo, serão feitas algumas considerações num momento posterior desta tese.

Nevoeiro:

- Vou dizer-vos: ela foi possessão de todos os espíritos que encarnaram e me precederam na ordem genealógica da família. Ela foi passando de meus avós e deles a meus pais, que me conferiram o governo dela, ainda no período de minha existência terrena. Eles me auxiliavam no meio de ocultá-la dos olhos humanos e me davam força e sabedoria para governar o meu reino onde só se cuidava da elevação ao caráter e do bem do próximo, esse onde a virtude achava refúgio e ante o qual a verdade não recuava com medo de ser batida como uma vil inimiga. Mas, ah! A ilha do Nevoeiro vai desaparecer por um fenômeno natural. Ninguém o verá. É noite, não há navios por estes mares; afastai os vossos destes lugares, se não quereis ficar sepultadas no fundo do oceano. (FREITAS, 2020, p. 332-333)

Após essas palavras, a Rainha do Ignoto desaparece e, logo em seguida, a Ilha do Nevoeiro submerge no mar de modo espetacular:

Uma enorme coluna de fumo aberta em forma de leque elevou-se às nuvens. Depois, línguas de fogo vermelho iam crescendo em lençóis de chamas movediças, que dançavam no espaço.

As águas daquele mar ficaram em ebulição, cresceram até formar uma enorme montanha que subiu e desceu repentinamente, para engolir tudo que lhe ficava ao alcance.

A Ilha do Nevoeiro era de origem vulcânica; desapareceu no seio do oceano, como a Rainha do Ignoto no meio do infinito. (FREITAS, 2020, p. 333)

Para a realização de nosso trabalho, iniciamos o Capítulo 2, intitulado “O sobrenatural e o cientificismo”, falando sobre a mudança da cosmovisão acerca do sobrenatural antes e depois do Século das Luzes. Em seguida apresentamos algumas considerações relativas ao surgimento e principais pontos tanto do magnetismo animal, do hipnotismo, quanto do espiritismo; abordando, em especial, os estudiosos Franz Anton Mesmer e Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido sob o pseudônimo de Allan Kardec<sup>20</sup>.

No Capítulo 3, Magnetismo, hipnotismo e espiritismo na Literatura Fantástica, tencionamos ilustrar de que modo o magnetismo, o hipnotismo e o espiritismo manifestam-se na literatura fantástica, sobretudo do século XIX e início do século XX. Para tanto, fizemos uma seleção de algumas narrativas, entre contos e romances: *A verdade sobre o caso do Sr. Valdemar*, de Edgar Allan Poe, *O Horla*, de Guy de Maupassant, *O Parasita*, de Arthur Conan Doyle; *Úrsula Mirouët*, de Honoré de Balzac; *Tão longe, tão perto*, de Théophile Gautier; *Encarnação*, de José de Alencar; *A segunda vida*, de Machado de Assis e três narrativas de Coelho Neto *O duplo*, *A sombra* e *Conversão*.

Por sua vez, o Capítulo 4, Hipnotismo, espiritismo e o fantástico prismático de Emília

<sup>20</sup> O professor Rivail preferiu assinar suas obras espíritas com o pseudônimo “Allan Kardec” para não misturar com a produção pedagógica já publicada e porque ele deveria dar o crédito da codificação aos espíritos que responderam às inúmeras questões elaboradas. Segundo Rivail, o nome Allan Kardec teria sido de uma de suas encarnações anteriores como druida. De origem indo-europeia, os druidas eram sábios sacerdotes celtas do período pré-cristão que habitaram sobretudo áreas da França atual e que detinham, por exemplo, o poder de cura.

Freitas, terá como foco o principal objeto de pesquisa do presente trabalho, o romance de Emília Freitas. Assim, neste capítulo intentamos demonstrar de que maneira o hipnotismo e o espiritismo estão presentes em *A Rainha do Ignoto*. Poderemos perceber tanto a presença de um hipnotismo hiperbólico que ultrapassa os limites do possível, quanto a manifestação de temáticas espíritas relativas aos fenômenos mediúnicos e aos aspectos de cunho filosófico e moral. Finalmente, objetivamos demonstrar a presença, na narrativa de Freitas, de um fantástico prismático, a saber, da manifestação de diferentes vertentes do fantástico em sentido mais amplo a partir de diferentes perspectivas, ou seja, levando-se em conta as focalizações de diferentes personagens.

## 2 O SOBRENATURAL E O CIENTIFICISMO

Ao analisarmos o romance *A Rainha do Ignoto* e sua ligação com o hipnotismo e com o espiritismo, uma questão destacou-se como primordial em nosso trabalho: a noção de sobrenatural em contraponto à noção do que é considerado científico. Assim, pensamos em iniciar nosso trabalho realizando uma abordagem relativa ao caminho traçado pelo sobrenatural no decorrer da história, sua relação com a crença da sociedade e com o desenvolvimento científico para só então adentrarmos os temas do magnetismo animal, do hipnotismo e da doutrina espírita, paraciências que lidam justamente com o sobrenatural e com a ciência. Além disto, essa abordagem relaciona-se também ao surgimento de uma nova literatura fantástica a partir do século XVIII, se considerarmos a literatura fantástica em seu sentido mais amplo.

### 2.1 A cosmovisão acerca do sobrenatural antes e depois do Século das Luzes

Desde a Antiguidade até o início do Século das Luzes, a concepção de mundo ocidental trazia o sobrenatural como elemento da realidade. Em seu livro, *A Teoria do Romance*, o estudioso Georg Lukács apresenta-nos a configuração das civilizações antigas como sociedades imersas em uma totalidade mítico-religiosa cujo sentido da vida é dado de antemão, e essa totalidade detém um caráter de completude e perfeição. Nas palavras do filósofo, o mundo das civilizações fechadas é “[...] perfeito porque nele tudo ocorre, nada é excluído e nada remete a algo exterior mais elevado; perfeito porque nele tudo amadurece até a própria perfeição” (LUKÁCS, 2007, p.31). A vida dessas sociedades era regida e direcionada pelos deuses. O sobrenatural fazia parte do cotidiano. Para todas as ações consultavam-se os oráculos e esperavam-se os auspícios divinos.

Essa concepção totalizadora, em que a vida empírica encontra-se interligada a uma cosmovisão metafísico-religiosa coletiva, sofre uma primeira fissura por volta do século VII a.C., a partir do desenvolvimento da filosofia grega. A pequena cisão inicia-se devido à mediação do pensamento, ao ato de refletir. Vale ressaltar que, conforme Nicola Abbagnano (2007), podemos falar especialmente em duas formas de conceber o saber filosófico. A primeira forma está relacionada à origem divina do saber, configurando-se o saber, portanto, como uma revelação ou um dom. A segunda forma refere-se à origem humana do saber, sendo assim, uma conquista, uma produção do homem. Conforme afirma Abbagnano: “a primeira alternativa é a mais antiga e mais frequente no mundo, prevalecendo de há muito nas filosofias orientais. A segunda alternativa surgiu na Grécia e foi herdada pela civilização ocidental” (2007, p. 443).

Assim, apoiando-se na segunda concepção, surgem ao longo dos séculos, alguns filósofos que começam a questionar a intervenção divina, entre os quais, destacam-se Epicuro (século IV a.C.) e seu seguidor latino Lucrecio (século I a.C.). Contudo, a existência desses pensamentos discordantes é exceção. A concepção de mundo homogêneo dirigido pelos deuses afigura-se como pensamento majoritário da sociedade antiga e seriam necessários muitos séculos para o seu desmoronamento.

Com o surgimento do cristianismo, uma nova concepção de mundo vinha à tona, a qual não tomava precisamente o lugar da anterior; porém, terminava por atuar como uma nova totalidade metafísica e religiosa, com a qual o sobrenatural ainda permanecia ligado. Segundo Jacques Le Goff (1983), podemos falar em pelo menos duas etapas distintas na relação do maravilhoso com o cristianismo. Primeiramente, durante a alta Idade Média, houve uma repressão do maravilhoso por parte da Igreja. Tal atitude teve como motivo o receio que a Igreja tinha da sedução do maravilhoso tão presente na cultura pagã. Todavia, o estudioso ressalta que já durante a baixa Idade Média, ocorre uma irrupção do maravilhoso na cultura da elite. Essa retomada do maravilhoso deve-se à valorização da figura do cavaleiro idealizado e ao fato de a Igreja já não ter mais razão de reprimir o maravilhoso: “Ele é agora menos perigoso a ponto de a Igreja poder já domesticá-lo, recuperá-lo. É o encontro entre essa pressão proveniente de uma certa base laica e a relativa tolerância da Igreja que explica a irrupção do maravilhoso na época gótica” (LE GOFF, 1983, p.21).

Vale destacar que mesmo com a repressão que houve no tocante ao maravilhoso, a população de forma geral não deixou de acreditar no sobrenatural. Se agora os então cristãos não falavam em feitos dos deuses, falavam nos milagres do Deus único, seja por intermédio de Jesus, Maria ou demais santos.

Essa nova visão de mundo perdurou por tempo considerável, abrangendo o final da Antiguidade, a Idade Média e parte da Idade Moderna; contudo, se sua derrocada foi lenta, também se mostrou irreparável. O longo processo de desgaste teve múltiplos fatores de erosão, entre os quais podemos citar: revoluções históricas, políticas, culturais, científicas, industriais, o Renascimento, a Reforma Protestante e o Iluminismo.

Grande movimento cultural, científico e filosófico surgido no final da Idade Média e início da Idade Moderna, o Renascimento foi palco de importantes transformações do pensar e viver humanos. Com o Renascimento, o pensamento humano, tão influenciado pela rígida estrutura da Igreja, passa a buscar ideias novas ou a retomada de conceitos antigos, agora revitalizados, especialmente da cultura greco-romana. Entre as principais características do Renascimento estão o Antropocentrismo, o Individualismo, o Racionalismo e o Cientificismo.

Com o Antropocentrismo, em lugar do divino, o homem passa a ser o centro do universo e se torna responsável por si mesmo, não mais sendo totalmente dirigido por Deus. Assim também, o Individualismo valoriza o ser individual em detrimento do ser coletivo. Aqui o homem não está mais submisso a uma coletividade, considera antes de tudo, suas próprias opiniões e valores. Por seu turno, o Racionalismo legitima acima de tudo a razão humana. Não mais a fé, mas a razão é o caminho para a sabedoria. Em concomitância a essa característica está o Cientificismo, isto é, a Ciência assume um patamar de superioridade em relação, por exemplo, à religião. Toda teoria deveria ser fruto da observação e da experiência. Vale ressaltar que a relação entre ciência e religião não era assim tão clara com religiosos de um lado e cientistas do outro, lembrando que o Renascimento ocorreu durante um período bem prolongado de pelo menos três séculos, do XIV ao XVI. Aconteceu, portanto, de existirem muitos cientistas que também eram religiosos e de descobertas científicas terem ocorrido em meio religioso. É o caso, por exemplo, de Nicolau Copérnico (1473-1543) que era astrônomo, matemático e cônego da Igreja Católica, tendo desenvolvido a teoria do Heliocentrismo, na qual o sol é o centro do Sistema Solar e de Athanasius Kircher (1601-1680) matemático, físico e jesuíta, inventor do epidascópio, aparelho que tinha a função de projetar imagens.<sup>21</sup>

No século XVI, a Igreja Católica detinha um poder hegemônico no campo religioso, político e econômico do mundo ocidental. Todavia, essa hegemonia acabou sendo questionada devido a inúmeras condições, entre as quais se encontram insatisfações relativas à venda de indulgências e outros artefatos, uma hierarquia corrupta e o fato de todos, desde camponeses, passando por cientistas e reis, estarem subordinados e, portanto, limitados à vontade da Igreja.

Insatisfeito com tais práticas, o monge Martinho Lutero foi o grande iniciador da Reforma Protestante a partir da fixação das suas Noventa e Cinco Teses na Capela de Wittenberg, na Alemanha, no ano de 1517. Para Lutero, a Igreja havia se desvirtuado da verdadeira mensagem cristã e a salvação não dependia da construção de obras, mas da fé de cada um. Tendo traduzido a Bíblia para o alemão, foi inovador o pensamento de Lutero de que os próprios crentes poderiam interpretar as Escrituras, uma vez que a palavra de Deus passou a ser escrita na língua dos povos germanófonos. Depois do luteranismo, surgiram outras vertentes do protestantismo cristão, como o calvinismo, fundado por João Calvino na Suíça, por volta de 1555, e o anglicanismo, fundado em 1534, na Inglaterra, através de um ato de supremacia do rei Henrique VIII. Este defendia, principalmente, a separação matrimonial e aquele a

---

<sup>21</sup> Também conhecido como “lanterna mágica”, o epidascópio era composto por uma câmara escura e um jogo de lentes. A luz de uma lâmpada de azeite atravessava uma placa de vidro pintada com desenhos que eram projetados num lenço.

valorização do trabalho. Segundo a estudiosa Mayara Guerreiro:

A Reforma desencantou o mundo em relação à inafastabilidade do mundo divino e do mundo dos homens. À medida que se aprofundava, ela, sem querer, agiu como uma faca com dois gumes, pois, apesar do caráter religioso, acabou abrindo as portas para uma revisão científica do mundo com um caráter naturalista, colocando o homem com o papel de descobridor da natureza e da existência de leis que a regulavam. (GUERREIRO, 2018, p.13)

Assim, através desta abertura, a Reforma acabou por contribuir de forma substancial com o avanço do conhecimento humano. A própria Contrarreforma, tendo em seu bojo a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), foi uma resposta da Igreja Católica ao protestantismo e terminou por flexibilizar a questão do conhecimento, uma vez que, na medida do possível, passou a incluir em seus ensinamentos teológicos preceitos humanistas e aspectos da cultura greco-romana. Essa guerra, que teve como foco questões tanto religiosas quanto territoriais, envolveu as mais diversas dinastias europeias, então divididas entre Liga Católica e Liga Protestante, abrangendo não apenas o Sacro Império Romano-Germânico, os Habsburgos da França, dos Países Baixos e da Áustria, como também países escandinavos como Suécia e Dinamarca.

Na esteira da Reforma e da Contrarreforma, o século XVIII europeu será marcado por pensadores que buscavam pôr em primeiro plano a Razão, afastando-se, por exemplo dos dogmas religiosos. Assim, surgiam na França o Iluminismo ou Século das Luzes e, na Alemanha, o Esclarecimento (*Aufklärung*), como um movimento filosófico que se entrelaçou, por exemplo, com as respectivas literaturas.

Sobre o pensamento iluminista, assevera o estudioso Odair Vieira Silva: “os filósofos iluministas acreditavam que a humanidade estava emergindo de uma era de obscurantismo e de ignorância para um novo tempo iluminado pela razão, pela ciência e pelo respeito à humanidade.” (SILVA, 2018, p. 5). De modo semelhante, encontramos em Immanuel Kant a afirmação de que o Esclarecimento, expressão do Iluminismo alemão, é a saída da humanidade de sua minoridade, entendendo essa minoridade como “a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro” (KANT, 2008, p.1).

Kant assevera ser muito cômodo para o homem ser “menor” uma vez que para ser “maior” exige-se mais esforço e que, portanto, a responsabilidade por continuar ou sair da minoridade depende de cada indivíduo. Segundo o filósofo alemão, para que possamos atingir o Esclarecimento é necessário que tenhamos liberdade para servir-nos do uso público da razão, ou seja, “o que fazemos enquanto *sábios* para o conjunto do *público que lê*” (KANT, 2008, p. 3). Tal atitude perante o mundo difere do que ocorre com o uso privado da razão, no qual estamos subordinados ao desempenho de uma função social. Assim, um determinado sujeito,

no cumprimento de seus deveres enquanto oficial, exerce o uso privado da razão e deve obedecer às ordens superiores, contudo não se deve proibi-lo de, no uso público da razão, tecer comentários acerca de possíveis faltas que porventura venha a testemunhar ou mesmo a tomar parte enquanto funcionário. O Esclarecimento estende-se mesmo até ao domínio da religião, pois Kant assevera que não é lícito e compatível com a natureza do homem esclarecido a submissão a credos imutáveis, que seriam em sua ótica ferramentas que impedem ou barram o fluxo natural do progresso da mente humana; mas antes, o padre e até o leigo em sua função de sábios teriam o direito e até a obrigação de avaliarem racionalmente seus credos e proporem ao público alterações conforme fosse possível.

Deste modo, enquanto antes a religião era a principal responsável por explicar e compreender a realidade, a partir do Século das Luzes essa função passou a ser assumida pela Ciência e pela Razão, a nova portadora da verdade. Toda essa revolução científica e cultural não deixou de ser uma reação ao longo sistema de pensamento baseado na crença. Assim, a partir da disseminação do conhecimento científico moderno, o terreno do sobrenatural caiu no descrédito. Pelo menos para a sociedade letrada que passou a ser mais cética e mais materialista,

A despeito dessa nova concepção de mundo no meio intelectual, o sobrenatural não se extinguiu do imaginário popular. De acordo com Freud<sup>22</sup>, em seu livro *O Infamiliar*<sup>23</sup>, existem três sistemas representativos do mundo: o animista (mitológico), o religioso e o científico. Nos dois primeiros há espaço para o sobrenatural, no terceiro não haveria. Acontece que mesmo diante do sistema científico, o ser humano não deixa de ter em sua formação um pouco (ou muito) dos sistemas animista e religioso. Assevera o psicanalista:

Parece que todos nós, em nosso desenvolvimento individual atravessamos uma fase correspondente a esse animismo dos primitivos e que não nos afastamos dela sem que ela nos legue restos e rastros capazes de expressão, de tal modo que tudo o que hoje nos aparece como “infamiliar” é a condição para que esses restos da atividade psíquica animista ainda nos toquem e estimulem sua expressão” (FREUD, 2020, p. 85).

Além disso, vale lembrar que a crença religiosa também não desapareceu de vez, dirigindo-se do âmbito coletivo para o individual. Assim, em termos de coletividade, o

---

<sup>22</sup> Sigmund Freud (1856-1939)

<sup>23</sup> Em geral, o termo usado por Freud em seu ensaio intitulado *Das Unheimliche*, a que aqui nos referimos e que bebe na fonte de E. T. A. Hoffmann, tem sido traduzido de forma bastante variada. Como se lê no prefácio escrito por Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares (FREUD, 2020), para traduzir esse conceito, "a comunidade psicanalítica costuma oscilar entre palavras como "estranho" ou "inquietante", ou por locuções como "estranho-familiar" (FREUD, 2020, p. 11). Consultando um especialista em língua alemã, obtém-se esta explicação sobre o adjetivo "Unheimlich", que dá origem ao substantivo "Unheimliche": esse adjetivo tem como radical a palavra *Heim*, que significa "lar, casa". A esse radical foi primeiramente adicionado o sufixo *-lich*, obtendo-se um adjetivo com o sentido atual de "secreto". Porém, no alemão medieval, preserva-se o sentido contido em *Heim*, donde sairia a ideia de "familiar" para o adjetivo. Adicionando-se o prefixo *un-*, obtém-se o sentido negativo desse adjetivo.

sobrenatural foi desacreditado; porém, na esfera individual, não deixou de estar presente no imaginário dos homens. Conforme elucida o estudioso David Roas no livro *A ameaça do fantástico*, “[...] a excitação emocional produzida pelo desconhecido não desapareceu, deslocando-se em vez disso para o mundo da ficção” (ROAS, 2014, p. 48). A ciência parecia não dar conta de toda a realidade, permanecia o lado obscuro e, como forma viável de expressão deste, assomava a literatura, como campo fértil de exploração desse lado misterioso da realidade. Portanto, desse confronto entre o homem racional, que julgava já entender como o mundo funcionava, e a permanência do medo do desconhecido, “emoção mais antiga e mais forte da humanidade” (LOVECRAFT, 2008, p.13), nascia uma literatura fantástica que contrastava esses elementos.

Um dos grandes nomes da literatura fantástica, na verdade, um de seus fundadores, é o escritor alemão Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann<sup>24</sup> (1776-1822). Segundo Romero Freitas afirma no posfácio do livro *O Infamiliar*, E.T.A. Hoffmann possuía uma vida multifacetada, sendo simultaneamente “escritor, compositor, professor de música, maestro, diretor de teatro, crítico musical, pintor de cenários, caricaturista, boêmio notório e jurista da alta burocracia prussiana” (FREITAS, *In*: FREUD, 2020, p. 265).

Um de seus contos mais importantes, *O homem da areia*, foi publicado na coletânea *Contos Noturnos* em 1817. A narrativa conta a história de um jovem estudante de filosofia chamado Nathanael, o qual, desde a infância, tinha medo da figura folclórica do homem da areia. Quando criança, Nathanael perguntou à criada quem era o homem da areia, ao que ela respondeu ser um homem muito malvado que jogava areia nos olhos das crianças, que não queriam dormir, arrancando-os e os levando para alimentar seu rebanho. No decorrer da narrativa muitos eventos insólitos acontecem na vida do jovem estudante. O pai de Nathanael sempre recebia a visita de um homem que diziam ser o homem da areia. Um dia Nathanael esconde-se no escritório e descobre que o homem da areia era o advogado Coppelius. Conforme lembrança do jovem, tem-se então uma cena muito sinistra: Nathanael é descoberto no recinto, no momento em que seu pai e Coppelius mostraram uma espécie de laboratório atrás de um armário. O advogado tenta arrancar os olhos do menino, mas é impedido pelas súplicas do pai. Algum tempo depois, em outra visita do advogado, o pai de Nathanael aparece morto. Anos depois, Clara e Lothar, filhos de um parente distante, passam a morar com eles. Nathanael e Clara tornam-se namorados. O jovem muda-se por conta dos estudos. Em sua nova residência, ele recebe a visita de um vendedor de barômetros chamado Coppola, o qual deixa o estudante

---

<sup>24</sup> Mais conhecido como E.T.A. Hoffmann.

atormentado por lembrar bastante a figura de Coppelius. Outro episódio estranho que ocorre com Nathanael é o caso de Olímpia, suposta filha de um professor. Olímpia era muito calada e tinha trejeitos estranhos. Nathanael através do binóculo que comprou de Coppola, observa a jovem e acaba se apaixonando por ela. Esquecido de Clara, ele começa a namorar com Olímpia. Contudo, certa vez, ao chegar na casa do professor, Nathanael presencia uma briga entre o professor e o vendedor Coppola. Ambos seguravam Olímpia, um pelas pernas e o outro pelos braços. Coppola dizia que os olhos eram criação dele e o professor afirmava que todo o mecanismo era sua criação. Nathanael, então, descobre que Olímpia era apenas uma boneca de madeira e tem um acesso de loucura. É internado em um hospício. Tempo depois, Nathanael é curado e volta a morar com sua mãe, Clara e Lothar. Um dia, os três jovens resolvem dar um passeio. Clara e Nathanael sobem a torre da prefeitura para visualizar a cidade. Lá em cima, o rapaz pega o binóculo vendido por Coppola e o utiliza novamente. Ele tem, neste momento, outro ataque de loucura e tenta jogar Clara do alto. Com os gritos, Lothar corre e consegue salvar Clara. Já Nathanael, percebendo a presença de Coppelius no meio da multidão, termina por se matar, jogando-se do alto. Anos depois, Clara se casa e tem dois filhos.

Esse conto de Hoffmann, em especial, inspirou em Freud o conceito do infamiliar. Segundo assevera Freud, “*Infamiliar* seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona” (FREUD, 2020, p. 45). Ou ainda, o infamiliar corresponderia a “[...] algo íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo do recalçamento” (FREUD, 2020, p. 85). Ainda conforme esclarece Freud, existem algumas condições favoráveis ao surgimento do infamiliar, entre elas estão a figura do autômato e a onipotência de pensamento ligada, por sua vez, à questão do pensamento mágico, ou seja, à presença do sobrenatural, daquilo que deveria ter ficado omissos, mas que vem à tona. Esses elementos estão justamente presentes no conto de Hoffmann que trabalha com a questão do animado *versus* o inanimado, a partir da boneca Olímpia, e que aborda o tema do medo de perder os olhos, através da figura sobrenatural do homem da areia.

Com relação aos temas relativos ao sobrenatural, não foi apenas a literatura que os acolheu, também no próprio meio científico surgiram alguns estudiosos que procuraram uma opção menos radical no tangente à relação entre ciência e religião e, em certa medida, inspirando-se em práticas de cunho metafísico e religioso, como a alquimia<sup>25</sup>, das quais a

---

<sup>25</sup> Tendo surgido por volta de 800 a 200 a.C., a alquimia é uma arte que une magia e ciência, combinando elementos de diversas áreas, tais como: química, astrologia, metalurgia, misticismo e religião. Entre os principais objetivos da alquimia estão: a transmutação de metais inferiores em ouro e a conquista do elixir da longa vida, responsável por curar todas as doenças e por dar vida eterna a quem o ingerisse (FERREIRA, 2012).

própria ciência iluminista é herdeira. Sobre o Iluminismo, o pesquisador Paulo Henrique de Figueiredo pondera:

Realmente, uma oposição ao dogmatismo imposto pela Igreja nos séculos anteriores foi um posicionamento comum entre os iluministas. Mas, como alternativa ao materialismo, o espiritualismo racional foi uma posição adotada por muitos pensadores, filósofos e pesquisadores do Século das Luzes. [...] Sem deixar de serem científicos, combatiam o materialismo e o ateísmo, mantinham a crença num Deus criador e impessoal, na alma espiritual e imortal, e numa lei moral universal. (FIGUEIREDO, 2007, p. 231)

Entre esses pesquisadores estão o médico alemão Franz Anton Mesmer (1734-1815), às vezes também citado como Friedrich Anton Mesmer<sup>26</sup>, e o pedagogo e tradutor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), depois conhecido como Allan Kardec, respectivamente responsáveis pela teoria do magnetismo animal e pela codificação da doutrina espírita. Antes de abordá-los, porém, não podemos deixar de comentar sobre a figura singular do destacado polímata Emmanuel von Swedenborg. Nascido em Estocolmo no dia 29 de janeiro de 1688, Swedenborg destacou-se em várias áreas do saber e ficou conhecido como um grande vidente. Pelo impacto causado pelo médium sueco, o escritor Arthur Conan Doyle (1850-1930)<sup>27</sup> escolheu justamente a história de Swedenborg como capítulo inicial de sua obra *História do Espiritismo*, de 1926. Para Doyle, Swedenborg era um verdadeiro “amontoado de conhecimentos”:

Ele era, antes de mais nada, um grande engenheiro de minas e uma autoridade em metalurgia. Foi o engenheiro militar que mudou a sorte de uma das muitas campanhas de Carlos XII, da Suécia. Era uma grande autoridade em Física e em Astronomia, autor de importantes trabalhos sobre as marés e sobre a determinação das latitudes. Era zoologista e anatomista. Financista e político, antecipou-se às conclusões de Adam Smith. Finalmente, era um profundo estudioso da Bíblia, que se alimentara de teologia com o leite materno e viveu na austera atmosfera evangélica alguns anos de vida. (DOYLE, 1995, p. 34)

Swedenborg notabilizou-se mais ainda pelas visões que teve no decorrer de sua vida. Um dos casos mais conhecidos foi o de Gothenburg, quando o vidente descreveu com detalhes um incêndio que estava acontecendo a trezentas milhas de distância em Estocolmo, posteriormente confirmado. Swedenborg estava em um jantar e teve dezesseis testemunhas de sua visão. A partir das visões que afirmou ter acerca da realidade espiritual, o médium chegou a algumas conclusões muito próximas do futuro espiritismo, entre elas citamos algumas (DOYLE, 1995):

<sup>26</sup> Mesmer nasceu numa localidade chamada Itznang que, àquela época, era austríaca, mas que depois se tornou alemã.

<sup>27</sup> O escritor e médico Arthur Conan Doyle, criador do famoso detetive Sherlock Holmes, converteu-se ao espiritismo após perder seu filho mais velho na 1ª Guerra Mundial. Doyle escreveu obras teóricas e literárias acerca do espiritismo.

- Esse outro mundo para onde todos vamos após a morte é constituído de várias esferas com diferentes graus de luminosidade e felicidade.
- Cada um irá para a esfera que mais condiz com sua condição espiritual.
- Somos julgados de modo automático como resultado global de nossa vida.
- As esferas assemelhavam-se ao mundo terreno, lá há casas, templos, auditórios, palácios, escolas, bibliotecas, academias, museus etc.
- Há anjos e demônios, mas são seres humanos altamente desenvolvidos ou almas retardatárias.
- Não mudamos com a morte, levamos nossos hábitos mentais, conhecimentos e paixões.
- Não há penas eternas, de maneira que se pode sair dos infernos contanto que se trabalhe para este objetivo e os que se encontram nos céus podem também procurar uma elevação maior.

Em outros pontos, porém, ambas as doutrinas, a de Swedenborg e a espírita, divergem, tais como: a questão da revelação das doutrinas. A doutrina espírita se deu de forma coletiva, ou seja, vários espíritos, através de diversos médiuns/sensitivos, em locais diferentes, cujas mensagens foram selecionadas e examinadas por Allan Kardec. No caso de Swedenborg, a revelação foi individual, isto é, ele se considerava único portador da mensagem de Deus para a verdade. Além disso, Swedenborg não admitia a reencarnação, que é um dos princípios basilares da doutrina espírita. Ele também não acreditava na preexistência do espírito antes da concepção. Para o vidente, o espírito é criado junto com o corpo físico, para os espíritas, o espírito é anterior à criação do corpo. Embora também não acreditasse na Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), para Swedenborg Jesus seria a encarnação do Deus único, diferentemente da doutrina espírita, que vê Jesus como um espírito criado por Deus e, por ser o mais evoluído que se conhece, é o modelo, exemplo e guia para a humanidade.

Existem ainda algumas diferenças quanto à classificação do mundo espiritual, Swedenborg divide o pós-morte em três locais, a saber: os céus (existem três), lugares intermediários e os infernos (existem três). Para o espiritismo não existem céu e inferno, mas estados da alma temporários passíveis de mudança. Apesar das divergências existentes entre as doutrinas, os espíritas consideram Emanuel von Swedenborg como um dos precursores das ideias constituintes do espiritismo.

Justamente pela proximidade que há entre o swedenborgianismo e o espiritismo, podemos afirmar que indiretamente é possível identificar em *A Rainha do Ignoto* a presença da

doutrina do médium sueco, como na passagem abaixo:

— Eu busco, nesse espaço dilatado,  
O caminho do céu... de outro planeta  
Para onde meu ser vá transportado,  
Quando quebrar da vida esta grilheta. (FREITAS, 2020, p. 60)

No poema acima escrito pela Rainha do Ignoto, percebemos a ideia da imortalidade da alma e da liberdade que representa a passagem da vida terrena, limitada, para a vida no Além. De modo análogo a sua protagonista, também a escritora Emília Freitas encontra em trechos, como o acima citado, um espaço para passar para a literatura sua crença na vida além-morte.

## 2.2 A teoria do magnetismo animal e o hipnotismo

Segundo estudiosos como Carlos Bernardo Loureiro e Paulo Henrique Figueiredo, os estudos sobre o magnetismo remontam à Antiguidade; porém, após opressões religiosas, emergem de forma mais meticulosa por volta do século XVI com o médico, precursor do magnetismo moderno, Paracelso.<sup>28</sup> Médico, filósofo e alquimista, Paracelso revolucionou a medicina de seu tempo, na medida do possível, como alvo que foi de perseguições. De influência platonista e hipocrática, Paracelso procurou separar a medicina da superstição, mas não deixou de relacioná-la à filosofia, astrologia e alquimia, sendo outrossim o precursor da homeopatia. Procurou como médico adquirir conhecimento também com a medicina popular, até mesmo com açougueiros e barbeiros, diz-nos Figueiredo (2007, p. 215); além de realizar um acompanhamento mais intenso com seus pacientes sempre no intuito de aprender mais. Muito observador, baseava seus conceitos ainda nas leis naturais. Conforme elucida Loureiro, em seu livro *Espiritismo e Magnetismo*, “o magnetismo de Paracelso é a vida universal. Para ele tudo é vivente; a vida, que existe nos metais, como nas plantas, pode ser transmitida destes ao homem.” (LOUREIRO, 1997, p. 10) Afirma ainda o pesquisador que o termo “magnetismo” proveio de Paracelso ao comparar a “força emitida pelo homem à atração que o ímã (magnete) exerce sobre o ferro” (LOUREIRO, 1997, p. 10). Todavia, é através do também médico Franz Anton Mesmer que o magnetismo adquire uma teoria mais consistente e propaga-se de modo mais intenso, especialmente na Europa.

Falar sobre Mesmer, contudo, é trazer à baila uma figura sobremodo polêmica, com seguidores, mas também com muitos opositores, tanto religiosos, quanto cientistas e colegas médicos. Pelo uso inicial de ímãs, barras de ferro e outros instrumentos, pela ação de colocar música em algumas sessões, pelas convulsões de seus pacientes ou pelo fato de Mesmer ter

---

<sup>28</sup> Philippus Aureolus Theophrastus Bombast von Hohenheim Paracelsus, Suíça, 1493 -1541

cobrado para passar seus conhecimentos para seus discípulos, a imagem de Mesmer é muitas vezes associada à do charlatão.

Em seu livro *Mesmer: a ciência negada e os textos escondidos*, Figueiredo realiza um significativo resgate acerca dos estudos mesmerianos, incluindo em seu trabalho uma biografia de Mesmer, um levantamento histórico da medicina desde a antiguidade até a contemporaneidade do magnetizador, comparação do magnetismo com aspectos do espiritismo e a tradução para o português, realizada por Álvaro Glerean<sup>29</sup>, de três das principais obras de Mesmer. Assim, sobre o fundador do mesmerismo, iremos destacar alguns tópicos que consideramos relevantes para o presente trabalho.

Nascido em 23 de maio de 1734, em Itznang no Ducado da Suábia (atual Alemanha), Franz Anton Mesmer pertencia a uma família católica e abastada, sendo assim tranquilo para o pai de Mesmer ter propiciado uma excelente formação correspondente à vontade e à inteligência do filho. A educação de Mesmer iniciou, portanto, no Mosteiro de Reichenau em 1743, onde ele estudou línguas, literatura e música. Aos quinze anos, o jovem Mesmer ingressou com bolsa de estudos na Universidade jesuíta de Dilligen, na Baviera, na atual Alemanha. Concluída a faculdade de filosofia em 1754, iniciou o curso de teologia na Universidade de Ingolstadt. No ano de 1759, Mesmer principiou sua terceira faculdade, estudando Direito na Universidade de Viena; transferiu-se, entretanto, para o curso de medicina reformulado por Gerhard van Swieten, discípulo de Boerhaave – o chamado “Hipócrates holandês”. Em 1766, Mesmer conquistou seu doutorado em medicina com a obra *Dissertatio physico-medica de planetarum influxu* (da influência dos planetas sobre o corpo humano).<sup>30</sup>

Isto posto, na ampla formação de Mesmer estão presentes, entre outras, a influência do pensamento de Platão, Sócrates e Hipócrates e a abordagem inovadora no campo da medicina de Hermann Boerhaave e Gerhard van Swieten. Estes seguiam um caminho distinto da medicina estagnada, baseada primordialmente em livros escritos no século II; conforme esclarece Paulo Henrique Figueiredo, Boerhaave estimulava seus discípulos a tirarem suas conclusões também a partir da observação e acompanhamento dos pacientes. Sobre estas influências nos estudos de Mesmer, destacamos duas passagens do livro de Figueiredo:

Para Sócrates, o homem é a sua alma, e é preciso despojá-la, submetê-la à prova para curá-la. [...] Para Hipócrates, que fundou a medicina científica, a saúde e o corpo não são realidades isoladas, mas partes de um amplo conjunto de fatores, desde o ambiente até questões sociais. A palavra fundamental para representar a saúde, portanto, é *harmonia*. (2007, p. 64, grifo do autor)  
[...] Boerhaave estudava os fluxos que percorrem os tubos, vasos e órgãos sólidos que

<sup>29</sup> Álvaro Glerean: formado em medicina pela Escola Paulista de Medicina (atual Unifesp); Doutor em ciências pela Universidade de São Paulo; tradutor de livros científicos da língua francesa.

<sup>30</sup> Assunto que será tratado mais à frente.

controlam os humores corporais, criando uma nova teoria: o solidismo. Retomando Hipócrates, Boerhaave dizia que no estado de saúde tudo encontra seu próprio equilíbrio, e a doença era um fator desequilibrante relacionado com a obstrução ou a estagnação da *vis naturae*. (FIGUEIREDO, 2007, p. 69, grifo do autor)

Assim sendo, observa-se, por um lado, o retorno a princípios de alguns filósofos mais antigos; por outro, uma assimilação dessa linha de pensamento a partir de estudos mais contemporâneos. Todos, porém, convergindo para a busca de um equilíbrio; colocando a saúde como uma harmonia de fluxo contínuo. É nessa direção que Mesmer desenvolve sua terapia do magnetismo animal, como veremos a seguir.

Em seu livro *Memória sobre a descoberta do magnetismo animal*, de 1779, Mesmer esclarece partir de sua dissertação acerca da influência dos planetas sobre o corpo humano para a elaboração da teoria sobre o magnetismo animal. A partir dos princípios conhecidos da atração universal nas órbitas dos planetas e da interferência do sol e da lua sobre nosso globo causando o fluxo e o refluxo do mar, Mesmer considera que todas essas esferas exerçam também uma ação direta sobre as partes constitutivas dos corpos animados, especialmente sobre o sistema nervoso, através de um fluido que a tudo penetra. A ação se daria pela intenção e remissão das propriedades da matéria e dos corpos organizados: gravidade, coesão, elasticidade, irritabilidade e eletricidade. Assim, a intenção e a remissão das ditas propriedades estariam sujeitas ao mesmo princípio do fluxo e refluxo dos mares de modo a gerar nos corpos animados efeitos alternativos semelhantes às marés, daí as revoluções periódicas observadas nos corpos, inclusive nas doenças (MESMER, *apud* FIGUEIREDO, 2007).<sup>31</sup>

Ainda na mesma obra, Mesmer elenca 27 proposições, nas quais expõe de modo breve os conceitos e ideias relativas à sua teoria do magnetismo animal. Conquanto um tanto extenso, consideramos relevante citar, a seguir, algumas dessas proposições:

1. Existe uma influência mútua entre os corpos celestes, a Terra e os corpos animados.
2. Um fluido universalmente expandido e contínuo de modo a não sofrer qualquer vazio, cuja sutileza não permite nenhuma comparação, e que por sua natureza é suscetível de receber, propagar e comunicar todas as impressões do movimento, é o meio dessa influência.
3. Essa ação recíproca está submetida a leis mecânicas, desconhecidas até o presente.
4. Resultam desta ação efeitos alternativos que podem ser considerados como um fluxo e refluxo.
5. Este fluxo e refluxo é mais ou menos geral, mais ou menos particular, mais ou menos composto, segundo a natureza das causas que o determinam.

---

<sup>31</sup> MESMER, *In*: FIGUEIREDO, 2007; tradução de Álvaro Glerean.

6. É por esta operação (a mais universal dentre aquelas que a natureza nos oferece) que as relações de atividade se exercem entre os corpos celestes, a terra e suas partes constitutivas.

7. As propriedades da matéria e dos corpos organizados dependem desta operação.

8. O corpo animal sofre os efeitos alternativos desse agente, e é se insinuando na substância dos nervos que ele os afeta imediatamente.

9. Manifestam-se particularmente no corpohumano propriedades análogas àquelas do ímã, distinguindo-se pólos igualmente diversos e opostos, que podem ser comunicados, mudados, destruídos e reforçados. O fenômeno da inclinação também pode ser observado.

10. A propriedade do corpo animal que o torna suscetível à influência dos corpos celestes e da ação recíproca daqueles que o cercam, manifestada por sua analogia com o ímã, levou-me a nomeá-la MAGNETISMO ANIMAL.

11. A ação e a virtude do magnetismo animal, assim caracterizadas, podem ser comunicadas a outros corpos animados e inanimados. Uns e outros são, no entanto, mais ou menos suscetíveis. [...]

17. Esta virtude magnética pode ser acumulada, concentrada e transportada. [...]

20. O ímã, seja natural, seja artificial, é, assim como os outros corpos, suscetível do magnetismo animal, e mesmo da virtude oposta, sem que nem em um nem em outro caso, sua ação sobre o ferro e a agulha sofra alguma alteração, o que prova que o princípio do magnetismo animal difere essencialmente daquele do mineral. [...]

23. Reconhecer-se-á pelos fatos, após as regras práticas que estabelecerei, que este princípio pode curar imediatamente as doenças dos nervos, e indiretamente as demais.

24. Que apenas com sua ajuda, o médico é esclarecido sobre o uso dos medicamentos; que sua ação é aperfeiçoada, e que ele provoca e direciona as crises salutares, de maneira a se tornar o seu dirigente. (MESMER, *apud* FIGUEIREDO, 2007, p. 328-330)

Consoante as proposições acima citadas, para Mesmer, existe um fluido universal que a tudo permeia, embora não seja possível comensurar tal fluido. Tudo está interligado desde os corpos celestes até os corpos animados e tudo está sujeito ao movimento de fluxo e refluxo do fluido universal que vai variar de acordo com cada organismo. Segundo Mesmer, o corpo humano, semelhante ao ímã, também possui polos opostos. Por isso, no processo de magnetização individual, Mesmer orientava que o magnetizador deveria colocar-se de frente para o paciente, estabelecendo, deste modo, uma ligação de polos direitos e polos esquerdos. Um ponto interessante sobre o magnetismo animal, como dito acima, é o fato da virtude magnética poder ser acumulada e transferida tanto para corpos animados, quanto para corpos inanimados. Daí o uso de ferramentas como os próprios ímãs, barras de ferro, reservatórios com água, entre outros. Porém, para que não confundissem o magnetismo mineral com o magnetismo animal, Mesmer acabou por deixar de utilizar tais instrumentos. Todavia, continuou com a transferência magnética entre os corpos animados, dispendo muitas vezes os

pacientes em círculos para que o fluido magnético passasse de um para outro por meio do contato das mãos. Para o criador do mesmerismo, somente um médico com um bom conhecimento acerca do magnetismo animal poderia realizar as diversas curas possíveis através da magnetização.

Expostos esses pontos básicos do magnetismo animal, vale ponderarmos que Mesmer, como médico, concentrou-se mais em um aspecto do magnetismo: a função de curar; entretanto, o magnetismo também proporcionava alterações no estado de consciência do magnetizado, provocando o estado conhecido como sonambulismo que também ocorre de forma natural, espontânea em algumas pessoas. A partir de experiências e observações das magnetizações, Mesmer chegou à conclusão de que o ser humano é dotado de um sentido *interior* (como um sexto sentido) que se relaciona com o universo por meio do fluido universal. Este sentido seria inato em nós e poderia ser intensificado no estado sonambúlico.

No livro *Memória de F. A. Mesmer, doutor em medicina, sobre suas descobertas*, de 1799, o médico suábio afirma que o sono não é um estado negativo ou a simples ausência da vigília:

[...] as faculdades no homem adormecido não só não estão suspensas como agem muitas vezes com mais perfeição que na vigília. Observa-se que certas pessoas adormecidas andam, conduzem-se e produzem atos bem coordenados, com o mesmo reflexo, a mesma atenção e a mesma exatidão como se estivessem acordadas. É ainda mais surpreendente ver faculdades chamadas *intelectuais* serem levadas a um tal grau, que ultrapassam infinitamente aquelas no estado ordinário. Nesse estado de crise, esses seres podem prever o futuro, e tornar presente o passado mais remoto. Seus sentidos podem se estender a todas as distâncias e a todas as direções, sem qualquer obstáculo. [...] A vontade de outras pessoas pode lhe ser comunicada independentemente de todos os meios convencionais. (MESMER, *apud* FIGUEIREDO, 2007, p. 544-545)

Assim, através desse aguçamento intelectual do sonambulismo, Mesmer procurou explicar muitos fenômenos considerados metaempíricos como predições, telepatia, entre outros. Porém, como dissemos acima, sua pesquisa focou mais na cura de doenças. Outros magnetizadores, contudo, aprofundaram-se nos estudos do sonambulismo, em especial os irmãos franceses Jacques e Maxime Paul de Puységur.

O divulgador do magnetismo animal esforçou-se sobremodo para ser reconhecido no meio científico, todavia, sua teoria não foi aceita. Mesmer desistiu de tentar convencer a comunidade científica, continuando, porém, seus tratamentos com magnetismo. Faleceu na cidade de Meersburg, na Suábia, aos oitenta e um anos. Embora o descrédito acadêmico de muitos com relação ao magnetismo animal, Mesmer teve muitos seguidores, entre eles: na França, os irmãos Puységur, Joseph Deleuze, Jules Denis du Potet, Charles Lafontaine, Durand de Gros, Aubin Gautier, Charpignon, Ricard Despina e Bruno Billot; na Inglaterra, Elliotson,

Gregory, Haddock, James Esdaile e Spencer Timophy Hall; na Alemanha, Eberhard Gmelin, Arnold Wienholt, Karl Kluge e Dietrich Georg Kieser. Dentre eles, vale lembrar aqui a contribuição dos irmãos Jacques e Máxime Paul de Puységur, quanto à questão do trabalho com o sonambulismo. Segundo Figueiredo, o marquês Jacques de Puységur, “além de fazer uso do mesmerismo como terapia, difundiu o emprego do estado sonambúlico como instrumento para o diagnóstico, o acompanhamento e a previsão de cura de seus pacientes” (FIGUEIREDO, 2007, p. 29). Já seu irmão, o também estudioso do magnetismo animal, visconde Maxime de Puységur escreveu uma obra sobre os fenômenos do sonambulismo chamada *Rapport des cures opérées a Bayonne par le magnétisme animal* em 1784, neste livro há o relato das curas que o visconde operou em Bayonne.

O magnetismo espalhou-se pela Europa, chegando também aos Estados Unidos e ao Brasil. Foram criados periódicos e sociedades de magnetistas e magnetizadores, como: na França, “Jornal do Magnetismo”, “Sociedade de Magnetismo de Paris” e “Sociedade Filantrópica Magnética de Paris”; em Genebra, o periódico “Magnetizador”; no Brasil, o “Jornal Científico de Propaganda da Magnetotherapia” fundado em 1861 por Eduardo Monteggia, assim como a “Sociedade de Propaganda do Magnetismo” e o “Júri Magnético do Rio de Janeiro”, ambos criados também no ano de 1861, só para citar alguns (FIGUEIREDO, 2007).

Em pesquisa à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, verificamos um número considerável de ocorrências do verbete “magnetismo animal”. No período que vai de 1880 a 1889, por exemplo, foram encontrados vários periódicos que citavam ou abordavam a questão do magnetismo animal através de notas ou artigos. Entre os jornais que apareceram na pesquisa com mais incidência estão: *O Reformador* (RJ) com 47 ocorrências, *O Paiz* (MA) com 38 ocorrências, *Diário de Pernambuco* com 20 ocorrências, *Gazeta de Notícias* (RJ) com 11 ocorrências e *Jornal do Commercio* (RJ) com 9 ocorrências. Já na década seguinte, que vai de 1890 a 1899, foram encontrados os seguintes resultados: *O Paiz* (MA) com 13 ocorrências, *Jornal do Brasil* (RJ) e *O Reformador* (RJ) ambos com 11 ocorrências, *Correio Paulistano* (SP), *Jornal do Commercio* (RJ) e *Jornal do Recife* (PE) todos com 7 ocorrências, entre vários outros periódicos com um número menor de ocorrências. Apenas a título de ilustração, colocamos abaixo fotos de um artigo que aborda o magnetismo animal relatando experiências verídicas de um estudioso da época chamado doutor Liégeois, professor da Faculdade de Nancy.

Figura 8: Magnetismo animal (parte superior)



Fonte: *Jornal O Paiz* (MA), 11 de março de 1885

Figura 9: Magnetismo animal (parte inferior)



Fonte: *Jornal O Paiz* (MA), 11 de março de 1885

O artigo<sup>32</sup> começa com a frase: “Magnetismo, hipnotismo, ilusões de ontem, realidade de hoje” e afirma, em seguida, que foi necessário muito tempo para que se estudassem os fatos estranhos ligados a essa fenomenologia, mas que naquela atual época já estava fora de contestação a veracidade desses fatos. Passa então a comentar o trabalho realizado pelo doutor Liégeois, o qual hipnotizou considerável número de pessoas sãs, tendo chegado às seguintes conclusões: o hipnotizado torna-se um autômato inconsciente; ele pode conservar durante dias e semanas vestígios desse automatismo; as sugestões anteriores persistem muito tempo e podem forçá-lo a cometer atos independentes de sua vontade. Segundo o estudioso, até mesmo atos criminosos. Após citar diferentes exemplos de hipnotismo, o doutor Liégeois assevera que, em relação à justiça civil e criminal, a sugestão hipnótica pode exercer relevante papel, de maneira que os magistrados deveriam levar em conta essa possibilidade e tentar descobrir o verdadeiro culpado pelos crimes, ou seja, o autor das sugestões.

Esse é apenas um exemplo do que se falava acerca do magnetismo animal na segunda metade do século XIX. A despeito das diversas opiniões, não se pode negar, que o magnetismo animal tornou-se um fenômeno, como assunto, presente não só no meio acadêmico, como em todas as rodas de conversa e eventos, especialmente, no período que vai de 1775 a 1880, o que viria acontecer também com o fenômeno das mesas girantes.<sup>33</sup>

Com relação mais precisamente ao termo “hipnotismo”, este aparece através do trabalho de outro médico nascido no Reino Unido em 1795, o cirurgião James Braid. No livro *O que é hipnotismo*, o autor Osmard Faria comenta que, a princípio, o médico escocês não acreditava no magnetismo animal até presenciar uma sessão de magnetismo na qual o paciente realmente não sentiu dor. Em outra ocasião, observou que na estafa visual residiria um dos métodos da indução ao sono (FARIA, 1986). Passou assim, por seu turno, a estudar o mesmerismo e fazer, ele mesmo, experiências, chegando às seguintes conclusões:

O fenômeno mesmérico ou que outro nome lhe quisessem dar era puramente subjetivo e independia radicalmente de qualquer poder mágico, astral, fluídico, mineral, demoníaco ou similares. [...] Como tal, o fenômeno mesmérico seria de natureza física, mecânica, funcional, devendo-se tão somente a uma alteração produzida nos órgãos da visão ou dos sentidos, levando a um esgotamento do centro visual por estimulação continuada e monótona. E [...] que o sono mesmérico, ou magnético ou sonambúlico deveria ser algo semelhante ao sono comum, porém, jamais, um sono autêntico, real [...]. Nascia com Braid [...] uma técnica de indução do sono hipnótico ainda hoje empregada, a da fixação do olhar. (FARIA, 1986, p. 31)

Em 1843, Braid publica o livro *Neurypnology*, no qual cunhou o termo “hipnose” (uma derivação de *Hypnos*, deus grego do sono). Em *História da hipnose*, João Tavares comenta que,

<sup>32</sup> A transcrição dessa matéria encontra-se no anexo B, página 182.

<sup>33</sup> O tema das mesas girantes será tratado na próxima seção.

para Braid, a indução hipnótica dependia principalmente da vontade e capacidade de concentração do paciente e que, através da hipnose, era possível incutir ideias e vontades no sujeito hipnotizado. Acrescenta ainda que o processo anestésico ocorria por meio da inibição verificada em uma parte do cérebro (TAVARES, 2010).

Entre outros estudiosos do hipnotismo, destacamos ainda os nomes de Charcot, Bernheim e Freud. O médico neurologista Jean Martin Charcot (1825-1893) era o diretor do Hospital de Salpêtrière, localizado em Paris, e associava a hipnose à histeria. Conforme colocação de Cláudio Rubin:

Charcot concedia à hipnose um grau de objetividade semelhante ao considerado em relação à histeria, a partir do aprofundamento da pesquisa sobre a hiperexcitabilidade muscular presente nos pacientes histéricos submetidos à hipnose. Nesse panorama, o papel da hipnose foi sendo revisado e aproximado de forma direta ao fenômeno histórico, de maneira tal que por volta de 1882 a hipnose foi considerada por Charcot uma “neurose experimental”. (RUBIN, 2017, p. 107)

Essa concepção de Charcot acerca da hipnose foi refutada pela Escola de Nancy, especialmente, pela figura de Hypolyte Bernheim (1837-1919). Segundo este médico, também pesquisador do hipnotismo, a hipnose não correspondia a um estado de histeria; baseando-se, principalmente na ideia da sugestão, Bernheim afirmava que o estado hipnótico não era uma neurose, mas um estado fisiológico, e poderia se manifestar em maior ou menor medida em todos os seres humanos (RUBIN, 2017).

Discípulo de Charcot, Freud inicialmente também trabalhou com o hipnotismo. Através da hipnose, Freud relembra experiências traumáticas do passado de seus pacientes. Segundo nos informa Tavares: “É no desenvolvimento deste trabalho que Freud descobre o *rapport* e a transferência entre paciente e médico, conduzindo-o à exploração das capacidades do subconsciente” (TAVARES, 2010, p. 6). Em Paris, Freud estudou com Charcot e depois estudou em Nancy, onde conheceu Bernheim e as técnicas de hipnose que este utilizava. Em seu prefácio à tradução de *La Suggestion*, do Dr. Bernheim, de 1888, Freud afirma que o hipnotismo era um assunto que não podia mais ser negligenciado pelos médicos. Assevera também que o trabalho do Dr. Bernheim primava por retirar as manifestações do hipnotismo do seu mistério, conectando, portanto, esses fenômenos com a vida psicológica normal e com o sono. Além disso, a “sugestão” é colocada como núcleo do hipnotismo e “chave para sua compreensão”. Freud esclarece também que o livro de Bernheim traz evidências convincentes do alcance terapêutico do uso da sugestão hipnótica no tratamento de determinados distúrbios nervosos. Ainda no mesmo prefácio, Freud considera quanto ao uso da hipnose que “tudo o que

é necessário é que o procedimento seja efetuado com cuidado, de modo suficientemente seguro e em casos corretamente selecionados” (FREUD, 2003, p. 11).

Já em seu artigo *Hipnose*, de 1891, Freud (2003) traz outros apontamentos interessantes sobre o hipnotismo. De acordo com o psicanalista austríaco, a técnica da hipnose é um método difícil e todo médico que queira utilizá-la deverá aprendê-la com um mestre na arte de hipnotizar e deverá ter bastante experiência para poder obter êxito. Como regra é adequado não impor o tratamento da hipnose ao paciente. O ideal é que o paciente a partir de ideias corretas acerca da hipnose aceite o tratamento. A maioria das pessoas são hipnotizáveis, mas existem algumas que não são; não há uma causa conhecida para este fato. Ao falar sobre contra quais doenças pode-se usar a hipnose, Freud considera: “empregaremos esse método apenas em casos de doenças nervosas puramente funcionais, em doenças de origem psíquica, bem como em casos de dependência de tóxicos e outras dependências” (FREUD, 2003, p. 38). O psicanalista também detalha nesse artigo um dos métodos de hipnose, conforme esclarece, coloca-se o paciente em uma cadeira confortável, pede-se a atenção do paciente e também que este fique sem falar. Remove-se-lhe qualquer roupa apertada, escurece-se o ambiente e mantém-se o silêncio. Continuando, o médico tem a seguinte atitude:

Sentamo-nos em frente ao paciente e pedimos-lhe que fixe os olhos em dois dedos da mão direita do médico e, ao mesmo tempo, observe atentamente as sensações que passará a sentir. Depois de curto espaço de tempo, um minuto, talvez, começamos a persuadir o paciente a sentir as sensações do adormecer. Por exemplo: "Estou reparando que as coisas estão indo rápido no seu caso: seu rosto assumiu um aspecto fixo, sua respiração ficou mais profunda, você ficou mais tranquilo, suas pálpebras estão pesadas, seus olhos estão piscando, você não pode mais ver com muita clareza, logo terá de engolir, depois vai fechar os olhos - e você está dormindo". (FREUD, 2003, 39-40)

Freud afirma então que chegado a esse estágio o médico já pode realizar as sugestões hipnóticas e é aqui que reside o verdadeiro valor terapêutico da hipnose. As sugestões consistem em uma “enérgica negação dos males” objetos de queixa do paciente. São utilizadas frases do tipo “você não sente mais dores neste lugar”. Estas sugestões possuem um efeito maior se, por exemplo, o médico pressionar a região que havia sido queixa de dor.

Sobretudo, Freud interessou-se pelos fenômenos da sugestão pós-hipnótica, observando que o comportamento podia ser influenciado não apenas pelo consciente, mas também pelo inconsciente. Todavia, o psicanalista acabou por abandonar a hipnose uma vez que os resultados atingidos desapareciam assim que houvesse qualquer distúrbio na relação entre médico e paciente.

A partir de James Braid, o hipnotismo começou a ganhar uma feição científica mais materialista, mas não perdeu de todo a aura de poder especial que acompanhou o magnetismo

animal de Mesmer. E é esse magnetismo ou esse hipnotismo mais enigmático, os termos são muitas vezes usados quase como sinônimos, que adentra o campo da literatura fantástica.

Sobre essa proximidade entre os dois termos inclusive vale ressaltarmos que, em *A Rainha do Ignoto*, apenas aparece o termo hipnotismo, mas a relação do espiritismo é com o magnetismo mesmo, conforme será comentado mais adiante. Acontece que o termo hipnotismo acabou tendo uma aceitação maior em comparação ao termo magnetismo.

### **2.3 Allan Kardec e o espiritismo**

Falando sobre o contexto histórico europeu que precedeu a chegada da doutrina espírita, o livro *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*, organizado por Cecília Rocha (2010), destaca os seguintes acontecimentos: a Revolução Francesa, na qual cai por terra o Regime Absolutista; a Revolução Industrial, responsável por grandes inovações científicas e tecnológicas; o surgimento de teorias filosóficas e sociais como o Positivismo de Auguste Comte, teoria baseada na certeza racional e científica, e o Marxismo de Karl Marx, doutrina baseada em um coletivismo, sem divisão de classes. Na esfera científica de forma mais detida, destacam-se: os trabalhos sobre microbiologia de Louis Pasteur, as pesquisas de Pierre e Marie Curie, acerca das energias emitidas pelo rádio, e a teoria da origem e evolução das espécies de Charles Darwin.

Dois fenômenos em especial antecedem o advento do espiritismo: o caso de Hydesville e as chamadas “mesas girantes”. O primeiro aconteceu em 1848 em uma humilde casa no vilarejo de Hydesville nos EUA. Segundo relata DOYLE (1995), a família Fox constituída pelo casal John e Margaret Fox e suas filhas mais novas Margaret, de 14 anos, e Kate, de 11 anos, passam a morar em uma casa, já conhecida como assombrada, no dia 11 de dezembro de 1847. No ano seguinte, a família começa a ouvir estranhos ruídos como batidas e arranhões nas portas e no assoalho da casa, outras vezes, parecia o arrastar de móveis e por mais que procurassem não encontravam explicação para os ruídos. A família não conseguiu ignorar as insólitas pancadas que se tornaram cada vez mais fortes e perturbadoras, até que na noite de 31 de março de 1848, a caçula Kate Fox resolveu desafiar o responsável pelas pancadas a repetir as batidas com as estaladas que ela fazia com os dedos. O pedido foi prontamente atendido. A partir de então, teve início uma espécie de diálogo por meio das batidas. Perguntaram se se tratava de um homem, resposta negativa. Se era um espírito, resposta afirmativa. Acabou-se descobrindo tratar-se de um mascate que havia sido assassinado por um inquilino antigo e que havia sido enterrado na adega da própria casa.

O episódio atraiu a atenção dos vizinhos mais próximos, depois de mais pessoas, ao

ponto de chegar a ter mais de trezentas testemunhas que foram até a casa e ouviram as batidas. Foram estabelecidos inquéritos e comissões investigativas e as pessoas dividiam-se entre os que acreditavam e os que achavam que tudo não passava de uma fraude. O caso foi discutido por muitos anos. A respeito do assunto, Conan Doyle cita, em seu livro *História do Espiritismo*, uma nota do *Boston Journal*, folha não espírita, de 23 de novembro de 1904, que diz o seguinte:

Rochester, N. Y., 22 de novembro de 1904: O esqueleto do homem que se supõe ter produzido as batidas, ouvidas inicialmente pelas irmãs Fox, em 1848, foi encontrado nas paredes da casa ocupada pelas irmãs e as exime de qualquer sombra de dúvida concernente à sua sinceridade na descoberta da comunicação dos Espíritos. (*apud* DOYLE, 1995, p. 82)

Essa habilidade afigurou-se inicialmente ser exclusiva das irmãs Fox, mas não demorou muito e uma espécie de “nuvem psíquica”, como diz Doyle, pareceu descer sobre várias partes do mundo apresentando muitos fenômenos mediúnicos. O próximo estágio da comunicação entre a dimensão material e a espiritual abandonaria as batidas nas portas e paredes e passaria a ser realizado através de mesas. O estudioso Zêus Wantuil, no livro *As mesas girantes e o espiritismo*, comenta que teriam sido os próprios espíritos os responsáveis por sugerir uma nova forma de comunicação:

[...] bastava simplesmente que se colocassem ao redor de uma mesa, em cima da qual se poriam as mãos. Levantando um dos seus pés, a mesa daria (enquanto se recitava o alfabeto) uma pancada toda vez que fosse proferida a letra que servisse ao Espírito para formar as palavras. Este processo, ainda que muito lento, produziu resultados excelentes, e assim se chegou às mesas girantes e falantes. (WANTUIL, 1978, p. 7-8)

**Figura 10:** Mesa Girante



Fonte: IEDE – Estudos Espíritas Online<sup>34</sup>

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.iede.online/tudo-come%C3%A7ou-com-as-mesas-girantes>. Acesso em 22 jul. 2024.

Também chamadas de mesas dançantes, as mesas receberam essa denominação, pois não se limitavam a se levantar sobre um pé, mas giravam, ficavam totalmente suspensas no ar e se movimentavam em todas as direções. Esse fenômeno espalhou-se pelos Estados Unidos, chegando também na Europa por volta de 1852. Atraiu uma infinidade de curiosos, virou divertimento; mas chamou, outrossim, a atenção de algumas personalidades mais sérias, muitos céticos que procuravam desmascarar o fenômeno, mas que muitas vezes, porém, tinha o efeito contrário, atraindo mais um adepto para o espiritualismo já em voga. Entre estes pesquisadores, estava o professor Rivail.

Segundo nos informa o livro do *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita* (2010), Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu em três de outubro de 1804, na cidade de Lyon na França. Filho de uma nobre família de magistrados, Rivail não seguiu a carreira da magistratura, tendo desde cedo revelado inclinação para as ciências e para a filosofia. Aos dez anos, o menino lionês foi enviado para a Suíça para estudar no Instituto de Yverdon, dirigido pelo professor suíço Johann Heinrich Pestalozzi, de quem se tornou discípulo.

Pedagogo e poliglota,<sup>35</sup> Rivail passou a exercer o magistério, trabalhou com traduções de obras inglesas e alemãs e escreveu algumas obras didáticas abrangendo várias áreas do conhecimento. Entre estas, podemos citar: *Plano proposto para a melhoria da educação pública* (1828), *Gramática francesa clássica* (1831), *Qual o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época?* (1831), *Curso completo teórico e prático de aritmética* (1845) e *Programa dos cursos usuais de física, química, astronomia e fisiologia* (1849). Paralelamente a sua carreira no magistério, o professor Rivail também foi profundo estudioso do magnetismo animal de Mesmer. Era adepto do mesmerismo, mas não de mesas falantes; foi, contudo, pela via do magnetismo que começou a ter conhecimento do fenômeno das mesas girantes.

No livro *Obras póstumas*, vamos encontrar o testemunho do próprio Allan Kardec sobre seus primeiros contatos com os fenômenos mediúnicos. Foi em 1854 que Kardec ouviu falar das mesas girantes pela primeira vez após encontro com o magnetizador identificado apenas como Sr. Fortier que lhe disse: “Sabeis a singular propriedade que se acaba de descobrir no magnetismo? Parece que não são somente os indivíduos que se magnetizam, mas as mesas que se fazem girar e caminhar à vontade” (KARDEC, 1993, p. 256). Ao que Kardec respondeu: “[...] a rigor, isso não me parece impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade,

---

<sup>35</sup> Além do francês, Kardec sabia alemão, inglês, italiano, espanhol e holandês (TELES, s.d.)

pode muito bem agir sobre os corpos inertes e fazê-los mover” (KARDEC, 1993, p. 256). Em outra ocasião, os dois estudiosos encontram-se novamente e, dessa vez, Fortier lhe fala sobre uma suposta capacidade intelectual por parte do fenômeno das mesas:

Eis que é muito mais extraordinário; não só se faz a mesa girar magnetizando-a, mas a faz falar; interrogada ela responde. - Isto, repliquei, é uma outra questão; creerei nisso quandoo vir, e quando se me tiver provado que uma mesa tem um cérebro para pensar, nervos para sentir, e que possa se tornar sonâmbula; até lá, permiti-me nisso não ver senão uma história de fazer dormir. (KARDEC, 1993, p. 256)

Em 1855, porém, o professor Rivail foi convidado a assistir uma sessão mediúnica na casa de um amigo, o senhor Pâtier. Após a reunião, não restaram dúvidas para Kardec sobre a veracidade dos fenômenos. O estudioso ficou intrigado e resolveu estudar a fundo a questão, afinal, para todo efeito inteligente, havia uma causa inteligente. Deste modo, Allan Kardec iniciou uma ampla pesquisa feita a partir da observação de diversas comunicações por meio de diferentes médiuns e já através de outros dispositivos como a cesta de bico,<sup>36</sup> a qual possibilitava uma comunicação bem mais ágil. Abaixo, ilustração da cesta de bico:

**Figura 11:** Cesta de bico



Fonte: Psicografia Indireta<sup>37</sup>

Em suas pesquisas, Kardec elaborou várias perguntas de cunho filosófico, científico e moral, analisou e comparou as inúmeras respostas que recebeu e resolveu organizar seu trabalho de modo a elaborar livros para publicação. Assim, surgiram as obras básicas da doutrina espírita: *O Livro dos Espíritos*, 1857; *O Livro dos Médiuns*, 1861; *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 1864; *O Céu e o Inferno*, 1865; *A Gênese*, 1868. Além destas, Kardec também escreveu outras obras espíritas, destacando-se em especial o periódico mensal *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* que circulou pela primeira vez na cidade de Paris em 1º de janeiro de

<sup>36</sup> “[...] consiste na adaptação à cesta de uma haste de madeira em posição inclinada, saindo dez a quinze centímetros fora da cesta, como o mastro de gupés de um navio. Fazendo um furo na ponta dessa haste (ou bico), introduz-se nele um lápis bastante comprido para poder descansar a ponta no papel. O médium pondo os dedos na borda da cesta, todo o aparelho se agita e o lápis escreve, como no caso anterior [da cesta-pião], com a diferença de produzir uma escrita mais legível, separando as palavras e em linhas paralelas, como geralmente se escreve, porque o médium pode facilmente voltar o lápis no fim de cada linha.” (KARDEC, 1996, p.159)

<sup>37</sup> Disponível em: [https://www.guia.heu.nom.br/psicografia\\_indireta.htm](https://www.guia.heu.nom.br/psicografia_indireta.htm). Acesso em 22 jul. 2024.

1858, permanecendo sob a responsabilidade de Allan Kardec até seu desencarne em março de 1869. A propósito, foi nessa revista que Kardec escreveu em dado momento sobre a proximidade do magnetismo animal e do espiritismo:

O magnetismo preparou o caminho do Espiritismo, e os rápidos progressos desta última doutrina são incontestavelmente devidos à vulgarização das ideias sobre a primeira. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas há apenas um passo. Sua conexão é tal que, por assim dizer, é impossível falar de um sem falar do outro. Se tivermos que ficar fora da Ciência do magnetismo, nosso quadro ficará incompleto e poderemos ser comparados a um professor de Física que se abstinhasse de falar da luz. (KARDEC, 1858, p. 149)

Vale destacarmos a ponderação que a historiadora Mary Del Priore realiza em seu livro *Do outro lado – A história do sobrenatural e do espiritismo* a respeito do surgimento do espiritismo. A autora questiona se deveríamos creditar às irmãs Fox e a Kardec o nascimento do espiritismo e responde que enquanto fenômeno, na verdade, não. A comunicação com os mortos sempre existiu. Agora “o surgimento da palavra, da doutrina e do movimento nos países ocidentais exige que se pense em dois espiritismos: o antigo e o moderno, com mediações e elementos de continuidade entre um e outro” (DEL PRIORE, 2014, p. 41). Podemos, assim, afirmar que a manifestação dos fenômenos espíritas sempre houve desde a antiguidade tanto no oriente, quanto no ocidente, mas que houve um espiritualismo moderno que tem como precursor Emmanuel von Swedenborg e como ponto alto o caso de Hydesville e as mesas girantes. Já o termo espiritismo deve-se à codificação kardecista.

Quanto às ideias fundamentais da doutrina espírita, podemos citar aqui alguns dos pontos principais resumidos no item 6 da introdução de *O Livro dos Espíritos*:

- Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom;
- criou o Universo, que abrange todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais;
- os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos;
- o mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo; [...]
- os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade;
- entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a certo grau de desenvolvimento, dando-lhe superioridade moral e intelectual sobre as outras;
- a alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório;
- há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito; [...]
- o laço ou perispírito, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, porém, que pode tornar-se acidentalmente visível

- e mesmo tangível, como sucede no fenómeno das aparições;
- o Espírito não é, pois, um ser abstrato, indefinido, só possível de conceber-se pelo pensamento. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, se torna apreciável pela vista, pelo ouvido e pelo tato;
  - os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. [...]
  - os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esta melhora-se efetivamente por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação, a outros como missão. [...]
  - deixando o corpo, a alma volta ao mundo dos Espíritos, donde saíra, para passar por nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece em estado de Espírito errante;
  - tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, segue-se que todos nós temos tido muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos; [...]
  - a alma possuía sua individualidade antes de encarnar; conserva-a depois de se haver separado do corpo; [...]
  - os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo;
  - os não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado; [...]
  - os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenómenos até então inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação racional senão no Espiritismo; [...]
  - as comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso juízo discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que lhes servem de instrumentos; [...]
  - a moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações; [...]
  - ensinam também não haver faltas irremissíveis que a expiação não possa apagar. Meio de consegui-lo encontrar o homem nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conforme os seus desejos e esforços, na senda do progresso, para a perfeição, que é o seu destino final. (KARDEC, 2013, p. 23-27)

Conforme exposto acima, de acordo com a doutrina espírita, Deus<sup>38</sup> é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas, sempre existiu, é único e perfeito. Existe o mundo material e o mundo espiritual, sendo este o mundo principal, enquanto o mundo material seria uma espécie de escola, na qual passamos por várias etapas. O homem, quando encarnado, é formado por três partes: a alma, o corpo físico (material) e o perispírito (corpo espiritual) – laço que une o espírito ao corpo e que se constitui de uma matéria quintessenciada, ou seja, de uma matéria mais sutil, cuja vibração das moléculas difere da vibração do corpo físico. Quando

---

<sup>38</sup> No que pese a definição da doutrina espírita de Deus equivaler à concepção adotada pela doutrina cristã clássica no aspecto geral, desta diverge por não entender como trino, Pai, Filho e Espírito Santo, o Senhor da criação.

desencarnado o homem perde o corpo, mas continua com o perispírito que em geral é invisível e intangível para o mundo material; porém, pode ser percebido por médiuns ou pode ser materializado tornando-se deste modo visível, audível e até tangível, como ocorre nas chamadas “aparições”. Os espíritos são classificados em diversos níveis que vão dos mais inferiores até os mais evoluídos, vale frisar que todos estão destinados à evolução de modo que a classificação não é fixa.

Os espíritos evoluem a partir das várias encarnações, podendo ser na Terra como em outros mundos, isto é, em outros planetas dos diversos sistemas solares. Para os espíritas, não apenas a Terra é habitada por seres inteligentes. Os espíritos influenciam os pensamentos e ações dos encarnados. As comunicações ostensivas dos espíritos ocorrem por meio dos diferentes tipos de mediunidade, fenômeno de comunicação em que se precisa de um médium<sup>39</sup> como intermediário entre encarnado e desencarnado. A moral máxima do espiritismo expressa o seguinte: fazer ao próximo o que gostaríamos que nos fizessem. Não existem penas infinitas, todos sempre terão oportunidades de corrigir os erros e evoluir.

Em outras palavras, de forma resumida, o espiritismo em seu tríplice aspecto científico, filosófico e moral aborda, principalmente, os temas: Deus, a natureza do corpo material, do espírito e do perispírito, o mundo espiritual, a encarnação e a reencarnação em diferentes mundos, a comunicabilidade entre o mundo material e o espiritual (a mediunidade), as leis morais e a evolução espiritual. Vale destacar que nem todos esses temas estão presentes no romance de Emília Freitas. De modo mais indireto, podemos identificar a presença dos temas Deus, a natureza tríplice do corpo do ser humano e o mundo espiritual e de maneira mais explícita, a presença das temáticas da mediunidade e dos ensinamentos morais, conforme veremos no capítulo quatro da presente tese.

No tocante à terminologia espírita, gostaríamos de esclarecer que, conforme adotado na codificação espírita, começando pelo *Livro dos Espíritos*, é comum o uso dos termos *encarnação*, *desencarne* e *reencarnação* ao se falar sobre os temas do nascimento e da morte, uma vez que estes, para o espiritismo, são diferentes estágios da vida infinita do espírito. O espírito é o ser imortal que preexiste ao corpo, assim ao encarnar, ele se liga à carne, ao corpo físico que é mortal. Ao desencarnar, desliga-se do corpo atual e volta ao mundo espiritual. Após certo tempo na erraticidade do mundo espiritual, o espírito volta à carne, ou seja, reencarna.

Vale comentar aqui que a questão da imortalidade da alma e da reencarnação foram temas presentes na filosofia de Platão. No livro X de *A República*, o filósofo aborda esses pontos

---

<sup>39</sup> Definição de médium segundo Kardec: “Toda pessoa que sente a influência de Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é um médium” (2012, p. 177).

através de um diálogo entre Sócrates e Glauco. Segundo Platão, diferente do que acontece com o corpo físico, não há doença ou mazela que deteriore a alma:

[...] não afirmemos jamais que, devido à febre, ou a qualquer outra doença, ou a assassinio, nem que se retalhasse o corpotodo em bocadinhaso mais pequenopossível, por esses motivos, a alma jamais pereça antes de alguém demonstrar que, devido a esses padecimentos do corpo se torna mais injusta e mais ímpia. Mas, quando surge o mal numa coisa, que lhe é alheia, sem que se forme o que lhe é próprio, não consintamos que se diga que a alma ou qualquer outra coisa perece. (PLATÃO, 1949, p. 477)

[...] Logo, quando uma coisa não perece devida a um mal, quer lhe seja próprio, quer estranho, é evidente que é forçoso que exista sempre. E, se existe sempre, é imortal. (*Ibid.*, p. 479)

A temática da imortalidade da alma também é encontrada em *Fédon*, especialmente no diálogo narrado por Fédon entre Sócrates, Símiias e Cebes. Conforme expõe Platão, através dos diálogos, é somente por meio da alma que podemos ter acesso ao conhecimento puro, à sabedoria; uma vez que nossos sentidos nos enganam e que somos limitados pelo corpo. Assim, a apreensão da sabedoria se dá realmente antes e depois da morte do corpo físico. Considera ainda o filósofo que aprender é recordar e que, portanto, quando aprendemos algo nada mais estamos fazendo do que lembrar conhecimentos já adquiridos antes mesmo do nascimento, daí a preexistência da alma antes do corpo. Em seguida, após uma exposição sobre uma teoria dos contrários em que contrapõe noções como par e ímpar, sono e vigília, vida e morte, Platão associa a alma ao que é divino e imperecível, diferentemente do corpo que é perecível, e chega à conclusão de que a alma é imortal:

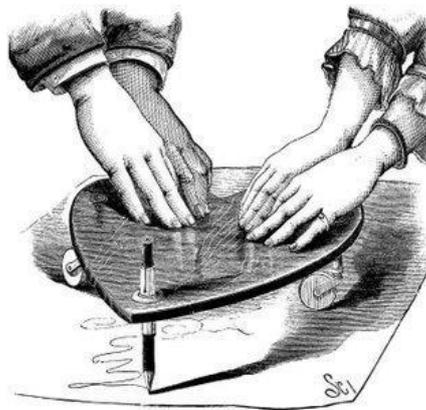
- E então? O que não admite a ideia do par, que nome lhe demos agora mesmo?
- Ímpar, respondeu.
- E o que não recebe o justo, ou não recebe o harmônico?
- Desarmônico, disse, ou injusto.
- Muito bem. E o que não recebe a morte, como denominaremos?
- Imortal, foi sua resposta.
- Ora, a alma não recebe a morte.
- Não.
- A alma é, pois, imortal?
- Imortal. (PLATÃO, 2011, p. 185)

Em *A República*, o filósofo traz à tona o tema da transmigração das almas através do mito de Er, o Armênio. Neste conto, o protagonista tem a oportunidade de visitar o Além e de voltar para contar o que observara. Em determinado momento da narrativa, comenta-se sobre as várias opções de vida para os que vão reencarnar: “Seguidamente, dispôs no solo, diante deles, os modelos de vidas, em número muito mais elevado do que o dos presentes. Havia-os de todas as espécies: vidas de todos os animais, e bem assim de todos os seres humanos”

(PLATÃO, 1949, p. 490). Como se pode observar, Platão falava sobre a reencarnação, porém com uma grande diferença em relação à doutrina espírita. De acordo com o filósofo grego, a transmigração das almas ocorria entre homens e animais, já para o espiritismo ela só ocorre no reino humano.

Na esfera dos fenômenos mediúnicos, de acordo com o *Livro dos Médiuns*, vamos encontrar também alguns termos relacionados a diferentes tipos de mediunidade, tais como: *psicofonia*, quando os espíritos comunicam-se através da voz do médium; *psicografia*, quando a comunicação é feita por meio da escrita, podendo ser *indireta* quando há o uso de cestas e pranchetas<sup>40</sup> ou *direta*, quando se dá diretamente sobre a mão do médium; *aparência ou materialização*<sup>41</sup>, quando um espírito torna-se visível, e às vezes, tangível. Para a realização deste fenômeno é necessário o ectoplasma (fluido semimaterial) emanado pelo chamado médium de efeito físico<sup>42</sup>. Há ainda o fenômeno anímico denominado de *desdobramento*, antes chamado de bicorporiedade, quando o espírito afasta-se temporariamente do corpo físico. Este fenômeno é considerado mediúnico quando no estado de desdobramento ocorre comunicação com outros espíritos. Abaixo, ilustração da prancheta usada na psicografia indireta:

**Figura 12:** Prancheta



Fonte: Psicografia Indireta<sup>43</sup>

Outro termo comum no meio espírita é o *passé*, herança e influência do magnetismo na doutrina espírita. O *passé* é uma transfusão de energia e, conforme explicam os espíritas, há três

<sup>40</sup> “[...] espécie de pequenamesa feita a propósito de doze a quinze centímetros de comprimento por cinco de altura, com três pés, um dos quais leva um lápis e os outros dois são arredondados ou guarnecidos de pequenas bolas de marfim, para deslizar facilmente sobre o papel.” (KARDEC, 2012, p.175)

<sup>41</sup> Allan Kardec utiliza o termo “aparência”, mas no Brasil o fenômeno ficou mais conhecido como “materialização”.

<sup>42</sup> A mediunidade de efeito físico é aquela na qual ocorre a manifestação de efeitos sensíveis no mundo material; tais como ruídos, movimentação de objetos e a materialização de um espírito. Todas estas manifestações utilizam-se do fluido animalizado emitido pelo médium, conhecido como ectoplasma. (KARDEC, 2012)

<sup>43</sup> Disponível em: [https://www.guia.heu.nom.br/psicografia\\_indireta.htm](https://www.guia.heu.nom.br/psicografia_indireta.htm). Acesso em 22 jul. 2024.

tipos de passe: o espiritual, feito diretamente pelos espíritos; o magnético, realizado por um encarnado, tal como no mesmerismo, e o passe misto, quando há a participação de um médium e de um espírito.

Sobre a recepção inicial do espiritismo aqui no Brasil, podemos asseverar que foi bastante tumultuada, com adeptos e detratores espalhados pelo país. Consoante relata Del Priore (2014), antes mesmo do espiritismo propriamente dito, a chegada das mesas volantes em solo brasileiro se deu em torno de 1853, quando se tem nos jornais as primeiras notícias referentes a esse assunto. Entre elas, ainda conforme Del Priore, destaca-se a notícia do jornal *O Cearense* de agosto de 1853, na qual se comenta a ocorrência do fenômeno da mesa girante na casa do senhor José Schmit de Vasconcelos, na presença de oito convidados, entre eles um vigário. Não demorou muito e o fenômeno espalhou-se pelo país.

Figura 13: Comunicado



Fonte: Jornal O Cearense (CE), 02 de agosto de 1853<sup>44</sup>

<sup>44</sup> A transcrição dessa matéria encontra-se no anexo C, página 185.

Segundo nos informa Paulo César Fernandes (2008), o primeiro berço do espiritismo no Brasil seria a intelectualidade baiana, antes mesmo do Rio de Janeiro. No dia 17 de setembro de 1865, tem-se notícia da primeira sessão espírita realizada no Brasil com caráter sério, sob a direção de Luiz Olímpio Teles de Menezes, um dos primeiros estudiosos da doutrina espírita em nosso país, fundador no mesmo ano do primeiro Centro Espírita brasileiro denominado “Grupo Familiar do Espiritismo”:

O que até então era diversão de polemizadores da alta roda da sociedade brasileira virou assunto sério e ganhava acesso a todos os segmentos da população. O clero, que até esse momento assistia de longe a doutrina que os “notáveis” esposavam, sentiu-se ameaçado e foi à luta. Começa a briga das pastorais contra o espiritismo e das polêmicas dos jornais. (FERNANDES, 2008, p. 85)

Assim, paralela à divulgação dos novos adeptos, acontecia a propaganda contrária à doutrina espírita. Seja para falar mal, ou para falar bem, todos queriam comentar sobre a doutrina. No entanto, os seguidores do espiritismo não consideravam de todo ruim os ataques que a doutrina recebia, pois para eles era sempre uma divulgação e muitas vezes de muitos combatentes acabaram surgindo mais adeptos.

A teoria do magnetismo animal e a doutrina espírita foram, portanto, dois estudos paracientíficos que fizeram parte da cultura do século XIX, ambos surgidos na França e espalhados pela Europa e por outras partes do mundo, inclusive para o Brasil. Dessa fonte que lidava com a relação entre o sobrenatural e o cientificismo, beberam alguns escritores de literatura fantástica, conforme salienta Ana Luiza Camarani:

E nesse meio do século XIX, o conto fantástico evolui sob a influência dos progressos da psiquiatria e das pesquisas sobre o eletromagnetismo. No entanto, ao contrário de eliminar o fantástico, a ciência e as certezas positivas acabam por estimular a imaginação e determinam o que Castex denomina “A renovação” desse tipo de literatura. Assim, enquanto o materialismo ganha terreno nos meios científicos, a inquietação em relação à existência após a morte e a necessidade de fé permanecem e renovam-se com o desenvolvimento do espiritismo por meio da doutrina de Allan Kardec [...]. (CAMARANI, 2014, p. 36)

As palavras de Camarani demonstram quão flexível e adaptável é o próprio fantástico. Se a ciência vinha com explicações sobre os avanços tecnológicos do século XIX, a literatura fantástica reaproveitava esse mote ultrapassando as fronteiras do conhecido como possível. Da mesma forma, as teorias do magnetismo e do espiritismo, não obstante a tentativa de explicar muitos fenômenos metaempíricos, não excluem de todo as incertezas relativas ao pós-morte. De modo a estimular, na verdade, a criação literária voltada para o sobrenatural. Assim, nosso

---

próximo passo, será a abordagem desse entrelaçamento do fantástico com os temas do magnetismo, hipnotismo e espiritismo.

### 3 MAGNETISMO, HIPNOTISMO E ESPIRITISMO NA LITERATURA FANTÁSTICA

Como foi dito anteriormente, a literatura fantástica apresentou-se como espaço propício e profícuo de abordagem do sobrenatural após a mudança de concepção de mundo ocorrida na Idade Moderna. Sendo, porém, o fantástico na literatura um conceito não consensual, vamos nos deter um pouco sobre esta conceituação até para expormos nosso posicionamento. Entre os estudiosos do fantástico, destacamos em nosso trabalho as teorias de Todorov, David Roas, Remo Ceserani e Filipe Furtado.

Em 1970, Tzvetan Todorov (1992), teórico basilar do fantástico, sistematizou uma diferenciação fundamental concernente aos conceitos do estranho, do maravilhoso e do fantástico. Adotando o fantástico como gênero, Todorov considera como gêneros vizinhos o *maravilhoso*, no qual não há conflito nem dúvida quanto à ocorrência do evento sobrenatural, observando-se que este é parte integrante da realidade então criada; e o *estranho*, em que há a ocorrência de eventos incríveis, extraordinários, mas que são explicados pelas leis regentes de nosso mundo como o conhecemos. No *fantástico*, fenômenos aparentemente sobrenaturais despontam em meio à nossa realidade cotidiana, marcados pela incerteza. A ambiguidade é instaurada pelas diferentes possibilidades de leituras: o evento insólito percebido realmente ocorreu? Ou o personagem fora ludibriado pelos próprios sentidos? Se ocorreu, qual a explicação, natural ou sobrenatural? Resta a vacilação, a irresolução diante da percepção de algo impossível. Tais questionamentos estão presentes, por exemplo, logo no primeiro capítulo de *A Rainha do Ignoto*, quando Edmundo depara-se com a visão magnífica da bela mulher acompanhada de duas criaturas sinistras:

Quando a pequena embarcação passou por defronte da janela, Edmundo pôde contemplar à vontade a formosa bateleira. Ela vestia branco, tinha os cabelos soltos e a cabeça cingida por uma grinalda de rosas. De pé no meio do bote, encostava a harpa ao peito e tocava com maestria divina! O luar dava-lhe em cheio nas faces esmaecidas pelo sereno da madrugada, e os olhos extremamente belos estavam amortecidos por uma expressão magoada de tristeza indefinível. Algumas gotas de pranto umedeciam-lhe as pálpebras e tremulavam aindanas negras pestanas. Vinha, ali também assentado no banco da proa, sustentando o remo e movendo-o com perícia, uma figura negra e peluda, feia de meter medo. E, para mais confirmar a sua parecença com o rei das trevas, o tal moleque tinha uma cauda que, achando pouca acomodação no banco, se tinha estendido pela borda do bote, e parecia brincar na superfície das águas. De espaço em espaço, a enorme cabeça de um cão cor de azeviche aparecia e tornava a ocultar-se aos pés da cantora. O bote passou defronte da janela; a voz foi se perdendo ao longo do rio, até sumir-se. O Dr. Edmundo era que não saía do pasmo em que o tinha deixado aquela estranha aparição! Julgava-se alucinado! Duvidava do testemunho de seus próprios olhos, e para certificar-se de que não sonhava, beliscou com força as mãos e sentiu-se acordado. (FREITAS, 2020, p. 27)

Todorov apresenta ainda subgêneros transitivos entre os gêneros acima citados: o *fantástico-estranho* e o *fantástico-maravilhoso*. No primeiro, o sobrenatural parece manifestar-

se nos acontecimentos da narrativa, porém os eventos estranhos são racionalmente explicados no final da história. No segundo, o relato apresenta-se como fantástico, desse modo assinalado pela hesitação, pela inquietação quanto aos fenômenos insólitos. A ambiguidade, no entanto, cessa em determinado momento da narrativa, sendo o sobrenatural aceito. Para Todorov, portanto, o fantástico propriamente dito está presente apenas nas obras em que a hesitação diante dos eventos sobrenaturais permanece até o fim da narrativa. Tal posicionamento restringe sobretudo as narrativas que podem ser agrupadas como fantásticas.

Além disso, Todorov considera a dimensão pragmática, isto é, leva em conta de modo crucial a hesitação do leitor. Esta atitude é muito problemática por colocar a manifestação do fantástico na dependência de um aspecto externo ao texto literário. Quando importa muito mais os recursos internos à narrativa empregados de modo a construir uma ficção fantástica. Tais recursos dizem respeito, por exemplo, às noções de espaço, de focalização e de linguagem. Aqui vale lembrar a noção de “espaço híbrido” de Filipe Furtado (1980), o qual seria composto por elementos realistas, na maior parte do tempo, e por elementos alucinantes, nos átomos de lance do fantástico.

Quanto à focalização é interessante observarmos a diferenciação que Gérard Genette (2017) realiza entre narrador e focalização, entre aquele que fala e aquele que vê ou percebe. Segundo o crítico francês, a categoria de modo de narração difere da categoria voz. O primeiro caso está ligado à focalização, ou seja, ao personagem cujo ponto de vista orienta a narrativa, já o segundo caso, a voz, está ligado ao narrador. É essa diferenciação que permite a construção de narrativas fantásticas escritas com narrador heterodiegético, ou seja, narrador que não é personagem. Em nossa opinião, mais importante do que o tipo de narrador escolhido, é o trabalho realizado com a focalização que se torna mais essencial. Para a categoria de narrador que se refere à voz que fala, Genette apresenta os seguintes termos: *heterodiegético*, quando o narrador não é personagem da história que narra; *homodiegético*, quando o narrador é personagem da história que narra e *autodiegético*, quando esse narrador, também personagem, é protagonista. Se pensarmos na obra *A Rainha do Ignoto*, temos uma narrativa com narradora heterodiegética, mas, diferente do que geralmente ocorre, a onisciência da narradora do romance de Freitas não é absoluta, porém relativa.

Com relação à categoria da focalização, a qual diz respeito ao ponto de vista do que é narrado, o estudioso francês expõe a existência de três tipos: a *focalização zero ou onisciente*, na qual o narrador sabe e diz mais do que sabe qualquer personagem; a *focalização interna*, na qual o narrador apenas diz o que sabe o personagem. Este tipo de focalização subdivide-se em *fixa* (quando é apresentada a focalização de apenas um personagem), em *variável* (quando mais

de um personagem detém a focalização) ou *múltipla* (quando uma mesma ação é vista pela focalização de diferentes personagens). Temos ainda a *focalização externa*, na qual o narrador diz menos do que sabe o personagem, aqui não temos acesso ao que se passa no interior do personagem. Este tipo de focalização é menos frequente. Genette esclarece ainda que em uma mesma obra pode haver mais de um tipo de focalização. É o que o estudioso chama de narrativa multifocalizada, “segundo o princípio de que quem pode o mais pode o menos”, afinal a focalização seria uma restrição. Sendo este o caso de *A Rainha do Ignoto*, obra que apresenta em sua maior parte focalização onisciente, alguns momentos de focalização interna variável e de focalização externa.

No que diz respeito à linguagem, destacamos o uso do imperfeito e da modalização que o próprio Todorov fala, ou seja, o uso de certas expressões que modificam a relação de certeza/incerteza entre o sujeito da enunciação e o enunciado, como podemos ver em *A Rainha do Ignoto* na frase: “Ele já *não sabia se estava* acordado;  *julgava-se* em um pesadelo” (FREITAS, 2003, p. 179, grifos nossos).

Diferentemente do teórico búlgaro, David Roas (2014) amplia um pouco mais o leque de narrativas tidas como fantásticas por desconsiderar a hesitação como único traço definitivo do fantástico. De acordo com o crítico espanhol, sua “[...] definição inclui tanto as narrativas em que a evidência do fantástico não está sujeita a discussão quanto aquelas em que a ambiguidade é insolúvel, já que todas postulam uma mesma ideia: a irrupção do sobrenatural no mundo real e, sobretudo, a impossibilidade de explicá-lo de forma razoável” (ROAS, 2014, p. 43). Ou seja, ainda que a ambiguidade se desfça e que a presença do sobrenatural seja *aceita*, a questão não está, digamos, “resolvida”. O leitor continua diante do impossível no seu mundo real, onde o sobrenatural *não deveria* ocorrer, mas ocorrendo gera uma inquietação insolúvel que nos faz, na verdade, refletir sobre a nossa concepção de realidade.

O conceito de fantástico do estudioso espanhol apresenta-se não como um gênero, mas como uma categoria estética e está imbricado com quatro tópicos principais: a realidade, o impossível, o medo e a linguagem. Segundo Roas a realidade é uma construção social, uma ideia compartilhada pela sociedade do que pode ser considerado real e essa ideia é essencial na narrativa fantástica para servir de contraponto ao impossível, ou seja aquilo que não pode ser. Como exemplo do impossível, Roas traz a figura do fantasma, ser que retorna da morte e invade o mundo dos vivos, como acontece no final de *A Rainha do Ignoto*. De acordo com Roas, o fantasma representa uma transgressão absoluta à convenção que se tem da realidade. Por outro lado, justamente o fantasma, ou o espírito, para utilizar outra denominação, é a figura central do espiritismo e está presente em considerável número de narrativas fantásticas. Ao tratar do

conceito de medo, Roas aproxima-se em parte de Todorov por trabalhar com uma questão pragmática que seria a reação do leitor. Porém, diferente do estudioso búlgaro, não se prende à hesitação do leitor, mas à inquietação gerada pela ameaça do fantástico ao conjunto de nossas certezas quanto ao que é real ou irreal. No que diz respeito à linguagem, David Roas enumera alguns recursos presentes nas narrativas fantásticas como metáforas, metonímias, comparações, paralelismos, analogias, antíteses, oximoros, neologismos, expressões ambíguas, adjetivos de forte conotação tais como aterrorizante, sinistro, incrível, fantasmagórico, fantástico. Todavia, ressalta que “não existe uma linguagem fantástica em si mesma, mas uma forma de usar a linguagem que gera o efeito fantástico” (ROAS, 2014, p. 179).

Para David Roas, a ficção fantástica percorre o seguinte percurso: a instalação do efeito de realidade, a irrupção do sobrenatural/insólito, a transgressão ou ameaça da concepção de real compartilhada pela sociedade, a geração do efeito fantástico: o medo ou inquietude. Segundo este trajeto, percebe-se bem uma diferenciação entre o fantástico e o maravilhoso, uma vez que neste último não ocorre conflito entre fenômeno e realidade, tendo em conta que no maravilhoso tudo seria possível.

Deste modo, para Roas a conceituação do fantástico é mais ampla que a de Todorov; porém, mais restrita em relação ao sentido de fantástico que existe no mercado editorial e mesmo no meio acadêmico, basta lembrar a variedade de vertentes do fantástico que aparecem em revistas especializadas em literatura fantástica. Aqui, podemos afirmar que a ficção fantástica abrange inúmeros tipos de narrativas que, de alguma forma (aparente ou totalmente), rompem com o real. Esse é o sentido mais amplo de fantástico, sendo também correlato o hiperônimo denominado insólito.

O termo *insólito* particularmente pode ser utilizado tanto na função de adjetivo, quanto na função de substantivo. Neste último caso, quando usado no sentido de fantástico amplo que abraçaria vários subgêneros ligados ao fantástico; conforme estudos de outros pesquisadores, como o estudioso Flávio Garcia (2007), a terminologia “literatura do insólito” seria mais adequada para o sentido mais amplo de narrativas que exploram o sobrenatural em diversos matizes. No presente trabalho, insólito será usado como adjetivo no sentido de ser algo não habitual, raro, incomum, anormal, quase sinônimo de sobrenatural, o qual, por sua vez, diz respeito àquilo que ultrapassa o natural, que estaria fora das leis naturais.

Segundo Remo Ceserani (2006), na tentativa de definir o fantástico, é possível identificar duas tendências diferentes: uma mais restrita, coloca o fantástico como um gênero literário e tende a limitar sua esfera de atuação a alguns textos e escritores do século XIX; outra bem mais ampla, retira-lhe os limites históricos e abrange textos os mais variados:

“do romanesco ao fabuloso, da fantasy à ficção científica, do romance utópico àquele de terror, do gótico ao oculto, do apocalíptico ao meta-romance contemporâneo” (CESERANI, 2006, p.8). Ceserani não concorda com nenhuma das duas opções, por considerar a primeira muito limitada e a segunda muito genérica, pois esta considerava literatura fantástica tudo que se opusesse à literatura realista. Escolhe, porém, um meio termo para sua concepção de fantástico. Assim, em contraponto à noção de fantástico como gênero, o teórico italiano, na esteira de Irène Bessièrre (2012), vai propor a noção de fantástico como uma modalidade literária:

[...] o fantástico surge de preferência consideradonão como um gênero, mas como um “modo” literário, que teve raízes históricas precisas e se situou historicamente em alguns gêneros e subgêneros, mas que pôde ser utilizado – e continua a ser, com maior ou menor evidência e capacidade criativa – em obras pertencentes a gêneros muito diversos. (CESERANI, 2006, p. 12)

A fim de estabelecer alguns pontos comuns ao modo fantástico, Remo Ceserani, a partir de um corpus de textos literários, elenca uma série de procedimentos formais que estariam presentes no corpus selecionado, são eles: 1- posição de relevo dos procedimentos narrativos no próprio corpo da narração; 2- a narração em primeira pessoa; 3- um forte interesse pela capacidade projetiva e criativa da linguagem; 4- envolvimento do leitor: surpresa, terror, humor; 5- passagem de limite e de fronteira; 6- o objeto mediador; 7- as elipses; 8- a teatralidade; 9- a figuratividade; 10- o detalhe.

Já com relação aos sistemas temáticos mais frequentes na literatura fantástica, o crítico destaca: 1- a noite, a escuridão, o mundo obscuro e as almas do outro mundo; 2 - a vida dos mortos; 3- o indivíduo, sujeito forte da modernidade; 4- a loucura; 5- o duplo; 6- a aparição do estranho, do monstruoso, do irreconhecível; 7- o *Eros* e as frustrações do amor romântico; 8- o nada. Essas características acima expostas não seriam exclusivas aos textos fantásticos, mas apresentam uma incidência sobremodo marcante na ficção fantástica.

Sobre essa questão do fantástico como gênero ou como modo, ressaltamos que Filipe Furtado, a princípio, seguindo a linha de Todorov, apresentava o fantástico como gênero. Entretanto, em 2009, assinala dois verbetes sobre o fantástico no E-Dicionário de Termos Literários organizado por Carlos Ceia, de maneira a falar sobre dois tipos de fantástico: um caracterizado como gênero e outro caracterizado como modo. Conforme esclarece o estudioso português, ao fantástico gênero, correspondem as narrativas que evocam o advento do sobrenatural ameaçador em um mundo detentor de uma ilusão de verdade tão acentuada quanto possível. Acrescenta ainda que o traço distintivo fundamental do fantástico como gênero “consiste no facto de evocar e manter uma atitude dubitativa, perplexa e, sobretudo, ambígua perante o metaempírico” (FURTADO, 2009, p. 1). Portanto, as narrativas pertencentes ao fantástico gênero seriam aquelas cuja ambiguidade acerca do evento metaempírico

permaneceria até o fim da narrativa. Já no que diz respeito ao fantástico modo, Furtado afirma ser este um conceito de maior abrangência:

Quando assim perspectivado, o modo fantástico abrange (como, entre outros, Rosemary Jackson apontou) pelo menos a maioria do imenso domínio literário e artístico que, longe de se pretender realista, recusa atribuir qualquer prioridade a uma representação rigorosamente “mimética” do mundo objetivo. (FURTADO, 2009, p. 1)

O autor chega a esta ideia porque o que vai caracterizar o modo fantástico de maneira fundamental é a presença do conceito conhecido como sobrenatural. Vale ressaltar que sobre este conceito Furtado prefere a denominação “metaempírico” por ser mais adequada a abarcar também eventos e/ou seres que não se enquadrariam exatamente na categoria de sobrenaturais, sobretudo no caso da ficção científica.

Em sua definição do modo fantástico, o teórico divide a literatura em duas gigantescas esferas que seriam a “icástica” ou “realista” e a “fantástica” ou “fantasiosa”, divisão esta já comentada por Ceserani, o qual a considera muito ampla, mas que tem sido aceita e usada, como já dissemos, tanto no mercado editorial, quanto no meio acadêmico. De forma que à segunda esfera corresponderiam narrativas pertencentes aos mais variados gêneros relacionados ao metaempírico, como o estranho, o maravilhoso e o fantástico gênero, entre muitos outros.

Em seu artigo *A literatura fantástica: gênero ou modo?*, Marisa Martins Gama-Khalil também corrobora essas questões teóricas acerca do fantástico. De acordo com a pesquisadora, alguns estudiosos procuram organizar as várias formas da narrativa fantástica, dando ênfase às diferenças, de maneira a agrupá-las como gênero. Sob outro viés, há teóricos que preferem considerar também as similitudes que ocorrem nas narrativas relacionadas ao insólito; dessa forma, assumindo a perspectiva do fantástico como modo.

Há ainda a possibilidade de considerar o fantástico como um recurso estético, como apontam as autoras do artigo *Fantástico: estratégia de questionamento dialético da realidade*: “[...] torna-se mais viável compreender o fantástico como um efeito estético, um recurso ao qual o autor lança mão, já que o interesse está nos recursos e efeitos que a construção da linguagem gera na obra literária e como essas incidem na leitura” (MATSUOKA; SIQUEIRA; GAMA-KHALIL, 2020, p. 16). Por exemplo em *A Rainha do Ignoto*, o recurso ao fantástico gera na leitura tanto o efeito de estranhamento, o sentimento de inquietação decorrente dos eventos insólitos, quanto certa reflexão acerca de questões sociais as mais variadas, tais como a inversão de valores na sociedade, o castigo infligido a soldados das forças armadas, a questão da escravidão e a condição da mulher na sociedade patriarcal da época.

Assim sendo, a definição de fantástico oscila desde a concepção mais restrita de

Todorov, na qual o fantástico “[...] não dura mais que o tempo de uma vacilação” (TODOROV, 1992, p. 23) até essa conceituação mais ampla, a qual abrange diversas vertentes tais como: o estranho, o maravilhoso, o realismo maravilhoso, a ficção científica, o gótico, a fantasia, o realismo animista, o maravilhoso cristão, entre outros. Verifica-se, assim, um leque de diferentes perspectivas quanto à abordagem das definições de fantástico. Em nosso trabalho, preferimos nos aproximar da definição de fantástico apresentada pelo estudioso David Roas, ou seja, quando em uma narrativa se dá a irrupção do insólito/sobrenatural em uma realidade diegética similar à nossa, na qual a concepção sobre o (im)possível é socialmente construída. Ressaltando que iremos considerar como fantásticas também as narrativas que tentam explicar os eventos insólitos através do magnetismo/hipnotismo e do espiritismo. Não descartando, pelo contrário, levamos em conta também a abordagem do fantástico enquanto modo; mesmo porque, ao trazermos a ideia da presença de um fantástico prismático, pressupomos a possibilidade da coexistência de diferentes vertentes do fantástico modo dentro de uma mesma narrativa.

### **3.1 Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant e Arthur Conan Doyle**

Feitas as considerações acima acerca do fantástico, cabe-nos agora adentrar o campo literário. Assim, neste capítulo, selecionamos para apreciação algumas narrativas fantásticas escritas principalmente no século XIX que trazem em seu bojo os temas do magnetismo/hipnotismo e/ou do espiritismo. Nossa intenção é ilustrar de que modo as paraciências acima mencionadas estão presentes na ficção fantástica desse período. No caso do magnetismo/hipnotismo, os autores trabalham em cima do alcance hiperbólico da hipnose, isto é, trabalhando nos limites do que poderia ser considerado possível. Entre os principais efeitos obtidos pelas sugestões hipnóticas estão: a ilusão dos sentidos, especialmente da visão e o controle do corpo da pessoa hipnotizada obrigando-a a fazer qualquer coisa de forma consciente ou não.

Provavelmente, o efeito mais bizarro e macabro seja o do conto de 1845 *A verdade sobre o caso do Sr. Valdemar*, de Edgar Allan Poe, qual seja o de interromper o processo da morte. Este conto chegou a ser confundido no período de sua publicação como um caso verídico de experiência mesmérica, tão próximo apresentou-se da realidade da época e devido à linguagem científica empregada.

A história, narrada por um narrador homodiegético, refere-se a uma experiência relativa ao magnetismo realizada no momento da morte do paciente, mais precisamente, do senhor

Valdemar. Os objetivos da experiência eram: verificar se havia a susceptibilidade à influência magnética, se ela aumentaria ou diminuiria em razão da condição de paciente terminal e se, e por quanto tempo, o procedimento magnético poderia obstar o assédio da morte. Tudo é narrado nos mínimos detalhes desde a ideia do experimento até o evento em si. O linguajar científico é patente no texto, como se observa abaixo:

[...] o pulmão esquerdo do paciente se achava em um estado semiósseo e cartilaginoso e, portanto, inteiramente inútil à realização das funções vitais. O direito, em sua parte superior, também estava parcialmente —se não completamente — ossificado, enquanto a região inferior tornara-se uma massa purulenta de tubérculos que se confundiam uns com os outros. Lá havia várias perfurações e, num determinado ponto, ocorrera a aderência permanente dos tecidos às costelas. (POE, 2022)

Essa linguagem científica também aparece em alguns momentos em *A Rainha do Ignoto*, especialmente na fala da médica Clara Benício, como no trecho a seguir: “Presentemente, sofre no sistema nervoso, os filetes dos nervos sensitivos foram profundamente abalados, e os motores não foram menos, eis porque tem estes movimentos rígidos e ainda perdeu a fala; mas estou certa de que, com o andar do tempo, virá a perder toda a razão.” (FREITAS, 2020, p.132)

O processo de magnetização no conto de Poe também é relatado de forma metódica, lembrando bem as descrições dos procedimentos de Mesmer:

Enquanto assim falava, comecei a lhe dar os mesmos passes que, em ocasiões anteriores, lograram uma maior eficácia. Ele foi claramente influenciado pelo primeiro toque lateral da minha mão sobre a sua fronte. Todavia, embora eu empregasse todos os meus poderes, foi impossível obter efeitos significativos até uns poucos minutos depois das dez, momento em que chegaram os doutores D... e F..., conforme haviam prometido. [...] continuei, sem hesitar, alternando os passes laterais e verticais, enquanto concentrava a minha mirada no olho direito do paciente. [...] Cinco minutos antes das onze, percebi inequívocos sinais da influência mesmérica. O olhar vítreo fora substituído pela expressão de inquietante *introspecção*, somente observável em transe mesmérico, e que é absolutamente impossível de ser confundido com outro sintoma qualquer. Com alguns rápidos passes laterais, fiz com que tremessem as suas pálpebras, à semelhança do que ocorre no limiar do sono, e, com mais alguns, induzi a que se fechassem completamente. (POE, 2022)

O objetivo de adiar a morte do paciente é atingido e alguns diálogos sinistros são travados entre paciente e magnetizador. O narrador do conto admite ser complicado aceitar o que então está narrando: “Tenho consciência de que a minha narrativa chegou a um ponto em que não posso esperar do leitor senão surpresa e incredulidade. Todavia, vejo-me no dever de continuá-la” (POE, 2022). A partir de então a narrativa envereda-se mais pelo fantástico, já ultrapassando as barreiras do que seria possível. O paciente ao que tudo indica morre, mas continua a se comunicar de forma jamais vista através de seu corpo cadavérico. O final do conto

é horripilante. Após sete meses em estado hipnótico, o paciente literalmente desfaz-se em uma massa líquida, quando da tentativa de acordá-lo do transe magnético.

Outra narrativa que apresenta o tema da hipnose é o conto *O Horla*, de Guy de Maupassant, no caso a segunda versão publicada em 1887<sup>45</sup>. Escrita em formato de diário, a história gira em torno de uma criatura invisível e vampiresca que assedia o personagem principal e também narrador, portanto autodiegético, inclusive influenciando-o em suas ações, chegando a subjugar-lhe, em certos momentos, a vontade. O hipnotismo não é a principal temática do conto, mas está presente de modo contundente, em especial no relato que envolve a prima do protagonista, a sra. Sablé.

Em um jantar na residência do sr. e da sra. Sablé, entre os convidados estava um médico envolvido, já alguns anos, com o magnetismo. O dr. Parent relatou os impressionantes resultados obtidos por diferentes magnetizadores e expôs um pouco sua opinião sobre os estudos de Mesmer:

Estamos a ponto de descobrir um dos segredos mais importantes da natureza, quero dizer, um de seus segredos mais importantes aqui na nossa Terra; pois certamente há outros mais importantes lá, nas estrelas. Desde que o homem pensa, desde que sabe dizer e escrever seu pensamento, ele se sente tocado por um mistério impenetrável para seus sentidos toscos e imperfeitos, e trata de suprir, com o esforço da inteligência, a impotência de seus órgãos. Quando tal inteligência ainda permanecia num estágio rudimentar, essa obsessão pelos fenômenos invisíveis tomou formas banalmente assustadoras. Daí nasceram as crenças populares no sobrenatural, as lendas dos espíritos que vagam, das fadas, dos gnomos, das almas do outro mundo [...] Mas, a pouco mais de um século, parece que se pressente algo novo. Mesmer e alguns outros nos colocaram num caminho inesperado, e chegamos de fato, principalmente nos últimos quatro ou cinco anos, a resultados surpreendentes. (MAUPASSANT, 2009, p. 698)

Como podemos observar, o discurso repousa na ideia de que tudo o que nos escapa, que foge ao exame empírico pode existir e não seria ligado ao sobrenatural, mas a instâncias inacessíveis até o momento aos nossos sentidos e aparelhos. Contudo, os estudos acerca do magnetismo estariam no caminho de desvendar esse lado obscuro da realidade. No caso do romance de Emília Freitas, não só o magnetismo, mas também o espiritismo será responsável por explicar uma série de fenômenos ligados ao sobrenatural. Como foi salientado, anteriormente, nem todo magnetista é espírita, mas todo espírita acredita no magnetismo.

Diante da incredulidade de sua plateia, o dr. Parent sugere uma demonstração através da magnetização da sra. Sablé. Assim, o magnetizador pede ao protagonista que se coloque atrás de sua prima já em estado hipnótico. Em seguida, o médico entrega à hipnotizada um cartão de

---

<sup>45</sup> A primeira versão, de 1886, apresenta uma narrativa de encaixe, tendo, portanto, dois narradores. A história inicia-se em um manicômio e a palavra é cedida ao protagonista que relata seu caso com o Horla. A segunda versão só possui um narrador, é toda feita em formato de diário e possui um tempo linear.

visita e diz que se trata de um espelho. Ele pergunta à jovem senhora o que ela vê. A resposta surpreende a todos, pois ela vê tudo o que seu primo faz, como se o cartão de fato fosse um espelho. Descreve até mesmo uma fotografia que o primo retira do bolso. Além deste feito, o hipnotizador ainda faz uma sugestão programada para a manhã do dia seguinte, na qual a sra. Sablé pediria ao primo cinco mil francos emprestados. Eis que tudo se passa da forma como foi sugerido, sem a sra. Sablé lembrar-se de forma alguma, nem mesmo acreditar que toda a história do empréstimo havia sido uma sugestão hipnótica. A partir deste momento, o protagonista acredita nesse poder de impor uma vontade a outrem e começa a fazer ligações com a criatura de suas suspeitas.

Como dissemos, o hipnotismo não é o mote principal do conto, mas está lá presente e é apresentado de forma muito semelhante aos relatos dos estudos da época. É o caso, por exemplo, do paciente do Marquês de Puységur, Victor Race. Conforme afirma Figueiredo, no estado sonambúlico, o jovem camponês: “observava o interior dos organismos, atendia a ordens telepáticas de Puységur, previa o momento exato das curas, *enxergava com os olhos completamente vendados* e muito mais” (FIGUEIREDO, 2007, p. 29, grifo nosso).

Uma terceira narrativa que trabalha a questão do hipnotismo, desta vez como tema principal, é o conto de Arthur Conan Doyle denominado *O parasita*, de 1894. A narrativa, também em forma de diário, possui como narrador autodiegético o professor Austin Gilroy, professor de fisiologia, descrente e materialista; quando criança, porém, era nervoso, sensível e sonhador. Os outros personagens relevantes da história são a noiva de Gilroy, Agatha Marden; o amigo de Gilroy, professor Wilson, o qual ensina psicologia e desenvolve pesquisas em áreas não aceitas pelas ciências exatas, como magnetismo e hipnotismo; e, finalmente, a hipnotizadora srta. Penclosa, a qual consegue sugestionar as pessoas de várias formas em diversos níveis.

O conto inicia de modo semelhante a muitos contos fantásticos do século XIX, o professor Gilroy comenta sua profissão de homem da ciência e sua visão cética: “Eu me treinei para lidar apenas com fatos e provas” (DOYLE, s.d., p. 3). Em seguida, ele afirma que, apesar de sua relutância, não pode recusar o convite do professor Wilson, devendo comparecer com a noiva à casa do amigo. O motivo principal do convite era a apresentação de uma hipnotizadora. Na ocasião, o protagonista conhece e observa a srta. Penclosa, uma criatura pequena e pálida, na casa dos quarenta anos, que de forma alguma destacava-se em meio a outras mulheres, com exceção de seus olhos de aspecto felino. Após algumas palavras trocadas e a asseveração de ceticismo por parte do professor Gilroy quanto aos assuntos sobre magnetismo e sugestões hipnóticas, a srta. Penclosa sugere hipnotizar a noiva de Gilroy, ambos aceitam. O professor

depara-se neste momento com uma transformação:

E então houve uma mudança naquela mulher. Ela não parecia mais pequena e insignificante. Vinte anos se foram da sua idade. Seus olhos brilhavam, um toque de cor apareceu em suas bochechas amarelas, a sua figura tinha se expandido por um todo. [...] Ela olhou para Agatha com uma expressão [...] com a qual um imperador Romano poderia ter olhado para seu escravo ajoelhado. Então com um gesto rápido e imponente ela lançou seus braços e vagarosamente os moveu para baixo na frente dela. [...] No décimo seus olhos estavam fechados, e sua respiração estava mais devagar e mais plena que o normal. [...] “Ela está em transe”, disse a srta. Penclosa. (DOYLE, s.d., p. 6)

Incrédulo, Gilroy faz de tudo para acordar a noiva, mas não consegue. A fim de convencê-lo de forma definitiva, a hipnotista faz uma sugestão ao ouvido de Agatha e promete ao professor que ele terá uma prova da eficácia do hipnotismo. No dia seguinte, sem razão alguma, Agatha vai à casa do protagonista e declara o fim do noivado. O desespero de Gilroy não passa de trinta minutos graças a um bilhete que a srta. Penclosa lhe deixara explicando que tudo não passava de uma sugestão hipnótica. Minutos depois Agatha não se lembrava de coisa alguma. Porém, toda a situação foi mais do que suficiente para convencer o professor Gilroy que decide, por seu turno, investigar o assunto oferecendo a si próprio para ser hipnotizado.

As sessões de hipnose têm início com muita empolgação por parte do professor, todavia, no decorrer dos dias, alguns elementos negativos começam a surgir. Gilroy torna-se pálido, abatido e ansioso, percebe que a srta. Penclosa desenvolveu uma paixão por ele e, por fim, nota aterrorizado que não tem controle total sobre a própria vontade, estando nas mãos da hipnotizadora: “Esta mulher [...] pode dominar meu sistema nervoso. Ela pode se projetar dentro do meu corpo e tomar o controle dele. Ela tem uma alma parasita; sim, ela é um parasita, um parasita monstruoso” (DOYLE, s.d., p. 17). Mesmo sem querer obedecer à vontade da srta. Penclosa, Gilroy não consegue se desprender da subjugação. Ao declarar seu ódio à hipnotista, Gilroy vira alvo de mais ataques, o que o faz perder a licença para lecionar na universidade. Assim, a vida do professor Gilroy aos poucos vai se transformando em um verdadeiro inferno. O domínio da hipnotista sobre o professor é absoluto, de modo a forçá-lo ao cúmulo de cometer crimes. Essa subjugação só tem fim com o assassinato da hipnotizadora que ocorre no final da narrativa pelas mãos de outra de suas vítimas.

Neste conto, portanto, o processo da hipnose é levado às últimas consequências e, mais uma vez, a ficção fantástica extrapola os limites do possível, não sem antes permear as possibilidades do hipnotismo que estavam em voga nos estudos da época.

Comparando o texto de Doyle com o romance de Freitas, quanto ao uso do hipnotismo, observamos claramente uma diferença notória: enquanto em *O parasita*, o uso da hipnose possui um caráter negativo, no sentido de prejudicar o hipnotizado, em *A Rainha do Ignoto*,

como veremos mais à frente, esse uso detém um caráter positivo. Ainda, por exemplo, que seja para causar uma ilusão, a finalidade última do hipnotismo é sempre de ajuda aos que necessitam.

### 3.2 Honoré de Balzac e Théophile Gautier

Quanto à influência do espiritismo na ficção fantástica, interessa-nos aqui investigar de que modo aspectos ligados à doutrina espírita estão presentes nas narrativas. Quais fenômenos insólitos de temática espírita eclodem na narrativa fantástica? Há também questões relativas aos aspectos filosóficos e morais do espiritismo?

O romance *Úrsula Mirouët*, de Honoré de Balzac, publicado em 1841, apresenta temas ligados ao hipnotismo, sonambulismo e também temas espíritas, ainda que anterior es ao surgimento da doutrina espírita propriamente dita; contudo, percebe-se a similitude das ideias com os precursores do espiritismo como Swedenborg. Esse aspecto, porém, não é predominante na obra. O romance aborda especialmente o mote da herança, a ambição e o comportamento mesquinho por parte dos herdeiros; assim como, a temática do casamento que no século XIX era baseado, principalmente, no interesse dos pais de providenciar uma situação financeira mais favorável possível para os filhos. A história, contada por um narrador heterodiegético, tem muitos personagens, mas os principais são o doutor Dionísio Minoret, sua afillhada Úrsula Mirouët e o futuro noivo de Úrsula, Saviniano de Portenduère.

Em meio a um ambiente sobremodo realista, os fenômenos ligados ao magnetismo e as ideias de ação e reação estão presentes de maneira decisiva no romance. Primeiramente, é através da observação incontestável do poder do magnetismo que o doutor Minoret, padrinho de Úrsula, deixa de ser ateu, não só aceitando como verdadeiros os fenômenos do magnetismo, como convertendo-se também ao catolicismo. Para ele, o magnetismo e a religiosidade, antes de serem excludentes entre si, eram, na verdade, complementares um do outro. Até mesmo o padre amigo do doutor não desacreditava dos fenômenos magnéticos e mediúnicos, ainda que ressaltasse o ponto de vista da Igreja.

Destacamos no romance o capítulo VI *O magnetismo em resumo*, que, conforme o título, apresenta toda uma recapitulação histórica de pesquisadores reais que se debruçaram sobre os estudos do magnetismo. É neste capítulo que se dá a conversão do doutor Minoret às ideias do magnetismo. Tudo se deve a uma carta de um antigo amigo chamado Bouvard. Há muitos anos, Bouvard passou a estudar o mesmerismo o que gerou uma inimizade entre os amigos, uma vez que Minoret era materialista e condenava tudo que escapasse aos ditames da ciência mais

ortodoxa. Porém, Bouvard havia conhecido um swedenborgiano e magnetizador impressionante, cujos poderes eram capazes de curar inúmeras doenças, assim como induzir as pessoas mais suscetíveis ao sonambulismo a realizarem verdadeiras proezas. Descrente, porém curioso, o velho Minoret não deixa de atender ao convite do amigo e rival. Assim, reuniram-se para uma sessão de magnetização juntamente com o magnetizador e uma senhora que já se encontrava em estado sonambúlico. Segundo esclarece o magnetizador aquela senhora em transe poderia direcionar sua visão e audição para qualquer lugar, não lhe havendo obstáculos, pois seus sentidos - não mais limitados aos órgãos físicos - estavam temporariamente mais apurados do que no estado de vigília. Minoret pede então que ela vá até sua casa em Nemours. A sonâmbula descreve o jardim da casa do médico e narra o que Úrsula faz e pensa nos mínimos detalhes, até mesmo cita a prece que a jovem faz antes de dormir. Todas as perguntas são respondidas e todas são verificadas por Minoret ao viajar de volta para sua residência. As evidências terminaram por convencer o doutor Minoret.

Em *A Rainha do Ignoto*, também há casos de hipnotismo impressionantes, em um deles que será comentado no próximo capítulo, uma jovem hipnotizada relata acontecimentos não apenas distantes no espaço como ocorre em *Úrsula Mirouët*, mas distantes também no tempo, ou seja, fatos que ainda vão ocorrer no futuro.

Além da conversão de Minoret, que desempenha importante papel na história desde o início do livro, os eventos insólitos sempre relacionados ao magnetismo ou a fenômenos mediúnicos serão os responsáveis pela reviravolta que ocorre na narrativa. Após a morte do tutor de Úrsula, um dos herdeiros encontra o testamento que o doutor havia deixado para sua pupila e, de modo sorrateiro, extravia para si a parte da herança destinada à Úrsula. A jovem passa, assim, a viver de maneira muito precária. Meses depois, Úrsula começa a ter estranhos sonhos com o padrinho falecido e este lhe revela em detalhes o crime cometido e o culpado. É a partir dessas manifestações do doutor Minoret que é possível solucionar todo o conflito instalado envolvendo a protagonista, seu noivo Saviniano e os demais personagens.

A relação de causa e efeito ou ação e reação comum tanto à doutrina de Swendeborg, quanto à doutrina espírita assoma no romance sobretudo para Úrsula, Saviniano e para seus perseguidores Francisco Minoret, sua esposa Zélia e Goupil. Úrsula, tendo se mostrado sempre muito correta em suas ações e pensamentos, muito religiosa e resignada quando passou por dificuldades, teve seu final feliz junto de seu noivo. Saviniano, por sua vez, iniciou a narrativa preso por dívidas, contudo, mudou totalmente de comportamento fazendo por onde merecer a felicidade encontrada. Já Francisco Minoret e Zélia, que tentaram ficar com a parte da herança de Úrsula, tiveram como consequência, entre outras, a perda do filho. Goupil, outro perseguidor

de Úrsula, ainda conseguiu o cargo que queria, pois arrependeu-se de seus feitos; mesmo assim, teve filhos com deficiência. Essas reações derivadas das ações dos personagens condizem perfeitamente com o código penal da vida futura exposto no livro da codificação kardequiana *O céu e o inferno*. Eis o que nos diz o 3º ponto deste código:

Não há uma única imperfeição da alma que não importe funestas<sup>46</sup> e inevitáveis consequências, como não há uma só qualidade boa que não seja fonte de um gozo. A soma das penas é, assim, proporcionada à soma das imperfeições, como a dos gozos proporcionada à das qualidades. (KARDEC, 2013, p. 83)

Assim, embora não sendo temas predominantes no livro de Balzac, o magnetismo e a temática espírita estão presentes de modo crucial para o desenvolvimento e conclusão da narrativa.

Outro romance contendo temática espírita, dessa vez de modo predominante, é *Spirite* escrito em 1865 por Théophile Gautier<sup>47</sup>. A obra, inclusive, rendeu dois comentários de Allan Kardec na *Revista Espírita*, primeiramente em dezembro de 1865, depois em março de 1866. Segundo o codificador do espiritismo, as ideias do romance de Gautier “são incontestavelmente extraídas na própria fonte do espiritismo”; embora ressalte que “a parte concedida ao fantástico é certamente um pouco grande e que seria preciso abster-se de tomar todos os fatos ao pé da letra” (KARDEC, In: GAUTIER, 2021, p.13). *Spirite* teve duas traduções para o português, a primeira com o título *O ignorado amor* e a segunda, de que nos servimos, com o título *Tão longe, tão perto*.

O romance, através de um narrador heterodiegético, conta a história de um amor, a princípio impossível, entre seres separados pela morte. Certa noite, o jovem Guy de Malivert, relutante em sair de casa para visitar a sra. d’Ymbercourt, resolve escrever um bilhete, mas a dificuldade na escolha do que dizer era grande:

Como se aguardasse pela frase que não vinha, o corpo de Malivert se movimentou inquieto e sua mão, tomada por formigamentos e impaciência, parecia encomendar algo para cumprir seu dever. Guy esticava e encolhia os dedos como se fossem traçar letras e, por fim, surpreendeu-se por haver escrito, em absoluta inconsciência, nove ou dez linhas que leu e cujo sentido era mais ou menos o seguinte:  
“A senhora é demasiado bela e acha-se cercada por admiradores vários, para que eu

<sup>46</sup> Mais adiante, quando tratarmos do livro de Emília Freitas, veremos que, por coincidência, *Funesta* é um dos nomes relacionados à personagem central.

<sup>47</sup> Sobre esta obra há uma dissertação de mestrado intitulada “Do fantástico ao “realismo espírita”: amor e morte em Théophile Gautier”, de Isabella Antunes. Sobremodo interessante, a dissertação trabalha os temas do amor e da morte em quatro obras de Gautier, sendo a última justamente *Spirite*. O trabalho defende, entre outros pontos, que *Spirite* não se enquadraria como obra fantástica por não haver mais hesitação sobre os eventos insólitos que ocorrem com Guy, tendo este, na verdade, aceitado como real todo seu relacionamento com Espírita. De fato, considerando o fantástico tal como colocado por Todorov, essa obra de Gautier não seria tida como fantástica. No presente trabalho, porém, nossa concepção de fantástico é mais ampla, considerando como tal, toda narrativa que trabalhe eventos insólitos em um mundo diegético correspondente ao nosso mundo, independentemente da situação final permanecer ou não na ambiguidade.

possa dizer, sem ofendê-la, que não a amo. É uma nota dissonante para o gosto daquele que faz tal confissão... É tudo! Para que levar adiante uma relação que poderia unir duas almas tão pouco feitas uma para a outra, ligando-as numa infelicidade eterna? Desculpe-me, vou embora. Você não tardará a me esquecer!” (GAUTIER, 2021, p. 31)

Abismado pelo fenômeno e pelo conteúdo escrito, Guy desiste do bilhete e resolve finalmente sair. É então que ouve um estranho suspiro... Essas são as primeiras de muitas manifestações insólitas que ocorrem na narrativa de Gautier. As reações de Guy em relação aos eventos sobrenaturais vão se modificando ao longo da narrativa. Inicialmente, incerteza, depois medo, logo depois, admiração, aceitação e encantamento. Os fenômenos presentes na obra são principalmente, a psicografia e a materialização; ambas, de acordo com o espiritismo, necessitam de um médium que seria, no caso, o próprio Guy de Malivert. Exatamente esses dois tipos de mediunidade também se manifestam no romance *A Rainha do Ignoto*, conforme será abordado no capítulo seguinte.

Assim, é através desses fenômenos mediúnicos que Espírita<sup>48</sup>, jovem desencarnada, entra em contato com Guy e narra toda sua casta aventura amorosa unilateral por Guy. Desde quando o viu pela primeira vez, passando por todas as vezes em que o destino impediu que ambos se vissem, até o momento de seu desencarne. A narração vai mesmo além, Espírita conta sua chegada do outro lado e seu retorno à terra para junto de seu grande amor. Guy, já apaixonado por Espírita, desde a primeira aparição desta, resolve dedicar seu amor à sua alma gêmea. Deste modo, ambos mantêm por um tempo um relacionamento inusitado, até que em uma viagem à Grécia, Guy é vítima de um assalto e acaba sendo assassinado. Então, o casal finalmente une-se no mundo espiritual.

Como se percebe, o fio da trama narrativa é baseado nos temas espíritas da sobrevivência da alma, da comunicação mediúnica e da vida espiritual. Chamam atenção no livro as descrições dos fenômenos mediúnicos muito próximas da doutrina espírita. Vejamos, por exemplo, o detalhamento das aparições em *O livro dos médiuns*:

102. As aparições propriamente ditas ocorrem no estado de vigília, em que a pessoa goza da plenitude e da inteira liberdade de suas faculdades. Elas se apresentam geralmente sob uma forma vaporosa e diáfana, algumas vezes vaga e indecisa. É frequente, ao primeiro olhar, um clarão esbranquiçado cujos contornos se desenham pouco a pouco. De outras vezes, as formas são nitidamente acentuadas, e distinguem-se os menores traços do rosto, a ponto de se poder fazer uma descrição bem precisa. As maneiras, o aspecto, são semelhantes aos do Espírito quando encarnado. (KARDEC, 2012, p. 123)

---

<sup>48</sup> Espírita é a tradução de Spirite, nome da protagonista na obra original.

Comparemos agora com a caracterização da primeira aparição de Espírita a Guy através de um espelho:

[...] acreditou distinguir na escuridão, uma vaga brancura leitosa, um tipo de clarão longínquo e trêmulo que parecia se aproximar. [...] O ponto luminoso no espelho começava a delinear-se de maneira mais clara e a adquirir cores suaves, imateriais por assim dizer, e teria feito parecer barrentos os tons da mais delicada paleta. [...] A imagem se condensava cada vez mais sem adquirir, contudo, a precisão grosseira da realidade, e Guy de Malivert pôde ver, finalmente delimitada pelas bordas do espelho, como num retrato na moldura, a cabeça de uma jovem, ou melhor, de uma mocinha de tal beleza, que comparada a ela a beleza mortal não passa de sombra. (GAUTIER, 2021, p. 75-77)

Percebemos que em ambos os trechos há a referência a formas claras, vaporosas, embaçadas passando de modo paulatino para formas mais nítidas.

Por último, cabe-nos comentar que essa narrativa apresenta um ponto crucial do espiritismo que é não somente a sobrevivência da alma após a morte do corpo físico, mas a permanência dos sentimentos, e é isso que faz Espírita voltar à terra e procurar por seu amor.

### **3.3 José de Alencar, Machado de Assis e Coelho Neto**

No Brasil, vamos encontrar, no último romance de José de Alencar, uma incursão pela literatura fantástica até então inédita na obra do autor cearense. Escrito em 1877, o romance *Encarnação* narra a história de dois protagonistas: Amália e Hermano. Espirituosa, a jovem e bela Amália era filha única de um rico casal que oferecia muitos saraus em sua residência. Amália gostava das partidas, mas relutava contra a ideia de casamento, pois possuía uma concepção muito prática do que seria essa instituição: “uma partilha de vida, bens, prazeres e trabalhos”; não acreditava no amor romântico até conhecer a história de Hermano através de um amigo em comum chamado Dr. Teixeira. Conforme relato deste, Hermano havia se casado com Julieta, uma jovem que não era rica, nem bonita, mas pela qual o jovem havia se apaixonado perdidamente. Contudo, Julieta faleceu por causa de um aborto e Hermano continuou fiel à esposa mesmo depois de morta. Na verdade, Hermano levava uma vida que muitos consideravam esquisita. Não recebia ninguém e também não se envolvia em eventos sociais; era taciturno e calado. Além disso, dava o que falar pela vizinhança por ter encomendado estranhas caixas de tamanho considerável. Segundo esclarece o Dr. Teixeira, muitos o consideravam louco, mas se tratava apenas de um homem que não conseguia esquecer a esposa falecida. Amália admirou toda essa dedicação de Hermano e passou a ficar cada vez mais interessada nele, passando inclusive a observá-lo mais, já que eram vizinhos. Em uma dessas espiadas, porém, ela vislumbrou a silhueta de uma mulher na casa de Hermano e ficou

indignada com a flagrante “traição”.

Já por esse período, tanto o Dr. Teixeira, quanto a mãe de Amália haviam notado o interesse da jovem por Hermano e começaram a planejar um encontro dos dois. A princípio, Hermano recusa-se a visitar a casa de Amália, porém, muda de resolução quando durante alguns dias escuta a bela voz de Amália cantando trechos da mesma ópera que cantava Julieta, a qual por sua vez também detinha muito talento musical. Assim, na primeira visita que Hermano faz à Amália, já esta termina por se apaixonar por Hermano e acaba sendo correspondida nessa paixão. Tempo depois, Hermano a pede em casamento; apesar do receio de ter que dividir o amor de Hermano com a primeira esposa, Amália aceita e acabam se casando. Todavia, os receios de Amália terminam por se concretizar. Hermano não a ama totalmente. Ele mantém os quartos da primeira esposa fechados a chave, impede que Amália sente-se no banco do jardim, onde Julieta sentava-se. Não aceita que Amália tome o mesmo lugar na mesa de jantar que era de Julieta e, além de tudo, não consegue trocar uma carícia com a nova esposa. Nem os empregados aceitam Amália como a nova dona da casa. A situação torna-se insuportável para Amália. Hermano pede desculpas e resolve tomar uma atitude para deixar Amália livre: decide tirar a própria vida. Amália fica horrorizada com a ideia mórbida e pede que Hermano jure não atentar contra a própria vida.

Um dia Amália consegue entrar no toucador de Julieta. Lá descobre duas estátuas de mulheres e reconhece a situação lastimável do esposo. A fim de fazer de tudo por Hermano, Amália resolve ficar o mais parecida possível com Julieta em vários aspectos, passa com isso a ser mais aceita pelos empregados. Já Hermano começa a ficar cada vez mais confuso, pois não sabe se ama Amália ou se ama a encarnação de Julieta em Amália. Assim, resolve pôr em prática seus planos sinistros. Aproveitando uma saída para um sarau, Hermano diz que precisa voltar para casa a fim de pegar a carteira que havia esquecido. Em casa, liga os bicos de gás e se tranca no antigo quarto de Julieta. Enquanto aguarda a condensação do gás, Hermano observa um retrato de Amália, que havia sido colocado ali recentemente, e nessa contemplação, ele começa a misturar a imagem das duas esposas:

Nos raptos da imaginação, viu outra vez as duas esposas, a quem havia jurado fidelidade. Às vezes, elas se aproximavam, perto, muito perto, uniam-se estreitamente, e fundiam-se numa só massa vaporosa, donde surgia afinal essa mulher dúplice, essa Julieta-Amália, que estava pintado no retrato. (ALENCAR, 2002, p. 148)

E em meio ao seu perturbado estado mental, Hermano chama pela primeira esposa e eis que, finalmente, vemos na narrativa a comunicação direta de Hermano com Julieta depois de

morta:

— Julieta! exclamou ele em um grito de ânsia.

A esposa o tinha ouvido ali. Ali estava ela a seu lado. A luz desaparecera e os seus raios se haviam transformado em estrelas. Foi ao trêmulo dessa luz celeste que ele divisou a sombra amada. Ela trazia o seu traje favorito de baile, o mesmo com que a viu da primeira vez.

Julieta lhe cingira o colo com o braço e ele sentia o doce contato do talhe gentil na sua espádua e no seu flanco. Depois a voz terna e queixosa da esposa murmurou-lhe ao ouvido como um arpejo:

— Ingrato!...

— Perdão, Julieta, perdão! confesso que Amália me fascinou: mas o que eu amei nela foi unicamente a tua lembrança, a tua alma que às vezes eu ouvia em seus lábios, e via em seus olhos. O que era ela, e só ela, a sua beleza, essa eu admirava; mas enchia-me de terror. Resistia à tentação, refugiando-me em teu amor: e se tu não me amparasses, teria sucumbido! Salvei-me, preservei minha alma; ela está pura como a deixaste, e vai reunir-se à tua pela eternidade. Eis o momento. Recebe-me em teu seio; não me deixes mais um instante neste mundo, pois aqui mesmo, perto de ti, próximo a infundir-me no teu ser, eu a vejo, eu a sinto, a ela, a Amália: e tenho medo que venha arrebatá-la de ti e separar-nos para sempre.

A voz de Julieta murmurava-lhe então ao ouvido:

— Não tenhas este receio, meu Hermano. Queres saber por que tu vês Amália, em mim, em tua Julieta? É porque ela te ama como eu te amei, com igual paixão. Ela e eu não somos senão a mesma e única mulher que tu sonhaste. Podes dar-te a ela: é como se te dessem novamente a mim. Vi que estavas triste e só no mundo; que a minha lembrança não te bastava; e então revivi em Amália, transmiti-lhe minh' alma para que fosse tua esposa; para que tu me adorasses em uma imagem viva, que te retribuísse, e não em uma estátua de cera.

— Embora; estou cansado de viver; quero reunir-me a ti, em espírito, desprendendo-me dessa materialidade impura, que pode subjugar a alma, e arrastá-la ao crime. Amália é minha esposa perante os homens; e desde que nela está a alma de minha Julieta, ela é também minha esposa perante Deus; poderei pertencer-lhe legitimamente, porque te pertenceria a ti: mas essa poderosa sedução de sua beleza, se eu a sofresse de outra mulher?... Não passaria de novo pelo martírio que me atormentou?... Melhor é nos reunirmos no céu recolhe a alma que deste a Amália, e leva-nos com ela.

A voz melodiosa suspirou outra vez:

— Queres morrer, meu Hermano? Queres deixar o mundo? Pois bem, dá-me tua alma: deixa-me absorvê-la na minha, e confundi-las que não formem senão uma só. Então abandonaremos a terra e iremos esconder-nos no seio de Deus, que nos criou. (ALENCAR, 2002, p. 148-149)

O capítulo encerra de forma enigmática; conforme o narrador relata, Hermano “sentiu que sua alma, desprendendo-se das cinzas, remontava ao céu” (ALENCAR, 2002, p. 150), enquanto isso o incêndio tomava conta da casa. A narrativa dá a entender que Hermano teria morrido. Entretanto, no último capítulo, passados cinco anos, vamos encontrar Amália e Hermanos vivos e ainda casados, com uma filha de nome Julieta que estranhamente traz semelhanças com a falecida esposa de Hermano. Neste capítulo, há uma explicação parcial do que ocorrera no incêndio. A explicação é feita por Amália a Hermano que não lembrava direito do incêndio. Ela o tinha salvado do fogo, antes que fosse tarde demais.

O romance de José de Alencar apresenta diferentes possibilidades de leitura dependendo da interpretação. É possível considerar que Hermano realmente sofria de um distúrbio mental

e que tudo não passara de alucinações. Entretanto, a narrativa indica também a possibilidade de entendermos que de fato Hermano mantinha algum contato com Julieta desencarnada. Com exceção do diálogo final acima citado, o narrador não nos dá acesso explícito aos momentos em que Hermano encontrava-se com suas estátuas de Julieta e, portanto, a questão fica em aberto. Outro indício de uma possível comunicação entre Hermano e Julieta diz respeito à referência à obra acima já comentada no nosso trabalho *Spirite*, de Théophile Gautier. Um exemplar deste romance é encontrado no quarto de Julieta por Amália e era lido por Hermano à noite. Com certeza, a referência não é gratuita. Da mesma forma, o próprio título do romance *Encarnação* remete-nos a um vocabulário típico da doutrina espírita já bastante em voga no período que este romance de José de Alencar foi escrito. Resta finalmente o diálogo supracitado de Hermano com Julieta. Considerando que houve de fato a comunicação entre ambos, podemos falar na presença de elementos espíritas na narrativa alencarina.

Além da comunicabilidade entre encarnados e desencarnados, tocamos também na questão da transfiguração que em alguns momentos pareceu ocorrer entre Amália e Julieta. No capítulo VII de *O livro dos médiuns*, Kardec tece alguns esclarecimentos acerca do fenômeno da transfiguração; segundo o estudioso, a transfiguração consiste na “modificação do aspecto de um corpo de vivo”. O perispírito, que é o corpo fluídico do espírito, é maleável e pode, portanto, assumir as mais diversas aparências. Isso ocorre a partir da força de vontade do espírito e de uma modificação das disposições moleculares. Essas alterações podem ocorrer no perispírito de encarnados e de desencarnados, detalha Kardec:

Imaginemos então perispírito de uma pessoa viva, não fora do corpo, mas irradiando ao redor do corpo de maneira a envolvê-lo como espécie de vapor. Nesse estado ele pode sofrer as mesmas modificações de quando separado. [...] Poderá mesmo mudar de aspecto, ficar brilhante, de acordo com a vontade ou o poder do Espírito. *Outro Espírito, combinando o fluido com esse, pode substituir a aparência dessa pessoa, de maneira que o corpo real desapareça, coberto por um envoltório físico exterior cuja aparência poderá variar como o Espírito quisier.* (KARDEC, 1996, p. 129, grifos nossos)

Assim, em uma interpretação à luz do espiritismo, poderíamos afirmar que as transfigurações de Amália eram uma provável aproximação do espírito de Julieta junto à Amália. O fenômeno da transfiguração também surge no romance de Emília Freitas justamente na figura da protagonista, consoante podemos observar na passagem a seguir:

— Muito mais admirãote causaria a minha falta de franqueza, pois és boa e sincera, devo te aparecer tal qual sou e não transfigurada, como faço com outras paladinas.  
 — E vós vos transfigurais?  
 — Sim, porque isto não é máscara, eu nunca me mascarei.  
 — Como, senhora? Nunca se mascarou? E que é isso?  
 — É uma maneira de aparecer às paladinas, aos estranhos apareço no meu estado natural ou na figura que exigem as circunstâncias. (FREITAS, 2020, p. 272)

Outro autor brasileiro em cuja obra podemos encontrar o tema do espiritismo é Machado de Assis. Segundo Elaine Maldonado, em sua dissertação *Machado de Assis e o espiritismo*, há uma produção machadiana nesse sentido espalhada por 31 anos, de 1865 a 1896, entre contos e crônicas. Sendo contrário à doutrina espírita, o escritor não deixou de trabalhar as temáticas do espiritismo de forma sobremodo irônica. Contudo, de acordo com a estudiosa Maldonado, mais do que criticar, em seus textos Machado dialogava com os aspectos da doutrina os quais, a propósito, conhecia muito bem. De sua produção, selecionamos aqui de forma ilustrativa o conto *A segunda vida*, escrito em 1884.

O conto desenvolve-se em um diálogo entre José Maria, o protagonista, e Monsenhor Caldas, para quem aquele resolveu contar sua história peculiar. O padre, porém, logo no início da narrativa pede licença e chama discretamente pela polícia, acreditava estar diante de um verdadeiro louco. Ao voltar, escuta de seu interlocutor:

— Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado-tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis. A sua pegou fogo alguma vez?

— Não, senhor. (ASSIS, 1997, p. 440-441)

Sem cerimônia alguma, o protagonista conta até mesmo o horário e a data exatos em que desencarnou em sua vida anterior. Em seguida, José Maria prossegue seu relato tecendo detalhes sobre sua chegada e acolhida no mundo espiritual. Foi recebido com uma festa por ter completado um milhão de encarnações, o êxtase foi indescritível. Contudo, havia um prêmio de reencarnar mais uma vez. José Maria, a princípio, quis recusar, mas não era possível. Podia, porém, escolher como iria nascer, se rico ou pobre. Em matéria de bens nada escolheu, por sua vez, pediu para nascer com experiência, pois esta lhe fez muita falta na vida anterior:

Fui vítima da inexperiência, monsenhor, tive uma velhice ruim, por essa razão. Então lembrou-me que sempre ouvira dizer a meu pai e outras pessoas mais velhas, quando viam algum rapaz: — "Quem me dera aquela idade, sabendo o que sei hoje!" Lembrou-me isto, e declarei que me era indiferente nascer mendigando potentado, com a condição de nascer experiente. Não imagina o riso universal com que me ouviram. Já, que ali preside a província dos pacientes, disse-me que um tal desejo era disparate; mas eu teimeei e venci. (ASSIS, 1997, p. 441)

Reencarnou, portanto, em cinco de janeiro de 1861. Mamava pouco e quase não chorava com receio de apanhar. Demorou para aprender a andar com medo de cair. Quando maior, não corria, nem trepava em árvores para não se machucar. Na escola, comportava-se do mesmo

jeito, vivia fugindo de tudo e, por isso, acabou tendo uma infância bem tediosa. Já rapaz, vai a uma festa, mas deixa de comer, pois se lembra de duas indigestões que teve na vida anterior. Anos depois conhece uma viúva por quem se apaixona. Resolve casar-se com ela, porém novos receios começam a atormentá-lo: o amor podia acabar, podiam ter gênios incompatíveis, podiam ter filhos “aleijados”, podiam ter crises, falta de dinheiro, doenças, não faltavam cogitações temerárias. Entretanto, não obstante muitas reviravoltas, José Maria termina por se casar. Porém, o medo constante em sua vida não o abandona. Atormentado pelas lembranças ruins da outra vida, não vive plenamente a existência atual e, assim, seu casamento com Clemência torna-se um verdadeiro tormento para ambos:

Vivia a temer um filho cego ou surdo-mudo [sic], ou tuberculoso, ou assassino, etc. Não conseguia dar um jantar que não ficasse triste logo depois da sopa, pela ideia de que uma palavra sua, um gesto da mulher, qualquer falta de serviço podia sugerir o epigrama digestivo, na rua, debaixo de um lampião. A experiência dera-lhe o terror de ser empulhada. Confessava ao padre que, realmente, não tinha até agora lucrado nada. (ASSIS, 1997, p. 445)

A narrativa do protagonista vai assumindo um tom cada vez mais delirante e ele vai ficando progressivamente mais desequilibrado até que, quando já estava próximo de agredir o padre, a polícia chega para realizar a prisão de José Maria.

O conto aborda a temática espírita da reencarnação, ou seja, da encarnação em um novo corpo. Só que no texto de Machado, sempre permeado com muita ironia, vamos encontrar esse tema no relato de um possível louco, o que não fecha a questão se houve ou não a reencarnação, mas inclina-o sobretudo para a interpretação de que tudo não passou de um devaneio de um lunático. Apesar desta leitura, o tema da reencarnação é trabalhado e com um grande diferencial: o reencarnado lembra-se de sua vida anterior. Sobre esse assunto, consta a seguinte questão em *O livro dos espíritos*:

392. *Por que perde o Espírito encarnado a lembrança do seu passado?*  
Não pode o homem, nem deve, saber tudo. Deus assim o quer em sua sabedoria. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, ficaria ofuscado, como quem, sem transição, saísse do escuro para o claro. Esquecido de seu passado, o homem é mais senhor de si. (KARDEC, 2013, p. 209)

Segundo os espíritas, como atesta Kardec (2013) em *O livro dos espíritos*, o esquecimento das vidas passadas é uma bênção divina, tornando cada existência uma oportunidade de recomeço. Costumam comentar como seria complicado, por exemplo, ter que conviver com um parente ou um conhecido com quem tivéssemos adversidades de outras vidas. Pondera ainda o codificador: “Gravíssimos inconvenientes teria o nos lembrarmos das nossas individualidades anteriores. Em certos casos, humilhar-nos-ia sobremaneira. Em outros, nos exaltaria o orgulho, peando-nos, em consequência, o livre-arbítrio” (KARDEC, 2013, p. 211).

Na narrativa em apreço, de fato, as lembranças da outra vida, a experiência que José Maria tanto quis, na verdade, não lhe foi útil. Pelo contrário, terminou por lhe tolher a nova vida, devido à presença constante do medo: medo de falhar, de se machucar, de não conseguir seja lá o que fosse. É interessante notarmos, como já aponta Elaine Maldonado, que esse aspecto negativo de reencarnar com lembrança do passado acabou sendo um ponto em comum entre Machado e a opinião dos espíritas:

O espiritismo ensina que a alma não deve se lembrar de sua encarnação passada para o seu próprio bem, e Machado de Assis, embora ao que tudo indica quisesse criticar a doutrina, mostrando que seus adeptos podiam facilmente descambar para a loucura; acaba por, indiretamente, confirmar que Kardec está certo nesse ponto, pois, se José Maria enlouqueceu com as lembranças de vida passada que lhe atormentavam a existência presente, isto prova que é melhor que o homem não se lembre de nada. (MALDONADO, 2008, p.41)

O tema da reencarnação, embora tão presente no espiritismo, não aparece em *A Rainha do Ignoto*.

Para encerrarmos nossa seleção de narrativas fantásticas, trazemos aqui outro escritor brasileiro, mesmo já tendo adentrado o século XX, é importante deixar esse exemplo, trata-se de Henrique Maximiano Coelho Neto. Conhecido como “o príncipe dos prosadores brasileiros”, Coelho Neto enveredou-se em seus textos pelo âmbito da literatura fantástica, apresentando elementos espíritas em alguns deles; tal é o caso do conto *O Duplo*, de 1927.<sup>49</sup>

A narrativa já se inicia com um diálogo envolvendo o personagem chamado “coronel” e o protagonista Benito Soares: “-Temos, então, um caso de desdobramento da personalidade do meu querido amigo?/ - Quem te disse ?/ - Laura” (COELHO NETO, 1927). Laura é a esposa de Benito Soares e anda contando o caso de “desdobramento” do esposo para os conhecidos, fato que deixa Benito chateado pela possibilidade de tornar-se motivo de chacota. O coronel pede então ao amigo que relate como se deu o estranho caso, Benito conta, não sem antes expor suas ressalvas: “Não ando a pregar doutrinas: não sou sectário, não frequento sessões nem leio, sequer, as tais obras de propaganda que pretendem revelar o que se passa no Além da morte” (COELHO NETO, 1927). Não há o termo espiritismo, mas a referência à doutrina espírita é bem nítida. Ainda que não seja beato, Benito é católico e deixa claro não acreditar em nada que ultrapasse aquilo que seus pais lhe ensinaram no campo religioso. Por sua vez, o interlocutor de Benito é bem mais aberto à esfera do sobrenatural:

- Mas, afinal, como foi? Comigo podes abrir-te sem receio. Sabes que, além de discreto, não sou dos que zombam do sobrenatural. Os fatos ai estão: produzem-se, reproduzem-se e, se ninguém os explica, muitos dão deles testemunho e provas e eles,

<sup>49</sup> Coelho Neto converteu-se ao espiritismo em 1923; tendo publicado, no *Jornal do Brasil*, uma entrevista a respeito de sua conversão em 07 de junho de 1923.

efetivamente, manifestam-se visível, sensivelmente.

Os cépticos encolhem os ombros sorrindo, os adversários, à falta de argumentos com que os destruam, bradam contra os que os apregoam. A verdade, porém, é que nos achamos diante de uma porta de bronze que nos veda um grande mistério, ou melhor - Mistério. (COELHO NETO, 1927)

Benito então inicia sua história afirmando que não sabe o que se deu consigo, mas que passou os momentos mais angustiosos de sua vida. Estava ele sentado no bonde, ou melhor, entalado entre um “obeso cavalheiro” e uma “matrona anafada”, tentando ler o jornal, porém sem sucesso. Sua mente vagueava e sentia-se atraído por alguma coisa que não sabia definir. Foi quando, levantando a cabeça, olhou para frente e viu:

- A mim mesmo, a mim! Eu, eu em pessoa sentado defronte de mim, no banco da frente, que dá costas à plataforma. Era eu, eu! como refletido em um espelho, e certo estremei vivamente, incomodando os meus companheiros laterais, porque ambos voltaram-se encarando-se de má sombra.

Pasmado, sem poder desfitar os olhos daquele reflexo, que era, em tudo, eu: nas feições, na atitude, no traje, não parecido, mas reproduzido em exteriorização, pensei de mim comigo:

"Se tal se dá é que o meu espírito, alma, ou lá o que seja, exalou-se de mim, deixando-me apenas o corpo, como a borboleta deixa o casulo em que se opera a metamorfose. Assim, pois, o que ali se achava, no bonde, era uma massa inerte, sustida pelos dois corpanzís que ladeavam. E, em menos de um segundo, vi todo o horror da cena, que seria cômica, se não fosse trágica, que se daria com a retirada de um daqueles gordos. (COELHO NETO, 1927)

Benito continua seu relato descrevendo que se sentia petrificado, com muito frio e angustiado por não conseguir sair daquela situação, ficou um tempo sem controle do corpo, até que fazendo um esforço supremo conseguiu se pôr de pé e seu duplo desapareceu. Ele comenta ainda que a situação talvez tenha durado por volta de um minuto, mas que lhe parecera um século de sofrimento. Sobre o caso narrado, comenta o coronel: “- Essas coisas, meu amigo, não se explicam: registram-se, são observações, fatos, elementos para a Ciência do Futuro, que será, talvez, Ciência da Verdade” (COELHO NETO, 1927).

Este conto fantástico, termina, portanto, sem explicação. Contudo, a referência ao espiritismo está lá presente, até porque para os espíritas, conforme consta no capítulo VII de *O livro dos médiuns*, existe o fenômeno da bicorporeidade, no qual, o espírito de uma pessoa encarnada, afastada do corpo, pode aparecer como o de um desencarnado, com todas as aparências da realidade. De acordo com o exposto no item 121 do capítulo VII, no caso da bicorporeidade: “A pessoa que se mostra simultaneamente em dois lugares diversos tem, portanto, dois corpos. Mas desses corpos só um é real; o outro não passa de aparência. Pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e o segundo a anímica” (KARDEC, 1996, p 127). Portanto, na visão espírita, essa seria uma possível explicação para o fenômeno que aconteceu com Benito Soares. De forma involuntária, ele se teria afastado do corpo físico e visto a si

mesmo. Presente em *O duplo*, o fenômeno da bicorporeidade também não ocorre no romance de Emília Freitas.

Outra narrativa do mesmo autor em que vemos a manifestação de fenômeno espírita é o conto denominado *A sombra*, de 1923. O conto narra a história do assassinato de uma jovem pelo próprio marido. O relato inicia-se com o narrador homodiegético lendo a notícia da prisão de um médico conhecido seu, o Avellar que fora preso após confissão do assassinato. O narrador vai então visitá-lo para interpelá-lo. Após ouvir a reiteração da confissão, ele questiona o porquê ao seu amigo. Avellar começa então a falar em ciúmes, mas termina por admitir: “E, queres que te diga? a mais culpada em tudo isso foi a Ciência. Foi ela que me levou ao crime, porque o ciúme... o ciúme... Não havia motivo para ciúme. Celúta era honesta” (COELHO NETO, 1923, p. 203). Avellar prossegue a história confirmando que matou Celúta através de envenenamento. Infectou-a com bacilos da tuberculose e outros germes letais. Porém, estranhamente, ao invés de testemunhar os sintomas da doença, Avellar observava que sua esposa parecia mais disposta. Atacou-a então com todo seu arsenal de micróbios e nada de piora. O caso tornou-se uma intrigante experiência para Avellar. O médico, contudo, começou a ficar com medo de Celúta pela quantidade de vírus e bactérias de que ela havia se tornado portadora. Até que, finalmente, a esposa veio a óbito, após uma morte rápida. Avellar assevera: “Não foi o marido o assassino, foi o bacteriologista, o homem de ciência, o prático de laboratório, entendes?” (COELHO NETO, 1923, p. 203).

A seguir, o assassino comenta que os médicos não puderam determinar a causa da morte e que ninguém poderia saber, ao que o narrador questiona então por que ele confessou o crime. Avellar responde que foi por causa da sombra:

– Sim. A sombra de Celúta. No dia do enterro, ao voltar do cemitério, notei que, em vez de uma, duas sombras me acompanhavam. Onde quer que eu fosse tinha-as sempre comigo: uma, era a minha; outra, era a da morta. Fiz tudo para livrar-me dela, tudo! Nada consegui. Agora sim... (COELHO NETO, 1923, p. 205)

O criminoso só conseguiu livrar-se da sombra da vítima quando assinou a confissão na delegacia. Afirmou, por fim, que preferia estar preso, mas permanecer livre da segunda sombra. A manifestação da “sombra” pode ter tanto uma explicação mais psicológica, podendo ser fruto do sentimento de remorso de Avellar, sendo assim apenas uma alucinação; quanto uma interpretação mais voltada para o espiritismo. Neste caso, a sombra seria a manifestação de Celúta desencarnada perseguindo seu algoz após sua morte e só deixando-o em paz quando se sentiu justificada.

Como podemos notar a aparição do espírito de Celúta diverge da aparição da Rainha do

Ignoto. No conto de Coelho Neto, apenas uma “sombra”, ainda que persistente, perseguia o protagonista. Já no livro de Emília Freitas a aparição da Rainha é mais completa, conforme veremos no capítulo quatro, seu perísprito aparece tal qual como era o corpo da Rainha, ainda que coberto de lesões.

Cabe-nos comentar aqui um último conto de Coelho Neto, também de 1923, este contendo a temática espírita de forma bem explícita, chama-se *Conversão*. A narrativa apresenta-se como um diálogo entre dois amigos e tem como narrador autodiegético um indivíduo que era totalmente contra a doutrina espírita: “Combati, com todas as minhas forças, o que sempre considerei a mais ridícula das superstições. Essa doutrina, hoje triunfante em todo o mundo, não teve, entre nós, adversário mais intransigente, mais cruel do que eu” (COELHO NETO, 1923, p 1). Aconteceu, porém, um episódio que veio mudar radicalmente a posição do protagonista. Ele tinha uma filha Júlia que havia perdido o esposo e seis meses depois perdera a filha Esther. O protagonista relata então como era a vida antes e depois da morte de sua neta Esther. Como todos sentiram a perda da menina, especialmente Júlia que agora vivia triste e apática. Até que um dia a situação mudou. Estava o protagonista no escritório quando chega sua mulher banhada em lágrimas afirmando que Júlia estava ao telefone falando com Esther. Ele fica sem acreditar na situação até que resolve ouvir a conversa por meio da extensão do telefone:

De repente, numa decisão, entrei no escritório, desmontei lentamente o fone do aparelho, apliquei-o ao ouvido e ouvi.  
Ouvi, meu amigo. Ouvi minha neta. Reconheci-lhea voz, a doce voz, que era a música da minha casa... Mas não foi a voz que me impressionou, que me fez sorrir e chorar, senão o que ela dizia.  
Ainda que eu duvidasse, com toda a minha incredulidade, haviade convencer-me, tais eram as referências, as alusões que a pequenina voz do Além fazia a fatos, incidentes da vida que conosco vivera o corpodo qual ela fora o som... (COELHO NETO, 1923, p.1)

Diante do conteúdo da conversa, o avô de Esther não teve dúvidas acerca da veracidade do fenômeno, comparou seu escritório à estrada de Damasco quando Saulo foi convertido ao cristianismo, sendo o protagonista, por sua vez, convertido ao espiritismo. Segundo Alexander Meireles (2008), este conto de Coelho Neto constitui um representante da Ciência Gótica brasileira pois atrela as ideias espíritas aos produtos da ciência e do progresso tecnológico da *Belle Époque*, como o telefone, que na narrativa em questão termina por possibilitar um diálogo entre duas dimensões, o mundo material e o mundo espiritual.

O breve passeio que fizemos através das narrativas fantásticas acima comentadas no decorrer deste capítulo teve como intuito apresentar de forma ilustrativa de que maneira o magnetismo, o hipnotismo e o espiritismo manifestaram-se nas obras literárias em análise.

Vimos que os diferentes autores partiram de conhecimentos relativos às paraciências em questão difundidos na época para recriarem esses temas em suas respectivas ficções. Apesar das possíveis explicações próximas do magnetismo e do espiritismo, o uso de tais temas não retirou o caráter fantástico das obras, uma vez que os textos não se mostraram fechados a uma única leitura, pelo contrário, mantinham a possibilidade de diferentes interpretações. De modo que o aspecto ligado ao sobrenatural continuou permanecendo nas narrativas seja de uma forma mais ou menos misteriosa.

#### 4 HIPNOTISMO, ESPIRITISMO E O FANTÁSTICO PRISMÁTICO DE EMÍLIA FREITAS

Do poder da sugestão à comunicabilidade entre encarnados e desencarnados, vimos, anteriormente, de que forma alguns escritores do século XIX e início do XX apropriaram-se dos temas do hipnotismo e do espiritismo em seus textos literários. No presente capítulo, pretendemos investigar como esses temas estão presentes na obra de Emília Freitas, *A Rainha do Ignoto*. Além disso, tencionamos demonstrar a presença de um fantástico prismático no romance em questão, ou seja, da simultaneidade de diferentes vertentes do fantástico de acordo com a perspectiva adotada.

Como se pôde observar na breve sinopse exposta na introdução do presente trabalho, muitos elementos insólitos permeiam a narrativa de Emília Freitas: a lenda de uma gruta encantada, o aparecimento inusitado da Funesta acompanhada de seres sinistros, uma ilha ignota envolta em brumas, fenômenos como transfiguração, precognição, comunicação com o além-túmulo e volta dos mortos. Esses são alguns motes presentes no universo de *A Rainha do Ignoto*, narrativa com certeza considerada fantástica por apresentar todos os elementos insólitos acima mencionados em um mundo correspondente ao nosso; onde, de acordo com Roas, existe uma experiência coletiva da realidade, na qual estão implicadas certas “regularidades”, isto é, “‘incertezas pré-construídas’ que estabelecemos em nosso trato diário com o real e por meio das quais codificamos o possível e o impossível”(ROAS, 2014, p. 93).

A abordagem de paraciências que eclodiram na época, como o hipnotismo e o espiritismo, não retira o caráter fantástico da obra por se tratar de estudos que não são unânimes na sociedade, por mais que se queira naturalizar o sobrenatural, isso é feito de modo individual e não coletivo. Assim, quando Emília Freitas no paratexto “Ao leitor” assevera que com mais razão se pode apoderar-se do inverossímil, continua sendo *inverossímil* para a coletividade. Na verdade, identificamos o espiritismo e o hipnotismo como elementos a mais que compõem o prisma de cores tão variadas que forma a literatura fantástica, em especial a vertente da ciência gótica. Além disso, o fantástico modo na narrativa vai estar presente também no próprio Reino do Ignoto, na riqueza impressionante da Rainha e, principalmente, na tecnologia existente no Reino, como a estação de trem subterrânea:

Chegaram efetivamente a uma estação de caminho de ferro; dali em diante a galeria subterrânea era construída por arcadas de abóbadas de tal solidez capaz de sustentar um mundo! [...] O apitar da máquina, o rodar do trem nos trilhos subterrâneos era medonho e cavo, aquelas mulheres fantásticas, tudo avultava no espírito do pobre moço, vítima de sua curiosidade. (FREITAS, 2020, p. 142)

Ademais, gostaríamos de esclarecer que as noções de hipnotismo e de espiritismo na narrativa de Emília Freitas são muito próximas, até porque, como já foi aqui comentado, os princípios de magnetismo e hipnotismo estão imersos também na doutrina espírita. No entanto, para uma melhor apreciação analítica, em nosso trabalho, tentaremos fazer uma divisão na abordagem de ambos.

Outro ponto importante de salientar diz respeito ao uso dos recursos do hipnotismo e dos fenômenos mediúnicos. Todos são voltados para o objetivo maior do Reino do Ignoto que é a prática do bem. Assim como, diga-se de passagem, ocorre no meio espírita. Todas as reuniões e sessões mediúnicas visam o bem ao próximo, conforme preceitos de *O evangelho segundo o espiritismo*, ao falar sobre o “homem de bem”:

O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara lhe fizessem. (KARDEC, 2013, p. 232)

Entretanto, como esse bem difere dos preceitos da sociedade patriarcal, monárquica e escravocrata, faz-se necessário o artifício da dissimulação para a realização dos chamados *assaltos do bem*<sup>50</sup>, entre os quais estão: “[...] guerrear a injustiça, proteger o fraco contra o forte, entrar nos cárceres para curar os enfermos, lançar-nos às ondas para salvar os naufragos e atirar-nos aos incêndios para lhes arrebataram as vítimas!” (FREITAS, 2019, p. 141)

Em outras palavras, em uma sociedade na qual não havia igualdade de direitos entre homens e mulheres, não havia direito de escolha quanto ao governante do país e, principalmente, na qual era *normal* (!) escravizar um ser humano, as noções de certo e errado apresentavam-se deturpadas e não coincidiam de forma alguma com o que Emília Freitas, como espírita que era, acreditava ser o verdadeiro bem. E essa discrepância é transposta para seu livro.

Desta forma, na narrativa, para a realização de ações benéficas, são elaborados verdadeiros planos com muitos atores para a devida execução. Possuindo riquezas e um reino autossustentado, a Rainha não poupa esforços para ajudar o próximo necessitado, investindo

<sup>50</sup> Segundo o Dicionário Houaiss, a palavra “assalto” significa “Ataque repentino com uso de força e intuito de roubo”, ou seja, trata-se de um vocábulo semanticamente ligado a uma ação prejudicial. No entanto, Emília Freitas cria esse termo antitético “assaltos do bem”, pois na realidade as intenções das paladinas são sempre de ajudar o próximo. Contudo, Freitas ligou o termo “bem” à palavra “assalto”, provavelmente, para impactar o leitor e porque as ações de ajudamuitas vezes adquiriam um caráter sorrateiro até para se preservar o anonimato da Rainha e de suas paladinas.

em disfarces e falsas identidades. Para complementar utiliza, sempre que preciso, as técnicas do hipnotismo e a ajuda que os fenômenos espíritas podem proporcionar, especialmente a comunicação com os espíritos.

A respeito dessa predominância do bem no romance de Freitas, poderíamos dizer, seguindo uma colocação de Filipe Furtado (1980), que *A Rainha do Ignoto* não se enquadraria como narrativa fantástica, uma vez que para o estudioso a ficção fantástica é marcada pela presença do sobrenatural negativo, ou seja, para Furtado o fantástico estaria vinculado à presença do mal, enquanto o bem seria atributo da ficção maravilhosa. Todavia, essa opinião não é unânime entre os estudiosos de literatura fantástica. E reiteramos mais uma vez que nossa concepção de fantástico segue os preceitos, em especial, do estudioso David Roas. O pesquisador espanhol não restringe o texto fantástico àqueles em que predomina a temática do mal, ainda que fale sobre a importância do medo metafísico; essa inquietude, contudo, estaria relacionada às fronteiras de nossas certezas sobre o possível e o impossível. O fantástico assume, portanto, uma função crítica acerca da realidade ao questionar conceitos e posições aceitos pela maioria da sociedade. Entra, por exemplo, aqui a questão da inversão de valores que havia entre a valorização do luxo e da moda vindos da cidade grande, que por sua vez vinha da Europa, contra a simplicidade que existia na cidade pequena como *Passagem das Pedras*. As filhas de D. Matilde, Alice e Henriqueta, representam bem o tipo de pessoa que valoriza mais *o ter* do que *o ser*. E isso é demonstrado na festa de aniversário de ambas quando estas recebem, não se sabe de quem, misteriosos presentes denominados “juízo de Alice” e, para Henriqueta, um “manual de civilidade”. Podemos asseverar, ainda, que a forte presença do bem na narrativa é uma peculiaridade do texto de Emília Freitas com certeza relacionado à presença da doutrina espírita.

Um ponto intrigante acerca da obra de Freitas tem a ver com seu subtítulo *Romance Psicológico*. Por que Emília Freitas teria colocado este subtítulo? Para diferenciar seu livro do romance realista ainda em voga? Ou teria outro motivo? Sobre o romance psicológico, o *E-Dicionário de Termos Literários*, de Carlos Ceia, apresenta as seguintes considerações escritas por Eunice Cabral:

Termo atribuído ao romance cujo centro do universo semântico é o funcionamento da mente humana. Aplica-se aos romances europeus surgidos por volta da década de 20 do século XX, que são resultantes de uma revolução na concepção do romance. O registo da psicologia concretiza-se, na narrativa romanesca, pela centralidade da consciência individual. [...]

A sua importância determina uma concepção de realismo sujeita ao modo como uma mente humana apreende o exterior. Todos os romances ditos psicológicos têm em

comum o entendimento do mundo a partir de uma personagem ou do narrador, que se transforma no lugar dos seus pensamentos. (CABRAL, 2009)

Além disso, o romance psicológico apresenta as seguintes marcas: uso predominante da focalização interna fixa ou variável. A narrativa mostra-se, muitas vezes, fragmentária, até mesmo incoerente por representar o fluxo dos pensamentos do narrador. Em alguns textos mais audaciosos, até a sintaxe é alterada, não há preocupação com letras maiúsculas, pontuação, parágrafos. Predomina o tempo subjetivo, refletindo em uma narrativa não linear.

Sendo um subgênero fruto do início do século XX e pelas características que apresenta, esse romance psicológico não corresponde ao romance de Emília Freitas. Acreditamos ser provável que o subtítulo “romance psicológico” esteja relacionado, por um lado, às doenças, hoje chamadas de psicossomáticas, de muitas mulheres que surgem na narrativa desencadeadas por sofrimentos que lhes foram infligidos. Por outro lado, podemos observar a relação do subtítulo com a complexidade da protagonista, a qual aliás, não é dissolvida com o fim da narrativa. Em momento algum, a narradora tem acesso a tudo que se passa no interior da Rainha do Ignoto.

Outra suposição acerca deste subtítulo, que não exclui o que foi dito acima, diz respeito ao uso do termo “psicológico” no meio espírita. Lembramos aqui que a Revista Espírita de Allan Kardec traz também o subtítulo *Jornal de estudos psicológicos*, comentado, por sua vez, na Introdução da Revista de 1858:

Nosso quadro, como se vê, compreende tudo quanto se liga ao conhecimento da parte metafísica do homem; estudá-la-emos em seu estado presente e no futuro, porquanto estudar a natureza dos Espíritos é estudar o homem, tendo em vista que ele deverá fazer parte, um dia, do mundo dos Espíritos. Eis por que acrescentamos, ao nosso título principal, o de *jornal de estudos psicológicos*, a fim de fazer compreender toda a sua importância. (KARDEC, 2004, p. 27)

Ao falar em “parte metafísica do homem”, Kardec aborda aquilo que está além do físico, ou seja, essencialmente, a alma humana; o que se aproxima da etimologia da palavra *psicologia*, qual seja “estudo da alma”. E é isso que Emília Freitas realiza em sua obra: um estudo da alma, especialmente da alma feminina, conforme ela própria afirma no paratexto “Ao Leitor”, seu livro: “[...] é, antes, a cogitação íntima de um espírito observador e concentrado, que (dentro dos limites de sua ignorância) procurou, numa coleção de fatos triviais, **estudar a alma da mulher**, sempre sensível e, muitas vezes, fantasiosa” (FREITAS, 2020, p. 23, grifo nosso).

#### 4.1 O hipnotismo hiperbólico no romance de Emília Freitas

Semelhante ao que ocorre nas narrativas fantásticas comentadas no capítulo anterior, com Emília Freitas deparamo-nos com o uso de um hipnotismo hiperbólico: expediente vigente no mundo real, cujo uso, contudo, excede os limites já incertos do que é considerado plausível. Em *A Rainha do Ignoto*, um dos principais propósitos da utilização do hipnotismo é a ilusão dos sentidos, principalmente através da projeção de uma ilusão visual. É por meio desse poder hipnótico que a Rainha do Ignoto e suas paladinas conseguem apresentar-se de várias formas para as outras pessoas. Vale ressaltar que não eram todas as paladinas que dominavam o hipnotismo, mas apenas algumas. A mestra era a paladina Marciana e as duas imediatas eram a Rainha e a doutora Clara Benício. Porém, todas as três conseguiam estender as projeções visuais. Há muitos casos de disfarces hipnóticos no romance, a título de ilustração, gostaríamos de citar alguns.

Na cidade de Belém, há um determinado momento em que a Rainha resolve sair sozinha à noite à procura de necessitados para ajudar. Sua paladina Roberta questiona se não é perigoso, mas a rainha nada teme justamente por se servir do hipnotismo:

Não podia reçar coisa alguma, ninguém lhe tolheria o passo, porque ela só parecia o que quisesse parecer, se encontrasse um soldado, ele veria nela um superior e lhe faria a continência militar devida aos oficiais; se encontrasse um paisano, ele julgaria ver um padre debaixo da umbela, que ia levar o Sacramento a algum enfermo. (FREITAS, 2019, p. 198)

Ainda na mesma cidade, o núcleo narrativo que envolve o caso da personagem Laura, doente ajudada pelas paladinas, é um dos que mais aparecem disfarces, ou seja, no qual as personagens fingem ser outras pessoas. A Rainha do Ignoto, por exemplo, aparece como Rainha mesmo, como Zuleica Neves e como o bombeiro Júlio Pequeno. Já a médica Clara Benício também aparece como homem. Tudo através da utilização de diferentes vestuários e do uso do hipnotismo que fazia com que os outros enxergassem as diferentes personagens que cada ocasião exigia. Essa necessidade de disfarce servia para conservar o anonimato do Reino do Ignoto.

Uma das projeções hipnóticas mais impressionantes da narrativa diz respeito àquela que esconde a Ilha do Ignoto do mundo. É através do poder concentrado do hipnotismo que as paladinas conseguem impedir que navios possam enxergar a ilha. Eis como o fenômeno é relatado pelo personagem Probo:

— Nem o senhor nem ninguém, sem a precisa explicação, poderia acreditar que

existisse uma ilha nas condições desta, tão próxima da costa, e que nunca navegante algum de nação alguma da Terra desse notícia dela. Pois bem, é o hipnotismo que lhes fecha os olhos paratudo, mas os abre para ver um denso nevoeiro! Montões de vapores convertidos em tromba, muitas vezes carregada de raios! Já tem havido tripulações de navios que, com receio de irem ao fundo, têm querido romper a tromba imaginária a tiros de peças; mas contentam-se com evitá-la e passar ao largo. [...] Pois é certo que elas têm, ao norte, ao sul, a leste, e a oeste, uma torrezinha sobre um rochedo, com uma vigia para embarcações que passam, e uma hipnotizadora para seus passageiros e tripulantes, de forma que eles só veem um nevoeiro e nada mais. (FREITAS, 2020, p. 168)

Dois aspectos são admiráveis na utilização do hipnotismo nos casos acima mencionados: a quantidade de pessoas que são hipnotizadas ao mesmo tempo e a distância que há entre as hipnotizadoras e os alvos da hipnose. Principalmente se levarmos em conta, como já dizia James Braid (TAVARES, 2010), que nem todas as pessoas são igualmente suscetíveis à técnica da hipnose.

Outro uso fantástico que as paladinas faziam do hipnotismo refere-se ao da precogição. Este fenômeno, por seu turno, supostamente já ocorria, conforme comentamos anteriormente, desde as magnetizações de Mesmer. A precogição consiste na capacidade de o hipnotizado ter acesso à previsão de eventos futuros. Assim, nas sessões espíritas que ocorrem no Reino do Ignoto também se hipnotiza a fim de antecipar através da clarividência certos acontecimentos. O objetivo, como sempre, era facilitar os *assaltos do bem*. Um exemplo acontece no capítulo XXXI intitulado “ARainha do Ignoto e as paladinas do nevoeiro hipnotizando a fim de século”. Estavam presentes à sessão um número considerável de paladinas sentadas em cadeiras dispostas ao longo das paredes do recinto. No meio da sala estavam posicionadas em pé ao redor de uma mesa redonda:<sup>51</sup> a Rainha do Ignoto, Clara Benício e a hipnotizadora Marciana. A sessão inicia-se com a hipnose de uma jovem chamada Lídia, o processo ocorre simplesmente por meio do olhar, um leve toque e a sugestão da voz, como podemos observar abaixo:

Saiu do meio das paladinas uma mocinha de cor morena, franzina e de feição doentia: sentou-se em uma cadeira, e Marciana fitou-a por um segundo, fechou-lhe as pálpebras e disse:

— Dorme.

Ela encostou a cabeça no espaldar da cadeira e ficou adormecida.

— Onde estás? — perguntou Marciana.

— No mar — respondeu.

— É noite ou é dia?

— Está escuro!... é noite, relampeja! Está trovejando... e o vento faz jogar o Tufão!...

— E o que vês ainda?

<sup>51</sup> Como já foi dito aqui, não há rituais fixos no espiritismo. Portanto, não há uma disposição certa de cadeiras e a presença de uma mesa hoje em dia é discricionária a cada casa espírita. O espiritismo iniciou-se com as mesas girantes, mas com a mudança da forma de comunicação, passando do efeito físico de movimentação das mesas para a psicofonia, a mesa tornou-se algo dispensável; com exceção da psicografia. Neste caso, a mesa ainda tem sua utilidade.

- Uma galera que se perde, muita gente gritando, pedindo socorro!...
- E não podes dizer a quantos graus de latitude e de longitude se dá o naufrágio?
- Não, mas posso dizer o rumo da galera; ali está marcado nos trinta e dois ventos da rosa náutica.
- Qual é o rumo?
- Norte, vem de Pernambuco para Belém.
- A quanto está do mês?
- Estou a quinze de julho. (FREITAS, 2020, p. 169)

Na sequência, a jovem hipnotizada ainda tem mais duas visões referentes a acontecimentos futuros: um incêndio na cidade de Belém e o sofrimento de escravizados que viviam em um engenho de açúcar em Pernambuco. Tudo fica registrado para auxiliar posteriormente os planos benéficos das paladinhas, pois os eventos de fato concretizam-se.

Uma questão interessante de se observar aqui diz respeito à ligação muito próxima que havia entre o espiritismo e o magnetismo/hipnotismo. Conforme já comentado, Kardec era estudioso do magnetismo há mais de trinta anos, quando veio a conhecer os fenômenos espíritas e chega a escrever um artigo na *Revista Espírita* de 1858 que fala justamente sobre a proximidade de ambas as ciências, como ele as denomina:

Ambas, com efeito, baseadas sobre a existência e a manifestação da alma, longe de se combaterem, podem e devem prestar-se um mútuo apoio: completam-se e se explicam uma pela outra. Seus respectivos adeptos, entretanto, diferem sobre alguns pontos: certos magnetistas não admitem ainda a existência ou, pelo menos, a manifestação dos Espíritos; acreditam poder tudo explicar tão-só pela ação do fluido magnético, opinião que nos limitamos a constatar, reservando-nos discuti-la mais tarde. Nós mesmos a partilhávamos, no início; mas, como tantos outros, tivemos que nos render à evidência dos fatos. Os adeptos do Espiritismo, ao contrário, são todos partidários do magnetismo; admitem sua ação e nos fenômenos sonambúlicos reconhecem uma manifestação da alma. (KARDEC, 1858, p. 148)

Assim, consoante esclarece Allan Kardec nem todo adepto do magnetismo ou magnetista é espírita, mas todo espírita é magnetista. Ambos acreditam na existência da alma e em suas potencialidades aumentadas durante o estado sonambúlico gerado pela hipnose. Porém, só os espíritas acreditam na intervenção de espíritos desencarnados. Era comum, portanto, o uso do hipnotismo no meio espírita. Destarte, nas sessões que ocorriam no Reino do Ignoto, a prática do hipnotismo e do espiritismo era misturada. O trecho que selecionamos acima exemplificou o uso do hipnotismo de maneira que todas as informações obtidas pela jovem hipnotizada foram resultado das capacidades ampliadas de sua própria alma. Se tivesse tido a participação de um outro espírito seria um fenômeno mediúnic, o que será exemplificado mais à frente.

Há ainda, de modo menos explícito, o uso do hipnotismo em relação ao personagem Probo. Embora tendo sido ajudado pela Rainha que saldou uma dívida dele de 50 contos e o

acolheu no Reino do Ignoto juntamente com a esposa Roberta, Probo não se conformava com a riqueza e o poder que vislumbrava na posse da Rainha e de suas paladinas. Assim, tencionava denunciar às autoridades a existência dessa sociedade secreta. Acontece que toda vez que ele tentava contar algo sobre o Reino do Ignoto tinha seus planos frustrados. Certa feita, Probo comenta com Edmundo: “Deveras, doutor, ela influi poderosamente sobre toda pessoa que tenta hostilizá-la. Por mais de uma vez, senti que me paralisava a língua, e uma força oculta me empurrava para trás (FREITAS, 2019, p. 286)!” Assim, com o intuito de proteger seu reino ignoto, a Rainha hipnotizava Probo a fim de que ele não expusesse a existência da Ilha do Nevoeiro à sociedade em geral.

#### 4.2 A influência da doutrina espírita em *A Rainha do Ignoto*

Para não lhe faltar mais nada do que subleva, é espírita!

— Espírita! Mais este crime! — disse o Dr. Edmundo zombando.

— O senhor zomba porque não conhece os males que ela causa às mais santas instituições, como sejam: ao direito de propriedade dos senhores, à monarquia e à religião.

— E que faz ela para destruir esta trindade?

— O senhor há de ver como eu tenho visto. Olhe, aqui na ilha não há templo católico nem de religião alguma, há somente sessões espíritas, na biblioteca, onde ela possui todas as obras de Allan Kardec, de Flammarion e outros malucos como ela. Enfim, o senhor verá. (FREITAS, 2019, p.148)

No Reino do Ignoto não havia imposição de religião, era uma sociedade livre que aceitava a todos independente da crença. Entretanto, como se depreende da passagem acima exposta, a Rainha do Ignoto era espírita e lá fazia sessões espíritas. Podemos asseverar que o espiritismo está presente na narrativa de Freitas tanto na parte relativa aos fenômenos mediúnicos, quanto na parte referente a alguns aspectos morais e filosóficos da doutrina, seja no âmbito individual ou no social. Quanto ao primeiro caso, vamos encontrar dois momentos que se destacam: a comunicação através da psicografia e o fenômeno da aparição. Em ambos os fenômenos, a participação de um médium é essencial. No caso da aparição e da psicografia indireta, que utiliza objetos como cestas e pranchetas, é necessário o ectoplasma, emanção fluídica, de um médium de efeito físico. Já para a psicografia direta, é suficiente a presença de um médium escrevente ou psicográfico, uma vez que a ação mediúnica se dá diretamente sobre o braço do médium.

Na sessão espírita que ocorre no capítulo XXXI, há um determinado momento em que a Rainha chama Odete - que era médium - para realizar a comunicação com o espírito do abade

Saint-Pierre.<sup>52</sup> Acontece que Odete era justamente o disfarce de Edmundo<sup>53</sup> que adentrou o reino no lugar da jovem falecida sem a ciência da Rainha. Mas aqui vale abrir um parêntese sobre essa questão: muitas vezes não temos a noção exata do que se passa no interior da Rainha do Ignoto, por isso, em alguns casos não sabemos o que realmente escapa ao conhecimento da protagonista. Por tal motivo, afirmamos que, embora a narradora seja onisciente, essa onisciência não se dá de modo absoluto em razão do uso de focalização mais restrita. De qualquer forma, Odete é chamada, e Edmundo vai para a mesa em seu lugar, tremendo por dentro com receio de ser descoberto. Clara Benício entrega-lhe lápis e papel e para a surpresa do leitor e do próprio Edmundo, ele também era médium e acaba ocorrendo uma comunicação:

Ela fez a invocação, e ouviu-se um rumor semelhante a uma rajada de vento; os jornais e os papéis que estavam sobre as mesas voaram.

Odete, com um impulso frenético na mão, corria o lápis sobre o papel com celeridade. Suas ideias não tomavam parteno que escrevia, e a letra não era a sua, notou satisfeito o Dr. Edmundo; era uma letra de mulher, miudinha e muito parecida com a de uma sua namorada do tempo de estudante.

Ele terminou sem saber o que tinha escrito, entregou à Rainha do Ignoto e ela leu alto: “—O abade de Saint-Pierre não pôde se manifestar porque não é Odete...”

Todos se entreolharam. A rainha continuou sossegada:

— Este é aquele estudante de Direito que em Pernambuco morava na Rua da Boa Vista, defronte da nossa casa. Olhava muito para mim, e em uma manhã mandou-me um bilhetinho pela preta do leite; eu acreditei que ele me amava de veras e apaixonei-me loucamente! Mas meu pai era um sapateiro que só tinha o seu ofício e a sua honra, e o moço era rico! Frequentava a sociedade elevada; se formou, não precisava mais dos pequenos favores dos vizinhos; foi viajar sem nos dizer adeus.

“Eu entristeci, entristeci muito! Chorei, desesperei! Até que um dia achei um pouco de alvaiade que meu pai tinha comprado para pintar uma tabuleta de sua oficina e ingeri metade... cessei de viver e venho agora, em lugar do abade de Saint-Pierre, para dizer àquelas que ainda estão no mundo do embuste, no mundo da mentira e do egoísmo, que não se matem por ninguém, lembrem-se do que está sofrendo nas trevas exteriores. Terezinha Meireles.” (FREITAS, 2020, p. 171)

Com esta comunicação, Edmundo e Probo julgam-se perdidos em seu embuste. Contudo, a Rainha do Ignoto termina a sessão da noite dizendo que o espírito comunicante era leviano e que, portanto, não estaria dizendo a verdade. Ao dizer tais palavras, dá-se também a manifestação de um fenômeno físico, pois se ouve uma grande pancada sobre a mesa. Como

<sup>52</sup> Charles-Iréné Castel ou abade de Saint-Pierre (1658-1743) foi religioso e filósofo francês, membro da Academia Francesa de Letras, autor do livro: *Projeto para tornar perpétua a paz na Europa*, de 1713. Foi citado na *Revista Espírita* de 1867, na qual se lê o seguinte acerca do abade: “[...] A vida inteira desse digno abade se consumiu em trabalhos e ações que tinham por objetivo a felicidade dos homens. Dar e perdoar devia ser, na sua opinião, a base de toda a moral, e ele a punha em prática constantemente. Foi ele, também, que criou, ou pelo menos ressuscitou a palavra *beneficência*, exprimindo uma virtude que exercia diariamente” (1867, p. 519).

<sup>53</sup> Odete foi uma personagem perfeita para o disfarce de Edmundo: tinha a mesma estatura e corpo semelhante ao do jovem advogado; por conta de um trauma amoroso que sofrera ficou muda, cortou os cabelos curtos como de homem, vestia sempre uma túnica de cavaleiro templário e usava uma máscara.

comentado acima, não temos certeza se a Rainha realmente não sabia sobre o disfarce de Edmundo e optou por omitir a verdade, ou se ficou sabendo só depois. O fato é que no capítulo LXIII, tudo indica que a Rainha tinha conhecimento sobre a simulação do jovem advogado. Enredo à parte, podemos observar que a psicografia apresentada por Edmundo corresponde à chamada psicografia direta, ou seja, sem a intermediação de objetos. No capítulo XV de *O livro dos médiuns*, encontramos as seguintes considerações sobre os médiuns escreventes ou psicógrafos:

Quando o Espírito age diretamente sobre a mão, dá a esta um impulso completamente independente da vontade do médium. A mão avança sem interrupção e malgrado o médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa a dizer e só se detém quando termina. O que caracteriza o fenômeno nesta circunstância é que o médium não tem a mínima ideia do que escreve. A inconsciência absoluta, no caso, constitui aquilo que se chama de médiuns passivos ou mecânicos. (KARDEC, 2012, p. 192)

Este é o caso do que ocorre com Edmundo cujo próprio pensamento não participa da mensagem escrita, na verdade, ele nem mesmo sabe o que escreve. Se soubesse com certeza não teria escrito um texto tão revelador.

O fenômeno da aparição acontece no capítulo LXX, na última sessão espírita realizada a bordo do navio Tufão, após a morte da Rainha. As imediatas da Rainha no comando do reino Clara Benício e Marciana, respectivamente, serviram de médium e invocadora. Invocaram a própria Rainha do Ignoto para que pudesse comunicar-se com as paladinas. A aparição que segue assusta as assistentes pelo seu aspecto terrífico:

Uma claridade de tons gradualmente azulados invadiu o salão de ré. Todas as paladinas tornaram-se videntes e fitaram pasmadas um ser de estatura elevada que se apresentou diante delas.

Seu corpo vinha coberto por uma longa túnica branca, mas trazia os pés descalços completamente esfolados e sangrentos. As mãos e o rosto estavam da mesma maneira, sem pele, e da boca e dos olhos do fantasma corriam vagarosamente grossos rios de sangue. O coração, aparecendo através do linho da túnica, semelhava uma chaga. (FREITAS, 2020, p. 331)

A forma como a Rainha apresenta-se depois de desencarnada, segundo a doutrina espírita, teria relação direta com o tipo de morte que ela teve, ou seja, o suicídio. Para os espíritas, entre outras consequências, a morte por suicídio acarreta estragos no perispírito, ou corpo espiritual. Conforme esclarece Richard Simonetti falando sobre o que acontece com o perispírito no suicídio:

Sendo um corpo sutil, que interage com nossos pensamentos e ações, é afetado de forma dramática. Se alguém me der um tiro e eu vier a desencarnar, poderei experimentar algum trauma, mas sem danos perispirituais mais graves. Porém, se eu for o autor do disparo, buscando a morte, o perispírito será afetado e retornarei ao Plano Espiritual com um ferimento compatível com a área atingida no corpo físico. É

muito comum o médium vidente observar suicidas com graves lesões no corpo espiritual, produzidas por instrumento cortante, revólver ou outro meio violento por ele usado. (SIMONETTI, 2019)

No caso da narrativa de Freitas, o perispírito da Rainha apresenta uma chaga no coração, órgão apunhalado por uma adaga; mas, além disso, outras partes de seu corpo espiritual também se encontram lesionadas, segundo a própria personagem informa, provavelmente, consequência de suas dores morais.

Falando sobre os casos do conceito do infamiliar, Freud destaca aquele relacionado à morte. Afirma o pai da Psicanálise que “em muitas pessoas, o mais elevado grau do infamiliar aparece associado à morte, a cadáveres e ao retorno dos mortos, a espíritos e fantasmas” (FREUD, 2020, p. 87). Tal ligação do infamiliar com a morte deve-se, em especial, segundo Freud, a dois fatores: “a força de nossas reações emocionais originárias e a incerteza de nosso conhecimento científico” (FREUD, 2020, p. 87). Em *A Rainha do Ignoto*, neste ponto da narrativa em que a Rainha aparece depois de morta às suas paladinas, podemos perceber a presença do infamiliar nessas personagens que veem a aparição da Rainha em seu aspecto terrificante, conforme podemos ler na passagem: “Todas as assistentes foram tomadas de um grande terror. Ficaram pálidas, tremiam sem poder articular palavra” (FREITAS, 2020, p. 331).

A princípio, pode parecer contraditório a Rainha ter dado fim à própria vida sendo ela espírita. Afirmamos isso porque o espiritismo é totalmente contra o suicídio; conforme a pergunta número 944 de *O livro dos espíritos*: “Tem o homem o direito de dispor da sua vida?” Resposta: “Não; só a Deus assiste esse direito. O suicídio voluntário importa numa transgressão desta lei.” (KARDEC, 2013, p. 424) Acontece que a Rainha do Ignoto não foi criada como um exemplo de espírita, ela é, antes de tudo, uma criação literária concentrando em si elementos individuais e sociais. Ela se configura como um ser complexo que, não obstante todo o esforço em ajudar o próximo, não consegue ter forças para ajudar a si mesma. Ela almeja ser feliz, mas para tanto precisaria mudar o mundo, nas palavras de Emília Freitas, é um ser impossibilitado. Por isso, a Rainha tira a própria vida, pela incompatibilidade entre seu gênio e a sociedade.

Essa escolha narrativa do suicídio da protagonista, por parte de Emília Freitas, justifica-se também por adequar-se bem ao contexto misógino da segunda metade do século XIX. Nessa época, à mulher eram destinados apenas os deveres para com o lar e com a família. A mulher desse período, parcela da elite, não tinha uma profissão fora de casa<sup>54</sup>, nem sequer ao menos

---

<sup>54</sup> Importa salientarmos que neste ponto estamos falando de mulher de classe média alta para cima. Se pensarmos em classes mais baixas, podemos afirmar que muitas mulheres trabalhavam fora do lar. Havia doceiras,

saia de sua residência sem ser acompanhada, não tinha poder de escolha nem mesmo para casar-se. Assim, uma mulher como a Rainha do Ignoto, independente, detentora de uma cultura vasta e erudita e de uma riqueza singular, governante de um reino, era uma mulher inconcebível. Portanto, por mais que a Rainha se esforçasse, não conseguia impor à sociedade seu modo de pensar. Sua utopia não poderia se sustentar de modo definitivo. Deste modo, o fim possível para a Rainha do Ignoto não poderia ser outro senão a morte. A propósito, a morte era um final comum para protagonistas femininas que ousassem desafiar de algum modo a sociedade do século XIX. Este final trágico é o que ocorre por exemplo com Emma Bovary no romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1856), com Lúcia no romance *Lucíola*, de José de Alencar (1862) e com Luísa no romance *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz (1878).

Romance inaugural do realismo na Europa, *Madame Bovary* apresenta críticas incisivas à burguesia da época, principalmente ao condicionamento da mulher em determinados papéis dentro da sociedade. A obra aborda temas tabu como o adultério e o suicídio. Na mesma linha, *O primo Basílio* insere-se no realismo-naturalismo e também traz um caráter crítico da sociedade, em especial, considerando o casamento como uma instituição falida. Por seu turno *Lucíola*, ainda que pertencente à escola do romantismo, trabalha outro tema tabu, qual seja o da prostituição. Nas três obras, a morte da protagonista constitui o desenlace narrativo possível diante de uma sociedade opressora, hipócrita e patriarcal.

Quanto à complexidade da protagonista de *A Rainha do Ignoto*, vale a pena comentarmos aqui a diversidade das atribuições e nomes dados à Rainha, especialmente quatro: Funesta, Fada do Arerê, Diana e Rainha do Ignoto. Essa variedade de nomes reflete os vários atributos da Rainha e simbologia que a acompanham. Os dois primeiros foram dados pela comunidade e refletem características quase opostas se colocarmos que “Funesta” estaria mais ligado ao maligno e “Fada do Arerê” ao benigno, se bem que fada não é sinônimo necessariamente de um ser benéfico, mas é assim mais conhecido. Estas duas alcunhas atribuídas à Rainha representam o caráter ambíguo que cerca a figura da protagonista. Há todo um mistério acerca dessa personagem. A população de Passagem das Pedras, por um lado, cogita que a Funesta seria uma bruxa. Um ser maléfico que talvez tenha pacto com o demônio e que se compraz em prejudicar as pessoas do vilarejo. Por outro lado, o título de Fada do Arerê poderia representar um ser também sobrenatural, mas não exatamente do mal. Outra ligação

---

lavadeiras, vendedoras, domésticas e várias outras ocupações ligadas às atividades também antes realizadas pelas escravizadas. Profissões as mais variadas que não exigiam um estudo mais formal para serem realizadas.

que se pode fazer é da protagonista com a figura folclórica da Melusine, mulher enfeitada da cultura europeia que tinha a metade de baixo do corpo transformada em serpente. Em outras versões do mito de Melusine, conforme esclarece a professora Ana Márcia Alves Siqueira em seu artigo *O mito como fonte de criação literária*, Melusine era uma bela fada que tinha forma humana, mas que em determinado(s) dia(s) transformava-se em serpente. Assim também, em *A Rainha do Ignoto*, diziam alguns que a fada da Gruta do Arerê era uma moça encantada que se transformava em cobra.

O outro nome da protagonista faz referência à deusa Diana. Conforme consta no *Dicionário de Símbolos* de Chevalier e Gheerbrant (2018), Diana, indomável, é conhecida como deusa da caça. Em antinomia ao irmão Febo, deus do sol, Diana é uma deusa lunar, é a “selvagem deusa da natureza”, protetora da vida feminina e dos escravos; em geral, é acompanhada por um cão. Enquanto assume a identidade de Diana, a Rainha do Ignoto é filha de um caçador. A Rainha adora a natureza e muitas vezes anda acompanhada por dois animais, sendo um deles seu cão Fiel. Assim como a deusa, a Rainha procura proteger as mulheres e os escravizados. Em seus últimos lamentos dirige-se à lua. Por último, o título de Rainha do Ignoto. Rainha de um reino desconhecido. É possível fazer a ligação com o “deus desconhecido” ou *Agnostos Theos* da mitologia grega. Esse título cerca a Rainha de mistério, mas está relacionado principalmente ao seu reino que era desconhecido e invisível à sociedade.

Com relação ao lado moral e filosófico da doutrina espírita, vamos encontrar no romance de Emília Freitas, principalmente, a presença da lei de igualdade, da lei de liberdade e da lei de justiça, amor e caridade. Essas três leis pertencem à terceira parte de *O livro dos espíritos*, chamada “Leis Morais”, é nessa parte que se situa, primeiramente, o aspecto moral da doutrina espírita; aspecto trabalhado posteriormente, em especial, em *O evangelho segundo o espiritismo*.

Vejamos, a propósito, no capítulo Lei de igualdade, alguns trechos do item “Igualdade dos direitos do homem e da mulher”:

817. São iguais perante Deus o homem e a mulher e têm os mesmos direitos? “Não outorgou Deus a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?”

818. Onde provém a inferioridade moral da mulher em certos países? “Do predomínio injusto e cruel que sobre ela assumiu o homem. É resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre homens moralmente pouco adiantados, a força faz o direito.” (KARDEC, 2013, p. 367)

Essa passagem coaduna-se perfeitamente à prática de escrita de Emília Freitas. O que é o Reino do Ignoto, senão o local mesmo de luta por uma sociedade mais igualitária? Um lugar

onde a mulher também tem vez e voz, onde as mulheres são estimuladas ao estudo e ao trabalho em diversos cargos impensáveis, na época, de serem ocupados pelo gênero feminino. Entre as muitas funções exercidas pelas mulheres no Reino do Ignoto, estavam as de: médica, engenheira, professora, alquimista, maestrina, musicista, pintora, maquinista, sem se falar na existência de um exército de paladinas com hierarquia militar da mais baixa à mais alta patente, como se vê no trecho abaixo:

Eram quatro horas da tarde e as Paladinas do Nevoeiro, com seus uniformes e insígnias especiais, ocupavam as posições do lado interior da muralha da Ilha do Ignoto.

Elas tinham por comandante em chefe a Generalíssima Marta Vieira.

Fora da muralha estavam formadas as marujas, tendo à sua frente a Almiranta Inês Racy e, à retaguarda, a Rainha do Ignoto e a doutora Clara Benício para experiências hipnóticas sobre os furores da guerra, nos combates. (FREITAS, 2020, p. 182)

Quanto ao assunto da escravidão, vamos encontrar no capítulo Lei de liberdade, na terceira parte de *O livro dos espíritos*, as seguintes considerações:

829. Haverá homens que estejam, por natureza, destinados a ser propriedades de outros homens?

“É contrária à Lei de Deus toda sujeição absoluta de um homem a outro homem. A escravidão é um abuso da força. Desaparece com o progresso, como gradativamente desaparecerão todos os abusos.”

É contrária à Natureza a lei humana que consagra a escravidão, pois que assemelha o homem ao irracional e o degrada física e moralmente.

830. Quando a escravidão faz parte dos costumes de um povo, são censuráveis os que dela aproveitam, embora só o façam conformando-se com um uso que lhes parece natural?

“O mal é sempre o mal e não há sofisma que faça se torne boa uma ação má. A responsabilidade, porém, do mal é relativa aos meios de que o homem disponha para compreendê-lo. Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da Lei da Natureza, mas aí, como em tudo, a culpabilidade é relativa. Tendo-se a escravidão introduzido nos costumes de certos povos, possível se tornou que, de boa-fé, o homem se aproveitasse dela como de uma coisa que lhe parecia natural. Entretanto, desde que, mais desenvolvida e, sobretudo, esclarecida pelas luzes do Cristianismo, sua razão lhe mostrou que o escravo era um seu igual perante Deus, nenhuma desculpa mais ele tem.” (KARDEC, 2013, p. 372)

Como está claro nas passagens acima, o espiritismo é absolutamente contrário à escravidão e assim também o eram Emília Freitas e sua protagonista. Em uma das conversas entre Probo e Edmundo, aquele, sempre com a intenção de criticar, comenta mais essa característica da Rainha do Ignoto: “É abolicionista! Já eu a ouvi dizer que não há lei alguma de direito humano que possa escravizar um cidadão, que a condição de escravo resultou de um abuso da força contra a fraqueza, e urge reagir...” (FREITAS, 2003, p. 197)

Uma das ações da Rainha e suas paladinas é justamente resgatar os escravizados bastante maltratados de um engenho próximo à cidade de Recife. A Rainha fica sabendo da

existência desse engenho chamado ironicamente de “Misericórdia” através de um preto velho que conseguiu fugir. O escravizado pai Anastácio relata para o Cônsul Geral do Infortúnio, mais um disfarce da Rainha do Ignoto, todos os sofrimentos pelos quais passavam os escravizados do senhor Maturi. A Rainha então elabora um plano ousado e grandioso envolvendo uma pseudotrupe de ciganos e um circo com a intenção de salvar todos os escravizados deste engenho. Aqui, mais uma vez, o hipnotismo tem grande papel, pois é através da hipnose de toda a plateia do circo que as paladinhas conseguem libertar os escravizados. Assim, observamos que a Rainha do Ignoto não só pregava o abolicionismo, como partia para a ação na medida do possível. Embora estivesse, de certo modo, roubando “propriedade alheia”, fazia-o com a certeza de que agia conforme seus princípios, de acordo com o que considerava ser o correto.

Com relação ao capítulo da Lei de justiça, amor e caridade, também constante na terceira parte de *O livro dos espíritos*, destacamos os seguintes excertos:

873. O sentimento da justiça está na natureza, ou é resultado de ideias adquiridas? “Está de tal modo na natureza, que vos revoltais à simples ideia de uma injustiça. É fora de dúvida que o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá. Deus o põe no coração do homem. Daí vem que, frequentemente, em homens simples e incultos se vos deparam noções mais exatas da justiça do que nos que possuem grande cabedal de saber.” (KARDEC, 2013, p. 389)

886. Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?

“Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.”

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos.

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores. Ela nos prescreve a indulgência, porque de indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer. Apresente-se uma pessoa rica e todas as atenções e deferências lhes são dispensadas. Se for pobre, toda gente como que entende que não precisa preocupar-se com ela. No entanto, quanto mais lastimosa seja a sua posição, tanto maior cuidado devemos pôr em lhe não aumentarmos o infortúnio pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa. (KARDEC, 2013, p. 393)

Sem sombra de dúvidas, a Rainha do Ignoto dirigia seu reino com base na justiça, no amor e na caridade ao próximo. Ajudar os desvalidos, os mais fracos, era sua grande missão. Essa prática da caridade, do auxílio ao próximo permeia o livro do início ao fim. Para a realização de suas ações benéficas, às vezes a Rainha se servia de muitos grupos de paladinhas, outras vezes, apenas de algumas paladinhas mais próximas e, outras, agia sozinha. Com o intuito de exemplificar, citemos aqui alguns dos chamados *assaltos do bem* realizados na narrativa pela

Rainha e suas paladinas a partir do momento em que Edmundo disfarçado as acompanha na viagem por algumas cidades do Brasil.

Um desses assaltos diz respeito ao episódio do navio naufragado durante uma severa tempestade. Em meio ao desespero das pessoas jogadas ao mar, a Rainha usa toda sua energia para salvá-los do pior: “Ela sentia na alma a ânsia do bem e afagava a ideia de arriscar a vida para a salvação daquelas que morriam, deixando talvez a felicidade, o amor” (FREITAS, 2019, p. 179). Em outro momento, na cidade de Belém, entre outras ações benéficas, está o salvamento de uma vítima de incêndio também pela Rainha do Ignoto, disfarçada de um bombeiro chamado Júlio Pequeno.

Certa feita, a Rainha decide sair à noite acompanhada apenas pela paladina Roberta e ao passar por uma ruazinha de má aparência, escuta gemidos, choro e gritos abafados. Sem cerimônia, adentra a casa cuja porta encontrava-se apenas encostada. Lá encontra uma pobre jovem no chão machucada na cabeça e coberta de sangue. Após tratar o ferimento juntamente com Roberta, a Rainha pergunta o que houve e fica sabendo, depois de certa relutância, que a jovem havia sido vítima do namorado que a machucou por ciúmes devido a uma calúnia que ouvira. A polícia havia sido chamada, mas Faustina, assim se chamava a jovem, não queria que seu namorado fosse preso e o escondeu. Confiando na Rainha do Ignoto, a qual se revelou uma alma tão boa que a tratara e tendo se apresentado como irmã de São Vicente de Paulo<sup>55</sup>, Faustina mostra onde estava o namorado, Cipriano. A Rainha então conversa com este perguntando se ele não estava arrependido do que fizera, afinal Faustina o defendeu da polícia e isso só significava que ela o amava. Cipriano disse então que estava arrependido. A Rainha disse, em seguida, que iria ajudá-los com o casamento de ambos e ainda deixou uma quantia para o tratamento de Faustina<sup>56</sup>.

Em outra ocasião, em meio às andanças da Rainha, desta vez na cidade de Fortaleza, e acompanhada pela personagem Camila Franco, a Rainha do Ignoto descobre o caso de uma senhora doente, espoliada de seus bens e passando muita necessidade. A pobre senhora narra à Rainha, que se apresenta como senhora de caridade, como chegou à situação de extrema

---

<sup>55</sup> São Vicente de Paulo (1581-1660): sacerdote francês, ficou conhecido como padroeiro das associações de caridade. Em 1617, fundou a primeira célula de muitas da caridade vicentina, confiada às mulheres conhecidas como “Servas dos Pobres”. Em 1633, fundou uma congregação feminina composta por freiras chamadas de “Filhas de Caridade”. Atualmente, as Filhas de Caridade são a maior família religiosa feminina da Igreja católica.

<sup>56</sup> Com certeza, aqui, podemos ressaltar que a atitude da Rainha com relação ao namorado agressor foi demasiadamente condescendente. Afinal, trata-se de um episódio sério do que hoje é chamado de violência doméstica. Seria o caso mesmo de entregá-lo às autoridades, mas a Rainha termina por dar uma segunda chance a Cipriano e apenas ajuda o casal.

pobreza, na qual se encontrava. O principal motivo deveu-se à construção irregular de uma igreja no terreno seu que fora herança de seus pais. O terreno seria vendido por uma boa quantia e com o dinheiro a senhora teria com o que sobreviver, mas lhe foi arrebatado indevidamente. A senhora ainda abriu um processo, porém recebeu uma indenização muito inferior ao valor que merecia. De qualquer forma, a senhora em questão comenta com a Rainha que não poderia se queixar muito, afinal havia sido construída uma igreja, e tudo que vinha da religião era santo. A Rainha discorda da situação dizendo que “os pobres precisam de pão e Deus não precisa de templo porque tem por altar o universo” (FREITAS, 2003, p. 375). Porém, em seguida, a Rainha afirma respeitar a opinião da senhora e entrega-lhe uma bolsa como forma de ajuda. Ela encerra o diálogo com as seguintes palavras: “lembrai-vos de que ela [a bolsa] foi oferecida por uma triste criatura que tem firme confiança em Deus, mas que perdeu a fé nos embustes terrestres” (FREITAS, 2003, p. 376).

Já na cidade de Recife, havia um verdadeiro recanto de ajuda ao próximo, era onde ficava o “Consul Geral do Infortúnio”; nesta casa toda espécie de demanda era atendida, conforme se pode ler abaixo:

Levantava-se uma vozeira enorme do lado oposto do edifício. Era a distribuição das esmolas aos pobres recolhidos, aos que sofriam necessidades no interior de suas casas: viúvas decentes, velhos inutilizados que tiveram posição e hoje se envergonham de estender a mão para receber o pão amargo da caridade pública. Também vinham ali operários sem trabalho procurar em que ganhar dignamente a subsistência de sua família, moços pobres sem emprego que buscavam um arranjo para servir de arrimo à sua mãe ou a irmãs órfãs. Todos saíam satisfeitos, nem um só trazia o semblante desconsolado. (FREITAS, 2019, p. 226)

Todo esse auxílio que era praticado a tantos necessitados está ligado aos princípios espíritas de ajuda ao próximo, como se pode ler no trecho do capítulo XVII, “Sede perfeitos”, de *O evangelho segundo o espiritismo*, falando acerca de “O homem de bem”:

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, [o homem de bem] faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte e sacrifica sempre seus interesses à justiça. [...] Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si, é para cuidar dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse. (KARDEC, 2013, p. 232)

Assim é que nos Centros Espíritas costuma ter sempre um setor social responsável por obras beneficentes, entre as quais, é comum haver: distribuição de sopas, entrega de cestas básicas, visitas fraternas a hospitais e asilos, entrega de enxovais a gestantes carentes, cursos

de cuidados com o bebê, entre outras atividades. Conforme exemplifica o Departamento de Assistência Social no site da Federação Espírita Brasileira<sup>57</sup>, a qual desenvolve várias atividades de acolhimento, educação e promoção integral com pessoas em situação de vulnerabilidade social. É interessante destacarmos aqui que nem tudo são flores quando se fala sobre espiritismo. Existe uma doutrina filosófica de bem viver, mas há uma diferença entre teoria e prática. Assim, enquanto por um lado verificamos o trabalho voltado para o bem, é possível observar, por outro lado, desavenças internas entre os trabalhadores ainda imperfeitos no caminho da evolução. Outra questão que evidenciamos diz respeito ao charlatanismo que também pode ser encontrado entre seguidores do espiritismo, como ocorre com adeptos de outras crenças.

Quanto ao bem no romance de Freitas, temos: salvamento de naufrágio, de incêndio, libertação de escravizados, de preso injustamente detido, palavras amigas, ajuda financeira, como se pode perceber, muitos são os exemplos de ajuda ao próximo no decorrer da narrativa. Fora as excursões por diferentes cidades, temos o próprio Reino do Ignoto, uma ilha contendo toda uma estrutura social hierarquicamente organizada de acordo com critérios de trabalho e merecimento.<sup>58</sup> Um local que contém orfanato, escola, hospital, asilo e muita opção de trabalho para diversas pessoas. Enfim, a prática do bem era o lema maior do Reino. O que coincide com o lema da doutrina espírita que diz: “Fora da caridade, não há salvação”.

Em conformidade com todas as considerações e exemplos acima colocados, podemos afirmar que *A Rainha do Ignoto* é um exemplo de narrativa fantástica fortemente marcada pelo paracientífico hipnotismo/espiritismo. Todavia, asseveramos, outrossim, que esta obra não se restringe a este aspecto. Pelo contrário, o romance suscita questões em diferentes campos tais como: o social, ao trabalhar temas, por exemplo, como a República, a Abolição e a situação da mulher; o psicológico, ao abordar várias condições problemáticas, especialmente da psique feminina; o cultural, ao reportar muitos costumes da época, incluindo festividades como o São João e o carnaval e, como não poderia deixar de ser, o literário, ao trabalhar com narrativas encaixadas, diferentes focalizações e no nível da linguagem ao reproduzir, por exemplo, o

---

<sup>57</sup> Disponível em: <https://www.febnet.org.br/portal/2023/07/25/das-feb/>. Acesso em: 28 mai 2024.

<sup>58</sup> É interessante observar que semelhante estrutura organizacional, cuja hierarquia baseia-se no nível de evolução espiritual, também é encontrada nos relatos de algumas obras espíritas, especialmente nas obras psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier, como a coleção “A vida no mundo espiritual”. O primeiro livro desta série, por exemplo, publicado em 1943, *Nosso Lar* (2011), narra, em primeira pessoa, a chegada do médico desencarnado André Luiz na colônia espiritual “Nosso Lar”. Após sua chegada à colônia, o protagonista vai aos poucos conhecendo todo o ambiente com seus diferentes ministérios e departamentos. Descobre muitas semelhanças entre a vida na Terra e no mundo espiritual; assim como algumas diferenças, como a tecnologia superior e a hierarquia organizada de acordo com o merecimento e com a competência intelectual e moral.

linguajar dos interioranos, dos escravizados e até de portugueses. Claro que essas questões não aparecem separadas, mas sim imbricadas umas com as outras. Posto isto, ao trabalharmos com a presença do espiritismo no texto literário, tangenciamos especialmente o campo cultural, uma vez que se trata da influência de uma corrente filosófica e religiosa (sem falar no aspecto científico dos estudos com o magnetismo e com o hipnotismo) na produção literária da época. Contudo, voltar-nos-emos em seguida um pouco mais para o campo literário objetivando destacar esse passeio da obra pelas diferentes vertentes do fantástico através de um olhar prismático.

### 4.3 Um fantástico prismático

Sabemos que toda obra literária, por sua natureza plural, conotativa, permite uma gama de interpretações. Direcionando-nos para o ramo da literatura fantástica, é possível perceber que algumas obras aproximam-se de diferentes vertentes do fantástico em seu sentido mais amplo. Esse é o caso de *A Rainha do Ignoto*, tal como ocorre no processo de decomposição da luz branca através de um prisma, dependendo de elementos como índice de refração e do desvio angular, é possível visualizar as diferentes cores que compõem a cor branca. Assim, em nossa analogia aproximada, associamos o fantástico *lato sensu* à cor branca e as cores decompostas às diferentes vertentes associadas ao fantástico. Entre os elementos do texto literário responsáveis por esta decomposição, destaca-se, essencialmente, a questão do ponto de vista, ou melhor, da perspectiva. Deste modo, ao falarmos em fantástico prismático, estamos nos referindo à possibilidade da coexistência simultânea de diferentes vertentes do fantástico modo dependendo da perspectiva tomada.

Primeiramente, levando-se em conta o nível extradiegético, o leitor virtual da narrativa de Emília Freitas tem diante de si uma obra multifacetada, na qual é possível identificar aspectos de fantasia, de ficção científica, ficção utópica, do gótico, assim como do próprio fantástico em um sentido mais restrito, conforme estudos já realizados e citados em nossa introdução. Ademais, adentrando a narrativa, podemos falar também em diferentes percepções do insólito no nível intradieético e, de maneira mais profunda, no nível meta ou hipodiegético (REIS, 2018)<sup>59</sup>. Assim, em relação aos seres “de papel”, como diz Barthes, aos seres internos à

---

<sup>59</sup> Carlos Reis define da seguinte forma os níveis diegéticos: “O nível *intradiegético* (ou diegético) é aquele em que se localizam as entidades ficcionais (*personagens, ações, espaços*) integrantes de uma história que, como tal, constitui um universo autônomo” (REIS, 2018, p. 366). “Entende-se por *nível hipodiegético* aquele que é constituído a partir da enunciação de um relato levada a cabo no nível intradieético. Acontece assim quando uma personagem, por qualquer razão e condicionada por circunstâncias particulares, conta uma segunda história

narrativa, é possível encontrar também uma variedade de apreensão acerca dos eventos insólitos de acordo com a diversidade perceptiva dos vários personagens da narrativa. De modo que um mesmo fenômeno pode ser considerado maravilhoso, fantástico (no sentido de ser incerto e inquietante) ou simplesmente natural, ainda que incomum ou admirável – tudo vai depender de quem está percebendo o episódio insólito.

Esta visão prismática, ou seja, este leque perspectivo tem sua ocorrência proporcionada na obra de Freitas por ser este um romance de extensão considerável, detendo um número maior de personagens (incluindo protagonistas e secundários) – traço incomum nas narrativas fantásticas, em geral mais curtas e com poucos personagens. Além disso, temos neste romance uma série de narrativas encaixadas, seja no mesmo ou em distinto nível diegético. Essa sobreposição de planos narrativos apresenta, por vezes, interpretações distintas do fenômeno insólito levando-se em conta também que a narrativa de Freitas é multifocalizada, isto é, possui focalização que oscila entre onisciente, interna ou restrita variável, além de alguns trechos de focalização externa (GENETTE, 2017). Assim, com relação à categoria de narrador, temos em *A Rainha do Ignoto* uma narradora heterodiegética que nos apresenta uma onisciência relativa. Deste modo, na maior parte das vezes, temos acesso a tudo que se passa no exterior e no interior dos personagens, porém, em alguns momentos com o uso da focalização interna variável, nossa percepção fica limitada ao ponto de vista de alguns personagens, em especial de Edmundo. Ressaltemos, contudo, que esta focalização tem um alcance extradiegético, aquilo que estamos chamando aqui de fantástico prismático diz respeito à relação que há entre as diferentes percepções dos eventos insólitos no nível intradiegético, ou seja, como diferentes personagens apreendem o episódio sobrenatural ou metaempírico com o qual se deparam. Para melhor elucidarmos esse fantástico prismático, selecionamos alguns episódios da narrativa.

Primeiramente, temos no capítulo XV o episódio que envolve o “pombo-correio e a grinalda de flores de laranjeira”, quando do velório de Virgínia que havia falecido de tuberculose. No caso, lamentavam a falta de uma grinalda, quando de repente entra um pombo pela janela trazendo uma grinalda de flores de laranjeira e um bilhete anônimo. Todos ficaram impressionados com o ocorrido, mas são constatadas diferentes reações. Para alguns, o episódio permaneceu no mistério, outros acharam que se tratava de artimanhas da Funesta como Edmundo, porém este via tudo com mais naturalidade. Já a personagem D. Sofia interpretou

---

embutida na primeira.” (REIS, 2018, p. 364)

aquilo como um verdadeiro milagre:

Dona Sofia, com o espírito sempre propenso ao misticismo, contestava, dizendo que não podia deixar de ser um milagre de Nossa Senhora, pois nas vizinhanças não havia nenhuma laranjeira de onde pudessem [sic] haver flores, também o pombo não podia acertar com a casa se não fosse guiado pela Santíssima Virgem, que mostrava, por aquela forma, o seu poder no dia de sua festa. (FREITAS, 2019, p.85)

A notícia do pombo-correio espalhou-se pela comunidade e, em pouco tempo, já estavam chamando a menina de santa por causa do “milagre”. Assim, o evento, dependendo de quem o percebe, pode apresentar-se como estranho, embora dentro do possível, como fantástico permanecendo no mistério (e aqui vale para o fantástico modo e para o fantástico gênero) ou como milagroso aproximando-se, deste modo, do chamado maravilhoso cristão, como esclarece David Roas, forma híbrida de “origem popular em que os fenômenos sobrenaturais têm uma explicação religiosa, seu desenlace se deve a uma intervenção divina” (ROAS, 2014, p. 37).

Interessante ressaltar a observação que a própria narradora faz acerca deste episódio. Enfatizando o quanto o mistério age no espírito do povo, a narradora questiona se em vez de um pombo, tivesse aparecido um corvo ou outra ave detestada, qual reação não teria tido a população do vilarejo. Com certeza iriam dizer que a moça era uma réproba. Notamos, assim, o quanto o povo da narrativa, de modo similar à realidade das cidades do interior, é levado pelas superstições. Essa percepção, contudo, coexiste com a percepção mais naturalizada de Edmundo que não via nada de sobrenatural no ocorrido.

Já no capítulo XXVI denominado “Maravilhas sobre maravilhas”, vamos encontrar o instante em que Edmundo adentra o Reino do Ignoto juntamente com Probo e Roberta. Neste capítulo tudo parece misterioso e inacreditável para o advogado. Em muitos momentos, a focalização da narrativa passa a ser interna restrita a Edmundo, como no trecho seguinte: “Caminhava nas trevas sem saber para onde ia. O ar pesado e úmido da gruta açoitava-lhe o rosto, passando em assovio por baixo da máscara. Sentia o esvoaçar das asas dos morcegos passando-lhe rente pelos cabelos, que se eriçavam de medo” (FREITAS, 2003, p. 178)!

Após entrarem na Gruta, Edmundo fica deslumbrado ao se deparar com um enorme túnel subterrâneo e um caminho de ferro, “ele já não sabia se estava acordado; julgava-se em um pesadelo” (FREITAS, 2003, p. 179). A estrada de ferro tinha estação subterrânea em outro morro que ficava na foz do Jaguaribe e também ali havia entre a população boatos de assombração:

O morro, assim como a gruta, também tinha as honras do encantamento. O povo, e com especialidade as lavadeiras quando voltavam à cidade com suas trouxas de roupas, vinham contando estórias do morro mal assombrado: contavam que em certas noites

se ouvia tocar tambor ali, via-se sair rolos de fumo; e algumas até afirmavam que lá andava um bode preto fazendo correrias e ladrando como um cão! (FREITAS, 2003, p. 181)

No trecho acima a focalização já muda para onisciente e ficamos sabendo a respeito da opinião do povo, em especial, das lavadeiras acerca dos ruídos e rolos de fumaça que provinham do morro. Verificamos, assim, neste capítulo pelo menos três perspectivas diferentes. Para Probo e Roberta, tudo aquilo era admirável, porém, já não mais fabuloso. Por sua vez, Edmundo tem uma reação consoante a que se tem dentro do fantástico gênero. Ele se deslumbrava com o que via e sua razão titubeava diante do inverossímil. E, por fim, temos a perspectiva popular que vai interpretar o evento insólito, as “assombrações”, como algo ligado ao sobrenatural mesmo, permanecendo assim também no âmbito do fantástico.

Outro episódio sobremodo interessante para ilustrar a presença de um fantástico prismático na obra diz respeito ao resgate do soldado Marcos que acontece na cidade de Manaus. O evento insólito se dá então no capítulo XLVI chamado “As almas dos soldados” e toda a história tem sua explicação nos dois capítulos seguintes através de uma narrativa hipodiegética relatada pela própria Rainha às suas paladinas.

Probo é encarregado de entregar um bilhete da Rainha para a médica Clara Benício. Obviamente, ele lê o bilhete e fica sabendo de uma missão noturna no cemitério, chama, portanto, Edmundo para espreitar a atividade que ocorreria a meia-noite. Escondidos no cemitério, Probo e Edmundo veem quatro soldados e um cabo trazendo uma padiola e, logo em seguida, começam a cavar uma cova, quando de súbito ouvem um “concerto de vozes cavernosas que cantam: “Nós somos as almas/ Dos soldados mortos/ Já deu meia-noite, / Vamos aos postos.” Aterrorizados, os soldados deixam o cadáver e começam a correr, não sem antes enxergarem a seguinte cena: “treze soldados de cara de caveira e olhos de fogo. Na frente deles ladrava um cão negro, enorme, que arrastava uma corrente de ferro e chocalhava guizos. Ao lado dele, um diabo negro de grande cauda e longos braços tocava tambor!” (FREITAS, 2019, p. 289).

Mesmo com todo o aviso de Probo, Edmundo é tomado pelo medo e não acredita no que vê. Fugidos os soldados, as paladinas começam a rir e retiram as máscaras. Tudo não passava do uso de fantasias e de hipnotismo. As paladinas pegam então o pseudocadáver que, na verdade, conforme ficamos sabendo depois, era só o soldado Marcos sob efeito de uma droga que dava a aparência de morte. Aqui verificamos novamente diferentes percepções do fenômeno insólito. Temos, portanto, a perspectiva do fantástico segundo David Roas por parte

dos soldados que fugiram apavorados, para eles o evento foi realmente sobrenatural. Temos o ponto de vista naturalizado das paladinas enquanto agentes do fenômeno ligado ao hipnotismo. E temos a perspectiva dos observadores Probo e Edmundo. O primeiro, embora ainda admirasse o poder do hipnotismo, já havia se acostumado mais com as proezas e não se espantava, como foi o caso de Edmundo. Este também compreendeu que tudo fora uma armação das paladinas, ainda assim, ficou bastante impressionado com a cena, a qual adquiriu um caráter no mínimo estranho.

Mais à frente na narrativa, é possível apreender também a percepção do próprio soldado Marcos e de sua noiva sobre o acontecido. Em conversa com o Cônsul Geral do Infortúnio, Marcos é questionado pelo Cônsul (Rainha do Ignoto) se ele sabia como se achava ali, estando há pouco tempo na solitária do quartel. Ao que o jovem militar responde:

— Eu morri, senhor cônsul, e, quando ressuscitei, achei-me a bordo de um vapor, não sei como. Amélia e minha tia me contaram uma história muito esquisita, pois não acredito em milagres. Diz ela que Nossa Senhora do Remédio lhe apareceu, quando ela chorava junto de uma árvore da margem do igarapé da bica, e que lhe prometeu salvar-me; o fato é que me salvou [...]. (FREITAS, 2020, p. 247)

Sem saber que tudo não passou de artimanhas bem elaboradas pela Rainha do Ignoto, sem nem mesmo conhecer sua salvadora, para Marcos restou o mistério diante do incrível, uma situação verdadeiramente fantástica. Para Amélia, a noiva de Marcos, tudo foi obra de milagre por parte de Nossa Senhora do Remédio, pois foi a esta que Amélia associou a imagem da Rainha do Ignoto quando em conversa anterior entre as duas. Afinal, a Rainha mostrou-se empática, solícita e operou verdadeiro “milagre”. Nessa perspectiva, portanto, estaríamos mais uma vez diante do maravilhoso cristão.

Um elemento importante desse fantástico prismático, ou seja, dessa coexistência de visões fantásticas diz respeito ao anonimato que a Rainha do Ignoto primava por manter; evitando, desta forma, que outros personagens tivessem acesso aos planos das paladinas. De modo que eventos, que poderiam ser explicados de forma racional, acabavam sendo vistos como sobrenaturais.

Sendo assim, conforme foi exposto em diferentes exemplos, é possível perceber a presença simultânea de diferentes vertentes do fantástico *lato sensu* no romance de Emília Freitas. Em especial, nota-se a frequência das seguintes vertentes na concepção de David Roas: do estranho, do fantástico e do maravilhoso cristão, dependendo das perspectivas adotadas por diferentes personagens. Podemos verificar na narrativa, deste modo, uma variedade de reações relativas aos diversos eventos insólitos: surpresa, admiração, medo, mas em todas elas certo

grau de inquietude inerente ao fantástico, seja gênero ou modo.

Ao se utilizar do recurso do fantástico em suas diferentes vertentes, Emília Freitas trilha um caminho de reflexão crítica acerca da realidade da época. Entre as questões levantadas estão as críticas ao casamento por interesse, aos castigos infligidos indevidamente nas forças armadas, ao sistema escravocrata e à condição da mulher da segunda metade do século XIX limitada aos deveres do lar, impossibilitada muitas vezes de estudos e profissões as mais variadas, sem falar nas mulheres que foram abandonadas ou usurpadas.

## 5 CONCLUSÃO

Assim como o nome de outras mulheres do século XIX, tais como Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e Francisca Clotilde (1862-1935), Emília Freitas foi um nome esquecido e durante muito tempo apagado de nossas letras. Sua obra *A Rainha do Ignoto* ainda chegou a receber algumas críticas em jornais da época, porém estas foram parcas e o romance de Emília logo caiu no ostracismo. Apenas muitos anos depois, como já foi aqui comentado, o livro foi resgatado do esquecimento através de novas edições e de trabalhos acadêmicos.

Em seu artigo *A Questão do Cânone*, a professora Zahidé Lupinacci Muzart trabalha a questão dos excluídos do cânone, tendo como recorte principal a exclusão feminina no século XIX. Sobre a produção literária das mulheres neste período, a estudiosa afirma que pouquíssimas obras de autoria feminina eram publicadas e praticamente não havia valorização dessas obras. Assevera a pesquisadora que deveríamos refletir no cerceamento da liberdade dessas mulheres oitocentistas que eram confinadas ao lar: “Elas não tinham acesso às boas escolas, as suas leituras eram orientadas para o ideal de mulher “do lar”, não tinham liberdade de movimentos, de viagens. E, sobretudo, não tinham a liberdade de discutir suas idéias” (MUZART, 1995, p. 88).

Como vimos, em certa medida, Emília Freitas foge um pouco a esse padrão, destacando-se por adquirir uma erudição incomum para as mulheres da época e por suas manifestações ativistas na área da educação, da abolição, da república e no meio espírita. Escreve em muitos jornais e publica algumas obras como foi visto aqui em nossa introdução. Seu romance, sem padrinho, foi escrito na “solidão absoluta das margens do Rio Negro” e revelou-se uma obra singular, hoje, finalmente, recuperada do obscurecimento.

Emília Freitas e *A Rainha do Ignoto*, em especial, têm sido objetos de vários estudos, inclusive de mesas redondas realizadas via internet como o encontro do canal Expressões do Fantástico, organizado por Adrianna Alberti e Carolina Mancini, intitulado “Emília Freitas – Em busca da Rainha do Ignoto”<sup>60</sup>. O evento ocorreu através do Youtube em três datas diferentes e contou com a participação de vários pesquisadores e pesquisadoras de Emília Freitas. As mesas redondas tinham os seguintes temas: no dia 13/10/2022, Mesa de abertura: *Pesquisa,*

---

<sup>60</sup> <https://expressoesdofantastico.wordpress.com/2022/10/13/expressoes-do-fantastico-emilia-freitas-em-busca-da-rainha-do-ignoto-primeiro-dia/>

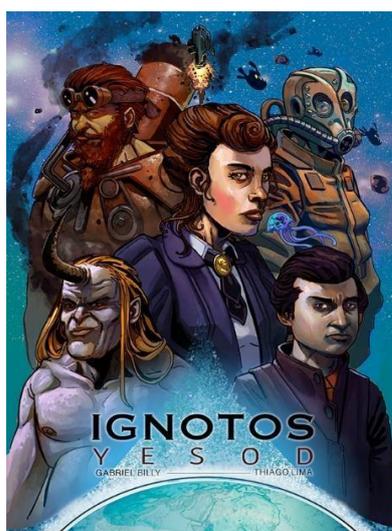
escrita e história em busca da Rainha do Ignoto e de Emília Freitas; no dia 20/10/2022, Emília Freitas e a importância histórica do resgate da escrita feminina na História da Literatura Brasileira; e, no dia 27/10/2022, Mesa de encerramento: A Rainha do Ignoto e as possíveis interpretações de gêneros literários. Sobre esta última mesa, da qual tivemos a honra de participar, foram apresentados e discutidos os diferentes gêneros possíveis da obra *A Rainha do Ignoto*, entre estes estavam o gênero utópico, o gênero gótico e o gênero fantástico. O evento de forma geral teve como objetivo articular as pesquisas de diferentes estudiosos e propiciar o diálogo entre estes e o público assistente e viabilizar a divulgação da obra de Emília Freitas para diversas partes do Brasil.

Outro dado curioso e relevante acerca do romance de Emília Freitas é o projeto *Ignotos*, quadrinho com personagens retirados da literatura fantástica brasileira. O projeto foi criado pelo escritor e artista visual Gabriel Billy, tendo como desenhista Thiago Lima. Segundo esclarece Samir Naliato:

*Ignotos* é um quadrinho de fantasia com ambientação retrofuturista e de ópera espacial. O projeto homenageia clássicos pouco conhecidos da literatura fantástica brasileira. Este universo ficcional gira em torno de um grupo de super-heróis retirados de livros em domínio público, de autores como Machado de Assis, Coelho Neto, Emília Freitas, João do Rio, Humberto de Campos, Joaquim Manuel de Macedo e outros. (NALIATO, 2021, p.1)

O título “Ignotos” é uma clara referência ao romance *A Rainha do Ignoto*, e uma das personagens do quadrinho é justamente a Funesta, conforme podemos observar na figura abaixo:

**Figura 14:** Ignotos



Fonte: Universo HQ<sup>61</sup>

<sup>61</sup> Disponível em: <https://universohq.com/noticias/conheca-o-projeto-ignotos-quadrinho-com-personagens-retirados-da-literatura-fantastica-brasileira/>. Acesso em 22 jul. 2024.

Essas informações reafirmam o resgate que tem sido realizado do texto de Emília Freitas e demonstram que essa autora está, aos poucos, no caminho de ser conhecida pelo grande público.

Como vimos, muitos trabalhos se debruçaram sobre *A Rainha do Ignoto* abordando diferentes aspectos da obra, destacando-se a autoria feminina, a questão da utopia e o caráter fantástico da narrativa. Em nossa tese, propusemo-nos demonstrar de que maneira as paraciências do hipnotismo e do espiritismo estavam presentes no romance de Freitas. Para tanto, apuramos, primeiramente, o percurso da cosmovisão acerca do sobrenatural antes e depois do Século das Luzes, vimos que a concepção do sobrenatural modificou-se no decorrer do tempo; antes acreditado por todos, o sobrenatural fazia parte da realidade. Entretanto, com a chegada do cientificismo, esse sobrenatural passou a ser relativizado e chegou a ser desacreditado pela elite letrada. Observamos, contudo, que a literatura aproveitou o tema do sobrenatural, trabalhando-o especialmente dentro da literatura fantástica. Notamos ainda que alguns estudiosos procuraram conciliar a ciência e a espiritualidade, sendo este o caso de Franz Anton Mesmer e Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec).

Assim, prosseguindo nossa pesquisa, trouxemos à baila informações pertinentes ao magnetismo animal e ao hipnotismo. Após algumas considerações sobre Paracelso, pioneiro do magnetismo moderno, detemo-nos na figura de Mesmer, principal divulgador do magnetismo animal. Verificamos que, segundo Mesmer, todas as esferas celestes exercem uma ação direta sobre os corpos animados através de um fluido que a tudo penetra. O livre fluir deste fluido representa a saúde, já a estagnação do fluido, a doença. Deste modo, se alguém estivesse doente, o magnetizador poderia atuar no sentido de restaurar a fluidez do fluido através da aplicação de passes. Observamos também que, além da função de curar, o magnetismo também propiciava alterações no estado de consciência dos pacientes, de modo a gerar a condição conhecida como sonambulismo. Nesse estado, era possível a ocorrência de eventos parapsicológicos, como: predições, diagnósticos das doenças, telepatia, entre outros. Vimos que o magnetismo animal tornou-se um fenômeno mundial, vindo parar inclusive no Brasil. Quanto ao termo hipnotismo, notamos que ele foi cunhado pelo estudioso James Braid em 1843. A partir deste pesquisador, os estudos relativos ao magnetismo, agora sob a alcunha de hipnotismo, passaram a ter uma feição mais científica, sendo objeto de estudos de vários médicos e cientistas, como Charcot, Bernheim e Freud.

Em seguida, procuramos trazer para o nosso trabalho, noções e dados concernentes ao

espiritismo. Vimos que seu surgimento teve como eventos desencadeadores o famoso caso de Hydesville e as chamadas “mesas girantes”, ambos acontecidos nos Estados Unidos em meados do século XIX. Constatamos que assim como o magnetismo animal, o fenômeno das mesas girantes espalhou-se pelo mundo e chamou atenção de muitos curiosos, a maioria vendo o acontecimento como algo divertido, mas alguns mais sérios o viam como algo passível de estudo, sendo este o caso do professor Rivail. Responsável pela codificação da doutrina espírita, também sobre a personalidade de Allan Kardec tecemos algumas considerações relativas a sua vida, ao contato com as mesas dançantes e à elaboração do espiritismo. Destacamos que Kardec realizou extensa pesquisa, observando diferentes comunicações, formulando questões e cotejando respostas até construir seu trabalho de codificador. Lembremos que desde que foi convencido da autenticidade do fenômeno até a publicação de *O Livro dos Espíritos* foram dois anos de trabalho. Vimos ainda que os principais temas do espiritismo são: Deus, a natureza do corpo material, do espírito e do perispírito, o mundo espiritual, a encarnação e a reencarnação em diferentes mundos, a comunicabilidade entre o mundo material e o espiritual, as leis morais e a evolução espiritual.

Concluimos, deste modo, que tanto a teoria do magnetismo animal, quanto a doutrina espírita foram dois estudos paracientíficos que fizeram parte da cultura do século XIX e adentraram a esfera da literatura fantástica. Para ilustrar tal afirmativa, selecionamos no capítulo seguinte de nossa tese algumas narrativas fantásticas que contemplassem os temas do magnetismo, do hipnotismo e do espiritismo. Antes, porém, trouxemos à tona algumas concepções sobre literatura fantástica, especialmente dos estudiosos Todorov, David Roas, Remo Ceserani e Filipe Furtado. Entre os tópicos abordados, ressaltamos a questão do fantástico enquanto gênero, como sendo aquele em que ocorre, ou aparenta ocorrer, um fenômeno sobrenatural ou metaempírico em um mundo em tudo semelhante ao nosso, sendo essa narrativa marcada pela ambiguidade; e do fantástico enquanto modo, o qual corresponderia às narrativas que, de alguma forma, aparente ou totalmente, rompem com o real e abrangeria várias vertentes ligadas ao insólito, tais como: o estranho, o maravilhoso, o realismo maravilhoso, a ficção científica, o gótico, a fantasia, o realismo animista, o maravilhoso cristão, entre outros. Escolhemos, em nosso trabalho, a concepção de fantástico de David Roas, a qual é caracterizada pela irrupção do insólito/sobrenatural em uma realidade diegética similar à nossa, onde a concepção sobre o que seja possível ou impossível é socialmente construída. Consideramos como fantásticas também as narrativas que tentam explicar os eventos insólitos

através do magnetismo/hipnotismo e do espiritismo, assim como, levamos em consideração a perspectiva modal do fantástico.

Após essas observações, iniciamos nossa imersão nas narrativas literárias tratando primeiramente da presença do magnetismo e do hipnotismo nos textos *A verdade sobre o caso do Sr. Valdemar*, de Edgar Allan Poe, *O Horla*, de Guy de Maupassant e *O Parasita*, de Arthur Conan Doyle. Em seguida, abordamos a presença do espiritismo, também relacionado ao magnetismo, nos textos *Úrsula Mirouët*, de Honoré de Balzac e *Tão longe, tão perto*, de Théophile Gautier. Depois, ainda buscando exemplificar a questão do espiritismo, adentramos textos da literatura brasileira: *Encarnação*, de José de Alencar; *A segunda vida*, de Machado de Assis e três narrativas de Coelho Neto *O duplo*, *A sombra* e *Conversão*. Vimos que as diferentes narrativas trabalharam as noções de magnetismo, hipnotismo e espiritismo em diversas medidas, alguns como temas secundários, outros como motes principais. Em todas elas, porém, a presença das paraciências é notória e fundamental na narrativa. O aspecto ligado ao sobrenatural continuou permanecendo nas narrativas seja de uma forma mais ou menos misteriosa. Podemos, assim, considerar todas as narrativas selecionadas como pertencentes ao fantástico modo.

Por fim, adentramos na principal obra de Emília Freitas, *A Rainha do Ignoto*. Narrativa intrigante que concentra em si muitos elementos voltados para o fantástico: uma gruta encantada, uma sociedade secreta de mulheres, transfiguração, precognição, comunicação com o além-túmulo e volta dos mortos. Observamos que, assim como as narrativas analisadas no capítulo anterior, o romance de Freitas é marcado pela presença de um hipnotismo hiperbólico, ou seja, um hipnotismo que ultrapassa as fronteiras do que é considerável possível. É deste modo que percebemos várias ilusões visuais, as quais auxiliam os inúmeros disfarces das paladinas, outrossim há o maravilhoso ocultamento da Ilha do Nevoeiro. Além disso, o hipnotismo também foi utilizado para a realizações de predições, entre outras utilidades.

Visto esse aspecto do hipnotismo na obra, demos prosseguimento ao nosso trabalho investigando a presença da doutrina espírita na narrativa de Emília. Constatamos que o espiritismo emerge em *A Rainha do Ignoto* tanto a partir de fenômenos mediúnicos, quanto no que diz respeito a alguns aspectos morais e filosóficos da doutrina. Com relação aos fenômenos mediúnicos verificamos dois tipos: a psicografia direta que ocorre na sessão mediúnica no capítulo XXXI e a aparição ou materialização que acontece no capítulo LXX. Já no concernente aos aspectos morais e filosóficos da doutrina, observamos a presença de três das Leis Morais

presentes em *O livro dos espíritos*, são elas: a lei de igualdade, a lei de liberdade e a lei de justiça, amor e caridade.

Vimos que a lei de igualdade encontra-se patente na narrativa, especialmente, através do Reino do Ignoto, onde todos têm oportunidade de viver e crescer intelectual e moralmente. Por meio de seus inúmeros resgates, a Rainha do Ignoto proporciona a seus resgatados uma segunda chance na vida e para tanto não há discriminação de gênero, nem de cor ou classe social. Assim, há possibilidade de estudo e trabalho a todo aquele que tiver saúde e disposição. No tangente à lei de liberdade, bandeira comum à protagonista e à autora do livro, podemos constatar sua presença no texto tanto mediante as palavras da Rainha, quanto através de suas ações. A libertação de cem escravizados do engenho Misericórdia, exemplificou bem o compromisso que a Rainha do Ignoto tinha com a questão da liberdade, a escravidão era um ultraje à nação e urgia reagir. No que concerne à lei de justiça, amor e caridade, o livro está recheado de exemplos que corroboram o quanto essas questões eram relevantes para a Rainha e o quanto ela trabalhava a fim de prover os mais necessitados. Os tipos de ajuda eram os mais variados possíveis desde salvamentos de naufrágios, incêndios, passando por ajuda financeira, até uma palavra amiga de conforto. A Rainha e suas paladinas praticavam o bem dentro e fora do Reino do Ignoto.

Finalmente, nosso trabalho teve como objetivo também demonstrar, no texto de Emília Freitas, a presença de um fantástico prismático, isto é, da manifestação de diferentes vertentes do fantástico em sentido mais amplo a partir de diferentes perspectivas, ou seja, levando-se em conta não a perspectiva do leitor, mas as focalizações de diferentes personagens. Deste modo, realizamos uma comparação do fenômeno da decomposição da luz branca através de um prisma, associando a luz branca ao fantástico *lato sensu* e as diferentes cores decompostas através do prisma às diversas vertentes do fantástico. Verificamos que, em *A Rainha do Ignoto*, pode-se observar a concomitância das seguintes vertentes do fantástico, segundo acepções de David Roas: do estranho, do fantástico e do maravilhoso cristão, dependendo da perspectiva de diferentes personagens.

Retirada das brumas do esquecimento, a obra *A Rainha do Ignoto* tem encantado novos leitores e novas leitoras e tem instigado à pesquisa diversos estudiosos que, assim como Edmundo, foram seduzidos pela Funesta. A riqueza do romance de Emília Freitas manifesta-se em diferentes aspectos, como no sincretismo da obra. Podemos perceber características do Romantismo, do Realismo e do Naturalismo e mesmo traços modernos, especialmente no

tocante à linguagem. No discurso direto, as falas das personagens apresentam-se tais quais seriam na realidade. Percebemos o falar típico da região, revelando, inclusive a classe social da personagem, ou o sotaque, como no caso dos portugueses. Além disso, a narrativa de Freitas representa bem a sociedade da segunda metade do século XIX, principalmente os problemas que apresenta como sociedade patriarcal, monárquica e escravocrata. Destacamos que para a realização dessas críticas às mazelas sociais, Emília Freitas serviu-se do fantástico em diferentes vertentes.

Nossa expectativa com o presente trabalho é também trazer uma contribuição para a fortuna crítica dessa escritora tão injustamente esquecida. Esperamos ter contribuído com algo novo quanto aos estudos de literatura fantástica, ao trabalharmos a presença do hipnotismo e do espiritismo dentro do texto fantástico de Emília Freitas e, de modo secundário, dentro das narrativas comentadas no capítulo três. Fica a deixa para que demais pesquisadores investiguem mais essa presença do espiritismo em outras ficções fantásticas. Além disso, nossa proposta quanto ao fantástico prismático, foi de chamar a atenção dos leitores e estudiosos para o fato da possível coexistência simultânea de diferentes vertentes do fantástico em uma mesma obra, a partir das diversas perspectivas internas ao texto, ou seja, dentro do universo intradieético.

Em entrevista realizada pelo canal Expressões do Fantástico, foi-nos perguntado de modo lúdico, como agiríamos se fôssemos convocada para se tornar uma paladina do Nevoeiro, entre outras coisas, respondemos que, na verdade, gostamos de pensar que todos que estudam *A Rainha do Ignoto* são, de certo modo, paladinos e paladinas do Nevoeiro, modestos divulgadores da obra da fada não mais tão ignota, embora ainda envolta em brumas misteriosas, para deleite dos que apreciam a incerteza e inquietude próprias da literatura fantástica.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALBERTI, Adrianna. *A Rainha do Ignoto de Emília Freitas: A personagem feminina como elemento de transgressão da realidade na narrativa fantástica*. 2019. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, 2019.
- ALBERTI, Adrianna. *Em busca da Rainha do Ignoto: A mulher e a transgressão no fantástico*. São Paulo: Dialética, 2022.
- ALENCAR, José de. *Encarnação*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- ALÓS, Anselmo Peres. O estranho e a crítica ao patriarcado: resgatando o romance *A rainha do Ignoto* de Emília Freitas. *Organon: revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 19, n. 38-39, p. 113-126, 2005.
- ANTUNES, Isabella Daemon de Oliveira. *Do fantástico ao “realismo espírita”*: amor e morte em Théophile Gautier. 2021. 99f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.
- ASSIS, Machado de. “A Segunda Vida”. In: ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- BALZAC, Honoré de. *Úrsula Mirouët*. Tradução de Paulo Rónai. In: *A comédia humana*. São Paulo: Ed. Globo, 2012 (In Le Livros).
- BESSIÈRE, I. O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha. *Revista FronteiraZ*. São Paulo. n. 9, p. 305-319, dez. 2012.
- BORGES, Adriana Emerim. *A representação de duas heroínas marginais: uma leitura gendrada de A rainha do ignoto, de Emília Freitas, e de Videiras de cristal, de Luiz Antonio de Assis Brasil*. 2011. 76 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- BRAGA, Robério dos Santos Pereira. Emília Freitas e Arthunio Vieira: a missão em comum na Amazônia. In: SIMPÓSIO - FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC, 5., 2017, Manaus. *Anais eletrônicos [...]* Manaus: Fundação Allan Kardec, 2017. p. 108-145. Disponível em: [https://www.faknet.org.br/wp-content/uploads/2019/07/Anais-V-Simpo%CC%81sio-FAK\\_Versa%CC%83o-Final.pdf](https://www.faknet.org.br/wp-content/uploads/2019/07/Anais-V-Simpo%CC%81sio-FAK_Versa%CC%83o-Final.pdf). Acesso em: 7 mar. 2023.
- CABRAL, Eunice. “Romance Psicológico”. In: CEIA, Carlos. E-Dicionário de Termos Literários, 2009. Disponível em: <https://edtl.fsh.unl.pt/encyclopedia/romance-psicologico>. Acesso em: 3 ago. 2023.
- CAMARANI, Ana Luiza S. *A literatura fantástica: caminhos teóricos*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2014.

CARVALHO, Anne Marielle Castro de; XAVIER, Elton Dias. A Rainha do Ignoto no Brasil do Século XIX: Um resgate da utopia feminista de Emília de Freitas.. In: ANAIS VII CONINTER. 7., 2018, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio De Janeiro: Unirio, 2018. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/viiconinter2018/113569-a-rainha-do-ignoto-no-brasil-do-sec-xix--um-resgate-da-utopia-feminista-de-emilia-de-freitas>. Acesso Em: 11 abr. 2024.

CASTRO, Carla. “Emília de Freitas Vieira”. In: CASTRO, Carla. *Resquícios de Memórias – Dicionário biobibliográfico de escritoras e ilustres cearenses do século dezanove*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019, p. 161-183.

CATRIB, S. F.; PAULA, A. J. S. de; CÂMARA, Y. R. A revitalização do romance A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas: contexto e perspectivas. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S. l.]*, v. 8, n. 3, 2023. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2308>. Acesso em: 11 abr. 2024.

CAVALCANTE, Alcilene. A representação feminina em A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas. In. *XII SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, III SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA*, 7., 2007, p.1-6.

CÉSAR, Alesandra V. Mendonça. *Particularidade do universo feminino de Emília Freitas e Jane Austen na arte literária do século XIX*. 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

CESERANI, Remo. *O fantástico*. Trad. Nilton Tripadalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

CHAGAS, Aécio Pereira. *Introdução à Ciência Espírita*. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva *et al.* 31ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

COELHO NETO, Henrique Maximiano. “A sombra”. In: COELHO NETO, Henrique Maximiano. *Contos da vida e da morte*. Porto: Lello & Irmão, 1923. (p. 201-206).

COELHO NETO, Henrique Maximiano. *Conversão* (1923). Disponível em: <https://www.contosdeterror.site/2018/06/conversao-narrativa-veridica.html>. Acesso em: 20 jan. 2024.

COELHO NETO, Henrique Maximiano (1927). *O duplo*. Disponível em: [http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/CoelhoNeto/o\\_duplo.htm](http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/CoelhoNeto/o_duplo.htm). Acesso em: 15 mar. 2023.

COELHO, Wanessa de Oliveira. *A configuração das personagens femininas em A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas*. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguística e Teoria Literária) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

DEL PRIORE, Mary. *Do outro lado – A história do sobrenatural e do espiritismo*. São Paulo: Planeta, 2014.

DOYLE, Arthur Conan. *História do espiritismo*. Tradução de Júlio Abreu Filho. São Paulo: Pensamento, 1995.

DOYLE, Arthur Conan. *O parasita*. Tradução de Willame Soares Barroso. WWW.ELIVROS-GRATIS.NET. [s.d.] Disponível em: [https://cejamoreiracampos.com.br/ead/pluginfile.php/459/mod\\_glossary/attachment/49/O-Parasita.pdf](https://cejamoreiracampos.com.br/ead/pluginfile.php/459/mod_glossary/attachment/49/O-Parasita.pdf). Acesso em: 02 jan. 2023.

FARIA, Osmard Andra. *O que é o hipnotismo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. *As origens do Espiritismo no Brasil: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914)*. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FERREIRA, Márcio Diogo Rodrigues. *Das origens da alquimia, até o surgimento da química*. Monografia (Licenciatura em Química) – Universidade de Brasília. Brasília, p. 29. 2012.

FIGUEIREDO, Paulo Henrique de. *Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos*. Tradução dos textos de Mesmer de Álvaro Glerean. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Lachâtre, 2007.

FREITAS, Emília. *A rainha do ignoto: romance psicológico*. 3. ed. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

FREITAS, Emília. *A rainha do ignoto: romance psicológico*. São Paulo: 106, 2019.

FREITAS, Emília. *A rainha do ignoto: romance psicológico*. São Caetano do Sul: Wish, 2020.

FREITAS, Romero. “Posfácio: Cidadão de dois mundos”. In: FREUD, Sigmund. *O infamiliar e outros escritos* [Das Unheimliche]. Tradução de Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares [O homem da areia; tradução Romero Freitas]. 1. ed.; 2. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica. 2020.

FREUD, Sigmund. *Artigos sobre hipnotismo e sugestão*. Tradução de José Luís Meurer e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2003.

FREUD, Sigmund. *O infamiliar e outros escritos* [Das Unheimliche]; seguido de O homem da areia/ E.T.A. Hoffmann. Edição bilíngue. Tradução de Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares [O homem da areia; tradução Romero Freitas]. 1. ed.; 2. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica. 2020.

FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

FURTADO, Filipe. Fantástico (Modo); Fantástico (Gênero). In: CEIA, Carlos (org.). E-dicionário de termos literários, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/fantastico/>. Acesso em 05 mai 2021.

GAMA-KHALIL, Marisa M. A literatura fantástica: gênero ou modo?. *Terra Roxa e Outras*

*Terras*. Londrina, v. 26, n. 1, p.18-31, dez. 2013.

GAMA-KHALIL, Marisa M. Fantástico (Modo); Fantástico (Gênero). In: GARCÍA, Flávio (Org.). *Dicionário Digital do Insólito Ficcional*, 2020. Disponível em: <https://www.insolitoficcional.uerj.br/fantastico-modo/> e <https://www.insolitoficcional.uerj.br/fantastico-genero/>. Acesso em 18 jul 2024.

GARCIA, Flávio. O “insólito” na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários. In: GARCIA, Flávio. *A banalização do insólito: questões de gênero literário – mecanismos de construção narrativa*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007, p. 10-22.

GAUTIER, Théophile. *Tão longe, tão perto*. Tradução de Cristina Florez. Capivari, SP: Editora EME, 2021.

GENETTE, Gérard. Discurso da narrativa: ensaio de método In: GENETTE, Gérard. *Figuras III*. Tradução de Ana Alencar. São Paulo: Estação Liberdade, 2017. p. 79-350.

GOMES, Aline M. de Oliveira. *Utopias de gênero na literatura brasileira: A rainha do Ignoto, de Emília Freitas, e Viagem à santa vontade, de Maria Godelivie*. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016. Disponível em: [catalogodetesises.capes.gov.br/](http://catalogodetesises.capes.gov.br/). Acesso em: 30 set. 2017.

GONÇALVES, Guilherme Ramos. *A Rainha do Ignoto: a literatura utópica e fantástica de Emília Freitas como crítica à sociedade do século XIX*. 2022. 85f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2022. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/31226>. Acesso em: 10 abr 2024.

GUERREIRO, Mayara Stival. *A modernidade ocidental e suas conquistas*. Monografia (Bacharelado em Direito) – Universidade Evangélica de Goiás. Anápolis, p. 32. 2018.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?* Tradução de Luiz Paulo Rouanet. Brasília: Casa das Musas, 2008.

KARDEC, Allan. “Caráter da revelação espírita”. In: KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1990.

KARDEC, Allan. “Código penal da vida futura”. In: KARDEC, Allan. *O céu e o inferno, ou a justiça divina segundo o espiritismo*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. Brasília: FEB, 2013, p. 82-91.

KARDEC, Allan. “Minha primeira iniciação no espiritismo”. In: KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 1. ed, 1993, p. 256-262.

KARDEC, Allan. “Introdução”. In: KARDEC, Allan. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Tradução de Evandro Noleta Bezerra. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2004.

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013. Disponível em: <https://febnet.org.br/wp-content/themes/portalfeb-grid/obras/evangelho-guillon.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2023.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Livro-dos-Espiritos.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2022.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de José Herculano Pires. Capivari: Editora EME, 1996.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Maria Aparecida Becker. São Paulo: Editora Mundo Maior, 2012.

KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo*. Tradução de Júlio Abreu Filho. São Paulo: Editora Pensamento, 1976.

KARDEC, Allan. “Magnetismo e Espiritismo”. In: KARDEC, Allan. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Tradução de Evandro Noleta Bezerra. FEB, 1858, p. 148-149. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf>. Acesso em 08 jun. 2023.

KLEIN, Luciano. “Emília Freitas, uma mulher à frente de seu tempo”. *Canteiro de ideias*, 2013. Disponível em: <http://www.canteiroideias.com.br/2013/01/emilia-freitas-uma-mulher-frente-de-seu.html>. Acesso em: 06 mai. 2023.

LE GOFF, Jacques. O maravilhoso no Ocidente medieval. In: LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval*. Tradução de Antônio José P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1990. p. 17-35.

LOUREIRO, Carlos Bernardo. *Espiritismo e magnetismo: de Paracelso à psicotrônica*. São Paulo: Mnêmio Túlio, 1997.

LOPES, Ana Cristina Caminha Viana. A escrita insólita da cearense Emília Freitas: revisando o cânone da literatura fantástica no Brasil. In: XV Encontro Interdisciplinar de Estudos Literários, 15., 2018, Fortaleza (CE). *Anais do XV Encontro Interdisciplinar de Estudos Literários. Políticas da ficção: Literatura, Subjetividades e Identidades*. Fortaleza: PPGLetras - Universidade Federal do Ceará, 2018. v. Único. p. 281-291.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *O horror sobrenatural em literatura*. Tradução de Celso M. Parcionik. São Paulo: Iluminuras, 2008.

LUIZ, André. *Nosso Lar*. Obra psicografada por Francisco Cândido Xavier. FEB, 2011. Disponível em: [https://files.comunidades.net/portaldoespirito/Nosso\\_Lar.pdf](https://files.comunidades.net/portaldoespirito/Nosso_Lar.pdf). Acesso em: 22 jul. 2023.

- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2007.
- MALDONADO, Elaine Cristina. *Machado de Assis e o espiritismo: diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865-1896)*. 2008. 95 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, 2008.
- MATANGRANO, Bruno A.; TAVARES, Enéias. *Fantástico Brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo*. Ilustrações de Karl Felli. Curitiba: Arte e Letra, 2019.
- MATSUOKA, S. G.; SIQUEIRA, A. M.; GAMA-KHALIL, M. M. Fantástico: estratégia de questionamento dialético da realidade. *Revista Entrelaces*. v. 8, nº 20, p.12-21, Abr.-Jun. (2020).
- MAUPASSANT, Guy de. “O horla”. In: MAUPASSANT, Guy de. *125 Contos*. Seleção e apresentação de Noemi Moritz Kon. Tradução de Amilcar Bettega. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 689-712.
- MOREIRA, Goretti. A Rainha do Ignoto: Um Romance Fantástico? In. *Revista Academia Cearense de Letras*, Ceará, 2006, p.102-121.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, p. 85-93, jan. 1995. ISSN 2175-7917. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277>>. Acesso em: 02 jan. 2021. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Sob o signo do gótico: o romance feminino no Brasil, século XIX. *Veredas – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*. Santiago de Compostela, v.10, 2008, p. 295-308.
- NALIATO, Samir. *Conheça o projeto Ignotos, quadrinho com personagens retirados da literatura fantástica brasileira*. UHQ, 2021. Disponível em: <https://universohq.com/noticias/conheca-o-projeto-ignotos-quadrinho-com-personagens-retirados-da-literatura-fantastica-brasileira/>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. *Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)*. 2007. 189 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: [www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-73BHB7](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-73BHB7). Acesso em: 20 out. 2017.
- OLIVEIRA, Aline Sobreira de. A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas: do fantástico à utopia. In. *Em Tese*, v. 20, n. 3. Belo Horizonte, 2014, p.140-153.
- PAULA, Allan Jonhnatha Sampaio de. “*O fim dos amores comuns*”: o romantismo e suas representações políticas no romance A Rainha do Ignoto de Emília Freitas. 2023. 155 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico Interdisciplinar entre História e Letras) – Faculdade de

Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Quixadá, Ceará, 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1CYJk4x8Erjyvt8Ox8tdwAiiAhwc0ouG/view>. Acesso em 22 jul. 2024.

PLATÃO. *Fédon*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2011.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949. Disponível em: <https://joaocamillopenna.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/03/platao-a-republica.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

POE, Edgar Allan. *A verdade sobre o caso do senhor Valdemar*. Tradução de Paulo Soriano. WWW.CONTOSDETERRORESITE. 2022. Disponível em: <https://www.contosdeterror.site/2022/07/o-estranho-caso-do-senhor-waldemar.html>. Acesso em: 03 jan. 2023.

QUINHONES, Elenara Walter. *Entre o real e o imaginário: configurações de uma utopia feminina em A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9938>. Acesso em: 10 out. 2017.

REIS, Carlos. *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018.

RIBEIRO, Sonia Cristina B. *A narrativa de autoria feminina do século XIX em resgate: uma leitura de “Lésbia e a Rainha do Ignoto”*. 2001. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Ciências da Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

ROAS, David. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. Tradução de Julián Fuks. São Paulo: Unesp, 2014.

ROCHA, Cecília (org.). *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita - programa fundamental*, v.1, 2. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.

ROCHA, Taís de Victa. A violência contra a mulher na literatura utópica de Emília Freitas. In: MEDEIROS, Luciene (org.). *As muitas faces da violência contra a mulher na perspectiva de gênero*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020, p. 37-57.

RUBIN, Claudio Eduardo. Entre a neuropatologia de Charcot e a psicologia de Bernheim: considerações sobre a hipnose nos primórdios da pesquisa freudiana. In: *Revista Natureza Humana*, São Paulo, v. 19, n. 1. 2017, p. 102-127.

SALES CRUZ, R.; BASTOS, L. M. de P. C. O fantástico e o gótico em A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas. *Signótica*, Goiânia, v. 34, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/73099>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SAMPAIO, José Jackson Coelho. A Rainha do Ignoto: feminismo, utopia tecnológica e os fantasmas da cearensidade. In: REINALDO, Maria Rejane (org.). *Projeto Ponto de Cultura Teatro da Boca Rica*. Fortaleza (CE), 2013, p. 26-29.

SANTOS, Ana Paulo Araújo dos. A figuração fantástica em *A Rainha do Ignoto* (1899) de Emília Freitas. In: *Revista Entrelaces*, v. 8, n. 20. 2020, p.22-34.

SILVA, Alexander Meireles da. *O admirável mundo novo da República Velha: o nascimento da ficção científica brasileira no começo do século XX*. 2008. 193 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Odair Vieira. As grandes revoluções do século XVIII e o iluminismo. *Revista Científica Eletrônica da Pedagogia* da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral de Garça - FAEF e Editora FAEF. Garça-SP, n. 30 - Periódico Semestral, p. 1-9, 2018.

SILVA, Régia Agostinho da. Emília Freitas e escrita de autoria feminina no século XIX. In. *Outros Tempos - Dossiê Estudos de Gênero*, v. 7, n. 9. 2010, p.225-239.

SILVA, Régia Agostinho da. Entre mulheres, história e literatura: um estudo do imaginário em Emília de Freitas e Francisca Clotilde. 2003. 199f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2003.

SILVA, Viviane Jesus da. *Resgatando Emília Freitas: as questões canônicas e os aspectos trágicos em A Rainha do Ignoto*. 2007. 64 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Ciências da Literatura) – Instituição de Ensino, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: [www.posciencialit.letras.ufrj.br/images/Posciencialit/td/.../19-vivianejesus\\_arainha.pdf](http://www.posciencialit.letras.ufrj.br/images/Posciencialit/td/.../19-vivianejesus_arainha.pdf). Acesso em: 18 out. 2017.

SIMONETTI, Richard. Consequências do suicídio. *Associação Espírita Allan Kardec - São José do Rio Preto*, 2019. Disponível em: <https://kardecriopreto.com.br/consequencias-do-suicidio/>. Acesso em: 07 abr. 2023.

SIQUEIRA, Ana Márcia Alves. O mito como fonte de criação literária. *Perspectivas*, São Paulo, 17-18, p. 249-266, 1994/1995.

TABAK, Fani Miranda. Fronteiras na história literária: fantástico e utopia em *A rainha do Ignoto*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 104-111, jan./mar. 2011.

TAVARES, Bráulio. (org.) *Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003.

TAVARES, João. *História da hipnose*. Academia.edu, 2010. Disponível em: [https://www.academia.edu/42728142/HISTORIA\\_DA\\_HIPNOSE](https://www.academia.edu/42728142/HISTORIA_DA_HIPNOSE). Acesso em: 01 mar. 2023.

TELES, Ariston Santana. *Síntese do espiritismo*. Brasília: D'Agostino Artes Gráficas, s.d.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

VASCONCELOS, Marcia Maria Fonteles. *A regionalidade presente em lexias simples, complexas e textuais na obra A Rainha do Ignoto de Emília Freitas*. 2022. 176 f. (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

WANTUIL, Zêus. *As mesas girantes e o espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1978.

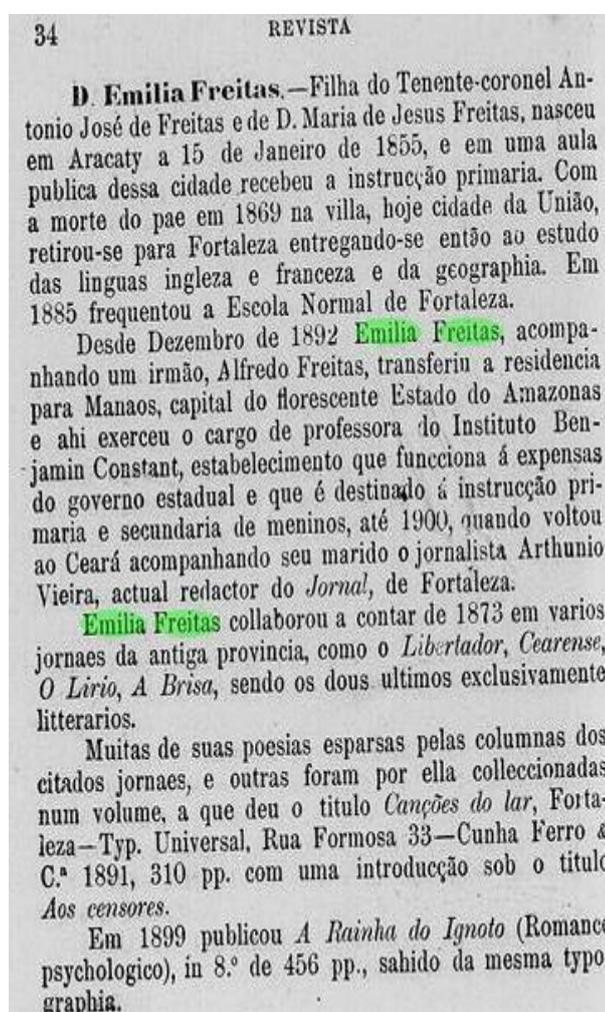
XIMENES, Sérgio Barcellos. *Florina, um conto inédito de Emília Freitas, a autora de A Rainha do Ignoto (1883)*. Medium, 2020. Disponível em: <https://medium.com/@sergiobximenes/lorina-um-conto-in%C3%A9dito-de-em%C3%ADlia-freitas-a-autora-de-a-rainha-do-ignoto-6ec62fe6d8cd>. Acesso em: 12 abr. 2024.

XIMENES, Sérgio Barcellos. *O retrato falso de Emília Freitas, a autora do romance A Rainha do Ignoto*. Medium, 2020. Disponível em: <https://medium.com/@sergiobximenes/o-retrato-falso-de-em%C3%ADlia-freitas-a-autora-do-romance-a-rainha-do-ignoto-6e89ac0f9627>. Acesso em 13 abr. 2024

**ANEXO A – PESQUISA SOBRE EMÍLIA FREITAS**  
**HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL**

**1- Dados biográficos**

1.1- Revista da Academia Cearense (CE) – 1896-1901: D. Emília de Freitas (Pequena biografia). **Revista da Academia Cearense** (CE), Fortaleza, Tomo V, p. 34, 1900.



Fonte: *Revista da Academia Cearense* (CE), 1900

REVISTA

**D. Emilia Freitas.** — Filha do Tenente-coronel Antonio José de Freitas e de D. Maria de Jesus Freitas, nasceu em Aracaty a 15 de Janeiro de 1855, e em uma aula publica dessa cidade recebeu a instrução primaria. Com a morte do pae em 1869 na villa, hoje cidade da

Uniao, retirou-se para Fortaleza entregando-se então ao estudo das linguas ingleza e franceza e da geographia. Em 1885 frequentou a Escola Normal de Fortaleza.

Desde Dezembro de 1892 Emilia Freitas, acompanhando um irmão, Alfredo Freitas, transferin a residencia para Manaus, capital do florescente Estado do Amazonas e ahi exerceu o cargo de professora do Instituto Benjamin Constant, estabelecimento que funciona á expensas do governo estadual e que é destinto á instrucção primaria e secundaria de meninos, até 1900, quando voltou ao Ceará acompanhando seu marido o jornalista Arthunio Vieira, actual redactor do Jornal, de Fortaleza.

Emilia Freitas collaborou a contar de 1873 em varios jornaes da antiga provincia, como o *Libertador*, *Cearense*, *O Lirio*, *A Brisa*, sendo os dous. ultimos exclusivamente litterarios.

Muitas de suas poesias esparsas pelas columnas dos citados jornaes, e outras foram por ella colleccionadas num volume, a que deu o titulo *Canções do Lar*, Fortaleza—Typ. Universal, Rua Formosa 33—Cunha Ferro & C.<sup>a</sup> 1891, 310 pp. com uma introducção sob o titulo *Aos censores*.

Em 1899 publicou *A Rainha do Ignoto* (Romance psychologico), in 8.º de 456 pp., sabido da mesma typographia.

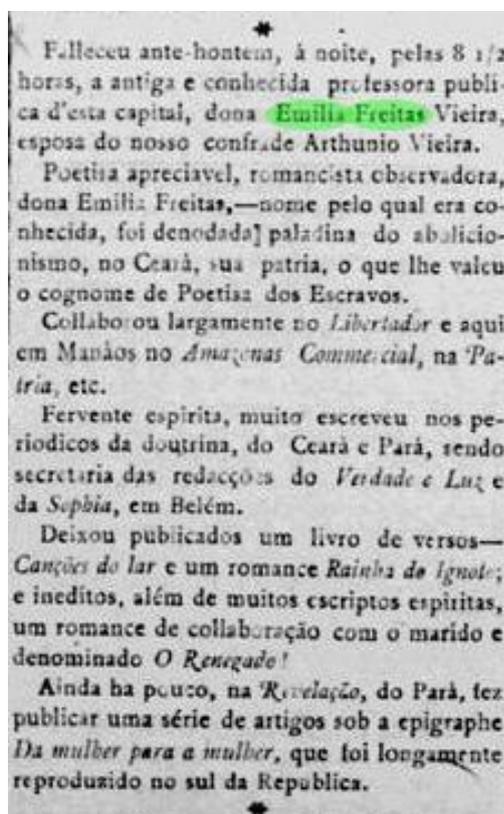
1.2- A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) – 1886-1900. Boletim Social. **A Republica** (PA), Belém, ano 2, n. 356, p. 2, 31 mai. 1900. (Felicitação casamento de Emília Freitas e Arthunio Vieira)

--Diversas noticias :  
 Casou-se em Maóos, onde ac'tualmente reside, o sr. Arthunio Vieira com a exma. sra. dona **Emilia Freitas**, professora no Gymnasio Amazonense e distincta poetisa.  
 Parabens.

Fonte: *Jornal A Republica* (PA), 31 de maio de 1900

--Diversas noticias:  
 Casou-se em Maóos, onde actualmente reside, o sr. Arthunio Vieira com a exma. sra. dona Emilia Freitas, professora no Gymnasio Amazonense e distincta poetisa.  
 Parabens.

1.3- Jornal do Commercio (AM) – 1905-1979 (Nota de falecimento de Emília Freitas).  
Notícias. **Jornal do Commercio** (AM), Manaus, ano 5, n. 1584, p. 1, 20 ago. 1908.



Fonte: *Jornal do Commercio* (AM), 20 de agosto de 1908.

Faleceu ante-hontem, á noite, pelas 8 ½ horas, a antiga e conhecida professora publica d'esta capital, dona Emilia Freitas Vieira, esposa do nosso confrade Arthunio Vieira.

Poetisa apreciável, romancista observadora, dona Emilia Freitas,—nome pelo qual era conhecida, foi denodada] paladina do abolicionismo, no Ceará, sua pátria, o que lhe valeu o cognome de Poetisa dos Escravos.

Collaborou largamente no *Libertador* e aqui em Manáos no *Amazonas Commercial*, na *Patria*, etc.

Fervente espirita, muito escreveu nos periódicos da doutrina, do Ceará e Pará, sendo secretaria das redacções do *Verdade e Luz* e da *Sophia*, em Belém.

Deixou publicados um livro de versos — *Canções do lar* e um romance *Rainha do Ignoto*; e inéditos, além de muitos escriptos espíritas, um romance de colaboração com o marido e denominado *O Renegado!*

Ainda ha pouco, na *Revelação*, do Pará, fez publicar uma série de artigos sob a epigraphe *Da mulher para a mulher*, que foi longamente reproduzido no sul da Republica.

1.4- Pacotilha (MA) – 1880-1909 (Nota de falecimento de Emília Freitas). Pelos Estados - Amazonas. **Pacotilha** (MA), Maranhão, ano 28, n. 224, p. 1, 21 set. 1908.

—Falleceu a professora publica d. Emilia Freitas Vieira, esposa do jornalista Arthunio Vieira.

A extincta, que era poetisa apreciavel, deixou publicados um livro de versos, intitulado «Canções do lar» e um romance «Rainha do Ignoto»; e ineditos, além de muitos escriptos espiritas, um romance de collaboração com o marido e denominado «O Renegado!»

Fonte: *Jornal Pacotilha* (MA), 21 de setembro de 1908.

— Falleceu a professora publica d. Emilia Freitas Vieira, esposa do jornalista Arthunio Vieira.

A extincta, que era poetisa apreciável, deixou publicados um livro de versos, intitulado « Canções do lar» e um romance « Rainha do Ignoto» ; e inéditos, além de muitos escriptos espiritas, um romance de colaboração com o marido e denominado «O Renegado!»

## 2- Participações em eventos culturais

2.1- Jornal "Pedro II" (CE) – 1840-1889. Factos diversos. **Pedro II** (CE), Fortaleza, ano 42, n. 93, p. 1, 27 nov. 1881.

**Externato de Santa Cecilia.** — Realisou-se no dia 22 do corrente o grande soirée litterario no Externato de Santa Cecilia.

A festa esteve esplendida graças aos esforços das alumnas do mesmo externato, que nada pouparam para satisfazerem a todos os cavalheiros e senhoras que aceitaram seu modesto convite.

A festa foi dirigida pelas Exm.<sup>as</sup> Sr.<sup>as</sup> DD. Maria Gurgulinã de Souza e Maria Gustavo de Souza, que offereceram o retrato de Santa Cecilia primoroso trabalho da distincta artista amadora a Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Judith Amaral.

Depois de aberta a sessão pelo digno e illustrado director da instrucção publica o Dr. Amaro Cavalcanti, oraram as seguintes alumnas : Exm.<sup>as</sup> Sr.<sup>as</sup> DD. Julia Rodrigues, Maria da Conceição Pimenta, Maria de Sant'Anna Vieira, Anna Amelia Veridiana, Maria Gurgulina de Souza e Julia Rodrigues, que por mais de uma vez fez-se ouvir, pronunciando um mimoso discurso.

Tambem recitou uma bella poesia a Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Emilia de Freitas, tendo sido muito applaudida.

A Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Pimentel proferiu algumas palavras de agradecimento aos cavalheiros e senhoras que compareceram, e de animação as alumnas.

Depois de terminado o soirée litterario, começou o artistico pelas Exm.<sup>as</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Izabel de Farias Lemos, Salvador Rosa (de Carlos Gomes.)

D. Maria Borges da Cunha, Pie de Tolomei (canto.)

D. Carmesina Doria, Ernani (canto.)

D. Amalia Barroso, Traviata de J. Axher.

Fonte: *Jornal Pedro II* (CE), 27 de novembro de 1881.

**Externato de Santa Cecilia.** — Realisou-se no dia 22 do corrente o grande soirée litterario no Externato de Santa Cecilia.

A festa esteve esplendida graças aos esforços das alumnas do mesmo externato, que nada pouparam para satisfazerem a todos os cavalheiros e senhoras que aceitaram seu modesto convite.

A festa foi dirigida pelas Exm. “ Sr.” DD. Maria Gurgulina de Souza e Maria Gustavo de Santa Cecilia primoroso trabalho da distincta artista amadora a Exm. “ Sr.<sup>a</sup> D. Judith Amaral.

Depois de aberta a sessão pelo digno e illustrado director da instrucção publica o Dr. Amaro Cavalcanti, oraram as seguintes alumnas : Exm.”SR.” DD. Julia Rodrigues, Maria da Conceição Pimenta, Maria de Sant’Anna Vieira, Anna Amelia Veridiana, Maria Gurgulina de Souza e Julia Rodrigues, que por mais de uma vez fez-se ouvir, pronunciando ummimoso discurso.

Tambem recitou uma bela poesia a Exm. <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> D. Emilia de Freitas, tendo sido muito aplaudida.

A Exm. <sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Pimentel proferiu algumas palavras de agradecimento aos cavaleiros e senhoras que compareceram, e de animação as alumnas.

Depois de terminado o soirée litterrario, começou o artístico pelas Exm.<sup>as</sup> Sr <sup>as</sup> D. Izabel de Farias Lemos, Salvator Rosa ( de Carlos Gomes.)

D. Maria Borges da Cunha, Pie de Tolomei (canto.)

D. Carmesina Doria, Ernani (canto.)

D. Amalia Barroso, Traviata de J. Axther.

2.2- Jornal “Libertador – Órgão da Sociedade Cearense Libertadora” (CE) – 1881-1890.

Brinde à Julieta. **Libertador** (CE), Fortaleza, ano 4, n. 141, p. 2, 11 jul. 1884. (Homenagem à Julieta dos Santos – poema de E. Freitas faz parte do álbum.)

**Brinde á Juliêta.**—Tivemos occasião de ver o mimoso album que foi offerecido á Julieta dos Santos, no espectáculo do dia 8 do corrente. E' um livro de umas 200 paginas, em oitavo, encadernação de luxo e papel do melhor. A capa è de pellucia azul-celeste, com um friso quadrangular de metal dourado, notando-se no meio do azul o menogramma de Juliêta dos Santot, desenho do talentoso pintor José Irineu, executado pelo habil ourives Domingos Rodrigues. E' mesmo ouro sobre azul!

Na primeira pagina está a seguinte inscripção, mui delicadamente desenhada pela Exm<sup>a</sup> Sra. Professora Izabel Silva :

*A' Juliêta dos Santos seus admiradores cearenses.*

Seguo-se uma poesia com que o nosso bardo popular, o Sr. Juvenal Galeno, abre a serie de manifestações prestadas pelo intellecto cearense á genial menina.

Entre as Senhoras notam-se as Exm<sup>as</sup> D. D. Maria Thomasia, **Emilia Freitas**, Clotildes Barbosa, Izabel do Oliveira Paiva, Emilia Nepomuceno.

Fonte: *Jornal Libertador* (CE), 11 de julho de 1888

**Brinde á Juliêta.**—Tivemos ocasião de ver o mimoso álbum que foi oferecido á Julieta dos Santos, no espectáculo do dia 8 de corrente. E' um livro de umas 200 paginas, em oitavo, encadernação de luxo e papel do melhor. A capa é de pellucia azul-celeste, com um friso quadrangular de metal dourado, notando-se no meio do azul o menogramma de Juliêta dos Santot, desenho do talentoso pintor José Irineu, executado pelo habil ourives Domingos Rodrigues. E' mesmo ouro sobre azul!

Na primeira pagina está a seguinte inscripção, mui delicadamente desenhada pela Exm<sup>a</sup> Sra. Professora Izabel Silva :

*A' Juliêta dos Santos seus admiradores cearenses.*

Segue-se uma poesia com que o nosso bardo popular, o Sr. Juvenal Galeno, abre a serie de manifestações prestadas pelo intellecto cearense á genial menina.

Entre as senhoras notam-se as Exm<sup>as</sup> D. D. Maria Thomasia, Emilia Freitas, Clotildes Barbosa , Izabel de Oliveira Paiva, Emilia Nepomuceno.

2.3- Jornal “Libertador – Órgão da Sociedade Cearense Libertadora” (CE) – 1881-1890. Pelas escolas nocturnas. **Libertador** (CE), Fortaleza, ano 3, n. 207, p. 2, 22 set. 1883. (Participação de E. Freitas na organização de bazar beneficente à manutenção das Escolas Noturnas).

<p><b>Pelas Escolas Nocturnas.</b>—A Sociedade Propagadora do Ensino Popular, na falta de meios para a manutenção das escolas nocturnas, resolveu fazer um appello aos sentimentos generosos e patrióticos dos habitantes d'esta cidade, nomeando, a fim de agenciarem donativos para um Bazar, comissões que se compõem das Exm.<sup>as</sup> Sr.<sup>as</sup> abaixo mencionadas :</p>	<p>« Anna de Carvalho. « Etelvina Petronilha de Castro.</p>
<p>RUA DO CONDE D'EU</p>	<p>RUA DO MAJOR FACUNDO</p>
<p>D. Amelia Fortuna. « Carlota Valente. « Raimunda Carolina Torres. « Carolina Machado de Magalhães. « Antonia Amaral de Souza. « Adelaide Smith Ribeiro. « Maria Augusta Rodrigues.</p>	<p>D. Leocadia Salazar da Cunha. « Florinda de Oliveira Barbosa. « Francisca de Vasconcellos. « Laura de Oliveira Cabral. « Maria Gurgulina de Souza. « Ernestina Vidal. « Maria da Guerra Machado.</p>
<p>RUA DA BOA VISTA</p>	<p>RUA FORMOSA</p>
<p>D. Quiteria Dulcinéa d'Alencar. « Etelvina Xavier. « Francisca Clotildes B. Lima. « Maria José Ferreira. « Amalia Joaquina de Moraes e Castro.</p>	<p>D. Anna Corlett. « Amalia Barroso. « Isabel Rebello. « Celestina Rolim. « Elvira Pinho. « Ubaldina Pordeus. « Izadel Vieira Perdigão.</p>
	<p>RUA DO SENADOR POMPEO</p>
	<p>D. Julia Brigido dos Santos. « Maria Pimentel. « Luiza Rosa de Pontes. « Anna Amelia Veridiana. « <b>Emilia Freitas.</b></p>

Fonte: *Jornal Libertador* (CE), 11 de julho de 1884

**Pelas Escolas Nocturnas.** — A Sociedade Propagadora do Ensino Popular, na falta de meios para a manutenção das escolas nocturnas, resolveu fazer um appello aos sentimentos generosos e patrióticos dos habitantes d'esta cidade, nomeando, a fim de agenciarem donativos para um Bazar, comissões que se compõem das Exm.<sup>as</sup> Sr.<sup>as</sup> abaixo mencionadas :

Rua do Conde d'Eu

- D. Amelia Fortuna.  
« Carlota Valente.  
« Raimunda carolina Torres.  
« Carolina Machado de Magalhães.
- « Antonia Amaral de Souza.  
« Adelaide Smith Ribeiro.  
« Maria Augusta Rodrigues.

## Rua da Boa Vista

- D. Quiteria Dulcinéa d'Alencar.  
 « Etelvina Xavier  
 « Francisca Clotildes B. Lima.  
 « Maria José Ferreira.  
 « Amalia Joaquina de Moraes e Castro.  
 « Anna de Carvalho.  
 « Etelvina Petronilha de Castro.

## Rua do Major Facundo

- D. Leocadia Salazar da Cunha.  
 « Florinda de Oliveira Barbosa.  
 « Francisca de Vasconcellos.  
 « Laura de Oliveira Cabral.  
 « Maria Gurgulina de Souza.  
 « Ernestina Vidal.  
 « Maria da Guerra Machado.

## Rua Formosa

- D. Anna Corlett.  
 « Amalia Barroso.  
 « Isabel Rabello.  
 « Celestina Rolim.  
 « Elvira Pinho.  
 « Ubaldina Pordeus.  
 « Isabel Vieira Perdigão.

## Rua do Senador Pompeo

- D. Julia Brigido dos Santos.  
 « Maria Pimentel.  
 « Luiza Rosa de Pontes.  
 « Anna Amelia Veridiana.  
 « **Emilia Freitas**

### 3- Convocações da Sociedade Libertadora Cearense

3.1- Jornal “Libertador – Órgão da Sociedade Cearense Libertadora” (CE) – 1881-1890.

Anjos do quadro de luz. **Libertador** (CE), Fortaleza, ano 4, n. 58, p. 3, 14 mar. 1884.

(Convocação dos sócios da Sociedade Libertadora Cearense, da qual E. Freitas fazia parte)

**GAZETILHA**

**Urgente** — São convidados todos os Directores e socios activos da *Libertadora Cearense* para reuniões extraordinarias todos os dias, no escriptorio d'esta folha, das 5 as 6 horas da tarde.

As reuniões começaram hontem e terminarão no grande dia 25 de Março.

**Anjos do quadro de luz.**  
— Na solemnissima sessão da libertação total da provincia vão representar o municipio de sua terra natal dignissimas Senhoras Cearenses.

Anjos do quadro de luz, encarnação brilhante do nosso patriotismo, alli estarão presentes pelo municipio da :

1—FORTALEZA, D. Maria Padilha ;	Pinto de Mendonça ;
2—S. FRANCISCO, D. Maria da Assumpção Bastos ;	7—RUSSAS, D. Maria Magdalena Correia ;
3—PACATUBA, D. Raymunda Cabral Theophilo ;	8—UNIÃO, D. <b>Emilia</b> Freitas ;
4—BATURITE', D. Francisca Clotildes Barbosa Lima ;	9—VARZE-ALEGRE, D. Francisca Barbosa Lima ;
5—LAVRAS, D. Raymunda Quintina Vieira ;	10—MECEJANA, D. Adelaide de Alencar Gurgel ;
6—QUIXERAMOBIM, D. Elvira	11—ICÓ, D. Vicencia Elvira de Oliveira Cabral ;
	12—SABOIRO, D. Senhorinha Baptista Vieira ;
	13—CANINDE', D. Maria Nunes Façanha ;

Fonte: *Jornal Libertador* (CE), 14 de março de 1884

#### Gazetilha

**Urgente**— São convidados todos os Directores e sócios activos da *Libertadora Cearense* para reuniões extraordinárias todos os dias, no escriptorio d'esta folha, das 5 as 6 horas da tarde.

As reuniões começaram hontem e terminarão no grande dia 25 de Março.

#### **Anjos do quadro de luz.**

— Na solemnissima sessão da libertação total da provincia vão representar o município de sua terra natal digníssimas Senhoras Cearenses.

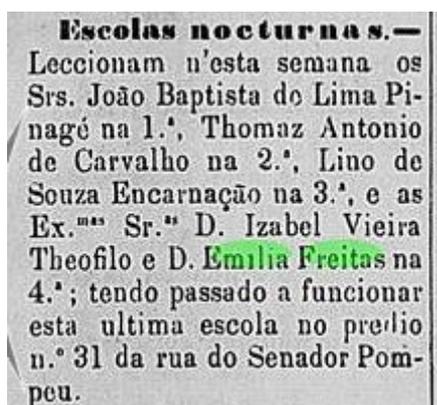
Anjos do quadro de luz, encarnação brilhante do nosso patriotismo, ali estarão presentes pelo município da :

1 — Fortalez, D. Maria Padilha ;

- 2 — S. Franciso, D. Maria da Assumpção Bastos ;
- 3 — Pacatuba, D. Raymunda Cabral Theophilo ;
- 4 — Baturite', D. Francisca Clotildes Barbosa Lima ;
- 5 — Lavras, D. Raymunda Quintina Vieira ;
- 6 — Quixeramobim, D. Elvira Pinto de Mendonça ;
- 7 — Russas, D. Maria Magdalena Correia ;
- 8 — União, D. **Emilia Freitas** ;
- 9 — Varze-Alegre, D. Francisca Barbosa Lima ;
- 10— Mercejana, D. Adelaide de Alencar Gurgel ;
- 11— Icó, D. Vicencia Elvira de Oliveira Cabral ;
- 12 — Saboeiro, D. Senhorinha Baptista Vieira ;
- 13 — Caninde', D. Maria Nunes Façanha ;

#### 4- Informações relativas ao trabalho como professora

4.1- Jornal “Libertador – Órgão da Sociedade Cearense Libertadora” (CE) – 1881-1890.  
Escolas nocturnas. **Libertador** (CE), Fortaleza, ano 3, n. 214, p. 3, 01 out. 1883. (E. Freitas leciona em Escola Noturna).

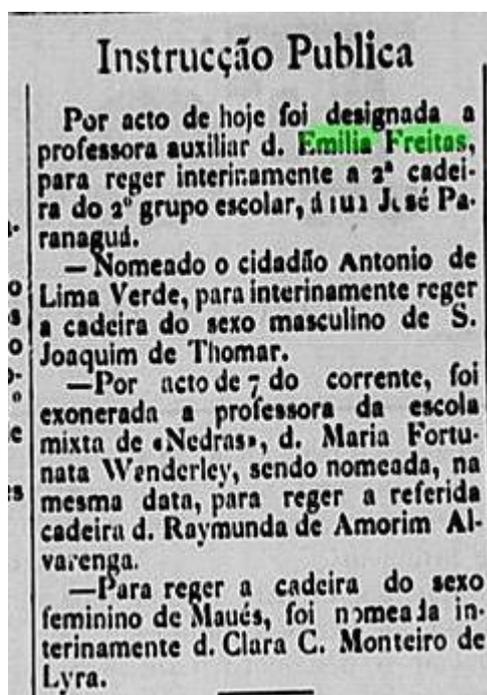


Fonte: *Jornal Libertador* (CE), 01 de outubro de 1883

#### Escolas nocturnas —

Leccionam n’ esta semana os Srs. João Baptista de Lima Pinagé na 1.<sup>a</sup>, Thomaz Antonio de Carvalho na 2.<sup>a</sup>, Lino de Souza Encarnação na 3.<sup>a</sup>, e as Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Izabel Vieira Theofilo e D. **Emilia Freitas** na 4.<sup>a</sup>; tendo passado a funcionar esta ultima escola no prédio n.º 31 da rua do Senador Pompeu.

4.2- A Federação – Órgão do Partido Republicano Federal (AM) – 1895-1900. Instrução Pública. **A Federação** (AM), Manaus, ano 4, n. 249, p. 2, 11 nov. 1898. (Designação de E. Freitas como professora auxiliar para reger disciplina de Grupo Escolar).



Fonte: *Jornal A Federação* (AM), 11 de novembro de 1898

### Instrução Publica

Por acto de hoje foi designada a professora auxiliar d. **Emilia Freitas**, para reger interinamente a 2ª cadeira do 2ª grupo escolar, á rua José Paranaguá.

— Nomeado o cidadão Antonio de Lima Verde, para interinamente reger a cadeira do sexo masculino de S. Joaquim de Thomar.

— Por acto de 7 do corrente, foi exonerada a professora da escola mixta de «Nedras», d. Maria Fortuna Wenderley, sendo nomeada, na mesma data, para reger a referida cadeira d. Raymunda de Amorim Alvarenga.

— Para reger a cadeira do sexo feminino de Maués, foi nomeada interinamente d. Clara.C. Monteiro de Lyra.

4.3- A Federação – Órgão do Partido Republicano Federal (AM) – 1895-1900. Instrução Pública. **A Federação** (AM), Manaos, ano 5, n. 809, p. 1, 11 jan. 1899.

Os empregados da Secretaria da Instrução pública não receberam ainda os seus vencimentos relativos ao mez de dezembro findo.

—Para as diversas cadeiras do sexo masculino da capital, que se acham vagas, estão inscriptos tres candidatos, e para as do sexo feminino do Girão, as ajudantes **Emilia Freitas**, Adelaide Corrêa e Guilhermina Cabral.

—Na secretaria do Gynmasio estão sendo distribuidos os boletins do mez de dezembro findo.

Fonte: *Jornal A Federação* (AM), 11 de janeiro de 1899

Os empregado da Secretaria da instrução publica não receberam ainda os seus vencimentos relativos ao mez de dezembro findo.

— Para as diversas cadeiras do sexo masculino da capital, que se acham vagas, estão incriptos três candidatos, e para as do sexo feminino do Girão, os ajudantes **Emilia Freitas**, Adelaide Correâ e Guilhermina Cabral.

— Na secretaria do Gynmasio estão sendo distribuídos os boletins do mez de dezembro findo.

4.4- Diário Official (AM) – 1893-1900. Instituto Benjamin Constant. **Diário Official** (AM), Manaus, ano 1, n. 22, p. 5, 13 dez. 1893. (Participação de E. Freitas em Banca de Exames).

<p style="text-align: center;">Instituto Benjamin Constant</p> <p>Conforme estava anunciado, realisaram-se hontem no Instituto Benjamin Constant os exames das alumnas daquelle estabelecimento de educação e caridade.</p> <p>As examinandas revelaram bastante estudo e applicação. Promptas e seguras respostas forão dadas ás perguntas da mesa examinadora pelas referidas alumnas, nada deixando a desejar sobre o aproveitamento que a orphandade desvalida colhe naquella casa de educação.</p> <p>Notava-se no Estabelecimento um tom festivo, porém modesto, onde primava a bôa ordem e o asseio em todos os aposentos do grande edificio, dando motivo á elogios a digna irmã Aquilina, directora, que tem proverbial tino na direcção de casas de instrução e caridade christã.</p> <p>Os exames que, obedeceram a lettra do regulamento da Instrução Publica bai-</p>	<p>xado a 19 de Novembro do anno preterito, forão assistidos por um auditorio selecto e do qual fazião parte o Exm.º Sr. Dr. Governador, Dr. Director da Instrução Publica, dr. Basilio de Seixas, tenente-coronel commandante do Batalhão M. de Segurança, o secretario da Imprensa Official etc. sendo a meza examinadora composta das Exmas. Sras. DD. Maria Telles da Rocha Monteiro, Adelina Pinheiro, <b>Emilia Freitas</b> e o Exm. Sr. Desembargador Luiz Duarte da Silva director do estabelecimento.</p>
--	--

Fonte: *Diário Official* (AM), 13 de dezembro de 1893

#### Instituto Benjamin Constat

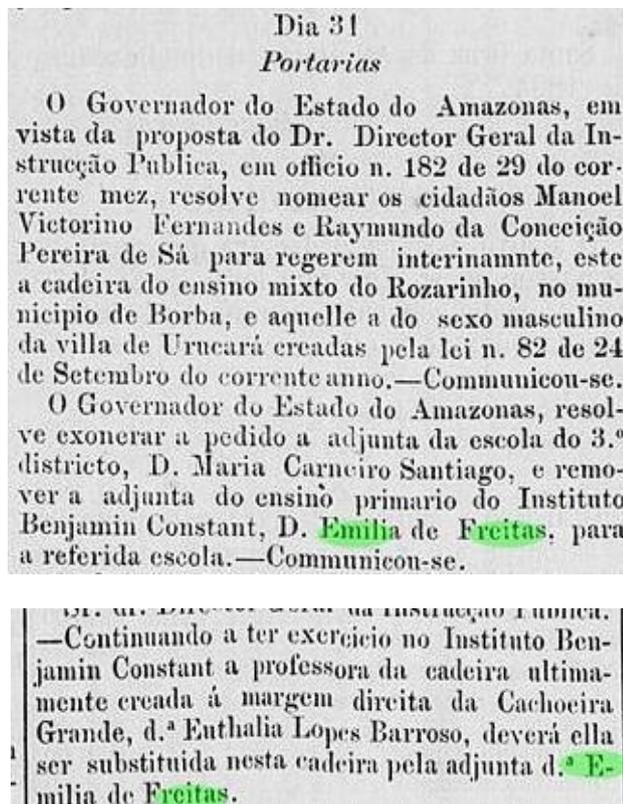
Conforme estava anunciado, realizaram-se hontemno Instituto Benjamim Contant os exames das alumnas daquele estabelecimento de educação e caridade.

As examinandas revelaram bastante estudo e applicação. Promptas e seguras respostas forão dadas ás perguntas da mesa examinadora pelas referidas alumnas, nada deixando a desejar sobre o aproveitamento que a orphandade desvalida colhe naquella casa de educação.

Notava-se no Estabelecimento um tom festivo, porém modesto, onde primava a bôa ordem e o asseio em todos os aposentos do grande edificio, dando motivo á elogios a digna irmã Aquilina, directora, que tem proverbial tino na direcção de casas de Instrução e caridade christã.

Os exames que, obedeceram a Lettra do regulamento de Instrucção Publica baixado a 19 de Novembro do anno pretérito, forão assistidos por um auditório selecto e do qual fazião parte o Exm.º Sr. Dr. Governador, DR. Director da Intrucção Publica, dr Basilio de Sexixas, tenente-coronel comandante do Batalhão M. de Segurança, o secretario da Imprensa Official etc. sendo a meza examinadora composta das Exmas. Sras. DD. Maria Telles da Rocha Monteiro, Adelina Pinheiro, **Emilia Freitas** e o Exm. Sr. Desembargador Luiz Duarte da Silva director do estabelecimento.

4.5- Diário Oficial (AM) – 1893-1900. Portarias. **Diário Oficial** (AM), Manaus, ano 3, n. 328, p. 1, 09 jan. 1895. (Remoção interna de E. Freitas no Instituto Benjamin Constant).



Fonte: *Diário Oficial* (AM), 09 de janeiro de 1895

Dia 31

*Portarias*

O Governador do Estado do Amazonas, em vista da proposta do Dr. Director Geral da Instrucção Publica , em officio n.182 de 29 do corrente mez, resolve nomear os cidadãos Manoel Victorino Fernandes e Raymundo da Conceição Pereira de Sá para regerem interinamente, este a cadeira do ensino mixto do Rozarinho, no município de Borba, e aquelle a do sexo masculino da villa de Urucará creadas pela lei n. 82 de 24 de Setembro do corrente anno.— Communicou-se.

O Governador do Estado do Amazonas, resolve exonerar a pedido a adjunta da escolado 3.º districto, D. Maria Carneiro Santiago, e remover a adjunta do ensino primário do Instituto Benjamin Constant, D. Emilia de Freitas, para a referida escola.— Communicou-se.

— Continuando a ter exercício no Instituto Benjamin Constant a professora da cadeira ultimamente creada á margem direita da Cachoeira Grande, d.ª Euthalia Lopes Barroso, deverá ella ser substituída nesta cadeira pela adjunta d.ª Emilia de Freitas.

## 5- Textos literários publicados

5.1- Jornal “A Constituição” (CE) – 1863-1889. Freitas, E. Amor e Sciencia. **A Constituição** (CE), Fortaleza, ano 20, n. 108, p. 3, 24 nov. 1882. (Poema de E. Freitas)



Este exemplo é tanto mais bello, quanto o neophyto abandona uma magnifica posição e fica reduzido á miseria, sem recurso de fazer-se padre, como disse, com espirito o organizador da hospedagem .

Os novos catholicos receberam no mesmo tempo os sacramentos da baptismo, da penitencia, da communhão e do matrimonio.

Depois accrescenta:

« Uma historia entre mil... Uma maire de Cote d'Or, radical e livre pensador, veio aos Byrineseos. Uma creada, havia 6 annos enferma, pediu-lhe ir a Lourdes (sic: Lourdes) para obter sua cura.

O maire ergueu os hombros e mofou, mas a pobre mulher soffre, ele a tracta na viagem.

Esta manhã, sua protegida se fez transportar á piscina e foi curada, encontrando-o. Lançou-se-lhe ao pescoço. O maire ficou commovido e ainda está em Lourdes. Deus o converta, se já não esta.»

Estou persuadido de que se o estimável Sr. Catunda assistisse a essas scenas divinas, diria, ao menos em seu coração :—Exite Deus, a matéria é creada.

Mas como não assitiu a estas, nem provavelmente assitirá a outras, preste atenção ao que diz M. Bechamp, professor de chimica de Mont-peller:

« Depois de Lavoisier, diz elle, depois do ultimo quarto do século ultimo, ficou demonstrado que para formar a materia constitutiva dos seres viventes, 16 corpos smplices lavoisirienses são necessários e sufficientes.

Nomeemos esses corpps privilegiados: ha primeiro 4, o carbonio, o hydrogenio.

Inda marchou p'ra o quadrado  
Cabisbaixo um cidadão  
Talvez vilipendiado,  
O valoroso soldado  
Que defendeu a nação!

Fariam-no ao som fatal  
Da Orchestra marcial,  
Quando a reforma benina  
Da ordem riscou por certo  
A pranchada; e no exercito  
Vigorou a disciplina.

7777777777777777

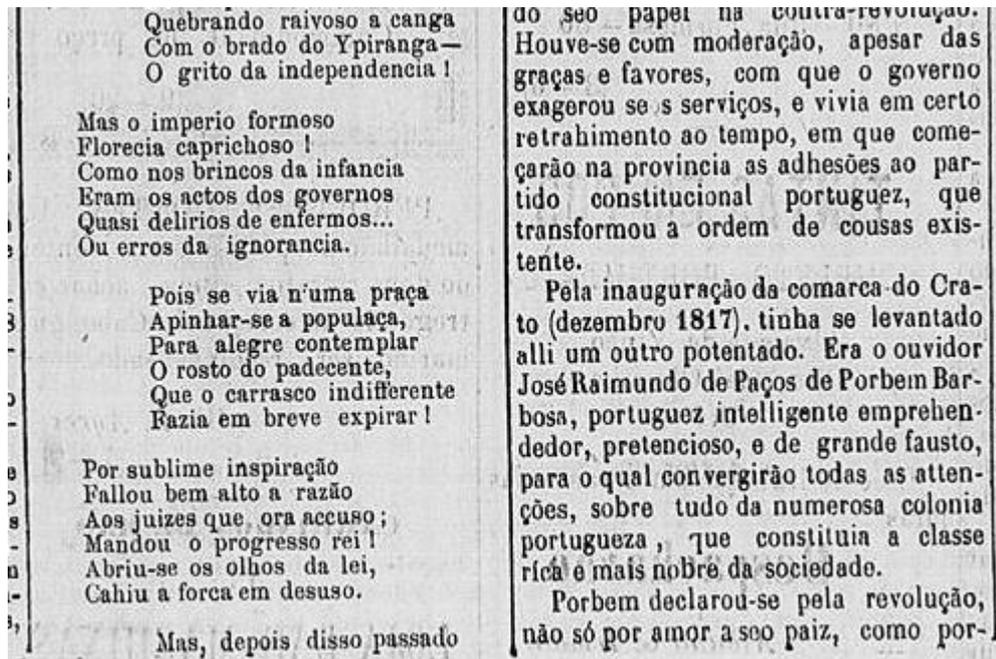
Restava o trafico vil  
Dos vendilhões d'homens mil  
Por um pouco de dinheiro!...  
Condennavam seu irmão  
A'moral degradação  
Do medonho captiveiro!

Os aviltados gemiam,  
Emquanto os «senhores» riam  
De seu eterno grilhão!  
Mas, uma vez dizem os bravos:  
—Vamos remir os escravos,  
Ergue-los da prostração.

E os heróes se lançaram  
N'esta arena em que plantaram  
O pendão da liberdade;  
Se eles lutam é pelos pobres  
Que as idéas grandes, nobres,  
São filhas da caridade!

Tem alma estapida e fria,  
Não merece a luz do dia,  
Quem nunca teve a bondade  
De ouvir a voz á clemencia  
N'um sorriso da inocência.

<p>Se eleva a cada momento Um immortal monumento Que o genio sabe crear; Pois parece que, na Franca, Victor Hugo pouco avança Ante José de Alencar !..</p> <p>Podemos a fronte erguer; Pois vemos resplandecer A' par de estrellas dilectas, Ainda com luz dobrada, A constellação sublimada Dos arrojados poetas !</p> <p>Seja simples, seja regio, Em toda parte um collegio Serve de base ás idéas ; A cada passo ha um mestre Que ensinando admoeste As crianças nas aldeias.</p> <p>E outr'ora estas cidades Que cobrem a immensidade D'este torrão tão gentil, Foram sombrias florestas, Onde o indio armava as flechas Era selvagem o Brazil !</p> <p>E' mister lembrar agora Aquella solemne hora Em que um navio aportou A's costas do novo mundo, Portugal foi quem profundo Nossos sertões explorou.</p> <p>Todo direito perdeu Um povo que só se ergueu De tão pesada dormencia, Quebrando raivoso a canga</p>	<h2 style="text-align: center;">PAGINAS LIVRES</h2> <hr/> <p style="text-align: center;"><b>Historia patria.</b></p> <p style="text-align: center;"><b>CEARENSES ILLUSTRES.</b></p> <p style="text-align: center;">(Por J. Brigido).</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p style="text-align: center;"><b>TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARA- RIPE.</b></p> <p style="text-align: center;"><b>JOSÉ PEREIRA FILGUEIRAS.</b></p> <p>Remettido para Pernambuco e dahi para os carceres da Bahia, coube a Tristão encontrar-se com homens mui illustres, que pelos mesmos motivos, alli se achavão sob as vistas do Conde d'Arcos, aguardando julgamento. Nesta companhia, formou seo espirito, identificando-se ainda mais com a causa, que lhe custava tão longos padecimentos.</p> <p>Posto em liberdade, em virtude do pronunciamento da Bahia (10 fevereiro de 1821) em favor da revolução do Porto, veio chegar ao Crato em meados desse anno.</p> <p>Filgueiras não se mostrou soberbo do seo papel na contra-revolução. U...</p>
--	--



Fonte: *Jornal A Constituição* (CE), 24 de novembro de 1882

Se eleva a cada momento  
Um immortal monumento  
Que o genio sabe creae;  
Pois parece que, na frança,  
Victor Hugo pouco avança  
Ante josé de Alencar!...

Podemos a fronte erguer;  
Pois vemos resplandecer  
A'par de estrllas dilectas,  
Ainda com luz dobrada,  
A constelação sublimada  
Dos arrojados poetas!

Seja simples, seja régio,  
Em toda parte um collegio  
Serve de base ás idéas;  
Á cada passo ha um mestre,  
Que ensinando admoeste  
As crianças nas aleias.

E outr'ora estas cidades  
Que cobrem imensidade  
D'este torrão tão gentil,  
Foram sombrias florestas,  
Onde o indio armava as flechas  
Era selvagem o Brazil"

É mister lembrar agora  
 Aquella solemne hora  
 Em que um navio aportou  
 Às costas do novo mundo,  
 Portugal foi quem profundo  
 Nossos sertões explorou.

Todo direito perdeu  
 Um povo que só se ergueu  
 De tão pesada dormência,  
 Quebrando raivoso a canga  
 Com o brado do Ypiranga —  
 O grito da independência!

Mas o império formoso  
 Florescia caprichoso!  
 Como nos brincos da infância  
 Eram os actos dos governos  
 Quase delírios de enfermos...  
 Ou erros da ignorância.

Pois se via n'uma praça  
 Apinhar-se a populaça,  
 Para alegre contemplar  
 O rosto do padecente,  
 Que o carrasco indiferente  
 Fazia em breve expirar!

Por sublime inspiração  
 Fallou bem alto a razão  
 Aos juizes que ora accuso;  
 Abriu-se os olhos da lei,  
 Cahiu a força em desuso.

Mas, depois disso passado

## PAGINAS LIVRES

### **Historia patria.**

CEARENSES ILLUSTRÉS.  
*(Por J. Brigido)*

### III

TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARARIPE.

JOSÉ PEREIRA FILGUEIRAS.

Remettido para Pernambuco e dahi para os cárceres da Bahia, coube a Tristão encontrar-se com homens mui ilustres, que pelos mesmos motivos, alli se achavão sob as vistas do Conde d'Arcos, aguardando julgamento. Nesta companhia, formou seo espirito, identificando-se ainda mais com a causa, que lhe custava tão longos padecimentos.

Posto em liberdade, em virtude do pronunciamento da Bahia (10 fevereiro de 1821) em favor da revolução do Porto, veio chegar ao Crato em meados desse anno.

Filgueiras não se mostrou soberbo do seo papel na contra-revolução. Houve-se com moderação, apesar das graças e favores, com que o governo exagerou seos serviços, e viva em certo retrahimento ao tempo, em que comemoração na província as adesões ao partido constitucional portuguez, que transformou a ordem de coisas existente.

Pela inauguração da comarca do Crato (dezembro 1817), tinha se levantado alli um outro potentado. Era o ouvidor José Raimundo de Paços de Porbem Barbosa, portuguez inteligente empreendedor, pretencioso, e de grande fausto, para o qual convergirão todas as atenções, sobre tudo da numerosa colônia portuguesa, que constituía a classe rica e mais nobre da sociedade.

Porbem declarou-se pela revolução, não só por amor a seo paiz, como por

5.2- Jornal "Pedro II" (CE) – 1840-1889. Litteratura. **Pedro II** (CE), Fortaleza, ano 42, n. 93, p. 3, 27 nov. 1881. (Poesia de E. Freitas recitada no Externato Santa Cecilia).

<h1>LITTERATURA</h1> <h2>Poesia.</h2> <p>RECITADA NO SOIRE'E LITTERARIO QUE TEVE LUGAR A 22 DO CORRENTE, NO EXTERNATO DE SANTA CECILIA.</p> <p>E' dever nest'hora excelsa Mostrar um sincero pasmo, Saudar com entusiasmo O sublime pavilhão, Onde trabalha ufanosa Como esta uma crusada, Que se arroja denodada Em busca da perfeição !!!</p> <p>Seja embora audaz empreza Inda em começo vencida ; E' bello n'essa avenida Dignamente marchar ! Não esquecendo que ao sabio Da graça no abandono Sempre resta um sceptro, um throno Que é forçoso respeitar !</p> <p>Que diga a voz da razão Ante a grandeza real Da magestade immortal Quem a fronte não curvou ? ! Sim : todo ouro da terra E' pequeno fragmento ; Não faz sombra ao pensamento Que o estudo illuminou !</p> <p>Oh ! quando nas priscas eras Actnava a tyrania, Todo novo então iazia</p>	<p>Do saber inda na infancia ; Hoje no seculo das luzes Em toda parte se ensina A rasgar a negra cortina Da noite da ignorancia.</p> <p>E' a offrenha preciosa Dessa seiva immarredôra, Que ora a nação entesoura Nos craneos dilectos seus ; Com justiça por direito, Igual ao filho do nobre Recebe o alumno pobre Francamente nos lycèos.</p> <p>Educar da mocidade A esperança cohorte, E' assegurar a sorte Da futura geração ! E' accender uma lampada Nas trevas que envolvem alma ! E' tecer vividas palmas Com as flôres da instrucção.</p> <p>E' animar aos adeptos Dos altos conhecimentos A construir monumentos Que vencem do tempo as milhas ! Soltar as azas da idéia Na suprema immensidade, Legando à posteridade Portentosas maravilhas !</p> <p>Salve mil vezes quem ergue O grandioso estandarte Que nas sciencias e nas artes Guia os heroes para historia !.. Salve quem dá livremente Das lettras no templo ingresso ! Salve quem ama ao progresso</p>
--	---

Nestes ensaios de glória !

*Emilia de Freitas.*

Fortaleza, 22 de novembro de 1881.

Fonte: *Jornal Pedro II* (CE), 27 de novembro de 1881

## LITTERATURA

### Poesia.

RECITADA NO SOIRE'E LITTERARIO QUE TEVE LUGAR A 22 DO CORRENTE, NO  
EXTERNATO DE SANTA CECILIA.

É dever nest' hora excelsa  
Mostrar um sincero pasmo,  
Saudar com entusiasmo  
O sublime pavilhão.  
Onde trabalha ufanosa  
Como esta uma crusada,  
Que se arroja denodada  
Em busca de perfeição !!!

Seja embora audaz empresa  
Inda em começo vencida;  
É bello n' essa avenida  
Dignamente marchar!  
Não esquecendo que ao sábio  
Da graça no abandono  
Sempre resta um screpto, um throno  
Que é forçoso respeitar"

Que diga a voz da razão  
Ante a grandeza real  
Da majestade imortal  
Quem a fronte não curvou?!  
Sim: todo ouro da terra  
É pequeno fragmento;  
Não faz sombra ao pensamento  
Que o estudo iluminou!

Oh! Quando nas priscas eras  
Achava a tyrania,  
Tudo novo então jazia  
Do saber inda na infância;  
Hoje no século das luzes  
Em toda parte se ensina  
A rasgar a negra cortina  
Da noite da ignorância.

E a offrenda preciosa  
Dessa serva immorredôra;  
Que ora a nação entesoura  
Nos craneos dilectos seus;  
Com justiça por direito,

Igual ao filho do nobre  
Recebe o alumno pobre  
Francamente nos lycêos.

Educar da mocidade  
A esperança cohorte,  
É assegurar a sorte  
Da futura geração!  
É acender uma lampada  
Nas trevas que envolvem alma!  
É tecer vividas palmas  
Com as flores da instrucção.

É animar aos adeptos  
Dos altos conhecimentos  
A construir monumentos  
Que vencem do tempo as milhas!  
Soltar as azas da idéia  
Na suprema imensidade,  
Legando à posteridade  
Portentosas maravilhas!

Salve mil vezes quem ergue  
O grandioso estandarte  
Que nas sciencias e nas artes  
Guia os heroes para historia!...  
Salve quem dá livremente  
Das letras no templo ingresso!  
Salve quem ama ao progresso  
Nestes ensaios de gloria!

**Emilia de Freitas.**

Fortaleza, 22 de novembro de 1881.

5.3- Jornal “O Estado do Ceará – Publicação Diária” (CE) – 1890-1891 (Texto de E. Freitas 2p.) FREITAS, Emília. A infância, a mocidade e a velhice. **O Estado do Ceará** (CE), Fortaleza, ano 2, n. 349, p. 2-3, 20 out. 1891.

### **A Infância, a Mocidade e a Velhice.**

*Offerecido a Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Accioly*

Achei-me á borda d'um risinho lago :

A fresca aragem, que corria branda, movia os ramos da cecem florida até á face das serenas aguas, onde iam retratar-se as rosas e as açucenas das manhães da vida.

E, impregnada do jasmim cheiroso, da baunilha e resedá mimoso, ella impellia a nacarada concha, em que fugia-me a formosa—Infancia.

Estavestida da rosada aurora, fronte toucada de courados sonhos, erguia o sceptro da esperanza rindo, e cantando o hymno d'um porvir ditoso.

—Infancia! Infancia! lhe acenei da margem, erguendo o lenço de que fiz bandeira, porque me deixas neste extenso prado, e vás fugindo sem cuidar ligeira?

—Volta um momento teu feliz semblante, e, vé terno, e, que

como uma nuvem pelo azul do céu !

Segui na estrada soluçando ainda, e subi a encosta de gentil collina, verde, tão verde, como a primavera, onde se erguiam, colossaes, gigantes ! lindas palmeiras !

Alli, o sol da vida, a Mocidade fervida erguia a torre de illusões no ar, e eu vi a Louca de binoculo em punho, perdendo ! vista, de ambições n'um mar a

Mas... lá, distante, se quebrando ao longe, eram as vagas da existencia em lucta, que se atiravam com furor indomito, do desengano, sobre a rocha bruta !

—Oh ! Mocidade ! tão gentil tão bella ! diz-me onde a vista teu querer conduz ?

Pendeu a fronte, e lhe rolou dos olhos gotta de pranto convertida em luz.

Então, bem triste fui seguindo além, e vi um ente a caminhar, na neve, e a pesada bruma do tristonho inverno sobre o seu peito parecia leve !

Tinha um barrete com florões de gelo sobre a cabeça a com-

primir razão ; da experiencia, sustentava a sonda, nos frios dedos da calosa mão.

—Sois vós--Velhice— a quem respeito e amo, quanto adorava a meus honrados paes ?

—Porque vagando nas ruinas tristes de annos passados aqui só choraes ?

Ella fitou-me com seus olhos baços, toda clemencia, placidez, bondade, e foi descendo a solitaria encosta por sobre a neve a desfolhar—Saudade.

Outubro, de 1891.

**EMÍLIA FREITAS.**

## A infância, a Mooldade e a Velhice

*Offerecido a Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Accioly*

Achei-me á borda d'um risonho lago:

A fresca aragem, que corria

branda, movia os ramos da cecem florida até á face das serenas aguas, onde iam retratar-se as rosas e as açucenas das manhães da vida.

E, impregnada do jasmim cheiroso, da baunilha e resedá mimoso, ella impellia a nacarada concha, em que fugia-me a formosa—Infancia.

Esta vestida da rosada aurora, fronte toucada de dourados sonhos, erguia o sceptro da esperança rindo, e cantando o hymno d'um porvir ditoso.

—Infancia! Infancia! lhe acenei da margem, erguendo o Lenço de que fiz bandeira, porque deixas neste extenso prado, e vás fugindo sem cuidar Ligeira?

—Volta um momento teu feliz semblante,  
e, vê terno, e, que como uma nuvem pelo azul do céu!

\*\*\*

Segui na estrada soluçando ainda, e subi a encosta de gentil collina, verde, tão verde, como a primavera, onde se erguiam, colossaes gigantes! lindas palmeiras!

Alli o sol da vida, a Mocidade fervida erguia a torre de illusões no ar, e eu vi a louca de binoculo em punho, perdendo! vista, de ambições n'um mar a

Mas... lá, distante, se quebrando ao longe, eram as vagas da existencia em lucta, que se atiravam com furor indomito, do desengano, sobre a rocha bruta!

— Oh! Mocidade! tão gentil tão bella! diz-me onde a vista teu querer conduz?

Pendeu a fronte, e lhe rolou dos olhos gotta de pranto convertida em luz.

\*\*\*

Então, bem triste fui seguindo além, e vi um eate a caminhar na neve, e a pesada bruma do tristonho inverno sobre o seu peito parecia leve!

Tinha um barrete com florões de gelo sobre a cabeça a comprimir razão; da experiencia, sustentava a sonda, nos frios dedos da calosa mão.

— Sois vós — Velhice — a quem respeito e amo, quanto adorava a meus honrados paes?

— Porque vagando nas ruinas tristes de annos passados aqui só choraes?

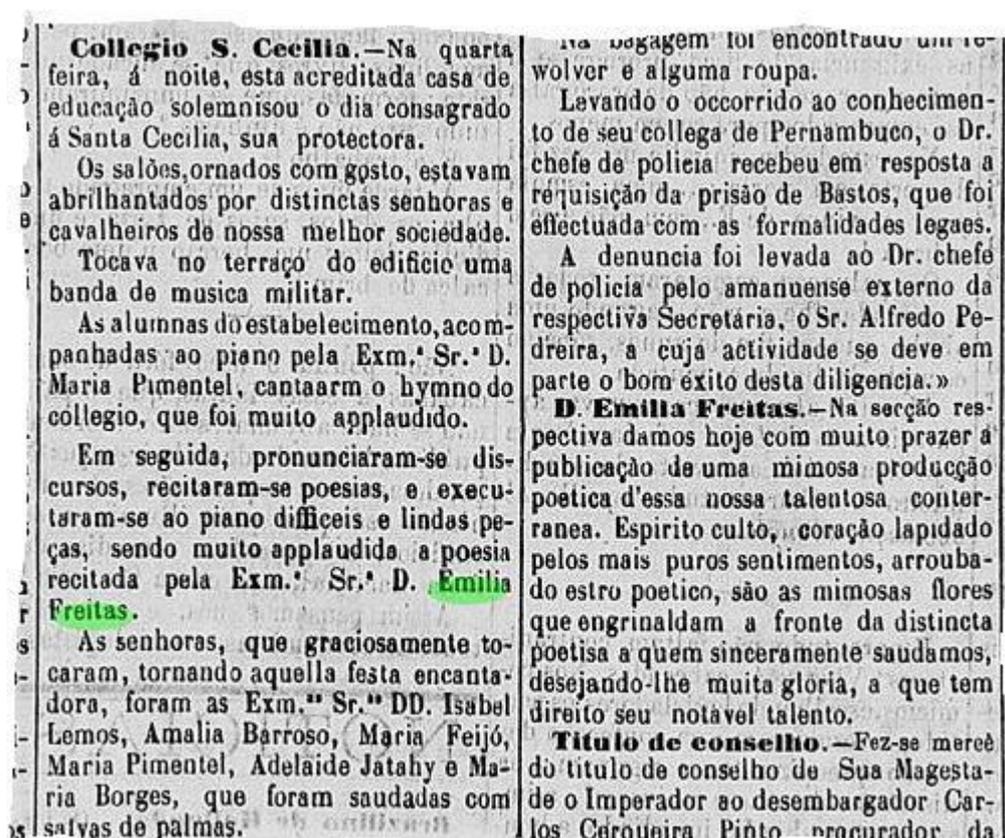
Ella fitou-me com seus olhos baços, toda clemencia, placidez, bondade, e foi descendo a solitaria encosta por sobre a neve a desfolhar— Saudade.

Outubro, de 1891.

Emilia Freitas

## 6- Críticas (e/ou notas) sobre produções literárias

6.1- Jornal “A Constituição” (CE) – 1863-1889. Noticiário. **A Constituição** (CE), Fortaleza, ano 20, n. 108, p. 2, 24 nov. 1882. (Solenidade Santa Cecilia – poesia recitada por E. Freitas foi muito aplaudida).



Fonte: *Jornal A Constituição* (CE), 24 de novembro de 1882

**Collegio S. Cecilia**— Na quarta feira, á noite, esta acreditada casa de educação solemnizou o dia consagrado á Santa Cecilia, sua protectora.

Os salões, ornados com gosto, estavam abrilhantados por distintas senhoras e cavalheiros de nossa melhor sociedade.

Tocava no terraço do edificio uma banda de musica militar.

As allumnas do estabelecimento, acompanhadas ao piano pela Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Pimentel, cantaarm o hymno do collegio, que foi muito applaudido.

Em seguida, pronunciaram-se discursos, recitaram-se poesias, e executaram-se ao piano difficeis e lindas peças, sendo muito applaudida a poesia recitada pela Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. **Emilia Freitas**.

As senhoras que graciosamente tocaram, tornando aquella festa encantadora, foram as Exm.<sup>as</sup> Sr.<sup>as</sup> DD. Isabel Lemos, Amalia Barroso, Maria Feijó, Maria Pimentel, Adelaide Jatthy e Maria Borges, que foram saudadas com salvas de palmas.

Na bagagem foi encontrado um rewolver e alguma roupa.

Levando o occorrido ao conhecimento de seu collega de Pernambuco, o Dr. chefe de policia recebeu em resposta a requisição da prisão de Bastos, que foi effectuada com as formalidades legais.

A denuncia foi levada ao Dr. Cefe e policia pelo amanuense externo da respectiva Secretaria, o Sr. Alfredo Pedreira, cuja actividade se deve em parte o bom êxito desta diligencia.»

**D. Emilia Freitas.**— Na secção respectiva damos hoje com muito prazer a publicação de uma mimosa producção poética d'essa nossa talentosa conterranea. Espirito culto, coração lapidado pelos mais puros sentimentos, arroubado estro poetico, são as mimosas flores que engrinaldam a frente da distincta poetisa a quem sinceramente saudamos, desejando-lhe muita glória, a que tem direito seu notável talento.

**Titulo de Conselho** — Fez-se mercê do titulo de conselho de Sua Magestade o Imperador ao desembargador Carlos Cerqueira Pinto procurador da.

## 6.2- Jornal "O Estado do Ceará – Publicação Diária" (CE) – 1890-1891

MENDES, A. Cunha. Rumorejos. **O Estado do Ceará** (CE), Fortaleza, ano 2, n. 252, p. 2, 17 jun. 1891. (Crítica acerca do livro de poemas de E. Freitas – **Canções do Lar**).

<p>Experimentem as sogras a ver si a cousa rende.</p> <p style="text-align: center;"><b>Peligião</b></p> <p>Para honrar a S. Luiz de Gonzaga, protector da mocidade e da pureza, em 3.º centenario, a Associação do dito santo convida aos fiéis, com especialidade as pessoas moças para assistirem no Tríduo de preces que começará quinta-feira, ás 5 e meia da tarde, para concluir-se no domingo, com uma missa cantada solemnemente que terá lugar ás 9 horas, fazendo o panegirico do santo o Rvdm. Sr. Antonio Xisto Albano.</p> <p style="text-align: center;"><b>RUMOREJOS</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Canções do Lar</b></p> <p style="text-align: center;">POR D. EMILIA FREITAS</p> <p>Tenho ás mãos as <i>Canções do Lar</i>, por D. Emilia Freitas. O livro da poetisa aracatyense</p>	<p>Como agora se agrupam na minh'alma, Das cinsas do passado resurgidas Tantas scenas, meu Deus, tantas lembranças E tantas illusões de minha vida l...</p> <p>Na poesia a Ulrica a poetisa reuniu esse lento soffrer e esse desanimo que tantas vezes nos compungem, em dous versos bellissimos, n'uma exclamação verdadeiramente poetica:</p> <p>Brutos rochedos! partilhae commigo A dor que humanos perceber não podem.</p> <p>Muitas poesias revelam sensibilidade em extremo, muitos versos acham-se cheios de não pouca belleza, mas abstrahidos de tantos obices, de tantos empecos ao completo desenvolvimento d'uma idéa.</p> <p>Porem, como disse, não posso deixar de admirar a poetisa, quanto mais que seue cantos são suspiros d'um coração e o seu coração é um cofre de santos sentimentos, de vagas melodias.</p> <p>Eu, pois, que sempre dediquei veneração immensa á lyra dos que cantam, mergulhados no si-</p>
---	--

<p>não se destaca nem pela nitidez do pensamento, nem pela arte.</p> <p>Em compensação, porem, apreciando o por um outro lado, vemos-o cheio de sensibilidades, n'elle vemos o coração d'uma mulher, d'uma poetisa, que canta muito timida das lufadas tempestuosas, muito ao recato da lama que forma a sociedade.</p> <p>E assim é que nas <i>Canções do Lar</i> encontramos muita sensibilidade e nada de arte.</p> <p>Os quadros que D. Emilia apresenta-nos têm a simplicidade de creança, a simplicidade de quem olha o mundo sómente, tão sómente, pelo prisma da ingenuidade.</p> <p>Eu, leitor, amo por demais esse cantar simples, livre, desafogado dos espartilhos de escholhas e novas escholhas; amo as trovas do sertanejo porque falam sempre ao coração; amo, pois, as <i>Canções</i> de D. Emilia, embora tenham muitissimos erros, porque são os trinados de uma ave que tenta</p>	<p>que cantam, mergulhados no silencio das noites enluaradas; consagro ás <i>Canções do Lar</i> de D. Emilia Freitas, uma verdadeira estima e não menos o verdadeiro respeito que ella clamo justamente com as palavras seguintes:</p> <p>«Venerai meu livro e eu vos serei agradecida até na eternidade.»</p> <p style="text-align: right;">A. CUNHA MENDES.</p> <p style="text-align: right;">(Almando de Castro)</p> <p>AGUA FLORIDA DE MURRAY &amp; LANMAN.—Existe por certo uma qualidade altamente sanitaria suave e delectavel na deliciosa fragancia d'esta agua popular que de tão grande ornamento serve ao toucador.</p> <p>Ella, como por encanto, nos faz lembrar o dulcissimo incenso florido de verão, ou a imitação de um favorito tom de musica antigo, o qual por ventura nos faz recordar aquellas scenas já passadas, durante as quaes ouvimos pela primeira vez. É espirituali-</p>
---	--

soltar melodias, muitas melodias  
ao alvorecer de fresca manhã.

Mas não sei, nem mesmo me é  
dado julgar como D. Emilia pu-  
blicasse imperfeições como es-  
sas :

Tê que desça do céu em doce riso  
Os encantos da luz d'outra estação.

(pag. 129)

Foge d'elle as borboletas  
Foge o rocio da manhã.

(pg. 132)

Não te abate os terremotos  
Não te açoita a tempestade.

pg. (305)

E muitos, muitos outros erros.  
Sobre esses erros grammati-  
caes tão grosseiros, desço um véo  
espesso que os encubra, como  
tambem os de metrificacão que  
correm o pareo com outros não  
menos fataes ao talento da poe-  
tisa.

No meio, forem, d'esses escu-

sante e delicado como o aroma  
da genuina agua de Colonia, e  
com tudo o seu perfume é mais  
profundo e duradouro, e a sua  
fragancia nunca muda nem enfra-  
quece, como acontece com os mais  
perfumes extrahidos e compostos  
de oleos volateis.

As senhoras, as quaes geral-  
mente soffrem de dores nervosas  
de cabeça, lhe dão a preferencia  
á toda e qualquer outra applica-  
ção local, como um excellente  
meio de alliviar as dores, e em  
qualidade de um perfume para o  
quarto de um doente, é elle por  
sem duvida eminentemente refri-  
gerante e agradável

Referimo-nos tão somente  
quanto á *Agua Florida de Mur-  
& Lanman.* Quanto ás imitacões  
são ellas despreziveis, e não me-  
recem a mais leve menção. E co-  
mo Garantia quanto as falsifica-  
ções observe-se bem que os no-  
mes de *Lanman & Kemp* venhão  
estampados em letras transpa-  
rentes no papel do livrinho que  
serve de envoltorio á cada gar-

ros ha clarões resplandecentes,  
versos optimos, idéas nitidamente  
escolhidas.

E é por isso que, apesar dos  
graves tropeços que embargam o  
caminho da poetisa á popularida-  
de, eu não deixo de apreciar a,  
dar merecido tributo á sua penna  
fragil, porem sensibilissima.

Mais facilmente o leitor tam-  
bem affirma-o á apreciando a sim-  
plicidade com que ella canta o  
berço natal :

Oh! cidade gentil, teu nome caro  
De meus labios fugiu como um suspiro,  
Como a nota saudosa d'uma flauta  
Doce, ao longe, do campo no retiro!

serve de envoltorio á cada gar-  
rafa. Acha se á venda em todas  
as Boticas e Lojas de Perfuma-  
rias [(18)

#### UMA MOLESTIA ALARMANTE AFFLI- GINDO UMA CLASSE NUMEROSA

A MOLESTIA começa por um ligeiro des-  
arranjo do estomago que, todavia, a ser  
desprezado affecta dentro em pouco o  
systema inteiro, contendendo com os rins,  
figado, pancreas e, de facto, todo o sys-  
tema glandular; e o enfermo arresta uma  
existencia desgraçada até que a morte  
lhe vem pôr fim ao soffrimento. A mo-  
lestia é muitas vezes tomada por engano  
por outras doenças; mas se o leitor se  
lizer a si mesmo as perguntas que se-  
guem, elle poderá por si mesmo deter-  
minar se elle proprio é uma das pessoas  
objectadas.—Tenho um cansaço, dores,  
ou difficuldade em respirar após a comi-

Experimentem as sogras a ver si a cousa rende.

### Peligião

Para honrar a S, Luiz de Gonzaga, protector da mocidade e da pureza, em 3.º centenario, a Associação do dito santo convida aos fieis, com especialidade as pessoas moças para assistirem ao Triduo de preces quo começará quinta-feira, ás 5 e meia da tarde, para concluir-se no domingo, com uma missa cantada solemnemente que terá lugar ás 9 horas, fazendo o panegerico do santo o Rvdm. Sr. Antonio Xisto Albano.

### RUMOREJOS

#### Canções do lar

Por D. Emilia Freitas

Tenho ás mãos as *Canções do Lar*, por D Emilia Freitas.

O livro da poetisa aracatyense não se destaca nem pela nitidez do pensamento, nem pela arte.

Em compensação, porem, apreciando o por um outro lado, vemol-o cheio de sensibilidades, n'elle vemos o coração d'uma mulher, d'uma poetisa, que canta muito timida das lufadas tempestuosas, muito ao recato de lama que forma a sociedade.

E assim é que nas *Canções do Lar* encontramos muita sensibilidade e nada de arte.

Os quadros que D. Emilia apresenta-nos têm a simplicidade de creança, a simplicidade de quem olha o mundo sómente, tão sómente pelo prisma da ingenuidade.

Eu, leitor, amo, por demais esse cantar simples, livre, desafogado dos espartilhos de escholas e novas escholas; amo as trovas do sertanejo porque falam sempre ao coração; amo, pois, as *Canções* de D. Emilia, embora tenham multissimos erros, porque são os trinados de uma ave que tenta soltar melodias, muitas melodias ao alvorecer de fresca manhã.

Mas não sei, nem mesmo me é dado julgar como D. Emilia publicasse imperfeições como essas:

Té que desça do céu em doce riso  
Os encantos da luz d'outra estação.

(pag.129)

Foge d'elle as borboletas  
Foge o rocio da manhã.

(pg.132)

Não te abate os terremotos  
Não te açoita a tempestade.

Pg.(305)

E muitos, muitos outros erros.

Sobre esses erros grammaticaes tão grosseiros, desço um véo espesso que os encubra, como também os de metrificação que correm o pareo com outros não menos fataes ao talento da poetisa.

No meio, porem, d'esses escuros clarões resplandcentes, versos optimos, idéas nitidamente escolhidas.

E é por isso que, apesar dos graves tropeços que embargam o caminho da poetisa á popularidade, eu não deixo de apreciar-a, dar merecido tributo á sua penna fragil, porem sensibilíssima.

Mais facilmente o leitor também afirma-o á apreciando a simplicidade com que ella canta o berço natal:

Oh! cidade gentil, teu nome caro  
De meus labios fugiu como um suspiro,  
Como a nota saudosa d'uma flauta  
Doce, ao longe, do campo no retiro!

Como agora se agrupam! na minh'almá,  
Das cinsas do passado ressurgidas  
Tantas scenas, meu Deus, tantas lembranças  
E tantas illusões de minha vida!...

Na poesia a Ulrica a poetisa reuniu esse lento soffrer e esse desanimo que tantas vezes nos compungem, em dous versos bellissimos, n'uma exclamação verdadeiramente poetica:

Brutos rocheados! Partilhae commigo  
A dor que humanos perceber não podem.

Muitas poesias revelam sensibilidade em extremo, muitos versos acaham-se cheios de não pouca belleza, mas abstrahidos de tantos obices, de tantos empeços ao completo desenvolvimento d'uma ideia.

Porem, como disse, não posso deixar de admirar a poetisa, quanto mais que seus cantos são suspiros d'um coração e o seu coração é um cofre de santos sentimentos, de vagas melodias.

Eu, pois, que sempre dediquei veneração immensa á lyra dos que cantam, mergulhados no silencio das noutes enluaradas; consagro ás *Canções do Lar* de D. Emilia Freitas, uma verdadeira estima e não menos o verdadeiro respeito que ella clamo justamente com as palavras seguintes:

« Venerai meu livro e eu vos serei agradecida até na eternidade.»

A.Cunha Mendes

(Almando de Castro)

AGUA FLORIDA DE MURRAY & LANMAN.— Existe por certo uma qualidade altamente sanitaria suave e delectavel na deliciosa fragancia d'esta agua popular que de tão grande ornamento serve ao toucador.

Ella, como por encanto, nos faz lembrar do dulcíssimo incenso florido de verão, ou a

imitação de um favorito tom de musica antigo, o qual por ventura nos faz recordar aquellas scenas já passadas, durante as quaes ouvimos-o pela primeira vez. É espiritualisante e delicado como o aroma da genuína agua da Colonia, e com tudo o seu perfume é mais profundo e duradouro, e a sua fragancia nunca muda nem enfraquece, como acontece com os mais perfumes extrahidos e compostos de óleos volateis.

As senhoras, as quaes geralmente soffrem de dores nervosas de cabeça. Lhe dão a preferencia á toda e qualquer outra applicação local, como um excellente meio de alliviar as dores, e em qualidade de um perfume para o quarto de um doente, é elle por sem duvida eminentemente refrigerante e agradável.

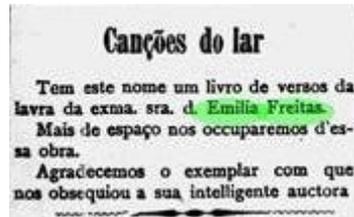
Referimo-nos tão somente quanto á *Agua Florida de Mur & Lanman*.| Quanto ás imitações são ellas desprezíveis, e não merecem a mais leve menção. E como Garantia quanto as falsificações observe-se bem que os nomes de *Lanman & Kemp* venhão estampados em letras transparentes no papel do livrinho que serve de envoltório á cada garrafa. Acha se á venda em todas as Boticas e Lojas de Perfumarias.| (18)

---

#### UMA MOLESTIA ALARMANTE AFFLIGINDO UMA CLASSE NUMEROSA

A MOLESTIA começa por um ligeiro desarranjo do estomago que, todavia, a ser desprezado affecta dentro em pouco o systema inteiro, contendendo com os rins, fígado, pancreas e, e de facto, todo o systema glandular; e o enfermo arresta uma existência desgraçada até que a morte lhe vem pôr fim ao soffrimento. A molestia é muitas vezes tomada por engano por outras doenças; mas se o leitor se fizer a si mesmo as perguntas que seguem, elle poderá por si mesmo determinar se elle próprio é uma das pessoas affectadas.— Tenho um cansaço, dores, ou difficuldade em respirar após a comi-

6.3- Diário de Notícias (PA) – 1881-1898 (Nota sobre **Canções do Lar** de E. Freitas).  
Canções do Lar. **Diário de Notícias** (PA), Belem, ano 12, n. 149, p. 3, 19 nov. 1891.

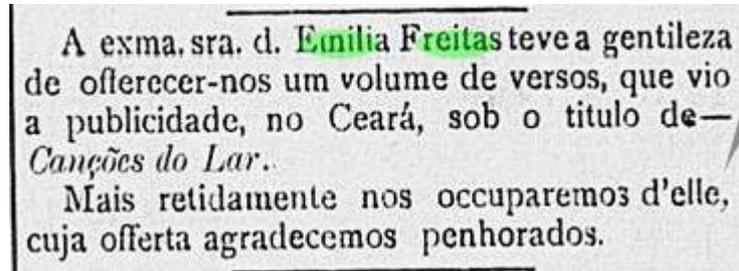


Fonte: *Jornal Diário de Notícias* (PA), 19 de novembro de 1891

### **Canções do lar**

Tem este nome um livro de versos da lavra da exma. sra. d. Emilia Freitas.  
Mais de espaço nos occuparemos d'esta obra.  
Agradecemos o exemplar com que nos obsequiou a sua intelligente auctora.

6.4- A Republica: Orgao do Club Republicano (PA) – 1886-1900. **A Republica** (PA), Belem, ano 2, n. 512, p. 1, 20 nov. 1891. (Nota sobre **Canções do Lar**).



A exma. sra. d. **Emilia Freitas** teve a gentileza de oferecer-nos um volume de versos, que vio a publicidade, no Ceará, sob o titulo de— *Canções do Lar*.  
Mais retidamente nos occuparemos d'elle, cuja offerta agradecemos penhorados.

Fonte: *Jornal A República* (PA), 20 de novembro de 1891

A exma. sra. d. Emilia Freitas teve a gentileza de oferecer-nos um volume de versos, que vio a publicidade, no Ceará, sob o titulo de — *Canções do Lar*.  
Mais retidamente nos occuparemos d'elle, cuja oferta agradecemos penhorados.

6.5- Jornal de Recife (PE) – 1858-1938 (Nota sobre **Canções do Lar** de E. Freitas).  
Gazetilha. **Jornal de Recife** (PE), Pernambuco, ano 34, n. 193, p. 3, 27 ago. 1891.

**Canções do Lar**—É este o título de um livro de versos ultimamente publicado no Ceará e de que é autora a Exma. Sra. D. **Emilia Freitas**.

Por um exemplar que, em nome da autora, nos foi remetido por um dos nossos assignantes, vemos que as *Canções do Lar* não sendo um livro perfeito, são entretanto um livro promettedor. A Sra. D. **Emilia Freitas** revela um talento poetico aproveitavel que o tempo e a leitura dos mestres hão de fazer um dia notavel.

Que a distincta cearense estude e progrida são os nossos desejos.

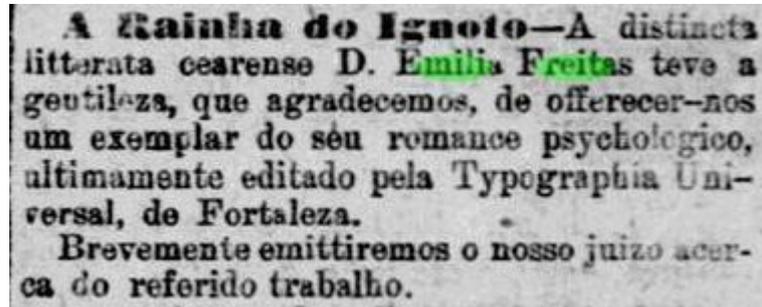
Fonte: *Jornal de Recife* (PE), 27 de agosto de 1891

**Canções do Lar**—É este o título de um livro de versos ultimamente publicado no Ceará e de que autora a Exma. Sra. D. Emilia Freitas.

Por um exemplar que, em nome da autora, nos foi remetido por um dos nossos assignantes, vemos que as *Canções do Lar* não sendo um livro perfeito, são entretanto um livro promettedor. A Sra. D. emilia Freitas revela um talento poetico aproveitavel que o tempo e a leitura dos mestres hão de fazer um dia notavel.

Que a distincta earense estude e progrida são os nossos desejos.

6.6- Jornal de Recife (PE) – 1858-1938 (Nota sobre **A Rainha do Ignoto** de E. Freitas).  
Gazetilhas. **Jornal de Recife** (PE), Pernambuco, ano 43, n. 173, p. 1, 01 ago. 1900.



**A Rainha do Ignoto**—A distincta litterata cearense D. Emilia Freitas teve a gentileza, que agradecemos, de offerecer-nos um exemplar do seu romance psychologico, ultimamente editado pela Typographia Universal, de Fortaleza.  
Brevemente emittiremos o nosso juizo acerca do referido trabalho.

Fonte: *Jornal de Recife* (PE), 01 de agosto de 1900

**A Rainha do Ignoto**—A distincta literata cearense D. Emilia Freitas teve a gentileza, que agradecemos, de oferecer-nos um exemplar do seu psychologico, ultimamente editado pela Typographia Universal, de Fortaleza.

Brevemente emitiremos o nosso juizo acerca do referido trabalho.

6.7- A Província: Órgão do Partido Liberal (PE) – 1872-1919. **A Província** (PE), Pernambuco, ano 23, n. 174, p. 1, 04 ago. 1900. (Crítica acerca de **A Rainha do Ignoto** de E. Freitas)

*A Rainha do Ignoto* é um bonito romance que, do Ceará, teve a delicadeza de enviar-nos a talentosa escriptora d. **Emilia de Freitas**.

Aos amantes do maravilhoso agradará elle, de certo, pela feição lendária dos lances e dos typos, concebidos todos no pleno dominio da phantasia.

Avançamos mesmo a afirmar que será grande o numero dos seus leitores interessados, porque hoje, como sempre, as narrativas de phantasmagorias e encantamentos encontram por toda parte espiritos predispostos recebê-las com sympathia.

Olhado deste ponto de vista, o romance de d. **Emilia de Freitas** será um successo, pois não lhe faltam peripecias curiosas e vôos de imaginação no desenrolar do entrecho atravez das sombras do occultismo.

Para sermos sinceros, porém, tomamos a liberdade de observar á apreciavel escriptora que teria acertado melhor se applicasse o seu bello talento n'um trabalho de mais observação e menos ficção.

*A Rainha do Ignoto* tem, no entretanto, para nós o valor de uma promessa esperançosa, embora não defina ainda uma personalidade litteraria, porque não acreditamos que por este livro (supponho que de estréa) se possa julgar a capacidade de sua autora.

Agradecemos, penhorados, o exemplar que nos chegou ás mãos.

Fonte: *Jornal A Província* (PE), 04 de agosto de 1900

*A Rainha do Ignoto* é um bonito romance que, do Ceará, teve a delicadeza de enviarnos a talentosa escriptora d. Emilia Freitas.

Aos amantes do maravilhoso agradará elle, de certo, pela feição lendária dos lances e dos typos, concebidos todos no pleno dominio da fantasia.

Avançamos mesmo a afirmar que será grande o numero dos seus leitores interessados, porque hoje, como sempre, as narrativas de fantasmagorias e encantamentos encontram por toda parte espiritos predispostos recebê-las com sympathia.

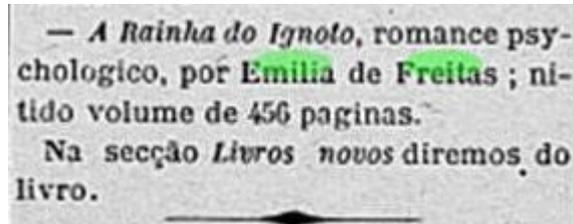
Olhado deste ponto de vista, o romance de d. Emilia Freitas será um successo, pois não lhe faltam peripecias curiosas e vôos de imaginação no desenrolar do entrecho atravez das sombras do occultismo.

Para sermos sinceros, porém, tomamos a liberdade de observar á apreciavel escriptora que teria acertado melhor se applicasse o seu bello talento n'um trabalho de mais observação e menos ficção.

*A Rainha do Ignoto* tem, no entretanto, para nós o valor de uma promessa esperançosa, embora não defina ainda uma personalidade litteraria, porque não acreditamos que por este livro (supomos que de estréa) se possa julgar a capacidade de sua autora.

Agradecemos, penhorados, o exemplar que nos chegou ás mãos.

6.8- Jornal do Brasil (RJ) – 1900-1909 (Nota sobre **A Rainha do Ignoto** de E. Freitas).  
Publicações. Jornal do Brasil (RJ), Rio de Janeiro, ano 10, n. 146, p. 3, 26 mai. 1900.

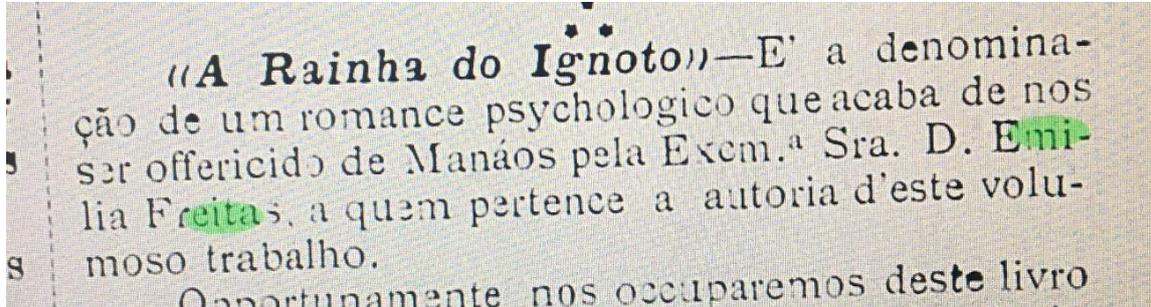


Fonte: *Jornal do Brasil* (RJ), 26 de maio de 1900

— *A Rainha do Ignoto*, romance psychologico, por Emilia de Freitas; nítido volume de 456 paginas.

Na secção *Livros novos* diremos do livro.

6.9- A tribuna: do Congresso Literario RN 17/6/1900: anuncia a publicação de **A Rainha do Ignoto**:



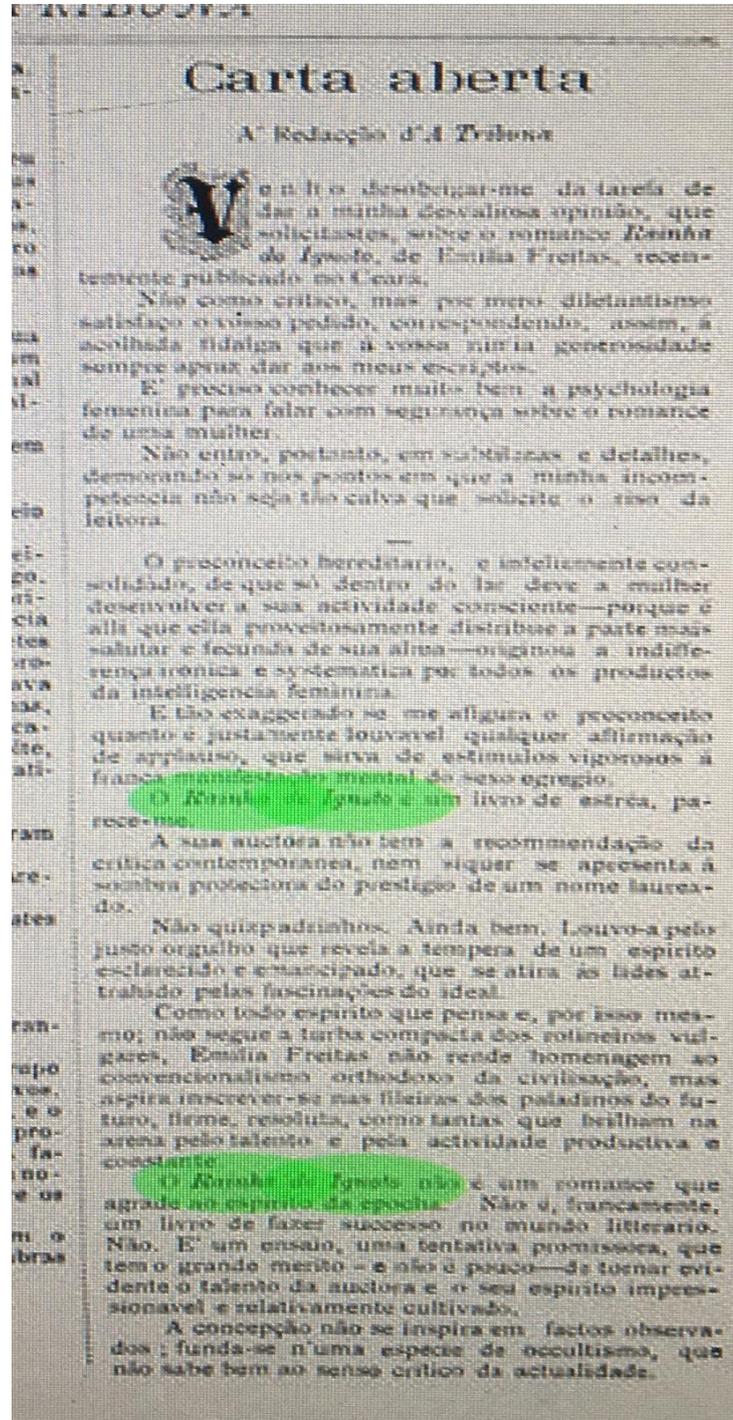
Fonte: *A Tribuna* (RN), 17 de junho de 1900

\*\*

«A Rainha do Ignoto» — É a denominação de um rpomance psychologico que acaba de nos ser oferecido de Manãos pela Exem.<sup>a</sup> Sra. D. Emilia Freitas, a quem pertence a autoria d'este volumoso trabalho.

Opportunamente nos occuparemos deste livro

6.10- A Tribuna do Congresso Literário 14/7/1900 – resenha sobre **A Rainha do Ignoto**.



Fonte: A Tribuna do Congresso Literário, 14 de julho de 1900

## Carta aberta

Á Redacção d'A *Tribuna*

Venho desobrigar-me da tarefa de dar a minha desvaliosa opinião, que solicitastes, sobre o romance *Rainha do Ignoto*, de Emilia Freitas, recentemente publicado no Ceará.

Não como crítico, mas por mero diletantismo satisfaço o vosso pedido, correspondendo, assim, á acolhida fidalga que a vossa xxx generosidade sempre xxx dar aos meus escriptos.

É preciso conhecer muito bem a psychologia feminina para falar com segurança sobre o romance de uma mulher.

Não entro, portanto, em sutilezas e detalhes, demonstrando xx xx xx xx que a minha immcompetencia não seja xx xx que solicite o riso da lietora.

O preconceito hereditario , e infelizmente consolidado, de que só dentro do lar deve a mulher desenvolver a sua actividade consciente — porque é alli que ella proveitosamente distribue a parte mais salutar e fecunda de sua alma — originou a indiferença irônica e systematica por todos os produtores da intelligência feminina.

E tão exaggerado se me affligira o preconceito quanto é justamente louvável qualquer afirmação de xxx, que sirva de estímulos vigorosos á franca manifestação mental do sexo egregio.

O *Rainha do Ignoto* é um livro de estréa, parece-me.

A sua auctora não tem a recomendação da crítica contemporanea, nem sequer se apresenta á sombra protectora do prestigio de um nome laureado.

Não quixpadrinhos. Ainda bem. Louvo-a pelo justo orgulho que revela a tempera de um espirito esclarecido e emancipado, que se atira xx xxxx xx-xxx pelas fascinações do ideal.

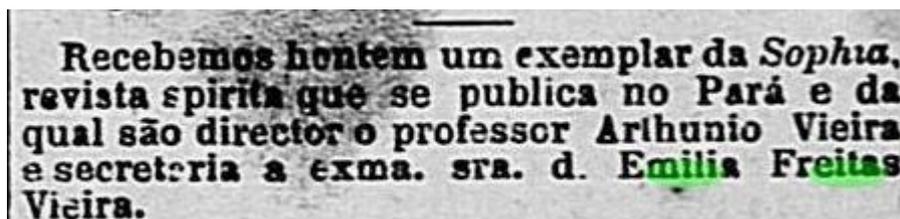
Como todo espirito que pensa e, por isso mesmo; não segue a xxx completa dos rotineiros xxx, Emilia Freitas não rende homenagem ao convencionalismo orthodoxo da civilização, mas aspira inscrever-se nas fileiras dos paladinos do futuro, firme, resoluta, como tantas que brilham na xxx xxx e pela actividade productiva e constante.

O *Rainha do Ignoto* não é um romance que agrada ao espirito da época. Não ´, francamente um livro de fazer successo no mundo litterario. Não. É um ensaio, uma tentativa promissora, que tem o grande mérito — e não é pouco — de externar evidente o talento da auctora e o seu espirito impressionavel e relativamente cultivado.

A concepção não se inspira em factos observados: funda-se n'uma espécie de ocultismo, que não sabe bem ao senso critico da actualidade.

## 7- Relações com o Espiritismo

7.1- A Província: Órgão do Partido Liberal (PE) – 1872-1919. Gazetilhas. **A Província** (PE), Pernambuco, ano 26, n. 91, p. 1, 24 abr. 1903. (Nota sobre Revista Espírita Sophia de Arthunio Vieira e E. Freitas).



Recebemos hontem um exemplar da *Sophia*, revista spirita que se publica no Pará e da qual são director o professor Arthunio Vieira e secretaria a exma. sra. d. Emilia Freitas Vieira.

Fonte: *Jornal A Província* (PE), 24 de abril de 1903

Recebemos hontem um exemplar da *Sophia*, revista espirita que se publica no Pará e da qual são director o professor Arthunio Vieira e secretaria a exma. Sra. D. Emilia Freitas Vieira.

## 8- Sobre mulheres intelectuais da segunda metade do séc. XIX

8.1- Revista da Academia Cearense (CE) – 1896-1901. MENEZES, A. Bezerra de. O Ceará e os cearenses. **Revista da Academia Cearense** (CE), Fortaleza, Tomo V, p. 194-197, 1900. (Trecho relativo às mulheres cearenses).

Não podemos furtar-nos ao desejo de, continuando este ligeiro estudo, dizer algumas palavras sobre a mulher cearense, sua educação, seu papel na sociedade.

Não são formosas como as Parahybanas, as Catharinenses, mas são sobremodo virtuosas.

Habitadas ao trabalho de casa desde a infancia, tanto as filhas das familias abastadas, como as das classes pobres, não extranham os mais pesados encargos que lhes possa trazer o casamento.

Depois do ensino domestico, são em geral educadas com esmero nas lettras e bellas artes.

Ha alli senhoras que têm nome feito como poetisas e escriptoras.

São bem conhecidas as Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> Anna Nogueira, Francisca Clotilde, Ignacia de Mattos Dias, **Emilia Freitas**, Francisca de Mello Cezar, Luiza Amelia de Paula Rodrigues, Anna Lecticia da Frota Pessôa, Luiza Justa, Anna Facó, Anna Bilhar, e muitas outras, que honram os jornaes com os seus escriptos.

Em musica e desenho conhecemos tambem cultoras distinctissimas.

Nada mais bello, mais edificador do que a sua actividade e distincção em tudo; ellas vão sós ás compras

ao mercado, aos estabelecimentos commerciaes, aos cursos da Escola Normal, sobraçando os livros de ensino, como nos paizes mais adiantados, e por onde passam, são cercadas do respeito e das attentões da população.

E quem seria capaz de dirigir-lhes o mais leve e o mais innocente gracejo?

Ninguem; porque a mulher cearense goza alli de veneração como em parte alguma.

Caso por exemplo uma moça pobre espôse um empregado publico ou outro qualquer individuo de pequena profissão, si por infelicidade elle adoece ou é demittido, ella sustenta e mantém a dignidade do marido, trabalhando de modo desesperado, de sorte que temos conhecido a muitas que se fiaram de consunção, exercendo serviços pesados superiores ás suas forças.

Uma cearense, de certa educação, não se deixa seduzir pela ostentação, pela riqueza, pelos deslumbramentos do luxo, não; ella está muito acostamada ás necessidades da vida, á sobriedade, ás provações da pobreza, e desde que encontre um ser que a comprehenda, que a prése, nunca leva em conta a sua infelicidade, e paga com muito amor, extremos e fidelidade os affectos do companheiro que escolheu.

Não se conhece até hoje uma moça da familia que, esquecendo os seus deveres de filha e de cearense, se entregue ao homem que a requeste somente pelo gozo de emancipar-se do seu estado de pobreza ou pela falta de recursos.

São heroínas que dão de dia a dia testemunho de sua honestidade, da severidade dos costumes em que são educadas, e para ellas a menor quebra da correcção do seu procedimento é uma falta grave, que o seu sentimento religioso increpa de gravissimo.

Por isso são timidas, a nantes, extremosas, porque entendem que antes de tudo cumpre-lhes zelar a sua honra, que está acima de tudo, e que Deus manda guardar como coisa sacrosanta.

A cearense tem como nenhuma outra mulher o receio

de transgredir o seu dever de esposa; dahi a sua grandeza, a paz do lar, a felicidade do casal.

Verdade é que na terra cearense têm-se dado e continuam a dar-se prostituições, mas para honra da terra, estas só se conhecem na infima classe, onde não chegou a educação.

No seio da gente limpa, felizmente, não ha um caso a lamentar.

São cercadas, repetimos, do respeito e consideração de todos, e é tão com nua esta regra que, quando por qualquer motivo um homem a transgride, ella pune o seu atrevimento.

Acerca de um anno pouco mais ou menos, uma respeitavel senhora, mulher de um distincto funcionario que costumava ir ao Mercado fazer as compras pela manha, começou a notar que um individuo a cumprimentava com toda a amabilidade, lhe apparecia em toda a parte no seu caminho.

Colheu ella afinal a certeza de que o tal a galanteava, emaguada por aquelle insulto, preparou-se para o primeiro encontro.

No outro dia ao dobrar uma esquina, foi ella se encontrando com o *caralheiro*, que mui risonhamente lhe dá os bons dias. Sem mais preambulos, a senhora, no auge da indignação, arruma-lhe boas vergastadas com uma chibata que havia trazido, e quasi logo, arrancando do bolso um revólver aponta-o á cara do galanteador e diz-lhe: si continuar na sua infamia, juro que lhe hei de arrancar os miolos.

O namorado não quiz mais conversa, e pôz-se ao fresco para livrar-se da curiosidade do povo, que corria de todos os lados, afim de ver e conhecer o heróe daquela comedia.

Conhecemos muitos factos identicos a este, cada qual mais especial, mais horroroso, que vêm em abono da proverbial honestidade das cearenses.

Não exageramos, affirmamos apenas este, appellando para o testemunho de uma população inteira.

No interior parece que a coisa é mais seria.

Alli não ha as seduções das capitaes, não ha a vida livre e desembaraçada das grandes cidades, o exemplo do escandalo dos grandes centros commerciaes e populosos; a vida é mais calma, mais innocente, mais primitiva, si assim nos podemos expressar.

Toda a mulher do sertão conhece perfeitamente o trabalho da lavoira, para o qual contribue com o seu valente contingente, conhece o trabalho da criação, a que presta poderoso auxilio, e sobretudo sabe nadar perfeitamente, perfeitamente montar a cavallo, e a algumas conhecemos que atiram bem a espingarda.

Alli os pontos de honra, relativamente ás senhoras, são liquidados de modo barbaro, de sorte que a falta de respeito ou consideração a uma mulher tem trazido o aniquilamento de familias inteiras.

Um marido de certa ordem não tolera que se manche o seu nome, e dali os assassinatos, os crimes horrorosos que ordinariamente alli se praticam, e que tão terrivel nome deram aos filhos do Ceará.

Nós, porém, louvamos o seu procedimento, porque sem honra antes a morte.

Fonte: *Revista da Academia Cearense* (CE), 1900

Não podemos furtar-nos ao desejo de, continuando este ligeiro estudo, dizer algumas palavras sobre a mulher cearense, sua educação, seu papel na sociedade.

Não são formosas como as Parahybanas, as Catharinenses, mas são sobremodo virtuosas.

Habitadas ao trabalho de casa desde a infância, tanto as filhas das famílias abastadas, como as das classes pobres, não extranham os mais pesados encargos que lhes possa trazer o casamento.

Depois do ensino domestico, são em geral educadas com esmero nas letras e bellas artes.

Há alli senhoras que têm nome feito como poetisas e escriptoras.

São bem conhecidas as Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> Anna Nogueira, Francisca Clotilde, Ignacia de Mattos Dias, Emilia Freitas, Francisca de Mello Cezar, Luiza Amelia de Paula Rodrigues, Anna Lecticia da Frota Pessôa, Luiza Justa, Anna Facó, Anna Bilhar, e muitas outras, que honram os jornaes com os seus escriptos.

Em musica e desenho conhecemos também cultoras distinctissimas.

Nada mais bello, mais edificador do que a sua actividade e distincção em tudo; ellas vão sós ás compras ao mercado, aos estabelecimentos commerciaes, aos cursos da Escola normal, sobraçando os livros de ensino, como nosso paizes mais adiantados, e por onde passam, são cercadas de respeito e das atenções da população.

E quem seria capaz de dirigir-lhes o mais leve e o mais innocente gracejo?

Ninguém; porque a mulher cearense gosa alli de veneração como em parte alguma.

Caso por exemplo uma moça pobre espôse um empregado publico ou outro qualquer individuo de pequena profissão, si por infelicidade elle adocece ou é demitido, ella sustenta e mantém a dignidade do marido, trabalhando de modo desesperado, de sorte que temos conhecido a muitas que tinaram de consumpção exercendo serviços pesados superiores ás suas forças.

Uma cearense, de certa xxx, não se deixa seduzir pela ostentação, pela riqueza, pelos deslumbramentos do luxo, não; ella está muito acostumada ás necessidades da vida, á sobriedade, ás provações da pobreza, e desde que encontre um ser que a compreenda, que a prése, nunca leva em conta a sua infelicidade e paga com muito amor, extremos e fidelidade os affectos do companheiro que escolheu.

Não se conhece até hoje uma moça de família que, esquecendo os seus deveres de filha e de cearense, se entregue ao homem que a requete somente pelo goso de emancipar-se do seu estado de pobreza ou pela falta de recursos.

São heroínas que dão de dia a dia testemunho de sua honestidade, da severidade dos costumes em que são educadas, e para ellas a menor quebra da correcção do seu procedimento é uma falta grave, que o seu sentimento religioso increpa de gravíssimo.

Por isso são tímidas amantes, extremosas, porque entendem que antes de tudo cumpre-lhes zelar a sua honra, que está acima de tudo, e que Deus manda guardar como coisa sacrossanta.

A cearense tem como nenhuma outra mulher o receio de transgredir o seu dever de esposa; dahi a sua grandeza. a paz do lar, a felicidade do casal.

Verdade é que na terra cearense têm-se dado e continuam a dar-se prostituições, mas para honra da terra, estas só se conhecem na infima elasse, onde não chegou a educação.

No seio da gente limpa, felizmente não ha um caso a lamentar.

São cercadas, repetimos, do respeito e consideração de todos. e é tão comnum esta regra que, quando por qualquer motivo um homem transgride, ella pune o seu atrevimento.

Acerca de um anno pouco mais ou menós, uma respeitavel senhora, mulher de um distincto funcionario que costumava ir ao Mercado fazer as compras pela manhan, começou a notar que um individuo a cumprimentava com toda a amabilidade, lhe apparecia em toda a parte no seu caminho.

Colheu ella afinal a certeza de que o tal a galanteava, e maguada por aquelle insulto, preparou-se para o primeiro encontro.

No outro dia ao dobrar um esquina, foi ella se encontrando com o cavalheiro, que mui risonhamente lhe dá os bons dias. Sem mais preambulos, a senhora, no auge da indignação, arruma-lhe bôas vergastadas com uma chibata que havia trazido, e quasi logo, arrancando do bolso um revólver aponta-o á cara do galanteador e diz- lhe: si continuar na sua infamia, juro que lhe hei de arrancar os miolos.

O namorado não quiz mais conversa, e pôz-se ao fresco para livrar-se da curiosidade do povo, que corria de todos os lados, afim de ver e conhecer o heróe daquella comedia.

Conhecemos muitos factos identicos a este, cada qual mais -especial, mais horroroso, que vêm em abono da proverbial honestidade das cearenses.

Não exageramos, affirmamos apenas este, appellando para o testemunho de uma população inteira.

No interior parece que a coisa é mais seria.

Alli não ha as seduções das capitaes, não ha a vida livre e desembaraçada das grandes cidades, o exemplo do escândalo dos grandes centros commerciaes e populosos;a vida é mais calma, mais innocente, mais primitiva, si assim nos podemos expressar.

Toda a mulher do sertão conhece perfeitamente o trabalho da lavoira, para o qual contribue com o seu valente contingente, conhece o trabalho da creação, a que presta poderoso auxilio, e sobretudo sabe nadar perfeitamente, perfeitamente montar a cavallo, e a algumas conhecemos que atiram bem a espingarda.

Alli os pontos de honra, relativamente ás senhoras, são liquidados de modo barabaro, de sorte que a falta de respeito ou consideração a uma mulher tem trazido o aniquilamento de famílias inteiras.

Um marido de certa ordem não tolera que se manche o seu nome, e dahi os assassinatos, os crimes horrorosos que ordinariamente alli se praticam, e que tão terrível nome deram aos filhos do Ceará.

Nós, porém, louvamos o seu procedimento, porque sem honra antes a morte.

**ANEXO B - Transcrição da matéria “Sciencias, Letras e Artes”.**

**Ano XXIII**  
**Numero 208**  
**Maranhão — 1885**  
**março**

**Quarta-feira, 11 de**

**O PAIZ**

**Orgão especial do Commercio**

**SCIENCIAS, LETRAS E ARTES.**

SUMMARIO — O mundo do maravilhoso. — Magnetismo e somnambulismo. — O Hypnotismo e o direito criminal. — Experiencias dos professores Liégeois e Bernheim. — A sugestão hypnotica. — Suggestões de ordem physica. — Suggestões de ordem moral. — Allucinações.— Evocações. — As metamorfoses de um hypnotisado. — Illusões inconscientes. — Perda da memoria; perda do livre arbítrio. — Automatismo. — O mandato imperativo. — Reminiscencias activas. — Actos inconscientes. — Ordens dadas durante o somno, executadas depois de despertar. — Uma moça que cumpre a ordem recebida de matar sua mãe. — Persistencia das impressões latentes. — O somno magnético á vontade. — Exemplos curiosos —A hypnotisada de Bordéos. — Extraordinaria exaggeração da sensibilidade. — A vista dupla. — O olfacto. — Experiencias de Stuart Cumberland. — Transmissão do pensamento. — Duvidas e realidades. — Nossos sentidos. — Influencia dos imans sobre o organismo humano. — Consequencias e conclusões.

Magnetismo, hypnotismo, illusões de hontem, realidades de hoje. Certamente, foi preciso tempo, muito tempo, antes que se decidissem a estudar de perto esses factos estranhos, mas pode se afirmar que agora os meus eminentes physiologistas consideram como fora de contestação os principaes fenômenos do hypnotismo e de magnetismo animal.

O sistema nervoso póde ser influenciadi por causas exteriores ainda mal definidas, a ponto de modificar completamente o individuo no moral e no physico, de transformal -o em autômato e de substituir a sua vontade por uma vontade extranha, empregando para isso suggestões diversas. As experiencias tentadas na allemanha e na frança, nestes últimos anos, não deixam mais duvida alguma a tal respeito

O Dr. Liégeois, professor de direito na Faculdade de Nancy, acaba de chamar novamente a attenção dos sábios sobre esses factos, em uma interessante memoria, insistindo, principalmente, sobre as consequencias que eles apresentam para a medicina legal e sobr e as applicações possíveis sob o ponto de vista do direito civil e do direito criminal. Athese do professor Liégeois é nova e ousada; ella pode ser defendida com grandes aparências de verdade.

O professor Liégeois quis primeiramente ter opinião segura a respeito da realidade dos fenômenos hypnoticos, e ver até que limite extremo se podia levar a influencia do homem sobre seu semelhante. Com o auxilio de seu colega, o professor Bernheim, hypnotisou certo numero de pessoas absolutamente sãs de corpo e espirito.

Chegou ás mesmas conclusões que seus antecessores. O hypnotismo torna-se um autômato

inconsciente; porem o que é muito mais extraordinário è que elle conserve durante dias e semanas vestigios desse automatismo, a ponto tal que as sugestões anteriores persistem muito tempo e podem forcal-o a executar actos independentes de sua vontade.

O operador póde inspirar ao paciente a idéa de actos criminosos, que ao despertar serão executados fatalmente, com o maior rigor, no fim de muitos dias ou mesmo de muitos mezes de intervalllo. É o que afirma o professor Liégeois.

Assim, certos pacientes foram, no dia e hora determinados pelo professor Liégeois, acusarem-se, na repartição de policia ou em casa do procurador da republica, de crimes imaginários, com todas as minucias e nos próprios termos que lhes tinham sido ditados na vespera ou na antevespera. Outros executarão ou pensarão executar terríveis actos. Uma moça, entre outros, assassinou sua mãe, descarregando sobre ella, á queima-roupa, com o maior sangue-frio, um tiro de pistola. É inútil dizer que a arma não estava carregada.

Outros reconhecerão compromissos que nunca tinham tomado, e assignarão letras perfeitamente regulares, para pagamento de dividas, que nunca tinham contrahid. Outros, em quem se provocarão certas alucinações, affirmarão sob palavra de honra que tinham absoluta certeza de ter visto, ouvido, tocado tudo o que se lhes tinha sugerido! Essas experiencias bem conduzidas em uma direcção dada não deixão de apresentar certa gravidade. Conclue d'ellas, mui naturalmente, o professor Liégeois que, em relação à justiça civil, a sugestão póde intervir em um grande numero de actos importantes, para falseal-os ou embaraçal-os; que a sugestão póde intervir também, no que diz respeito á justiça criminal, em actos dos quers os próprios hypnotisados são victimas, ou em actos que eles executão irresistivelmente; ou em fimem actos imaginários cuja realidade se lhes admitir.

Os magistrados terão, polis, de considerar no momento oportuno essas sugestões, e deverão esforçar-se para descobrir, atraz de quem perpetrou o acto o verdadeiro culpado, isto é, o autor da sugestão.

D'esta maneira tomará nova e consideravel importancia o papel de medico legista. Exstrictamente, são justas as idéas do professor Liégeois, e tanto mais justas segundo o nosso modo de vêr, que entendemos não ser a sugestão phenomede exclusivamente reservado ao somnambulismo; temos rasões de pensar que é um phenomede mais comum do que realmente se suppõe; no hypnotisado tal phenomede é exagerado, e apparece então em toda a sua evidencia; mas, por ser menos acentuado em certos pacientes, não se segue que elle não exista em maior ou menor gráo.

Causas inconscientes actuão constantemente em nós e modificão nossa personalidade. Não se diz muitas vezes que tal ou tal pessoa exerce certo ascendente em seus semelhantes? Não sabe-se que a influencia boa ou má de tal individuo faz-se sentir sobre outros? Quantos phenomenos suggestivos representam seu papel sem que possamos bem comprehender isso? O meio exerce sua acção, não se é mais no dia seguinte o que se era na vespera; recebe se o cunho do meio em que se vive.

O pensamento de outro influe sobre o do próximo; a recordação inconsciente muda as idéas, os próprios actos; e o determinismo resultante de recordações e de combinações psychologicas talvez não seja uma palavra vã.

No fundo, o magistrado, hoje como antes da these do professor Liégeois, continua diante da solução do mesmo problema: descobrir o verdadeirs culpado. Só o horizonte alargou-se e os methodos de investigação poderão vir a ser mais precisos e mais certos.

O que antes de tudo convem mostrar é que na verdade a suggestão é um phenomede comum, fácil de produzir-se, e que não poderia escapar á attenção dos observadores. Abundão os exemplos: derão os professores Liégeois e Bernheim muitos e excellentes, obtidos pelas necessidades de sua these; não é superfluo citar outros, que não forão colhidos com idéa

preconcebida.

Ha já mais de vinte annos que, longe de todo o meio civilizado, nós provocavamos pela suggestão os actos mais bizarros nos mosquitos (dá-se este nome a uma raça selvagem que habita a America Central) hypnotisados; elles imitavão a uma certa distancia todos os nossos movimentos; verdadeiros autômatos, cujos cordéis puchavamos á vontade. Mas tratava-se principalmente então de sugestões de ordem physica. As sugestões de ordem psycholoigca são muito mais extraordinarias. O professor Charles Richet, que estudou minuciosamente essas questões, cita mumerosos exemplos em um seu livro notavel — *O homem e a intelligencia*.

Não insistiremos sobre os mais conhecidos phenomenos de suggestão, mas tomaremos á obra do professor Richet alguns casos bem singulares em que a personalidade desaparece completamente. E basta, para que a transformação da personalidade se opere, uma palavra pronunciada com autoridade emquanto estiver adormecido o paciente. Assim diz-se á uma moça hypnotisada: «estaes transformada em velha», e immediatamente o andar e os sentimentos manifestados são de uma mulher velha. «Estaes transformada em uma criança», e imediatamente a paciente toma os modos, os brinquedos e os gestos de uma criança.

Pode-se transformar a hypnotisada em camponeza, em actriz, em general ou em padre... Não ha nada tão curioso. Com uma palavra a hypnotisada transforma-se em general. «Dê-me um óculo de alcance, diz ella. Está bem; onde está... o commandante do 1º regimento de zuavos? Há aqui Kroumirs; eu os estou vendo subir a montanha. Commandante, tome uma companhia e carregue sobre o inimigo. Faça-se avançar uma bateria de campanha! Como manobráo bem os zuavos? O que quer, major? Não tem ordens? (Aparte.) Aque'le official é um máo official, não sabe fazer cousa alguma... depressa, meu cavallo, minha espada... (ella faz o movimento de quem quer pôr a espada na cintura). Carrega... ahi!... estou ferida!»

Tudo isto é pronunciado em voz baixa, movendo apenas os labios. Estes phenomenos de *objectivação*, como os denomina o professor Richet, não são tão raros como se poderia pensar ; o professor reproduziu-os em um de seus amigos. Este torna-se á vontade padre, comico, velho, mulher, e desempenha seu papel admiravelmente. Quando representa o papel de mulher, a primeira cousa que diz: «Não machuquem meus vestidos » Transformado em Harpagon, emprega logo mais ou menos as expressões da peça de Moliére.

O paciente imagina tão bem ser a personagem que representa, que fica colerico se alguém lhe affirma que elle quer enganar ao auditorio Póde-se mesmo transformal-o em cachorro, em macaco, em papagaio. «Um dia eu dizia a meu amigo F.... escreve o professor Richet: Meu pobre rapaz, estaes transformado em papagaio.

Depois de um momento de hesitação elle respondeu: «É preciso que eu coma o milho que está em minha gaiola? » Do mesmo modo uma moça foi metamorfoseada em cabra; e immediatamente ella trepa no canapé e quer subir pela bibliotheca acimacom tal precipitação que rasga o vestido. «Porque rasão fazes esses exercicios tão exquisitos, se lhe perguntou. — É, respondeu ella, que eu me vi em cima de um rochedo escarpado, e tomada de um desejo irresistivel de saltar e pular».

Póde-se suggerir a um hypnotisado tudo quanto se quiser. As imagens suggeridas são tão precisas que o paciente não duvida da realidade absoluta d'ellas. «Assim escreve o professor Richet, eu dizia a meu amigo R.....: Olhe este leão; logo R....se agitava e sua physionomia exprimia um vivo terror. Mas o animal ahi vem, dizia elle aproxima-se o leão; vamo-nos embora depressa. E R... agitava-se em sua cadeira, e seu susto provocava quase uma crise nervosa.

---

## ANEXO C - Transcrição da matéria “Magnetismo”.

O cearense.

Communicado.

### Magnetismo.

Chegou no dia 23 do corrente o vapor do sul e nessa noute numerosas pessôas amigas do sr. J S. de V. negociante desta praça occupavaô a sua salla; veio à couversação a grande novidade as mezas dançantes: nenhuma pessoa do circulo acreditava tal fenomeno, e sem a menor fé se propôs o ensaio, e da mesma forma foi aceito, e para isso collocaraô uma meza quadrangular de 4 palmos de extenção, no centro da salla, a taboa de cima está collocada sobre huma columna firmada sobre 4 pequenos pés a semelhança de garras, e peza 39 Ib. he de faia envernizada, e o centro da taboa está forrada de baêta verde: sentaraô-se em circunferencia da mesma, aquelle sr. E sua filha, os srs. Manoel Caetano Spinola — Antonio Eugenio da Fonseca — Antonio Joaquim Barros.

Collocaraô-se as mãos por differentes formas, e nem sempre conservarão o sikencio recommendado , rião, e conversaraô, sempre duvidando do resultado: assim passaraô-se 60 minutos, e já impacientados se queraô levantar; porem a pedido do sr. J S. de V. demoraraô-se mais alguns minutos; quando a meza oscilou ligeiramente da direita para a esquerda, dspuis houve hum pequeno movimento de rotaçãõ para o mesmo lado, e nesta occaziaõ os actores se pozeraô em pé: o movimento de lento que principiou se tornou energico , e a final parou, por que os actores levantaraô as mãos de cima da meza — A pozição das mãos quando se estabeleceu o movimento da meza era o seguinte: as mãos descançavaô sobre a meza collando cada qual o dedo mínimo da direita sobre o da esquerda da pessoa que lhe ficava á direita: e o do dedo minimo da esquerda debaixo do dedo da pessoa que lhe ficava a esquerda: os polegares estavaô suspensos, não exista contacto algum com a meza, senaô por meio daquella cadeia, as cadeiras estavaô distantes, os actores não se tocavam de qualquer outra forma — Observou-se que, quando o movimento de rotaçãõ estava bem pronunciado hum dos espectadores, o sr. Joaquim Antunes de Oliveira, tocou de leve amaô de hum dos actores, e de repente parou o movimento que existia antes do cazo. — No dia seguinte havia-se reunido alguns amigos, entre elles o sr. Vigario Alencar — dr. Castro Silva && para verem á realização do mesmo fenomeno , colocou-se a mesma meza, e em roda della 6 pessôa, entre ellas algumas que haviaô experimentado no dia anterior, porem a meza como para desmentir o cazo a nada se moveu, conservou-se inabalavel; depois de huma e meia hora de pozição aturada em circumferencia della levantaraô sem nada conseguirem.

Apareceu depois o sr. Joaquim Antunes d'Oliveira, declarando que assistira em casa do sr. José mendes a uma experiencia igual sobre uma mesa pequena, e que a vira mover-se; veio esta, e a ella se collocarão os srs. Luiz Vieira da Costa Delgado perdigão, Jose Barbosa Cordeiro e sua senhora, Antunes d'Oliveira, e Manoel Caetano Spinola, collocarão os dedos mínimos como na primeira experiencia, com a differença, que não tocaraô a meza com as mãos, e os dedos polegares formavaô também cadeia; poucos minutos haviaô decoridos a meza oscilou muito vezivelmente, e principiou o movimento de rotaçãõ, que durou até que o primeiro actor levantou a maõ por se sentir incommodado.

Esta meza tem a taboa circular de 2 1 1 2 palmos de diametro de pouco pezo, tem columna que finda em pé de galo.

Havia na sala huma cadeira de pianno cujo assento estava ligado a um fuzo espiral, nelle

collocaraõ as mãs trez meninas de 13 a 15 annos formando a cadeia com os dedos mínimos a qual se juntou, outra pessoa de 36 annos, e poucos minutos erão passados tudo se movia em rotaçãõ vigorosa.

---